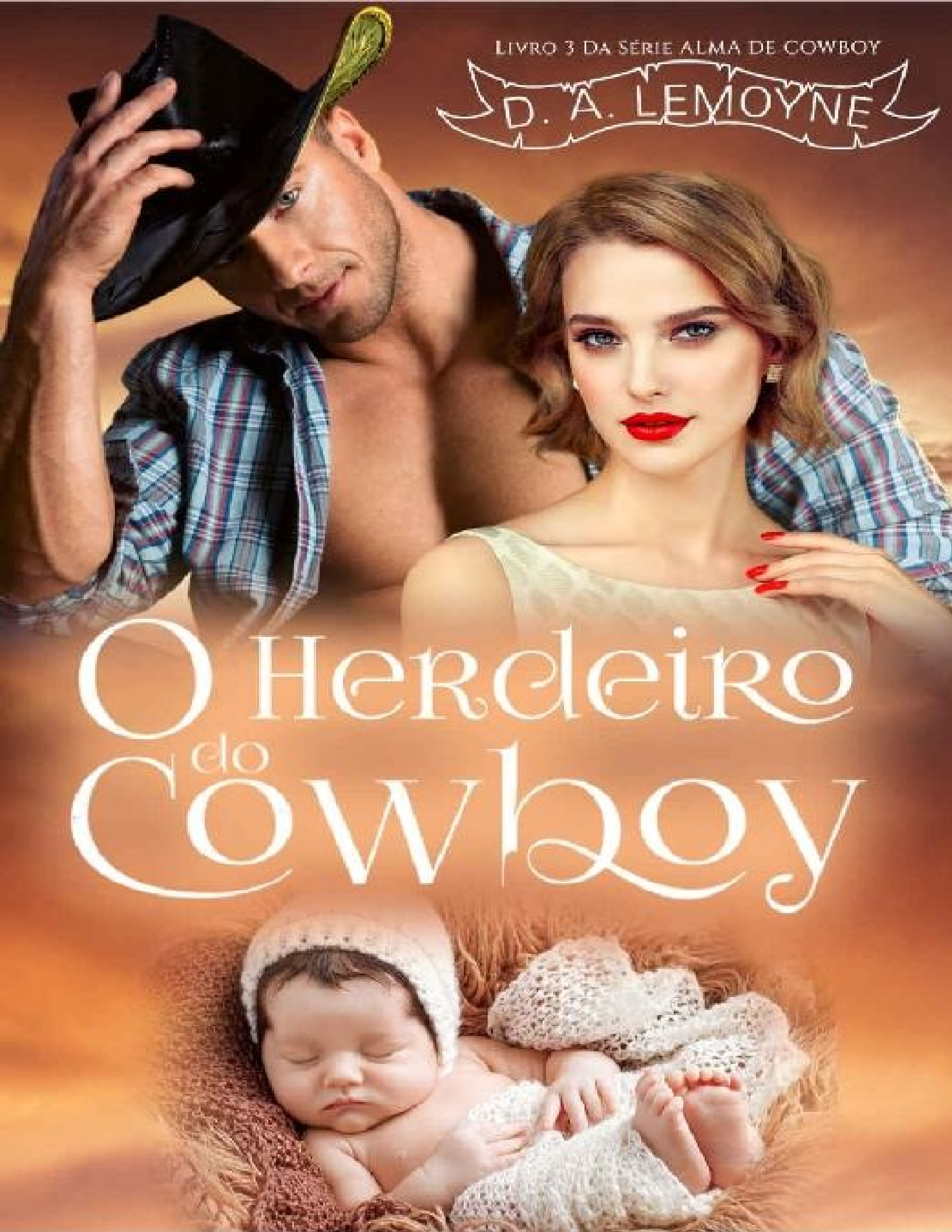
Livro 3 da série Alma de Cowboy

D. A. LEMOYNE

O Herdeiro do Cowboy



D. A. LEMOYNE

Copyright © 2021

O Herdeiro do Cowboy

Livro 3 Da Série Alma de Cowboy

D. A. LEMOYNE

"Sobrevivi à largada.
Não preciso correr. Tenho tempo para criar meu mundo, minha estrada.
Ainda que seja uma caminhada solitária, sou eu quem vai determinar a velocidade e o percurso a ser seguido."

Dominika Wos

(O Herdeiro do Cowboy)

D. A. LEMOYNE

dalemoynewriter@gmail.com

Copyright © 2021 por D. A. Lemoyne

Título Original: O Herdeiro do Cowboy

Primeira Edição 2021

Carolina do Norte - EUA

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito da autora, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não-comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Autora: D. A. Lemoyne
Capa: AMARa Literária
Revisão: Dani Smith Books
ISBN: 978-65-00-29701-0

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou produtos da imaginação da autora ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas ou eventos reais é mera coincidência.

Sumário

Sinopse

NOTA DA AUTORA

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Epílogo 1
Epílogo 2
Bônus 1
Bônus 2
Obras da autora
Papo com a Autora
SOBRE A AUTORA



Atenção: pode conter gatilhos.

Aviso: *O Herdeiro do Cowboy*, livro 3 da série Alma de Cowboy, é um volume único. Por ser com casais diferentes, cada livro da saga pode ser lido separadamente, mas é provável que o posterior contenha *spoilers* dos anteriores.

Sinopse

Como todo Gray, honra para Reed vem acima da felicidade e é essa a razão que o manteve fiel a uma promessa que fez ainda muito jovem.

Porém, o bilionário não resiste quando o destino traz para sua vida a única que conseguiu acelerar seu coração até hoje. A menina dos olhos mais lindos que ele já vira e dos quais nunca conseguiu esquecer.

Dominika é a imagem da perfeição e também seu oposto e Reed, mesmo sabendo que estava brincando com fogo, quis pagar para ver o que se escondia por trás da postura de mulher indiferente.

A paixão entre eles explode de maneira incontrolável, mas o passado de Dominika talvez não permita que esse amor se concretize.

Há um ser maligno à espreita, que será capaz de cruzar qualquer linha para impedir a felicidade dos dois.

A todos os leitores que aguardavam a volta dos netos de dona Mary Grace.

À minha amiga e parceira de profissão, Mari Cardoso, pelo apoio e lealdade.

Carolina do Norte, agosto de 2021.

NOTA DA AUTORA:

O Herdeiro do Cowboy é o terceiro livro da saga *Alma de Cowboy*.

Ambos os personagens já apareceram nos dois livros anteriores: Reed, o único dos Gray que já veio talhado desde a maternidade para um relacionamento sério e Dominika, a assistente e melhor amiga de Hudson Gray, O Dono do Texas.

Nem se Deus procurasse com calma, encontraria duas pessoas mais opostas — é o que a maioria pensaria. Mas as aparências enganam e por trás da fachada de perfeição de Dominika se esconde uma menina do campo. O problema é que ela não confia em ninguém além de Hudson e nosso cowboy bilionário Reed vai ter que lhe provar seu amor e devoção antes de conquistar o coração dessa mulher maravilhosa.

É importante frisar que a história traz alguns *spoilers* de O Dono do Texas e de Uma Família para o Cowboy, e que, apesar de poder ser lido independentemente dos anteriores e dos que virão a seguir, é aconselhável que se leia o livro 1 e 2, para que se tenha a visão do todo.

Eu amei escrever essa história e espero que apreciem também.

Um beijo carinhoso e boa leitura.

D.A. Lemoyne


Reed Gray

Prólogo

Texas

Passado

— Essas botas são estranhas — uma voz estridente quase berra e eu me viro para trás para ver quem está falando.

Fico surpreso ao perceber que apesar do tom arrogante, são duas meninas conversando.

Na verdade, uma, porque a maior, que já deve ter a minha idade ou talvez seja um pouco mais velha, é quem grita. A pequena, que deve ter uns quatro anos, está sentada ao meio fio com um vestido branco.

Quando olho para seus pés, percebo que usa botas sete léguas amarelas. Há desenhos nelas. Acho que flores e borboletas cor de rosa.

Elas são engraçadas e também talvez não sejam a melhor escolha, porque está

fazendo um sol de rachar hoje, mas não as acho estranhas.

Até que combinam bem com a menina.

— Você me ouviu, Dominika? Essas botas são ridículas. Você está feia — a mais velha torna a dizer.

Parece que está provocando a menorzinha.

Eu entendo tudo sobre implicância porque cresci no meio de três irmãos e um primo. Se tem algo que gostamos de fazer, é provocar — o que quase sempre termina em socos e pontapés.

Mas mesmo que sejamos osso duro de roer e bem desaforados, nunca fomos cruéis para valer uns com os outros.

— Por isso que a mamãe só gosta de mim. Você nunca será perfeita como eu. — A peste recomeça.

A pequena ainda não responde, balançando os pezinhos como se não estivesse escutando aquelas palavras feias.

— Nem sei por que perco meu tempo com você, afinal, que diferença faz essas botas? Eu sou a filha amada e você não é nada. Eles nem queriam você. Eu ouvi papai conversando com a mamãe e também quando falou que você foi um acidente.

Ela se afasta, parecendo satisfeita em fazer o anjinho sofrer.

Acho que nunca tive tanta vontade de bater em alguém na minha vida. Aquilo não é uma briga entre irmãs, a ruiva é malvada.

Mesmo de cabeça baixa, posso ver que a bonequinha loira está chorando.

Ela não faz som algum, como se sentisse vergonha de suas lágrimas e eu me aproximo, mesmo achando que não deveria.

As meninas devem ser parentes, provavelmente aquilo é uma briga comum entre elas. Mas ao invés de seguir adiante, eu me abaixo para saber se ela está bem.

— Hey, não ligue para o que sua irmã disse. Suas botas são muito bonitas.

Ela levanta a cabeça e eu juro que nunca vi olhos mais bonitos na minha vida. Eles são azuis, mas têm manchinhas verdes no meio, como pequenos pontos luminosos.

— Eu não posso falar com você — ela responde com os olhos cheios de lágrimas. — Você é um *estranho* — completa, falando mais baixo, quase em um cochicho.

Tenho vontade de rir, mas não faço porque ela parece muito preocupada em ter quebrado uma regra que provavelmente lhe foi determinada por sua mãe.

Estico a mão em cumprimento, mantendo o rosto sério.

— Meu nome é Reed, então agora já não sou mais um estranho.

— Mas é adulto.

— Não sou. Sou adolescente.

— O que é isso?

— É uma criança, só que maior. Tenho somente doze anos.

— Então vou apertar sua mão — diz, oferecendo a mãozinha minúscula que desaparece dentro da minha. — Meu nome é Dominika, mas a mamãe não pode

saber que eu falei com você.

— Tudo bem. Será o nosso segredo, Dominika.

Agora eu sei que a dona dos olhos mais bonitos do mundo é dona do nome mais lindo também.

— Eu tenho que ir, senão minha mãe vai me botar de castigo, Reed. — Ela levanta e começa a se afastar, mas depois para e olha para trás. — Você acha minhas botas bonitas mesmo? Foi minha avó quem me deu antes de ir morar no céu e eu as adoro.

Sorrio para ela.

— Elas são lindas. Aposto que sua irmã está morrendo de ciúme porque não tem uma igual.

Como prêmio, ganho um sorriso brilhante e em seguida, ela acena um adeus com a mão.

E mesmo tão novo, eu sabia que nunca me esquecerei daqueles olhos.

Capítulo 1

Dominika

Fort Worth — Texas

Aos quinze anos

Eu não sei o que me pôs em alerta.

Talvez o instinto, talvez Deus — aquele mesmo para quem eu oro todas as noites.

Ou quem sabe porque estava escrito em algum lugar que eu deveria ter ao menos a chance de me defender.

Tenho certeza de que *ele* não fez nenhum som, mas ainda assim, eu notei que havia outra pessoa no banheiro.

Mesmo sem fazer ideia de quem seja, percebo que estou em perigo.

Nem meus pais ou Sara estão em casa, então só pode ser um invasor.

Meu corpo começa a tremer e meu estômago contrai em espasmos de medo.

Não quero abrir a porta do boxe do chuveiro. O vapor que a embaça, estupidamente me dá uma sensação de falsa segurança.

Mas sei que se ficar aqui, estarei acuada. Então ainda que apavorada, desligo a água e puxo a toalha que deixei pendurada no boxe.

Eu mal respiro. A adrenalina corre tão forte dentro do meu corpo, que minhas ações seguintes devem ter levado milésimos de segundo.

Enrolo a toalha em mim e abro a porta de supetão, como quando eu era criança e me forçava a conferir que não havia um bicho-papão embaixo da cama.

Dessa vez, no entanto, o monstro está lá, me encarando.

Jameson Wiley, o namorado da minha irmã mais velha, Sara.

Os pensamentos se conectam muito rápido em meu cérebro.

Como eu nunca gostei dele, mesmo que sua aparência seja a de um príncipe encantado.

A certeza de não haver motivo para ele estar aqui, já que provavelmente sabe que Sara não virá para casa cedo hoje.

Mas, principalmente, a maneira desrespeitosa a qual está me olhando.

Todos esses fatores juntos fazem a minha mente procurar uma saída.

Somente como um teste, me movimento um pouquinho para o lado. Quando seu corpo se mexe acompanhando o meu, sei que não tenho alternativa, a não ser partir para o confronto aberto.

— Vá embora do meu banheiro agora.

Eu nem ligo para as boas maneiras. Esse *homem feito* não deveria ter entrado na minha suíte e muito menos continuar aqui, sabendo que não estou vestida.

Ele não responde e seu silêncio me assusta mais do que se falasse alguma coisa.

— Jameson, você me ouviu? Quero que saia daqui.

— Acho que não, Nika.

— Você não é da família e não está autorizado a me chamar assim.

A última coisa com que estou preocupada é como ele vai me chamar, mas quero distraí-lo o suficiente para tentar fugir.

Ele cruza os braços e me dá um sorriso de desdém.

— Deveria dar graças a Deus por eu notá-la ou não percebeu ainda que está sobrando nessa casa? Sou o único a prestar atenção em você.

O que ele diz machuca, talvez por não ser nada mais do que a verdade, mas no momento, minha verdadeira preocupação é o quão rápido consigo correr.

Respiro fundo, torcendo para que minhas aulas de teatro do colégio me ajudem.

— Tem razão, estou sendo grosseira. Mas não acho que devemos ficar aqui porque Sara pode chegar a qualquer momento.

O sorriso de deboche aumenta e me mostra que não caiu em minha jogada.

— Boa tentativa, mas talvez ela nem venha para casa hoje.

— Mas meus pais sim — falo, já desesperada agora.

— Estão no *country* clube. Noite de pôquer. Seu pai está jogando com o meu.

Ele acabou com todos os meus argumentos e sinto a ameaça por trás de suas palavras.

A única coisa que me resta é o elemento surpresa, então, usando a agilidade adquirida em meus treinos de *cross country*[1], eu o empurro com todas as minhas forças — o que não faz muito efeito já que ele é enorme e bem mais alto do que eu — mas é o suficiente para fazê-lo dar um passo para trás, me proporcionando uma pequena rota de fuga.

Assim que chego no quarto, no entanto, Jameson já está atrás de mim novamente.

Lutar com ele não é uma opção, então pego o que posso para me defender: um globo de vidro de Natal[2] que também é uma caixinha de música.

Foi só o tempo de segurá-lo e ele se atira sobre mim. O impacto do seu corpo rouba o ar dos meus pulmões e eu sei que terei poucos segundos antes de desmaiar.

O instinto de sobrevivência é algo poderoso. Não sei se ele quer me matar, mas tenho certeza de que se eu não me proteger, ele me machucará, então faço a única coisa possível: bato com o peso de Natal com toda força em sua cabeça.

O que acontece a seguir me dá a sensação de se passar em câmera lenta.

Seu corpo relaxa, flácido, sobre o meu, piorando a dor nas costelas. Por uns segundos, fecho os olhos, mas torno a abri-los porque eu não quero morrer assim, esmagada. Minha vida nem começou ainda.

Não sei por quantos minutos fiquei entre desmaios e recuperar a consciência, mas em uma das vezes, vejo minha irmã parada no umbral da porta.

Só percebo que estou chorando quando sinto as lágrimas quentes rolando em minhas bochechas.

— Sara, me ajude.

Forço-me a ficar de olhos abertos dessa vez, mas não é preocupação o que vejo no rosto dela, e sim, raiva.

Ela move o corpo de Jameson, finalmente tirando-o de cima de mim.

Sinto seu sangue escorrer sobre meu pescoço e a bile me sobe à garganta.

No entanto, o nojo de sentir o líquido pegajoso e de cheiro adocicado em minha pele não me assusta tanto quanto ouvi-la dizer:

— Não vou permitir que você destrua minha vida, Dominika. Jameson será meu marido.

Suas últimas palavras têm o poder de consumir o que restava da minha coragem.

Eu deveria esperar por aquilo, mas ainda assim não quero acreditar que a minha irmã não se importa com o que acaba de testemunhar.

Ela sabe o que aconteceu e assim mesmo, me culpa.

Sem conseguir mais lidar com a sensação de abandono, deixo que a escuridão

me trague.

Dessa vez, por um tempo indefinido.

Capítulo 2

Dominika

Dallas — Texas

Dois anos depois

Um passo de cada vez, Dominika. Você pode fazer isso — A voz da minha

psicóloga ecoa dentro da minha cabeça.

Sinto um arrepio de frio. O vento de inverno cortando a pele do meu rosto como uma lâmina afiada.

Tenho a sensação de que todos me observam enquanto caminho para fora, mas finjo não notá-los.

Eu me tornei uma especialista em encobrir o medo.

A menina espontânea que já fui um dia não existe mais.

Em seu lugar, há alguém que nunca se permitirá relaxar novamente. Eu vou mostrar o que o mundo quer ver: uma moça calma, controlada e que nunca erra.

Pesar cada decisão que eu tiver que tomar daqui por diante e ter certeza de que não estou me expondo.

Não preciso de amigos ou qualquer outro ser humano muito próximo a mim.

Ninguém respeita os fracos e a necessidade de ser amada é a maior de todas as fraquezas.

Passo pelos portões e vejo meu advogado me esperando do lado de fora.

Mantenho meu olhar nele. Não posso dizer que confio no homem porque ele me ajudou em troca de uma alta quantia de dinheiro, mas se estou saindo agora, foi graças ao seu trabalho ao conseguir junto ao juiz, a pedido da minha tia, que eu fosse emancipada aos dezessete anos.

— Senhorita Wos — ele diz, assim que me aproximo.

— Doutor Adgate.

Nós nunca nos tratamos pelo primeiro nome e não há razão para começar

agora.

Cheguei à conclusão de que gosto da formalidade. Ela mantém as pessoas a uma distância segura.

— Sua tia me fez prometer que viria recebê-la — continua. — Mais uma vez, gostaria de afirmar que lamento que ela tenha falecido antes de poder ver seu processo chegar ao fim.

Não respondo.

O que eu poderia lhe dizer?

Com a morte de titia Flora, irmã da mulher que me botou no mundo, perdi meu último laço familiar. Dos meus parentes, somente ela e a minha avó me amaram.

Eu não preciso de piedade. Prefiro sofrer em silêncio e rezar para que a alma de titia tenha descanso depois de anos lutando contra um câncer ósseo.

Não vou compartilhar minha dor com um estranho. Além do mais, se como acredito, o advogado estudou meu caso do avesso, tenho certeza de que sabe que, embora eu ainda tenha pais e irmã vivos, a realidade é que não possuo família.

— Como lhe disse da última vez, sua tia lhe passou boa parte de seus bens ainda em vida e os que sobraram, foram designados para a senhorita no testamento[3] dela. É a única herdeira e como foi emancipada, poderá tomar posse deles imediatamente.

— Podemos falar sobre isso amanhã? Eu gostaria de ir para casa agora.

— Claro que sim. Eu só vim lhe trazer as chaves do seu apartamento. Permita-me também levá-la até lá. Essa era uma das exigências da sua tia: ter certeza de que a senhorita chegaria em seu novo lar em segurança.

Olho para o homem que parece não saber como lidar comigo e me pergunto o que pensa ao meu respeito. Acredita no que tia Flora lhe relatou ou na versão de Sara?

Não importa. Ele não é alguém relevante em minha vida. Depois da morte da minha tia, ninguém mais é. Mesmo assim, por amor à Flora, que confiava nele, me obrigo a dizer.

— Sim, claro que aceito a carona. — Desvio nossos olhos. — Doutor Adgate, eu aprecio tudo o que fez por mim. Não estou mais acostumada a conversar, mas gostaria que soubesse que sempre terá minha gratidão. Minha tia admirava muito seu trabalho.

Ele abre a porta do carro para que eu possa entrar, mas antes de me dar passagem, fala.

— Só gostaria que soubesse que sua tia era uma amiga pessoal e não uma simples cliente. Alguém de quem eu gostava muito. Ela insistiu em me pagar porque era uma mulher teimosa. Ninguém conseguia fazê-la mudar de ideia quando decidia algo, mas eu teria feito tudo de graça.

Suas bochechas ficam vermelhas quando termina de falar. Será que havia algo mais do que amizade entre os dois?

— Eu acho que entendi o que o senhor está tentando me dizer e mais uma

vez, agradeço de verdade. Talvez eu vá precisar de orientação nos primeiros meses. Eu nunca morei sozinha, sem supervisão. Mas antes de tratarmos sobre o meu futuro, há algo que gostaria de perguntar.

— Se for uma consulta, não prefere amanhã em meu escritório?

— Não porque talvez tenha que ser feito imediatamente. Há alguma maneira de eu conseguir impedir *aquele homem* de se aproximar de mim, antes mesmo dele tentar?

— Acha que ele tentaria?

Aperto com força a alça da bolsa que está em meu ombro.

— Eu não sei — respondo com sinceridade.

— Vamos entrar no carro.

Eu sigo sua orientação e coloco o cinto de segurança.

— Diferentemente de sua família, eu acredito no que me contou sobre o que aconteceu naquela noite — diz, esclarecendo minha dúvida anterior. — E por isso mesmo, vou dar um conselho como faria com uma sobrinha: a senhorita tem muito dinheiro à disposição. Contrate um guarda-costas. Uma garota tão nova e rica é um prato cheio para predadores. Jameson Wiley não é o único homem que representa perigo a uma mulher.

— Eu não quero me sentir vigiada novamente. Nem mesmo por uma pessoa paga por mim.

Espero que ele entenda o recado. Ainda que a minha tia o considerasse um amigo, nunca mais permitirei que alguém me diga o que fazer. As pessoas que

haviam sido designadas por Deus para isso, me viraram as costas.

— Então investiremos em uma empresa de segurança para transformar seu apartamento em uma fortaleza. — Ele não parece ofendido e fico aliviada. — Quanto à sua questão inicial, eu só posso pedir uma ordem de restrição contra Jameson Wiley se houver algum movimento da parte dele antes.

— O que está me dizendo é que ele primeiro precisa tentar me atacar — outra vez — para que depois eu possa me proteger?

— Sim. — Ele suspira, como se concordasse comigo em silêncio sobre a injustiça da situação. — A postura da sua família, principalmente a da sua irmã, fez com que todos pensassem que foi ele a vítima. Para o mundo, Jameson Wiley não representa uma ameaça, mas a senhorita, sim.



Horas depois

Seis vezes.

Gosto de pares, mas hoje, não tem nada a ver com a minha mania de formar duplas com tudo, o que me fez chegar a esse número, mas a necessidade de garantir a mim mesma que estou protegida.

Seis, foi a quantidade de vezes que conferi se as trancas que mandei o doutor Adgate instalar no apartamento que herdei da minha tia, estavam mesmo

funcionando.

Quando me deixou aqui mais cedo, ele se ofereceu para verificar meu novo lar. Seria fácil dizer que *sim*, mas não quis, logo no primeiro dia em minha nova vida, depender de alguém para me sentir segura. Assim, me despedi dele e mesmo ansiosa, fiz tudo sozinha.

Estou orgulhosa de mim.

Sobrevivi à largada.

Não preciso correr. Tenho tempo para criar meu mundo, minha estrada. Ainda que seja uma caminhada solitária, sou eu quem vai determinar a velocidade e o percurso a ser seguido.

Capítulo 3

Dominika

Dallas Texas

Quase três anos depois

Ele calcula cada palavra antes de falar? Porque foi essa a impressão que tive até agora.

Caramba, o homem é intimidante.

Por tudo o que pesquisei sobre ele, eu sabia que alguém que alcança o que

Hudson Gray[4] conquistou, ainda tão jovem, não é um ser humano regular.

Ele não é só um dos homens mais ricos do país, mas muito inteligente também.

Jogou futebol americano pela universidade, mas sempre foi o primeiro de sua turma desde que se entende por gente — é, eu fiz o meu dever de casa.

Mesmo assim, não estava esperando que o homem parecesse que iria enxergar minha alma.

— Você foi muito bem recomendada.

Tento manter minha expressão neutra.

Eu quero muito esse emprego, mas descobri o suficiente sobre o bilionário à minha frente para entender que ele não se deixará impressionar por minhas notas na faculdade ou até mesmo pela indicação dada pelo meu professor, que também é amigo do *CEO* do petróleo.

Hudson Gray gosta de dar a última palavra e é controlador ao ponto de entrevistar pessoalmente sua futura assistente — eu — e sei que ele não precisaria. Tem dezenas, se não centenas, de funcionários que poderiam fazer isso em seu lugar.

O homem exala segurança e poder por todos os poros e se eu dissesse que não estou inibida, seria a maior mentirosa do mundo. Por outro lado, sei que não estou aqui por acaso. Meu professor conhece muito bem o bilionário e jamais me indicaria se não tivesse certeza de que preencho os requisitos para o cargo.

— Mas é nova demais para a função — continua. — Preciso de alguém mais

madura e de preferência, que já tenha concluído a universidade. Não entendo nem o que está fazendo aqui ou por que a estou entrevistando. Ainda vai terminar o segundo ano de faculdade e nunca trabalhou como assistente, mesmo que seu histórico estudantil seja excelente. Acompanhar meu ritmo não será fácil e não tenho paciência para ensinar.

Não brinca?

Ele nem precisava ter me dito aquilo. Qualquer pessoa que olhar com mais atenção para o homem que foi apelidado de *O Dono do Texas*, saberá que as palavras *fácil* e *paciência* não existem em seu vocabulário.

— O senhor está certo. Sou jovem e inexperiente, mas não encontrará outra candidata que fale mandarim com fluência e leia essa língua em um nível intermediário[5]. Sei que está prestes a fechar um contrato com os chineses.

Observo sua sobrancelha esquerda se erguer e sei que é porque não esperava tanta ousadia da minha parte.

Claro que isso foi um *chute*.

Antes de vir, eu devorei páginas de negócios dos jornais do Estados Unidos. Além de ter feito várias viagens à China, Hudson Gray tem sido visto almoçando com líderes do governo daquele país, então concluí que tem interesse em negociar com os chineses.

Essa foi a minha cartada mais forte até agora.

Em meu um ano e meio de isolamento e mais dois que se passaram depois que saí *daquele lugar*, não fiz outra coisa além de estudar línguas e o mandarim

tem uma morada especial no meu coração — embora eu tenha aumentado um pouco minha própria capacidade. Se eu fosse muito honesta, diria que meu domínio no idioma falado é intermediário, e no escrito, iniciante.

— Esse não é um requisito para o cargo — diz, com a arrogância pela qual é conhecido. — Eu poderia contratar um tradutor, como sempre fiz.

— Sim, poderia, mas tradutores são, por essência, profissionais *freelancer* — falo e vejo-o mudar sua postura na cadeira. — Ele até assinaria um contrato de confidencialidade, mas quem pode garantir que iria cumpri-lo? Não há nada que o vincule ao senhor. Nenhum tipo de lealdade.

— E está me dizendo que seria leal a mim?

Eu nem pisco.

— Sim, senhor.

Parece que toquei em um ponto chave porque seus olhos apertam, me observando com mais atenção agora.

Então não somos tão diferentes assim, afinal de contas, Hudson Gray. Alguém que não confia nos seres humanos como eu sabe reconhecer um igual.

Ele bate nas folhas do meu currículo com a caneta *Montblanc* que está segurando.

— Dominika Wos. Seu sobrenome é incomum. Polonês, não é? Estudei no segundo grau com uma Sara Wos. Sua parente?

Tento manter meu corpo imóvel, mas por dentro estou tremendo. Entretanto, depois de anos sem me permitir expressar qualquer emoção, manter o controle

para mim é tão fácil quanto respirar.

Do meu cabelo sempre impecável, às minhas roupas e postura, nada denuncia o que estou sentindo.

— Somos irmãs.

— Mas com uma boa diferença de idade.

— Sim.

Incrivelmente, no momento em que estou mais tensa, é quando ele parece relaxado.

Foi o fato de ter descoberto que sou irmã de Sara? Deus, ele não faz ideia!

— Como ela está?

Penso no que responder, mas não preciso de um segundo para saber que mentir não é uma opção. Hudson Gray não se transformou no homem mais rico do Texas por nada. Ele vai perceber se eu fingir, então opto por uma meia-verdade.

— Casada, que eu saiba. Nós não somos próximas — simplifico, e muito.

Ele não parece surpreso ou me julgar pelo que acabei de lhe dizer e com isso, posso voltar a respirar.

— Se eu considerasse contratá-la em uma base experimental, significa que terá que trabalhar somente meio expediente, ao menos nos próximos dois anos?

Meu coração dispara.

Ele está realmente considerando me contratar? Porque até cinco minutos atrás, eu achei que sua intenção era me indicar a porta da rua, desejando-me boa

tarde.

— Presencialmente, sim. Mas moro sozinha e apesar de ainda faltarem alguns meses para completar vinte anos, sou responsável ao ponto da obsessão — solto a verdade, disposta a convencê-lo. — Nunca deixo nada pela metade, o que significa que posso virar a madrugada trabalhando.

— Por que quer esse emprego? Sua família é rica e você mora muito bem, de acordo com o endereço em seu currículo.

Ignoro a parte do que ele disse sobre família. Não haveria como saber que sou absolutamente sozinha no mundo. Esse conceito de unidade familiar não existe para mim.

— Eu não havia realmente pensado em começar a procurar emprego antes de terminar o meu curso, mas assisti, junto a esse meu professor que me indicou ao senhor, uma palestra sua falando sobre a grandeza do nosso estado. Não costumo dar muita atenção a políticos, mas não consegui esquecer suas palavras.

— Políticos? Eu não sou político.

— *Ainda* não — falo e ele cruza os braços, como se o que acabei de lhe dizer fosse um absurdo. — O senhor apontou, na minha visão, um futuro promissor para o Texas. Eu acreditei no que disse e acho que várias outras pessoas ali também. Conversei com meu professor e acho que foi a minha empolgação sobre sua apresentação o que o fez me indicar para essa vaga.

— Empolgação?

— Sim. Eu disse a ele que iria adorar ajudá-lo a se tornar governador do

nosso Estado.

Capítulo 4

Reed

Grayland — Texas

Dois anos e meio depois

Asas abertas e olhar no horizonte.

A postura da águia que acaba de levantar voo parece uma espécie de desafio a mim.

Quando foi que a minha vida se tornou uma armadilha?

Sempre me orgulhei por direcionar meu destino de acordo com meus desejos. Ainda pequeno, eu sabia o que queria. Nada consegue me deter se tenho um plano em mente.

Quando decidi que seria um *wrestler*[6], eu não queria ser somente mais um lutador no segundo grau do colégio e em seguida, na universidade, mas um campeão.

O melhor deles.

Depois, ao me dar conta de que o que preenchia meu coração era mesmo a vida no campo, resolvi voltar para Grayland e ser o maior criador de cavalos puro-sangue para corrida dos Estados Unidos.

Não aceito o segundo lugar na vida. Em qualquer área em que eu atue, o topo será sempre meu objetivo.

Nesse instante, no entanto, sinto como se meu futuro estivesse descarrilando dos trilhos e vagasse sem direção.

Para um controlador como eu, esse é o pior dos pesadelos.

— Reed, vai continuar me ignorando? — Annamae pergunta.

Foco no arranjo de flores em cima da mesa do restaurante porque não quero encará-la. Não sei o que lhe dizer. Eu a convidei para jantar para finalmente pôr um fim ao nosso relacionamento e o que ela acaba de me contar me deixa de mãos atadas.

Nos conhecemos ainda em criança e no começo, tudo parecia perfeito. Ela é

linda e quando menor, eu achava suas birras fofinhas. Na adolescência, onde os hormônios tomam o controle, sua beleza compensava a personalidade, mas há muito tempo isso deixou de ser suficiente.

Annamae sempre foi mimada e dava ataques quando a contrariavam, mas não comigo. Não sei se porque se controlava ou porque sabia que não surtiriam efeito, o fato é que, ao meu lado, ela agia *quase* como uma pessoa normal.

Achei que conforme crescêssemos, ela iria melhorar, mas isso não aconteceu.

Antes de entrar para a faculdade, eu resolvi que já havia tido o suficiente e disse que estávamos acabados.

Sua mãe me telefonou na manhã seguinte, contando que ela tomara um vidro de pílulas para dormir. Annamae quase entrou em coma e eu, voltei atrás em minha decisão.

Depois disso, passamos por um período de calmaria, embora eu nunca tenha falado em um futuro juntos. Olhando para trás, sei que me acomodei. Tenho uma parcela de culpa por as coisas terem chegado a esse ponto. Como justificativa, digo em minha defesa que apesar de não amá-la, sentia e ainda sinto carinho por ela e talvez no fundo, esperava que um dia voltasse a ser a garota por quem fui apaixonado.

O problema é que agora ela já tem a minha idade — vinte e oito anos — e continua com a mesma atitude de achar que o mundo deve se curvar aos seus pés simplesmente por ser linda.

O que talvez não perceba, mas as pessoas do nosso convívio sim, é que sua

beleza é somente uma casca e que basta pouco tempo ao seu lado para que seja detestada.

Minha avó, Mary Grace[7] é a pessoa mais amorosa que eu conheço e ainda assim, sei que se esforça muito para não perder a paciência com a minha namorada.

Ergo os olhos para encará-la e me pergunto como um dia posso ter pensado que ela era perfeita para mim. Nós somos opostos de uma forma não complementar.

Ela adora o luxo e eu, a simplicidade.

Me sinto confortável com jeans, minhas botas *Tecovas Cartwright*[8] e chapéu e ela torce o nariz para a maneira como me visto.

Ah, e não posso me esquecer do quanto ela odeia minha fazenda ou a ideia de morar no campo para sempre.

— Reed?

Não sou de me esquivar de problemas através de fugas mentais, mas não consigo me impedir de dizer.

— Você me garantiu que estava tomando pílula.

— Posso ter esquecido um dia ou dois. Qual é o problema? Não é como se fosse o fim do mundo. Todos sabem que iríamos nos casar um dia. E agora, você precisa anunciar o noivado antes que meus pais descubram.

Todos acreditavam que iríamos nos casar um dia?

Minha família tenho certeza de que não.

Nenhum dos Gray gosta de Annamae, embora a tratem bem por respeito a mim — exceto Callum[9], que a ignora, mas em defesa dele, meu primo ignora praticamente o mundo inteiro.

— Eu preciso pensar — falo.

Faço um gesto com a mão para chamar o garçom. A noite está acabada e não da maneira que imaginei.

— Não há o que pensar. Eu vou ficar mal falada na região se não se casar comigo e terei que ir embora. Quer que seu bebê cresça longe de você?

Não, eu não quero.

E isso não é somente porque não tenho a menor intenção de ficar distante da criança, mas porque não confio na estabilidade mental de Annamae para criar um filho sem supervisão.

Nos últimos tempos, nosso relacionamento tem sido feito de idas e vindas. O que temos não é uma boa base para um casamento.

Agora, no entanto, é tarde demais. Dentro de alguns meses o bebê nascerá e mesmo sem amá-la, não fugirei à minha responsabilidade.

— Escolha o anel — digo com igual entusiasmo de que se estivesse anunciando o funeral de um parente.

Percebo seu sorriso triunfante, mas ignoro-o.

Ela parece ter atingido seu objetivo, já que disse que tinha certeza de que acabaríamos casados, para mim, nosso noivado soa como o começo do fim da minha vida.



Houston — Texas

Um mês depois

— Você deveria ter me telefonado na mesma hora, Annamae.

Tento manter a calma como tenho feito desde que recebi a notícia de que estava grávida, mas não consigo impedir a sensação de ter sido traído. A dor no meu coração pela perda do filho que eu já havia aceitado como parte de mim, queimando meu peito como ácido.

Eu sequer tive a chance de me despedir dele ou cumprir meu papel e apoiá-la.

— Você viajou para comprar seus preciosos cavalos. Está me culpando? — grita, histérica. — Fui eu quem perdeu o bebê. Não seja egoísta.

Na semana seguinte a que ela me deu a notícia, nós anunciamos para as duas famílias que estávamos noivos. No entanto, não compartilhamos a razão de querermos nos casar rápido. Annamae não desejava que descobrissem que estava grávida.

Depois do susto inicial, eu sonhei com essa criança e a quis com todo meu coração. Estava entusiasmado para a primeira ultrassonografia. Então, a tragédia aconteceu.

Ela viera passar o fim de semana na casa de uma amiga aqui em Houston e me disse que durante a noite, enquanto estava dormindo, acordou com cólicas e sangrando. Quando foram para o hospital, não havia mais nada a ser feito.

— Sua mãe está sabendo?

A forma como ela guarda segredo da própria família é incompreensível para mim. Nesse momento, gostaria de compartilhar, principalmente com a minha avó, nossa perda.

— Não, nós combinamos não contar a nossa família e não quero decepcionar meu pai. Ele ainda acredita que sou virgem.

Não creio que ele pense isso, mas não vou discutir com ela. Brigar é a última coisa de que precisamos no momento.

— O que você quer fazer?

— Viajar — responde sem hesitar.

— Escolha um lugar. Eu providenciarei com a minha secretária para que as reservas sejam feitas.

— Você não pode ir?

— Sabe que não. Já havíamos conversado sobre isso e foi essa a razão pela qual atrasaríamos o casamento por mais três semanas, está lembrada? Estou indo para o Oriente Médio dentro de alguns dias a pedido do Sheik Kaled[10] para concluirmos uma importante negociação.

— Mas eu preciso de você.

— Pode vir ficar na fazenda comigo até que eu parta para a viagem.

Eu nunca a convidei para ir lá antes. Tenho uma cobertura no centro de Grayland e quando dormimos juntos, é lá que nos encontramos. Se vamos ao campo juntos, é geralmente à fazenda que pertence à minha avó, para os almoços de domingo. Mas ela odeia essas reuniões e quase nunca comparece.

Mesmo tendo sido criada em cidade pequena boa parte da vida, Annamae não gosta da zona rural. Desde adolescente, convenceu os pais a transferirem a residência principal para Dallas. Atualmente, eles só vão à Grayland aos fins de

semana e minha noiva quase nunca está junto.

— Se eu ficar isolada com você naquele fim de mundo, aí mesmo é que a depressão vai me derrubar de vez. Também não adianta me convidar para ir ao Oriente Médio. Não vou esconder meu cabelo sob lenços ridículos.

Tiro o chapéu e passo a mão pela cabeça, tentando conter a irritação. Quando ela me telefonou, peguei o helicóptero e vim correndo encontrá-la na casa da amiga, em Houston, pois já tivera alta do hospital. Achei que estaria triste como eu estou me sentindo, mas tudo o que fez até agora foi reclamar e exigir.

— Então talvez a viagem sozinha seja uma boa pedida. Vou tentar tirar uns dias para ficarmos juntos assim que eu regressar do Oriente Médio, mas se quer minha companhia, terá que escolher uma ilha no Caribe. Tenho que estar por perto caso precise voltar para a fazenda com urgência.

— Não. Europa. Dentro de pouco tempo acontecerá a semana de moda em Paris e tenho certeza de que isso vai ser o suficiente para me distrair. Odeio as ilhas caribenhas assim como os nativos sempre sorridentes.

— Acha uma boa ideia ficar longe de todos que gostam de você?

— Se eu ficar aqui, sei que vou me matar.

— Não fale isso nem brincando.

No passado, a vez em que terminei com ela não foi sua única tentativa de suicídio e me pergunto se no estado em que se encontra, poderia levar o plano até o final.

— É sério, Reed. Estou tão triste. Não sinto vontade de me levantar da cama,

comer ou tomar banho desde que nosso filho se foi. Não vou voltar para a casa da minha família porque eles vão perceber que há algo errado comigo. Somente nós dois e agora minha amiga Rita sabíamos da gravidez.

Olho para seu rosto. Ela está pálida e com olheiras. Pela primeira vez em muito tempo, enxergo um sentimento profundo em Annamae. Talvez a mesma dor da perda que estou sentindo.

— Assim que voltar de viagem, vou acelerar as coisas para o nosso casamento. A organização da cerimônia vai me fazer ficar melhor — continua.

— Não há mais pressa, então prefiro fazer tudo com planejamento e calma.

— Mas eu pensei que nos casaríamos daqui a dois meses.

— Isso era quando estávamos correndo contra o tempo porque você não queria que as pessoas descobrissem sobre nosso filho. Agora, podemos seguir com um noivado normal. Não voltarei atrás com a minha palavra, Annamae. Nada mudou. Vou me casar com você, mas vamos desacelerar um pouco. Não é a única que perdeu alguém. Meu filho acabou de nos deixar. Não tenho clima para uma comemoração.

— Eu quero outro bebê logo que nos casarmos. — Ela se levanta da cama e me abraça pela cintura. — Eu te amo e sei que podemos ser felizes juntos, Reed.

Eu não tenho essa certeza, mas não seria justo lhe dizer isso agora, então, ao invés, devolvo o abraço.

— Vamos começar do zero e fazer isso funcionar, mas primeiro, quero ter o direito de viver o meu luto.

Capítulo 5

Dominika

Dallas — Texas

Um ano e oito meses depois

— Por que nunca aceita ir à fazenda da minha avó? — meu chefe, único

amigo e tenho certeza, futuro governador do Texas, pergunta.

Estamos na sede da *Gray Oil Company*[11]. Hoje é o último dia dele aqui, já que passará o cargo de *CEO* para Jaxson[12], um de seus irmãos e o único dos Gray que trabalha na companhia de petróleo além de Hudson.

Seria impossível, para não dizer pouco ético, que ele continuasse à frente da empresa ao mesmo tempo em que governa nosso estado.

— Eu converso com Mary Grace ao telefone quase todo o dia — respondo, tentando evitar que mergulhemos mais fundo naquela questão.

— Sei disso, mas ela sente sua falta. Só a vê pessoalmente quando vem a Dallas. Por sua família ser dona de uma propriedade em Fort Worth[13], achei que a despeito da aparência de *socialite*, fosse uma menina do campo, Dominika.

Não faço caso de sua implicância. Depois de anos de convivência, Hudson cada vez mais se distancia de um chefe e se aproxima do papel de irmão mais velho.

É inacreditável que já tenham se passado quatro anos desde que eu vim naquela entrevista.

Tenho vontade de gargalhar quando me lembro de como fui pretensiosa ao lhe dizer que o ajudaria a se tornar o novo governador do Texas — mas é exatamente o que espero que aconteça dentro de pouco tempo.

Na ocasião, no entanto, eu não tinha noção do que havia dito, mas faria qualquer coisa para conseguir o cargo de assistente de Hudson. Não tinha nada a ver com o salário ou *status* que a posição me daria, mas porque quando o

observei discursar em minha faculdade, eu soube que ele era o tipo de pessoa que eu gostaria de ser — autoconfiante e inabalável — e que teria muito o que me ensinar.

Eu não contava, no entanto, em me tornar próxima a ele, mas foi o que aconteceu. Talvez por sermos tão absurdamente desconfiados, acabamos virando confidentes — mesmo que eu ainda guarde meus maiores segredos dele, assim como do resto do mundo.

Como explicar a Hudson que se eu convivesse com sua família, isso deixaria mais evidente em meu interior minha própria solidão?

Os Gray são muito unidos — e eu sei disso mais através da avó que os criou, Mary, do que por experiência.

Eu nunca vou a Grayland.

À exceção do casamento de meu chefe, em que fugi o mais depressa que pude, sempre consigo uma desculpa de última hora para desviar dos convites, o que acaba por chatear Mary.

Na verdade, até mesmo com ela eu evitei ter contato no início. Queria manter meu vínculo com Hudson estritamente profissional, mas nem ele ou a avó aceitaram isso.

Eu sei quem são seus irmãos e o que cada um faz, embora o único com quem tenha me encontrado pessoalmente seja Jaxson, além de falar algumas vezes ao telefone com o primo com quem meu chefe rompeu, Callum, mas sempre a respeito de negócios pendentes entre os dois — o que faz de mim praticamente

um árbitro em um ringue de luta livre.

Ah, também tive o desprazer de ter que interagir algumas vezes com a primeira esposa de Hudson, Evelyn, que vem a ser a bruxa causadora da rixa entre ele e Callum.

Tirando essas situações especiais e o segundo casamento do meu chefe, do qual eu não consegui me esquivar, não saio de Dallas para nada, a não ser viagens de trabalho ou de uns tempos para cá, para a campanha eleitoral.

Eu nunca soube, desde que fui contratada por Hudson, o que são férias e não porque ele não me dê, mas porque acho a sensação de relaxar perigosa.

Pode me deixar descuidada e exposta.

Seguindo o conselho de Adgate, que de tanto insistir em conferir meu bem-estar, acabou virando um tio postiço para mim, transformei o apartamento em que moro em uma fortaleza.

Eu achei que era paranoia minha pensar que depois de tudo o que aconteceu, Jameson pudesse me procurar, mas preferi me prevenir.

Foi a melhor decisão possível. Só haviam se passado dois meses desde que eu estava morando sozinha, quando comecei a ter a sensação de estar sendo seguida.

Comentei com Adgate e ele tomou a iniciativa de colocar um detetive particular sem que eu soubesse, para vigiar todos os meus passos — e foi assim que descobrimos que Jameson me espreitava.

O investigador tirou fotografias e, com isso, Adgate enfim conseguiu uma

ordem de restrição[14]. Não foi o suficiente. Jameson não me seguia mais, no entanto, passei a receber telefonemas no meio da madrugada em que o interlocutor respirava pesado do outro lado da linha. Ele não dizia nada, mas me deixava aterrorizada.

Isso durou até pouco tempo antes de eu ir trabalhar com Hudson e estava mexendo com meu emocional de tal maneira que passei a acordar toda noite por volta do horário em que o telefone tocava.

Vendo meu estado, meu protetor e também advogado partiu para o confronto aberto, enviando uma notificação extrajudicial para Jameson. Nela, ele esclarecia que eu não teria qualquer problema em expor ao mundo sua perseguição contra mim, fotos dele me seguindo e também trazer à tona a ordem de restrição.

Jameson finalmente recuou, já que tem muito a perder: sua família não é só rica, mas preza a reputação de que goza de se manter longe de escândalos. Se a história de que ele me perseguia fosse trazida a público, toda a farsa que criou junto com a minha irmã sobre o dia em que me atacou no meu banheiro seria esclarecida.

Logo depois da mensagem enviada a ele por Adgate, eu passei a trabalhar com Hudson Gray e nunca mais tive a sensação de estar sendo vigiada, mas ainda assim, me sinto uma prisioneira.

Não saio de casa à noite, à exceção da volta do trabalho — que nunca acontece antes das dez — e minha casa possui todos os equipamentos de segurança conhecidos no mercado.

Ocasionalmente me pergunto se um dia me sentirei completamente livre, mesmo que minha analista já tenha me dito, mais de uma vez, que a primeira prisão da qual preciso me libertar, fica dentro da minha própria mente.

Eu me sinto um pouco culpada porque não só deixei de revelar a verdade sobre o meu passado para o meu chefe, mas permiti que acreditasse que ainda falo com a minha família.

Não foi por maldade, mas para que parasse de se preocupar por eu viver sozinha em Dallas.

No começo, ele fazia perguntas sobre Sara e meus pais e não havia como responder aquilo sem chocá-lo.

Como dizer que desde os quinze anos nenhum deles me procura? Como contar que eu não os considero família desde que optaram por acreditar na mentira que minha irmã, junto com aquele monstro que ela agora chama de marido, lhes reportou?

Ele nunca entenderia. Mesmo brigado com Callum, Hudson, embora tenha diminuído a frequência com que vai à Grayland, não parou de visitar a casa da avó. Família é a sua base e ele não tem ideia de como a minha é tóxica.

Assim, deixei que pensasse que ainda mantenho um mínimo de contato, principalmente com Sara, soltando informações esporádicas do tipo: *outro dia minha irmã comentou…*

Isso parecia tranquilizá-lo o suficiente.

Olho para a vista panorâmica da sede dos escritórios da *Gray Oil Company,*

imersa em meus segredos e solidão.

Dentro de pouco tempo, o homem que o mundo conhece como *O Dono do Texas* será pai do bebê que sua bela esposa Antonella espera e também terá alcançado seu objetivo político. O que farei, então?

Fui promovida de assistente para chefe de campanha, mas quando Hudson se tornar governador, voltarei ao meu cargo anterior.

É isso o que quero para mim? Ficar o resto dos meus dias cuidando para que todos os problemas sejam retirados do caminho dele?

Não há qualquer ressentimento na pergunta que estou me fazendo. Eu o adoro e não me vejo indo para longe em nosso relacionamento pessoal, mas no lado profissional, talvez tenha chegado o momento em que eu deva tentar um voo solo.

Como se meus pensamentos tivessem eco, ele pergunta.

— Você é feliz, Dominika?

Capítulo 6

Dominika

— De onde veio essa pergunta? — questiono.

Eu havia me afastado para perto da janela — na verdade, uma parede de vidro até o chão — e sinto quando ele vem para o meu lado.

— Não sou o tipo de cara que invade a privacidade dos outros porque não tolero que façam isso comigo. — Começa.

— Mas?

— Você não tem falado com sua família há anos.

Me volto para encará-lo.

— Não. Como descobriu?

— Eu encontrei Sara por acaso há duas semanas em um restaurante. Ela, como o resto do mundo, sabe que você é minha chefe de campanha e mesmo assim, quando a cumprimentei, não perguntou nada a seu respeito. Ao contrário, parecia incomodada, como se estivesse louca para se afastar. Só precisei ligar os pontos. Você está sempre sozinha e disponível para o trabalho, inclusive nos feriados importantes. Agora tenho certeza de que há muito tempo não convive com sua família. Por quê?

— Nós rompemos relações há anos.

— O que isso significa?

— Não somos próximos.

— Nós dois sabemos que vai muito além disso, Dominika. — Ele cruza os braços e sei que não vou conseguir fugir da conversa. — Quando veio trabalhar comigo, tinha somente dezenove anos e se está sozinha desde então, isso significa que eles a abandonaram.

— Foi muito antes de eu conhecê-lo. Quando cortei os laços com a minha família, eu só tinha quinze anos.

— Que diabos isso quer dizer? Com quinze anos você era uma criança.

— As coisas são o que são, Hudson.

Ele toma um pouco de distância, andando pelo escritório, mas depois torna a se aproximar.

Sei que está chateado. Ser protetor sobre aqueles que ama é um traço de sua personalidade e tenho certeza de que para Hudson, eu sou da família.

— O que eles lhe fizeram, Dominika?

— Por que acha que não foi ao contrário e fui eu quem estragou tudo?

— Eu conheço você. Não há um grama ruim em seu corpo e se sua família não consegue enxergar isso, são um bando de idiotas.

Desvio nossos olhos, abalada por suas palavras.

Eu me acostumei a não precisar de alguém e apesar de ter certeza da lealdade do homem que se tornou minha referência de força, atestar seu afeto, mesmo ele não tendo ideia do que aconteceu em meu passado, me aquece o peito.

— Eu não estou pronta para compartilhar minha história ainda.

Ele se vira de frente para mim.

— Não quero mais que se mantenha afastada de nós.

— Eu não estou entendendo do que está falando. Convivo com você todos os dias e agora, também com Antonella e Luna[15]. Eu não me mantenho afastada — disfarço, quando na verdade o compreendo perfeitamente.

— Convive? Você não compareceu nem mesmo à nossa festa de noivado e no casamento, foi embora assim que o padre terminou a cerimônia.

— Não gosto de multidões.

— Não *somos* uma multidão — ele diz e depois para. — Tudo bem, talvez sejamos, mas para mim e para vovó Mary, você é uma de nós. Tenho certeza de que se o restante dos meus irmãos a conhecesse melhor, pensariam da mesma maneira.

— Não se preocupe comigo, Hudson. Eu fico bem sozinha.

— Há quanto tempo você me conhece? Acha mesmo que eu seria capaz de não me preocupar?

— Acredito que há tempo demais, já que está agindo como um irmão mais velho mandão.

— E pode apostar que daqui por diante, só vai piorar, Dominika. Nada mais de feriados sozinha. Você é nossa, menina polonesa. E nós cuidamos da família.



Na semana seguinte

— *Quando você virá me visitar?* — Mary Grace me pergunta, não pela primeira vez.

Desde que conversei com Hudson, tenho pensado em passar um tempo em Grayland. Minha psicóloga diz que não é saudável que me mantenha atrás de um muro protetor contra as pessoas.

Apesar de sempre falar com a avó e a esposa de Hudson, que é uma pessoa maravilhosa por sinal, os únicos seres humanos que eu permiti se aproximarem realmente foram meu chefe e Adgate.

— Não acho que seus netos ficariam muito à vontade comigo aí.

— *Eu discordo. O único mal-humorado é Callum, mas ele nunca está aqui, assim como Jaxson, que parece ter adotado Dallas como seu lar em definitivo. Bryce*[16] *iria adorar se você viesse, mas devo avisá-la para ficar de olhos abertos porque aquele ali não é fácil. A fama de mulherengo do meu neto é lendária.*

Começo a rir. Ela é uma pessoa com um dom natural para fazer com que relaxemos à sua volta. Mary Grace não é aquele tipo de avó — na verdade, mãe, já que foi ela quem criou os cinco netos sozinha — que passa a mão na cabeça de seus rapazes em qualquer circunstância. Ao contrário, é a primeira a lhes

puxar as orelhas, até mesmo as do futuro governador.

Quando vem à Dallas, almoçamos juntas e já até saímos para assistir uma peça de teatro. Eu gosto muito dela, mas o meu medo de precisar de alguém sempre me faz dar um passo para trás e não permitir que nossos laços se estreitem cada vez mais.

— E Reed? — pergunto em um impulso.

— *Reed é o que fica mais perto, já que sua fazenda é vizinha às minhas terras. Ele me verifica todos os dias e tenho certeza de que ficará satisfeito se você vier me fazer companhia.*

Depois que desligamos, penso no que me deu para perguntar sobre Reed Gray.

Mas eu sei a resposta.

Ele me intriga.

Mary sempre comentou sobre os netos. Estou inteirada de detalhes de suas personalidades como se convivêssemos, mesmo sem conhecê-los pessoalmente.

Um dos Gray, em específico, me chama a atenção.

Ela dissera que Reed, o do meio, era o de melhor gênio, mas quando estive no casamento de Hudson, não foi o que me pareceu.

Nós nunca nos falamos. Nem mesmo nas bodas do meu amigo. No entanto, não havia nada de amistoso em sua postura.

Há um traço inconfundível nos homens Gray: além de altos e fortes, os rostos têm linhas definidas, com um queixo orgulhoso e olhos penetrantes. Eles nunca

encaram alguém sem intenção, como se enviassem um recado ao mundo de que não temem nada.

Isso é intimidante. Mesmo já convivendo com Hudson há anos, quando algo o irrita, cem por cento das vezes, fico satisfeita de não ser o alvo.

Assim, baseado no que Mary havia falado sobre o único Gray a manter um relacionamento sério antes que meu chefe conhecesse sua Antonella, eu esperava um homem menos denso do que aquele que observei na festa.

Lembro perfeitamente da primeira vez em que o vi.

O casamento aconteceu na fazenda, ao ar livre e ele vestia, assim como os outros, blazer azul marinho, camisa branca sem gravata, jeans e botas.

Sem que tivesse se virado para mim, pude sentir a tensão em seu corpo.

Estava estranhamente imóvel durante a cerimônia, não se voltando para observar nem mesmo a entrada de Antonella. Havia uma mulher loira e alta ao seu lado e presumi que era a noiva, Annamae.

Eu nunca pensei que poderia antipatizar com alguém apenas ouvindo seu nome, mas foi exatamente o que aconteceu quando descobri como se chamava a noiva de Reed — e depois que a vi no casamento, percebi que minha opinião sobre ela só teria como piorar.

Sou uma observadora por ofício. Analítica até o último fio de cabelo porque esse é meu trabalho como assessora: antecipar o que virá no caminho de Hudson. Dito isso, a primeira coisa que notei, mesmo sem olhá-los de frente, foi que não combinavam. Enquanto a mulher usava um vestido vermelho sangue, de seda,

decotado e absolutamente inapropriado para uma festa no campo, Reed parecia em seu *habitat* natural.

Confesso que perdi uma parte da cerimônia, concentrada na linguagem corporal dos dois. Eu gosto de interpretar as pessoas e de tudo o que tirei sobre eles, não pareciam como um casal que tinha intenção de se casar em breve, mas como velhos conhecidos que se acostumaram com a presença um do outro ao ponto de se ignorarem mutuamente.

A mulher toda hora mexia no cabelo ou corria o olhar pela multidão, como se desejasse ser notada, mas aquele que deveria estar prestando atenção nela, parecia completamente alheio.

E então, como se sentisse que era observado, ele virou para trás e me pegou em flagrante.

Por um instante, congelei, encarando-o de uma maneira totalmente inaceitável.

A primeira conclusão a que cheguei, foi de que as fotografias não faziam jus à sua beleza. O cabelo de um loiro escuro contrastava de modo absurdamente *sexy* com a pele curtida pelo sol e os olhos verdes. Mas o que me prendeu, foi a barba crescendo no maxilar rígido.

Reed estava em um casamento. Uma situação formal, mas ao usá-la dava uma demonstração primal de que era um homem que só fazia o que queria.

Sua boca formava uma linha dura e não combinava com o retrato que Mary me fizera de um neto bem-humorado.

Se alguém me mandasse descrevê-lo, a palavra que eu usaria seria selvagem.

Uma sensação que nunca experimentei antes me atingiu com tanta intensidade que senti meus joelhos fraquejarem. Quando ergui os olhos, ele também me encarava abertamente, um *v* se formando entre as sobrancelhas.

Me obriguei a quebrar o contato visual, pensando em quantas pessoas poderiam estar atentas ao fato de que o irmão de Hudson virou para trás e me olhava.

Assim que a cerimônia terminou, fugi da fazenda como se estivesse escapando de um incêndio e nunca mais pensei naquilo — até hoje — quando cometi o deslize de perguntar a Mary sobre o neto.

Não, nada de férias em Grayland.

Eu nunca estive em um relacionamento, mas conheço o bastante de mim mesma para perceber que Reed Gray representa perigo.

Falta pouco para Hudson realizar seu sonho de se tornar o governante do Texas.

Eu não tenho a intenção de abandoná-lo antes do fim do mandato, mas após sua posse, vou tirar férias para pensar — e decidir — sobre a minha vida.

Está na hora de crescer o que falta.

Ao contrário do que Hudson falou, eu não sou da família e não quero precisar do amor deles.

Capítulo 7

Reed

Grayland — Texas

No dia seguinte

— Onde você pretende manter sua residência principal depois que se casar?

Se fosse qualquer outra pessoa a me fazer essa pergunta, eu acreditaria que estava tentando me irritar, mas ela vem da minha avó e uma das pessoas que mais amo no mundo, então eu sei que sua preocupação é real.

— Não há discussão sobre isso, vó. Vamos morar aqui, na Ouro Velho[17].

Assim que respondo, no entanto, milhões de outras questões preenchem meu cérebro. Porque sei que ninguém, nem mesmo eu, consegue imaginar minha noiva vivendo em uma fazenda, ainda que ela jure de pé junto que o sonho de sua vida seja se casar com um fazendeiro — eu.

— Não vou me mudar de Grayland — reafirmo.

Isso é uma certeza tão enraizada em mim quanto de que jamais deixarei de criar meus cavalos ou montar todos os dias.

— Então vocês deviam esclarecer essa questão antes de chegarem ao altar.

Minha avó, como sempre, está certa. Definições desse tipo deveriam ser estabelecidas com antecedência, mas o fato é que da mesma maneira que nunca pediria à Annamae que desistisse de suas sandálias de salto alto, porque sei que de uma certa forma, aquilo é quem ela é, jamais passou pela minha cabeça que tivesse a esperança de que eu me mudaria das minhas terras.

— Vou conversar com ela sobre isso.

— Meu filho, ninguém precisa ser um psicólogo para perceber que você não quer se casar — ao menos não com ela — então por que não interromper esse erro antes que seja tarde demais?

Largo a caneca de café que eu estava tomando e me levanto.

Toda manhã venho ver como Mary Grace está, já que nem sempre Becca[18] fica em Grayland, mas hoje, particularmente, não quero estender a conversa.

— É complicado, vó.

— Relacionamentos sempre são, Reed. Mas se conviver com quem amamos às vezes se torna um desafio, imagine ficar ao lado de uma pessoa que não tem nada a ver com você?

— Somos tão diferentes assim?

— Eu nem preciso responder isso, filho. Se não fosse tão teimoso, já teria voltado atrás nesse noivado.

— A senhora não entende.

Hoje em dia eu me arrependo muito de não ter compartilhado com a minha família a perda do meu filho. Ter alguém para dividir a dor talvez a diminuísse um pouco.

Eu me culpo por ter ido viajar a trabalho naquele fim de semana. Deveria estar ao lado de Annamae, protegendo-a e ao nosso bebê.

— Não entendo mesmo, mas vou deixar um último conselho: pense no exemplo de Hudson e Evelyn. Assim como você e sua noiva, eles eram errados desde o princípio. É saudável ser diferente do nosso companheiro em alguns aspectos, mas a essência de ambos precisa ser igual. Quando olho você e Annamae, eu não consigo ver nada — nem mesmo paixão — que os una.



Uma semana depois

— Por que não podemos marcar a data do casamento?

— Porque há cinco minutos você me disse pela milésima vez que queria um vestido de uma estilista cuja fila de espera é de três anos, Annamae.

Jesus Cristo, eu sempre me considerei um cara relativamente paciente, mas ela consegue fazer ferver o sangue de um santo.

Desde a manhã em que conversei com vovó — ou melhor, que fui

aconselhado por ela — estou tentando falar com minha noiva sobre a questão de onde moraremos, ainda que para mim não haja nada a ser esclarecido. Mas Annamae sempre dá um jeito de escapulir da conversa com temas, ao seu ver, mais *importantes*, como por exemplo, onde passaremos a lua de mel.

A vida para ela é uma eterna festa, sem reponsabilidades ou preocupações que não sejam o próximo lançamento de sua estilista favorita. Eu tenho milhões de problemas relativos aos meus negócios para lidar no dia a dia. Discutir duas, três vezes na semana sobre o tamanho do salto que ela usará em um casamento que nem tem data para acontecer me irrita.

Sou um cara direto, que tomo decisões bem rápido e a indefinição quanto ao futuro está me esgotando a mente.

— Eu já lhe expliquei que só pretendo me casar uma vez, então terá que ser com o vestido dos meus sonhos. — Continua, indiferente ao maremoto dentro de mim.

— Não estou questionando isso ou impondo qualquer limite para os gastos com a festa, sua roupa ou o que quer que deseje, mas você não pode ter tudo: um casamento rápido e ao mesmo tempo, com o vestido dessa tal estilista, então decida-se e abrace sua escolha.

Começo a andar para a saída — do meu próprio apartamento na cidade — pensando no que diabos vim fazer aqui, para começo de conversa.

Toda semana é a mesma ladainha: ela reclama que quer oficializar nosso relacionamento diante do padre, do juiz de paz e mais quinhentos convidados e

ao mesmo tempo, exige cada detalhe digno da realeza.

Desde que ficamos noivos, ela já me fez perder três secretárias e dois assistentes. Na única vez em que esteve na fazenda, porque cismou que quer o casamento lá, já que o do meu irmão foi nas terras da minha avó, o chefe dos meus capatazes se demitiu.

— Aonde você está indo?

— Para Dallas. Hoje Hudson fará o último discurso de sua campanha e nos convocou para uma reunião amanhã de manhã. Ele passou o cargo de *CEO* para Jaxson. Quando assumir como governador e Dante[19] nascer não lhe sobrará tempo para mais nada.

— Ainda não consigo acreditar que seu irmão se casou com aquela descendente de italianos gor…

Solto a maçaneta e me volto para ela.

— Nunca mais repita isso. Antonella é uma Gray e você vai respeitá-la, Annamae. Eu não vou brigar com meu irmão por sua causa e não lhe defenderei se ele ouvi-la chamar sua esposa de algo assim.

— O fato de eu não chamá-la do que ela é, não a fará ficar mais esbelta.

Fecho os olhos por uns segundos, me perguntando o que ainda estou fazendo com essa mulher.

E então, a resposta vem rápida como um raio.

Eu não posso continuar com isso. Unir minha vida a uma pessoa que eu desprezo.

Há meses não consigo nem mesmo tocá-la, como então pensar em passar o resto dos meus dias ao seu lado?

Segundos depois, como sempre, eu me lembro do filho que perdemos.

De como ela pareceu deprimida após o aborto que sofreu e mais uma vez, volto atrás em minha disposição de terminar. Mas definitivamente, precisamos estabelecer regras.

Eu não vou me afastar da minha família por mulher alguma e se permitir que Annamae continue nessa escalada de loucura, na qual acredita que pode dizer ou fazer o que quiser com os outros, ela vai acabar tendo um problema com Antonella e criando uma situação insustentável com meu irmão.

— Pensei que você dormiria aqui comigo.

Não, você não pensou. Está tentando reverter a merda que acabou de falar, mas hoje não vai funcionar.

— Vejo você em dois dias. Temos que conversar e isso não pode mais ser adiado — falo e lhe viro as costas.

Capítulo 8

Reed

Austin — Texas

No dia seguinte

Olho para minha família espalhada pelo corredor do hospital sem conseguir acreditar no que aconteceu, mas o rosto pálido da minha avó, assim como a imagem da minha cunhada Antonella sendo consolada pela irmã, não deixa

dúvidas de que foi muito real.

Um demente tentou matar meu irmão[20]. Uma bomba foi explodida e somente a sorte fez com que o palanque não fosse atingido em cheio.

Callum estava por acaso em Austin e foi quem encontrou Hudson. Espero que isso seja o bastante para reuni-los outra vez. Eu nunca acreditei, nem por um momento que seja no que a cobra da Evelyn inventou sobre o nosso primo, mas tanto ele quanto o meu irmão são teimosos demais para se sentarem e conversar. O maldito orgulho é uma espécie de defeito genético dos Gray.

Meus parentes estão espalhados pelo hospital. Toda a família veio em helicópteros porque é assim que somos. Não mantemos distância e precisamos ver com nossos próprios olhos para nos assegurarmos de que aqueles que amamos estão protegidos.

Hudson está bem agora, mas acho que o mesmo não pode ser dito do resto de nós.

Ainda muito pequenos, eu, meus irmãos e primo, fomos confrontados com a morte de nossos pais em um acidente de barco[21]. Aquilo nos marcou para sempre e de certa forma fez com que sentíssemos que, ao perder tanto, já havíamos tido nossa quota de sofrimento nessa vida. O atentado de hoje, no entanto, nos mostrou que não há uma medida máxima para o sofrimento.

Enfrentar a possibilidade de mais uma morte na família após ter o luto por perder nossos pais e há alguns anos, meu filho ainda por nascer, está me fazendo repensar tudo o que eu vinha relevando até aqui.

Quando eu ouvia dizer que a vida é curta, achava aquilo um clichê, um tipo de mantra com o qual as pessoas se protegiam, no caso de fazerem merda pela estrada.

Mas o que aconteceu essa noite me abalou para caralho.

O que estou fazendo comigo mesmo?

Meu senso de dever com Annamae me mantém preso a um relacionamento no qual não quero estar — um que eu já não desejava mais estar, para ser franco, mesmo muito tempo antes de que ela ficasse grávida.

Ainda assim, eu me casaria se nosso único problema fosse falta de amor da minha parte, mas não é esse o caso.

Eu não a admiro como ser humano. Cada vez que imagino um futuro para nós dois, prevejo brigas entre nossa família porque minha noiva não faz qualquer esforço para se dar bem com eles — ou com o resto da humanidade, diga-se de passagem.

Ela diz que quer filhos no futuro e eu também, mas seria justo trazer uma criança para um relacionamento árido como o nosso? Sim, porque me conheço o suficiente para saber que a paixão que um dia senti por ela não tem a menor chance de reacender.

Até ver Hudson e Antonella juntos, eu estava conformado a nunca ser feliz. Não tenho muitas referências de casal, então meio que achava que a situação entre nós dois não era tão diferente do resto da humanidade. Mas testemunhar a cumplicidade entre meu irmão e a esposa, foi como receber um gancho de

direita, me fazendo entender com o quão pouco eu me contentara ao longo dos anos.

Eu quis aquilo para mim: a paixão, alguém que me faça dormir e acordar pensando nela, mas também, uma pessoa com quem eu possa simplesmente conversar — e eu sempre soube que não seria a minha noiva.

Mesmo bonita como é, não sinto mais sequer desejo sexual por Annamae, vontade de tocá-la, beijar. Não sobrou nada entre nós dois.

— A senhorita Dominika Wos foi sedada depois que demos alguns pontos em sua perna. — Escuto o chefe da equipe médica dizer à Antonella e só então me recordo de que Hudson não estava sozinho.

Porra, ninguém foi conferir até agora se a moça está bem?

Me levanto e vou até os dois.

— Eu gostaria de verificá-la — aviso.

Minha cunhada parece exausta e acena com a cabeça. Em seguida, o médico me aponta uma porta no fim do corredor.

Hesito antes de entrar, meus instintos dizendo que eu deveria ir embora e passar a tarefa para Jaxson ou Bryce, mas ao invés disso, seguro a maçaneta e a abro.

Dos irmãos, talvez eu seja aquele que menos sai da fazenda, à exceção para fechar negócios. É claro que eu sabia que Hudson tinha uma assessora há anos, muito antes de se candidatar a governador, mas nunca a havia visto pessoalmente, somente em aparições com meu irmão na televisão ou nos jornais.

Houve uma época, inclusive, após a separação dele e de Evelyn, que a imprensa chegou a insinuar, por conta da proximidade do meu irmão com sua assistente, que havia mais do que uma relação de trabalho entre eles — o que Hudson garantiu à família que era uma mentira.

Entro no quarto e me deparo com a figura graciosa deitada no leito do hospital.

Dominika Wos.

A garota delicada como uma fada, mas que segundo vovó tem a fibra de uma amazona.

A imagem que guardei dela era de uma mulher parecendo sempre impecável, como se esperasse ser fotografada a qualquer momento. Daquele tipo que quando passa na rua, homens e mulheres viram a cabeça para olhar.

O exato estilo que eu antipatizo instantaneamente, talvez por me lembrar muito da minha noiva.

Observo o corpo suave sob o cobertor do hospital.

Eu só a vi frente a frente uma vez e por conta do que senti, pretendia manter distância.

Há algo que me atrai para perto dela e não preciso de mais problemas em minha vida já muito complicada.

Quando me aproximo, a primeira coisa que me bate é que, ao contrário do que eu acreditava, pelo menos nesse momento em que está presa nas teias da inconsciência, não há um grama dela parecido com Annamae.

Tento afastar o pensamento porque ele é errado por todos os ângulos em que o encaro — não deveria comparar minha noiva a outra mulher.

Seria melhor ir embora, mas não consigo.

Só estou aqui para conferir seu bem-estar — engano a mim mesmo.

A verdade é que a mulher me desperta algo que tenho combatido desde que a vi no casamento do meu irmão.

Naquele dia, ela estava linda, mas beleza somente não é algo que me empolgue e sua aparência e modos não fizeram nada para desmentir o que eu acreditara ao vê-la na mídia: que é uma menina da cidade.

O cabelo loiro, na altura dos ombros, tem um tom quase mel, entremeado com mechas mais claras. Mesmo espalhados contra a fronha grosseira do travesseiro do hospital, parecem bem cuidados.

Tenho a sensação de que Dominika nunca se permite relaxar e que a qualquer momento do dia ou da noite que eu a encontrasse, sua aparência estaria deslumbrante.

Ou talvez seja desse jeito somente quando está acordada e eu esteja me deixando levar pela impressão de que ela passa diante das câmeras.

Para ser honesto, hoje, os cabelos de aspecto perfeito são tudo o que resta da mulher sofisticada. Porque assim, com o rosto relaxado e sem maquiagem, o narizinho sardento e cílios longos derramados sobre a pele translúcida das bochechas, ela parece uma menina.

Eu me sinto como um *voyeur*, espreitando-a em seu sono induzido pelos

remédios, mas quem disse que consigo ir embora?

Dominika é um enigma. Ela me confunde e não é só por, apesar do jeito de madame mimada, ser tão próxima ao meu irmão.

Tudo bem, isso já seria intrigante porque, à exceção da ex-esposa dele, a loira não é o estilo de mulher que Hudson mantém por perto, nem mesmo como assistente. Nenhum de nós é muito delicado no falar e tratar — para dizer o mínimo — e a garota com quem me acostumei a vê-lo acompanhado através de eventos profissionais, parece do tipo que desmaia se ouvir um palavrão.

Ainda assim, não foi isso o que me fez ficar atento a ela, mas algo que aconteceu no casamento de Hudson.

Eu havia acabado de discutir com Annamae antes de nos acomodarmos para assistir a cerimônia. Já nem me lembro bem do que era, mas acho que foi sobre um comentário de mau gosto que ela fez a respeito da escolha de flores de Antonella.

O fato é que o casamento mal havia começado e eu estava com vontade de ir embora.

Não pela reunião com os meus parentes em si — como bom neto da minha avó, eu gosto de estar a família e os amigos — mas por ser cada vez mais difícil manter minha noiva sob vigilância para que ela não arrume briga com meus entes queridos.

Assim, mesmo sendo um dia especial para meu irmão, eu estava contando os minutos para partir.

E então, como se houvesse um chamado silencioso se propagando em ondas, eu me senti sendo observado.

Sou um *cowboy*, mas também um caçador. Durante a temporada de caça[22], gosto de passar dias inteiros embrenhado no mato, então preciso manter meus instintos afiados. Sozinho em um território inóspito, qualquer desatenção pode custar a minha vida. Assim, a percepção sobre o que acontece à minha volta talvez seja um pouco mais aguçada do que para um ser humano regular.

Isso dito, eu me virei para trás com a certeza de que estava sendo examinado. A última coisa que eu esperava, no entanto, é que fosse por *ela*.

A mulher que eu vira somente em páginas de revistas ou jornais, em entrevistas, ao lado do meu irmão.

Me deparar pessoalmente com ela pela primeira vez me causou um impacto fodido. Frente a frente, Dominika não era a deusa sofisticada que eu imaginara.

Ao contrário, naquele momento seu rosto parecia vacilante, como se tentasse resolver uma importante equação dentro de sua cabeça.

Ela usava um vestido cor de rosa claro e um dos lados do cabelo estava preso. Seria uma imagem suave, não fosse o batom vermelho em sua boca, fazendo um contraste delicioso de pureza com sensualidade.

Mas foi quando alcancei seus olhos que uma sensação de reconhecimento me atingiu forte. Era como reencontrar alguém que eu havia perdido há muito tempo, como ter uma lacuna que existiu desde sempre, preenchida, mas ainda que eu puxasse na memória, não conseguia chegar a qualquer conclusão.

Eu tinha intenção de ir até ela ao fim da cerimônia porque não gosto de ficar com questões inacabadas na minha mente, mas a garota desapareceu tão logo as bençãos foram dadas.

Melhor assim — foi o que pensei na ocasião.

Estou noivo, mas não morto e sou honesto o bastante para admitir que ela me atrai. No entanto, apesar do meu relacionamento com Annamae só existir para o público, não sou um trapaceiro.

Mas agora, não é essa atração inesperada o que está me incomodando, mas o fato da mulher a minha frente parecer tão sozinha.

Onde estará sua família?

Nós enchemos um andar inteiro do hospital, somente os Gray e amigos próximos. A moça que é o braço direito do meu irmão, contudo, parece não ter quem fique ao seu lado.

Sem pensar na lógica do que estou fazendo, puxo a cadeira que faz par com uma mesa no outro canto do quarto e a posiciono ao lado da cama.

Ela precisa de alguém para velar seu sono, nem que seja para não ficar assustada ao despertar.

Só até ela acordar — prometo em silêncio.

Assim que eu lhe explicar o que aconteceu, vou embora.



Acordo com o barulho da porta se abrindo e uma dor do cacete no pescoço.

Não tenho ideia de quanto tempo se passou desde que adormeci e talvez seja alguém da minha família vindo verificá-la. Mas não é um conhecido e sim um homem idoso que surge.

E o que é mais louco? Fico dividido. Meio aliviado ao notar que sim, a garota solitária tem alguém para cuidar dela, mas um pouco relutante em partir, ao constatar que a missão de velá-la que me autoimpus, chegou ao fim.

Eu me levanto e estico a mão.

— Boa noite. Sou Reed Gray. Dominika trabalha com o meu irmão.

Ele hesita por um instante, antes de aceitar o cumprimento e só depois de

alguns segundos, me dá um aperto de mão firme.

— Richard Adgate. Sou o advogado da senhorita Wos.

O quê?

Minha paciência tem um limite muito curto e ele acaba de ser atingido.

— O que está fazendo aqui? Onde está a família dela? Por que, mesmo após mais de doze horas desde o incidente, não há algum de seus parentes ao seu lado?

— Não é meu direito responder a essa pergunta. Talvez quando Dominika despertar, possa lhe dar a explicação que está me pedindo.

Capítulo 9

Dominika

Minutos depois

Sabe quando você está oscilando entre o mundo dos sonhos e a consciência e não consegue se decidir em qual dos dois quer ficar?

É assim que me senti, até meu corpo me obrigar a acordar de vez.

Por muito tempo depois que Jameson me atacou, eu fiquei imaginando qual teria sido seu próximo passo se ele tivesse conseguido me violentar naquele dia.

Me matar, talvez? Eu não tenho certeza da resposta e para ser franca, pensar nela me faz ficar um pouco louca, de modo que eu sempre interrompo essa linha

de raciocínio. Não gosto de deixar meus medos correrem livremente, como se estivessem em um passeio pelo parque.

Prefiro acreditar que tenho o poder de direcioná-los como bem entender.

Ainda assim, o que aconteceu naquela noite me fez, com quinze anos apenas, enfrentar minha própria mortalidade.

Quando adolescentes, somos em nossas mentes, invencíveis, mas depois de aprender o que é sentir medo dentro da segurança da minha própria casa, eu compreendi que sim, podia um dia acordar e morrer, como acontece a milhares de pessoas ao redor do mundo.

De lá para cá, vivo um momento de cada vez. Não aceitarei que me machuquem sem lutar, mas não tenho a ilusão de que sou indestrutível.

Nada me preparou, no entanto, para a experiência que vivemos ontem.

Tudo aconteceu tão rápido. Em um momento, eu estava sorrindo enquanto observava meu amigo fazer seu último discurso como candidato. Segundos depois, só havia escuridão.

Eu fiquei apavorada e se não fosse por Hudson ao meu lado, sei que teria sucumbido ao desespero. A sensação de estar presa embaixo de escombros é horrível e foi somente a calma e autoconfiança do nosso futuro governador o que me fez aguentar sem ficar histérica.

Não me lembro de muita coisa, mas quando acordei pela primeira vez, sabia que estava em um hospital — o que foi suficiente para me tranquilizar.

E então, em meio à névoa de sono, talvez por conta de alguma medicação que

tenham me dado, eu achei que tinha visto Reed Gray sentado ao lado da minha cama.

Sim, eu sei. Provavelmente tudo não passou de uma mistura de sonho erótico proibido com um pouco da loucura que carrego em mim.

O que no céu, o irmão de Hudson, noivo e também um cara que nunca me foi apresentado, estaria fazendo ao lado da minha cama?

Mas a coisa boa em relação a esse sonho, é que eu consegui manipulá-lo. A cada vez que eu abria os olhos, eu queria que ele ainda estivesse comigo e como em uma espécie de milagre, já que sonhos são, por si só, completamente incontroláveis, ele continuava aqui.

Foi o que me permitiu dormir, porque mesmo com dor na perna e provavelmente meio drogada pelos remédios que me deram, eu sentia medo de que ao relaxar, meu monstro particular, Jameson, pudesse finalmente chegar até mim.

E de algum modo, eu sabia que ele não me faria mal enquanto Reed estivesse por perto. Não duvido de que o homem com os mais penetrantes olhos verdes que eu já conheci, pode enfrentar qualquer um.

E desse modo, eu me deixei mergulhar de vez na inconsciência.

Despertei ao som de vozes, mas aparentemente não abri os olhos depressa o bastante, já que quando o fiz, apenas Adgate estava no quarto.

— Minha filha, que susto você me deu. Eu estava em Nova Iorque, mas voei para cá assim que vi o noticiário.

— Estou bem… eu acho. Quem estava aqui no quarto com você?

— Reed Gray, segundo me disse. Não sabia que era próxima ao resto da família do seu chefe.

Então não foi um sonho. Era Reed aqui. Por quê?

— Ele disse o que queria?

— Não.

— Provavelmente um dos irmãos pediu que ele me verificasse.

Richard me olha em dúvida, com uma sobrancelha erguida, mas ao invés de satisfazer sua curiosidade, vou direto ao que interessa.

— Descobriram o que aconteceu?

— Eu ainda não falei com alguém. Queria antes conferir se você estava bem, mas posso me informar se quiser.

Fico envergonhada.

Ele veio de Nova Iorque até aqui para me ver e eu o trato como se fosse meu advogado, quando na verdade, já o aceito como um amigo há tempos e sei que o contrário também é verdadeiro.

Raramente nos tocamos porque não sou dada a contato físico, mas hoje, ao ver seus olhos marcados de preocupação, alguma coisa se rompe dentro de mim.

Eu quase morri ontem e as pessoas que tenho à minha volta, não são aquelas que deveriam me apoiar por conta dos laços sanguíneos, mas os amigos que conquistei.

Estico a mão para ele, que a aceita.

— Não tem importância. Hudson me explicará tudo depois.

— Como tem tanta certeza de que ele está bem?

— Porque eu o conheço. Não existe alguém mais teimoso no mundo do que *O Dono do Texas*. Ele não permitiria que nada o impedisse de estar com sua família. Hudson é apaixonado pela esposa e está com um bebê a caminho. Ele tem pelo que lutar.

— Você também tem. Olhe a sua volta e veja o que conquistou até agora.

— Não estou reclamando. Eu sou feliz com a minha vida.

Ele pega minhas duas mãos.

— Não tem ideia do quanto é especial, não é?

— Claro que sim. Eu me valorizo.

Desvio nossos olhos porque a conversa está indo por um caminho que não desejo seguir.

— E deve fazer isso a cada dia. Não importa o que sua família diga, Dominika, o erro não foi seu. É uma garota boa, doce, inteligente e trabalhadora. A perda de não conviver com você é toda deles. Sorte a minha que ganhei uma sobrinha.

— Sinto muito se às vezes não consigo demonstrar meu afeto. Eu gosto muito de você, Richard. É muito importante na minha vida. Não sei se teria chegado aonde cheguei sem a sua ajuda.

Minha psicóloga ficaria orgulhosa de mim. Eu me expus mais nos últimos cinco minutos do que durante todos os anos de terapia.

— Não preciso de declarações. Amigos verdadeiros não necessitam de validação. E quanto ao que disse sobre vencer seus medos, teria conseguido sem mim, sim. Você tem um espírito forte. Sua família não conseguiu quebrá-lo. Daqui por diante, as coisas só podem melhorar.

— Será? Às vezes tenho a sensação de que não saio do lugar. Como se estivesse estacionada em meus quinze anos.

— Talvez tenha chegado o momento de sair de sua zona de conforto, minha filha. Você é jovem e linda. Não permita que o que aquele infeliz lhe fez determine seu futuro.

São palavras muito parecidas com as da minha terapeuta, o problema é que eu me sinto confortável no personagem de mulher perfeita e inabalável.

— Mudar não é fácil — digo.

— Mas aí é que está a questão. Você não precisa mudar, apenas deixar vir à tona a verdadeira Dominika.

Capítulo 10

Dominika

— Como você está se sentindo? — Antonella, a esposa de Hudson pergunta assim que entra no meu quarto de hospital.

Richard saiu há apenas alguns minutos em companhia de um agente do FBI que veio tomar meu depoimento. Meu tio, amigo, advogado — nem sei mais como chamá-lo — fez questão de estar presente enquanto eu respondia as perguntas do funcionário federal.

— Como se um palanque tivesse desabado em cima de mim.

— Hudson uma vez me disse que você tem um senso de humor estranho. Eu não conseguiria definir melhor.

Mesmo após o que acaba de falar, ela ri.

— Ah, confesse que foi uma boa piada — brinco.

Antonella é uma das poucas pessoas com quem eu consigo relaxar. Ela é muito nova — somente dezoito anos — mas madura para a idade e tem uma personalidade capaz de colocar o marido no bolso.

No começo do relacionamento deles a orientei, principalmente em relação ao assédio da imprensa e como se vestir e se comportar, mas o que eu considerava uma espécie de extensão dos serviços prestados ao seu marido vem se transformando em uma amizade verdadeira.

Ainda estou pensando no que disse sobre meu senso de humor e concordando que posso ser um pouco esquisita às vezes, quando, sem que eu espere, ela segura minha mão e me beija na testa.

— Obrigada.

Não sei lidar com carinho, então tento não dar importância ao seu gesto.

— Pelo quê? Eu não fiz nada, a não ser conversar com ele no escuro — falo, me referindo ao tempo em que ficamos presos nos escombros.

— Deus, eu achei que as minhas piadas eram ruins, mas as suas são piores — brinca outra vez.

— Já me disseram isso.

Ela puxa uma cadeira e se senta perto da cama.

— Eu não falo o tempo todo sobre o quanto amo as pessoas, Dominika. Hudson talvez seja minha única exceção. Geralmente demonstro meu afeto através de beijos e abraços. Até mesmo com Luna sou assim, mas eu quis vir vê-

la hoje especialmente para dizer que você é a melhor amiga que o meu marido poderia desejar e só por isso, por sempre estar ao lado dele, mesmo nesse pesadelo que nós atravessamos ontem, eu amo você.

Sinto meu peito apertar.

É fácil fingir para mim mesma que a morte não esteve tão perto, mas ouvir alguém que se importa com Hudson e comigo dizer aquelas palavras em voz alta é doloroso.

— Não ouse me fazer chorar, Antonella. Já me basta estar vestida nessa camisola de hospital e sem um pingo de maquiagem no rosto.

— Não seja boba. Você é linda.

Disfarço uma lágrima fugitiva.

— Eu amo seu marido como a um irmão.

— Eu sei e tenho certeza de que é recíproco.

— É uma sorte trabalhar para alguém que eu admiro, sabia? Hudson nem sempre é fácil de se lidar, mas eu meio que gosto do seu jeito azedo.

— Ele disse que depois das eleições lhe dará férias.

— De jeito nenhum.

— Sim, senhora. Nós também tiraremos e você precisa descansar. Sua irmã vem amanhã?

Está claro para mim que Hudson não compartilhou com a esposa a respeito do meu relacionamento — ou a ausência dele — com a minha família. Eu poderia lhe esclarecer tudo agora, mas não sinto vontade de me aprofundar em algo tão

sofrido depois do que passei.

— Não… Sara está um pouco enrolada com as crianças. Minha irmã tem filhos de três e cinco anos.

A única coisa que não digo, é que sei disso através das colunas sociais, já que nunca estive com meus sobrinhos, ou com qualquer membro da minha família, desde a adolescência.

Já se passou muito tempo e eu não me importo mais. No início, entretanto, eu só queria ouvir a voz deles. Eu precisei dela e do meu pai me apoiando, mas nenhum dos dois me visitou. Não só acreditaram nas mentiras de Sara e Jameson, mas optaram por esquecer que eu existia.

Antonella olha para mim e não preciso ser adivinha para perceber o que está pensando: eu quase morri e qualquer família que se prezasse estaria aqui nesse exato momento.

O que ela não faz ideia, é que meus parentes não dão a mínima para o fato de eu estar viva, desde que não os envergonhe. A maior prova disso é que mesmo já tendo se passado um dia inteiro desde que fui internada, ninguém veio à minha procura.

O que esperava, Dominika? Seus pais não acreditaram em você quando precisou deles. Achou que lhe dariam colo agora?

Afasto o pensamento deprimente.

Eu não me importo. Já aprendi a viver sem os dois.

— E seus pais? — ela continua como se lesse minha mente.

— É complicado.

— Sinto muito, não estava tentando ser indiscreta.

Parece sem jeito e me sinto mal por tê-la constrangido, então tento consertar.

— Não tem problema. Sabe de uma coisa? Acabo de decidir que aceitarei as férias que meu chefe mandão está me forçando a tirar. Mary me convidou para passar uns dias com ela na fazenda e acho que vou topar, antes mesmo que saia o resultado das eleições.

— Não acredito que você tivesse muita escolha. Quando Hudson enfia algo na cabeça, ninguém o faz mudar de ideia.

— Ah, não estoure a minha bolha. Faça de conta que vou para Grayland por minha própria vontade.

— Não importa a razão. Vá e divirta-se um pouco. Hudson me prometeu uma lua de mel de verdade e eu pretendo aproveitar cada segundo. O que significa que você está proibida de nos ligar ou mandar mensagem, mesmo que o mundo esteja acabando.

Sorrio do seu jeito de dizer tudo na cara. Gosto de pessoas como ela, que não precisamos interpretar. Antonella é exatamente o que você vê.

Cada vez mais, me sinto uma sortuda por ser alvo de sua amizade. A garota aqui na minha frente é uma guerreira, porque mesmo sendo a caçula, cuidou e protegeu a irmã da maneira que pôde.

— Você me agradeceu por estar sempre ao lado dele. Não é sacrifício algum, Antonella. Hudson Gray é o homem mais leal que eu já conheci. Ele merecia

você, ter a própria família e ser feliz. Meu amigo é outra pessoa depois que entrou na vida dele.

Como se soubesse que era o tema de nossa conversa, o *cowboy* orgulhoso entra no quarto.

— Eu poderia apostar que as duas estão falando de mim.

— Deus, você é um mutante. Como pode já estar de pé, quando eu ainda me sinto… — começo e Antonella completa.

— Como se um palanque tivesse desabado em cima dela.

Ele ri.

— Eu avisei. Dominika tem um verdadeiro dom quando se trata de piadas ruins.

— Você jura por Deus que não está sentindo dor? — pergunto a ele.

— Não. Talvez eu seja mesmo um mutante, no fim das contas — diz, com a arrogância que lhe é típica.

— Um mutante muito convencido — sua esposa o repreende.

— Tenho uma reputação a zelar — fala, beijando-a e eu sorrio satisfeita por testemunhar a felicidade dos dois. — Antonella contou que você está oficialmente de férias assim que receber alta?

— Eu não deveria ter sido consultada sobre isso?

— Não. Dentro de dois dias, não vou querer ouvir falar de você por um bom tempo. Sem telefonemas ou reuniões por vídeo. Vou estar fora do ar, disponível somente para minha esposa e nosso biscoitinho[23].

— Claro. Até porque, quando encerrarem o prazo das votações, nada mais poderá ser feito — falo, dando de ombros

— A distância entre ele e o candidato democrata está ainda maior depois do atentado — a esposa do meu amigo diz.

— Eu soube que não houve mortes. Pelo menos isso — comento.

Richard disse que não se fala em outra coisa por todo o país, mas que apesar de não saberem detalhes do estado de saúde de Hudson, noticiaram que ninguém se machucou gravemente.

— Não, graças a Deus! Eu só estou esperando os médicos me liberarem para ir visitar os feridos. Eu me sinto em dívida, afinal, eles estavam lá para me ouvir.

— Não se culpe. Se um décimo das ameaças que sofreu ao longo dessa campanha tivessem sido cumpridas… — relembro.

— Eu odeio quando vocês falam disso como se fosse algo normal — Antonella intervém. — Esse monstro foi mal-sucedido, mas quantos iguais a ele não estão soltos por aí?

— Muitos, Antonella, mas a maioria só planeja — digo.

— Grande consolo!

— A única coisa positiva é que o louco fez um favor à humanidade e se suicidou a seguir, pelo que o agente do FBI que esteve aqui tomando meu depoimento contou. Há chance dele fazer parte de algum grupo de fanáticos ou de ter cúmplices, Hudson? — pergunto.

— Não. Foi um ato solo. De qualquer modo, teremos que repensar todas as

diretrizes de segurança depois da minha posse. Tanto em relação a mim, quanto de toda a família. Não quero mais correr riscos, Dominika.

— Providenciarei tudo.

E depois, vou para Grayland.

Por mais difícil que seja admitir, preciso de um tempo para digerir o que aconteceu e uns dias em meio a cavalos parece a promessa do paraíso.

Capítulo 11

Reed

Fazenda Ouro Velho

Dois dias depois

Há mais de uma hora, observo a tela do computador sem conseguir ler uma

única palavra do contrato que preciso assinar para a aquisição de dois cavalos reprodutores.

Normalmente, nessa época do ano, eu estaria focado no *Kentucky Derby*[24], que acontecerá dentro de alguns meses, mas o que preenche cada célula cerebral minha hoje não são os negócios, mas a vida pessoal.

Não durmo direito desde que voltei de Austin, depois do atentado contra a vida do meu irmão.

É estranho que precisemos ser confrontados com a morte para abrirmos os olhos e enfrentarmos os problemas.

E o maior deles no momento para mim? Pôr um fim em meu noivado.

Há tantos pontos errados em minha história com Annamae, que é difícil encontrar algo positivo ou uma única razão para continuarmos juntos, mas a gota d'água foi, após o que passamos, ela não me dar sequer um telefonema para perguntar como Hudson estava.

E então, há cerca de trinta minutos, me mandou uma mensagem avisando que mudou de ideia e que faria o vestido de noiva com uma estilista do Texas mesmo, pois decidiu que queria se casar esse ano.

Não vai acontecer.

Pensei e repensei sobre o que tem sido nosso relacionamento e cheguei à conclusão de que não faz sentido que a base para o futuro seja a culpa — e agora eu sei que é isso o que ainda me prende a ela.

Minha cabeça está fervendo com o que farei, mas cheguei ao meu limite. Me

casar com Annamae será um erro irreparável. Nós dois temos direito a uma segunda chance.

Pego o celular, decidido a resolver essa situação de uma vez por todas.

"Vou mandar o helicóptero apanhá-la aí em Dallas. Encontro você em meu apartamento dentro de duas horas. Precisamos conversar."

Não aguardo que responda.

Levanto-me e pego a chave da *pick-up* e a carteira.

Não posso imaginar um dia a mais preso a ela.



Três horas depois

— Eu não podia vir hoje. Avisei sobre minha decisão de adiantar a data do casamento e….

— Annamae.

— Você não imagina como é difícil encontrar uma estilista decente hoje em dia, Reed. As mulheres não têm a menor originalidade. Estou exausta.

— Pare.

Após a única palavra, ela finalmente se cala.

Eu já estava esperando-a quando chegou, parecendo ansiosa e a conheço há

tanto tempo que sei, só de olhá-la, que entende perfeitamente por que está aqui.

— Não vai ter casamento algum e nós dois sabemos disso.

Nenhuma reação. Nem mesmo uma contração de um músculo facial.

E então, como se uma cortina se abrisse, eu vejo que de todos os nossos problemas, é isso o que mais me incomoda nela.

Annamae parece não *sentir*, como se ela vivesse de emoções, somente. As mais frequentes sendo ira e irritação.

Sou um cara tátil — na verdade, gosto de usar meus cinco sentidos.

Tocar, beijar, morder, cheirar minha mulher são necessidades que enterrei fundo há muito tempo. Não há carinho ou cumplicidade entre nós. Preso à culpa pela perda do bebê, eu aceitei a superficialidade dela. Seu jeito de só se doar durante o sexo e mesmo assim, de forma mecânica, como se estivesse seguindo um roteiro.

Mas isso termina hoje. Não quero passar o resto da vida fingindo. Tem que haver mais em um relacionamento do que o que nós temos.

Se formos honestos, muito antes da notícia da gravidez, já estávamos acabados. Na verdade, talvez tenhamos vivido anos apenas baseados no que foi nossa paixão na adolescência.

— Você não pode estar falando sério, Reed. Minha família vai morrer de vergonha.

E essa é a pior coisa que ela poderia ter me dito.

Sinto meu sangue ferver.

Nem mesmo a notícia de que nosso casamento não irá acontecer ou a certeza de que não há mais um futuro juntos a faz demonstrar qualquer coisa além da preocupação com que os outros vão pensar.

Nem me digno a entrar nessa questão.

— Vou à casa dos seus pais amanhã comunicar sobre nosso rompimento.

— E é isso? Depois de anos é tudo o que você tem a me dizer? Deixou de me amar do dia para a noite, Reed?

— Não quero magoá-la.

— Mais do que está fazendo agora?

Apesar do que diz, não há qualquer demonstração de tristeza em seu rosto, mas raiva. Ela parece furiosa e eu sei a razão: odeia ser contrariada, não é porque está sofrendo.

— Eu não a amo.

— Por que não?

Porque eu não consigo admirar você.

Porque eu odeio sua superficialidade.

Porque eu nunca vou abrir mão da vida no campo para desfilar nas festas da alta sociedade que tanto adora.

Mas o principal: porque eu não sinto mais vontade de tocar você.

Eu tenho todas as respostas prontas, mas não sou um canalha, então as guardo para mim.

— E o nosso filho?

— Não ouse recordar a morte do nosso filho agora. É baixo e vil trazer uma criança inocente que nunca chegamos a conhecer, como uma espécie de escudo para evitar o fim, Annamae.

Minha voz soa rouca de dor porque eu ainda sinto a perda do bebê como se fosse hoje. Sempre penso com quem ele se pareceria ou o que poderia ter sido se tivesse uma chance nesse mundo e estou muito cansado de viver aquela culpa.

— Eu planejei tudo. Como posso simplesmente não me casar agora, droga!

Se eu não me sentisse tão mentalmente esgotado, seria capaz de rir, mas a verdade é que estou de saco cheio das loucuras dela.

— Tome uma nota para um relacionamento futuro: casamento não é só a festa ou o vestido mais bonito. É sobre cumplicidade, carinho, presença.

— Não estou entendendo.

— Não? Então deixa eu te fazer uma pergunta: passou pela sua cabeça que eu pudesse precisar de você quando a porra da bomba explodiu e eu quase perdi meu irmão? Ou que minha avó idosa e minha cunhada grávida, poderiam necessitar de apoio?

— Não gosto de hospitais.

Foda-se, eu preciso sair daqui.

— Ninguém gosta, Annamae. E nem de enterros, mas ainda assim, essas situações acontecem e famílias de verdade não fogem simplesmente porque se sentem desconfortáveis em cemitérios ou salas de espera de hospitais.

— Está terminando comigo por causa do atentado contra o seu irmão? Ele

nem ao menos morreu!

Há muito tempo não sobrara qualquer traço de admiração por ela, mas nesse instante, me sinto enojado.

— Não, estou terminando com você porque descobri que o seu vazio interior está me atingindo. Se alastrando como um veneno.

— Você está chateado, mas não me odeia.

— Tem razão, eu não a odeio. É pior do que isso. Eu não sinto nada.

— Reed.

Caminho para a porta.

— Marque com seus pais amanhã. Eles merecem ouvir de mim que nós terminamos, mas isso não vai mudar nada. Acabou.

Capítulo 12

Reed

No dia seguinte

— *Dona Annamae foi viajar, senhor Reed. O motorista a levou para o aeroporto há cerca de três horas.* — Ouço a empregada dos pais dela me dizer ao telefone, enquanto estaciono em frente à casa da minha avó.

Eu ia contar à Mary Grace que não haverá casamento algum, antes de sair para encontrar os pais da minha ex-noiva. Ainda que não tivéssemos uma data definida, a única pessoa a quem devo satisfação além da família de Annamae é

vovó.

Mas o que a mulher acaba de me falar parece a porra de um pesadelo.

Quando eu acho que as coisas entre nós dois não poderiam ficar piores, Annamae faz uma merda dessas.

Eu não consigo acreditar que ela fugiu para não ter que dar a notícia do fim do nosso relacionamento — porque não tenho dúvida de que foi isso o que fez.

— Ela disse para onde ia?

— *Não, senhor.*

— E os pais dela?

— *Estão em um cruzeiro na Europa há duas semanas já.*

O que significa que ela mentiu para mim ontem. Sabia que não poderíamos nos reunir com sua família pelo simples fato de que eles nem estão nos Estados Unidos.

— *Talvez ela tenha ido encontrar com eles...* — A mulher continua, alheia à minha raiva.

Não me dou ao trabalho de deixar recados. O que tenho que fazer é descobrir onde ela está. Se pensa que com essa manobra ridícula vai conseguir me fazer mudar de ideia, está enganada.

Não vou voltar atrás.

Acabou.

Somente de ter uma conversa definitiva com ela ontem, eu consegui dormir melhor.

Além do acidente com Hudson, houve algo mais que me fez entender que não poderia continuar com a farsa com a minha ex: enquanto estava naquele quarto de hospital velando o sono da assistente do meu irmão, eu me peguei olhando para ela de uma maneira que um cara comprometido não deve fazer.

Em todos os altos e baixos do meu relacionamento com Annamae, eu nunca me permiti olhar para o lado — e tive muitas oportunidades, principalmente na universidade.

Deus sabe que estou longe de ser perfeito, mas não sou um trapaceiro, tampouco. Eu nunca a traí.

Entretanto, a sós com uma Dominika adormecida, eu me senti um pouco tonto por sua beleza. Eu olhei os lábios cor de rosa e quis passar a língua ali. Desejei sentir a pele sedosa com os nós dos meus dedos. E isso, mais do que tudo, me fez entender que eu e minha ex-noiva estávamos acabados.

Você não deseja outra mulher se ainda ama aquela com quem está. Sou um cara de um relacionamento por vez.

Não que eu ache que eu e a *mulher perfeita*, que é o braço direito do meu irmão, tenhamos algum futuro. De tudo que eu sei, ela deve ser uma madame fresca que torce o nariz só de ouvir falar em terra e cavalos. A maior prova disso é que, mesmo trabalhando há anos para Hudson, só esteve em Grayland uma vez.

Além do mais, acabo de terminar uma relação. A última coisa que preciso é me envolver com outra pessoa, mas o fato de eu ter desejado a loira

deslumbrante me mostrou que eu não poderia continuar em um relacionamento vazio até mesmo de atração física.

Dou os passos que faltam para a casa da minha avó, mas antes que eu chegue à porta, ela se abre e a mulher que tenho como referência de mãe, vem ao meu encontro.

Sempre foi assim. Vovó tem um sexto sentido aguçado quando se trata de nós. Uma vez, eu sofri um acidente grave. Havia saído para vistoriar minhas terras e fui surpreendido com uma tempestade de verão. A caminhonete que eu estava dirigindo despencou em uma ribanceira e eu só sobrevivi por um milagre. Eles levaram horas para me resgatar e conseguiram já em plena madrugada.

A primeira coisa que passou pela minha cabeça quando o perigo terminou foi que eu precisava avisar vovó porque se a notícia chegasse a ela antes que tivesse certeza de que eu estava bem, ficaria desesperada.

Assim, sem aceitar ir para o hospital, imundo de lama e com um corte na testa, vim direto para a casa dela. Era por volta de três da manhã, mas quando cheguei, as luzes estavam acesas e minha vó, de pé, andando de um lado para o outro na sala.

Ela me viu e me abraçou, mesmo todo sujo. Disse que havia acordado com uma sensação ruim e sabia que um dos netos estava em perigo. De todos, só não conseguiu falar comigo, então mandou os outros rapazes me procurarem.

Desse modo, não me surpreende que ela esteja à minha espera hoje também.

— Meu filho, aconteceu alguma coisa?

Dou um beijo em sua testa e como sempre faz, ela me abraça e me direciona para a cozinha. Minha vó acha que qualquer conversa, séria ou não, tem que ser acompanhada de café e bolo.

— Eu terminei com Annamae, vó — digo, sem preâmbulos.

Não há razão para enfeitar a verdade.

Ela para de andar e vira de frente para mim, estudando meu rosto. Depois de um tempo, acena com a cabeça.

Sabe que estou falando sério ou não teria lhe comunicado.

Em outras das minhas brigas com minha ex-noiva, deixei a família de fora. Até mesmo na vez em que culminou na tentativa de suicídio dela, eu não havia contado a qualquer um dos meus parentes.

— Não vai dizer nada? — pergunto.

— Eu estava esperando por isso. Tem um coração maior do que o nosso estado, Reed, mas nem você poderia continuar dentro de um relacionamento daqueles.

— Eu tentei fazer dar certo, vó.

— Por que, meu filho? As pessoas se separam. Não é algo do outro mundo. O que não entendo, e acho que nenhum dos nossos familiares também, é a razão de ter continuado com ela mesmo sem amá-la.

Encaro a mulher que foi, desde a morte dos meus pais, sinônimo de lar e chego à conclusão de que ela merece a verdade.

— Eu errei, vó. A senhora tem razão quando diz que eu não deveria ter

insistido nesse engano, mas quando tentei terminar com Annamae assim que entrei para a universidade, ela tentou se matar.

— Eu sei. A mãe dela me disse. Karen, ao contrário de Annamae e do marido, é uma mulher boa e sensata. Quando me contou, estava muito preocupada com a reação da filha. Falou que não era normal alguém tentar tirar a própria vida porque um namoro chegou ao fim. E ela tinha razão, Reed. Há muitas pistas de que Annamae tem problemas psicológicos graves. Você só provou como é bom caráter ao apoiá-la, mas por que continuar juntos depois de todos esses anos?

Entramos na cozinha e enquanto me acomodo à mesa, ela vai até a cafeteira.

— Ficamos bem por um tempo. Eu não estava apaixonado e nem pensava em me casar, mas com a cabeça cheia pelo trabalho, me manter em um relacionamento estável era cômodo. Então, ela engravidou. Eu não a amo e não a amava na ocasião, mas eu queria meu filho, vó.

— Foi por essa razão que decidiu ficar noivo?

— Sim. Honestamente, eu não sei se Annamae ficou grávida de propósito, mas não importava. Na época, fiz o que achei que era certo e oficializei nosso relacionamento. Eu amo a senhora, mas sei o que é crescer sem os pais ao lado. Queria que meu filho tivesse tudo. Mas logo em seguida, ela sofreu um aborto natural.

— Oh, meu Deus!

Aceno com a cabeça, entendendo o que ela está sentindo: a perda de alguém que nem chegamos a conhecer.

— O que estou tentando dizer, é que vivi pendurado pela culpa. Me sentindo em dívida com ela.

— Por quê?

— Eu estava viajando quando ela perdeu nosso filho.

— Reed, correndo o risco de parecer insensível, mas eu não acredito que caia uma folha de uma árvore sem que Deus permita. Talvez estivesse escrito que essa criança não deveria ser criada em um lar sem amor.

— Eu tenho amor de sobra para um filho. Para vários filhos.

— Não duvido disso, mas seria uma boa coisa que amasse também a mãe deles. Os filhos sentem muito mais do que deixam aparentar e por vezes, crescer em um lar disfuncional — o que eu acredito que seria o caso se a criança fosse gerada por Annamae — pode trazer danos irreversíveis no futuro.

Adoço o café, mas não faço menção de levá-lo à boca. O peso do que ela acaba de dizer me atingindo profundamente.

— De qualquer modo, acabou agora. Eu não posso fazer mais isso.

Me abrir é tão confortável quanto andar sobre cacos de vidro, mas é melhor esclarecer tudo de uma vez.

— E o que mudou?

— Não foi uma mudança, mas um *descortinar*. O atentado contra Hudson me mostrou a fragilidade da vida. Eu sou focado nas minhas empresas e na fazenda desde que me entendo por gente, vó. Se sou bem-sucedido no que diz respeito aos negócios, o mesmo não pode ser dito na vida pessoal. Ver o casamento do

meu irmão me fez desejar mais.

— Estou muito orgulhosa de você, filho.

— Não comemore ainda. Eu terminei tudo com Annamae ontem, mas não falei nada com os pais dela.

— Isso é inadiável, Reed. Desde sempre nossas famílias são bem relacionadas. Ela foi sua namorada por uma vida inteira. Tem que ir à casa deles e informar a Karen e Randolph que não haverá casamento.

— Eu sei disso, o problema é que eles estão viajando e não atendem o celular.

— E sua ex-noiva não pode lhe dar o telefone de para onde foram?

— Estão em um cruzeiro e Annamae fugiu. Além do mais, acho que esse é um tipo de conversa que deve acontecer olho no olho.

— Ela fugiu?

— Eu lhe disse que iria à casa dos seus pais hoje para conversar, mas ela desapareceu. Foi viajar sem falar comigo.

— Jesus, essa garota não cresce.

— Não importa, vó. Para mim, está tudo terminado. Ela não pode se esconder para sempre. Assim que Annamae e os pais regressarem, irei encontrá-los. Mas eu já me considero um homem livre porque a pessoa a quem eu realmente devia satisfação, foi avisada.

Capítulo 13

Dominika

Dias depois

— Estou surpresa de que vá tirar esses dias de férias. E ainda por cima em uma fazenda.

Dou de ombros, tentando não me importar com o que está escondido por trás das palavras dela.

Chandra é minha psicóloga há muitos anos e consegue me ler melhor do que qualquer outra pessoa, Hudson Gray incluído nessa lista. Isso não é pouca coisa, já que meu chefe é muito sagaz.

— Não é como se eu tivesse muita opção. Hudson me obrigou e já que eu estava devendo uma visita à Mary Grace há muito tempo, por que não?

— Sabe que lá não poderá usar seus saltos *Christian Louboutin*[25] ou suas bolsas Prada[26], né?

Agora tenho certeza de que está implicando comigo.

— Hey, não se esqueça que antes de qualquer coisa, sou uma garota do interior do Texas. — falo, brincando, mas em seguida minha expressão cai.

A vida a que acabo de me referir não existe mais e eu não devo permitir que venha à tona, nem mesmo em meus pensamentos.

— Não há nada de errado em ter boas lembranças do passado, Dominika.

— Eu não as tenho e também não me importo. Gosto da minha vida atual.

Desviei nossos olhos e quando torno a encará-la, sei exatamente o que vejo ali. São quase nove anos me consultando com ela.

Chandra sabe de tudo o que me aconteceu e eu adivinho o que ela está pensando, mas não diz.

— O quê? Eu estou saindo da minha zona de conforto, como você tantas vezes me aconselhou.

— É um bom começo — fala, simplesmente.

— O que isso significa?

— Exatamente o que eu disse.

— Achei que já havíamos superado a fase de conversar por códigos.

— Sabe perfeitamente que não posso dizer qual caminho você deve trilhar,

Dominika, mas também já lhe falei que enquanto não se permitir viver, não vai superar o passado.

— Eu já superei. Tenho uma ótima carreira, vivo com conforto e possuo mais dinheiro do que uma pessoa poderia gastar em uma existência.

— E quanto às relações pessoais?

— Eu tenho o suficiente: um melhor amigo incrível…

— Que somente por acaso é seu chefe, né?

— O que quer dizer?

— As pessoas importantes de sua vida aconteceram por força das circunstâncias. Não possui um só relacionamento que tenha nascido espontaneamente. Seu advogado, Richard Adgate, Hudson Gray e até essa senhora cuja fazenda você ficará hospedada, só fazem parte do seu universo porque foram meio que *impostos*. Seu advogado, você herdou da sua tia. Os Gray, por conta do seu trabalho.

Suspiro, entre irritada e cansada, principalmente porque sei que ela tem razão.

— Eu não tenho ideia do que fazer — confesso. — Sei que está na hora de crescer emocionalmente, mas eu preciso confiar primeiro.

— Inclusive em você mesma.

— O quê?

— Você já se olhou no espelho?

Dou um sorriso meio de deboche, meio de autodepreciação.

— Pela minha aparência, achei que já soubesse da resposta.

— Ah, sim. A mulher impecável.

— Não há nada de errado nisso.

Ela fica quieta e eu realmente odeio quando chegamos nessa parte da consulta. O momento em que nós duas sabemos a resposta, mas que ela espera que eu fale em voz alta.

— Ser espontânea não me levou a lugar algum — digo pela milésima vez desde que nos conhecemos.

— É normal que, à medida em que crescemos, nos protejamos de situações e pessoas. Pensar antes de falar ou agir é uma maneira segura de viver em sociedade, mas você levou isso ao extremo, Dominika. Hoje em dia, resta muito pouco da menina que eu conheci aos quinze anos.

— A menina que você conheceu precisou aprender a morar sozinha em um mundo assustador desde os dezessete anos. A menina que você conheceu foi trancafiada em um lugar por quase dois anos inteiros sem qualquer apoio dos parentes. A menina que você conheceu vivia em meio a solidão e medo — um medo profundo que me acompanha até hoje.

Sinto meu peito subir e descer em respirações irregulares enquanto o corpo inteiro treme com a força das emoções represadas.

Por que, de todas as pessoas, ela está fazendo isso? Chandra mais do que ninguém sabe de tudo o que eu passei.

Mas imediatamente após a pergunta, me sinto culpada.

É o papel dela me fazer pensar sobre a minha vida, ainda que me cause

incômodo.

— O que aconteceu no seu passado não pode ser modificado, embora você saiba o que penso a respeito de sua família.

Eu sei. Ela acha que eu deveria confrontá-los. Tirá-los também da confortável situação de terem esquecido que eu existo.

— Tenho pensado em ir procurar meus pais. Não para exigir qualquer explicação — não guardo expectativa em relação a eles — mas porque seria uma espécie de catarse para mim.

Ela concorda com a cabeça.

— Mas não é somente disso que estou falando, Dominika, e sim do fato de que você mudou até mesmo sua aparência para fugir da menina que eles traíram. Eu me lembro de quando tivemos nossa primeira consulta. Pensei na ocasião em como era linda — ainda é — mas naquele dia, mesmo ferida e confusa, você parecia um raio de sol.

— Há algo de errado com a minha aparência? — pergunto, me odiando por me sentir insegura.

— Sabe que não, mas talvez junto a essas férias, devesse se permitir relaxar sobre isso também.

— A intenção de se tirar férias é justamente relaxar — falo, fingindo não entender o que ela disse.

— Então o faça. Esqueça a maquiagem por um tempo. Seque o cabelo ao natural. Pare de escurecê-lo e deixe aquele loiro dourado lindo que você

ostentava quando adolescente voltar.

— Vai me aconselhar a usar tranças outra vez também? — pergunto, sorrindo.

Chandra tem algo de mágico nela. Consegue me falar as coisas mais espinhosas sem me fazer ter vontade de sair correndo.

— Não. O que vou lhe dizer é que o que aconteceu não foi sua culpa. Não foi você ser linda que o fez atacá-la. Você era uma criança e ele um doente, assim como vários outros espalhados pelo mundo. Se continuar vivendo sob as regras que se autoimpôs desde que tudo aconteceu, Jameson, assim como sua família, terá vencido.

Suspiro de alívio e me levanto quando vejo que a consulta chegou ao fim.

— Eu vou pensar. Vejo você quando voltar da fazenda.

Capítulo 14

Dominika

No dia seguinte

— Espero que você se comporte bem, Tarzan — falo, me dirigindo ao meu gato *minskin*[27]. — Não são todas as pessoas que gostam de bichanos e Mary Grace ter concordado que você me acompanhe foi uma senhora honra, rapaz.

Ele me olha daquela maneira que sempre fico em dúvida se é deboche ou adoração, mas muito atento ao que digo. Às vezes, quando *conversamos*, tenho a sensação de que reviraria os olhos se soubesse como fazê-lo.

— Nada de tentar escalar as cortinas dela e nem pense em ir para fora da casa sem mim.

Essa é a nossa primeira experiência de férias juntos.

Eu o peguei em um abrigo há três meses, apesar de nunca ter tido a intenção de criar um bicho de estimação.

Ter *alguém* dependendo de mim é um pouco assustador.

Eu e Hudson estávamos em uma das visitas da campanha eleitoral, quando ao passar por uma calçada, vi um abrigo de animais.

Até hoje não sei o que me fez entrar. Talvez por me sentir como eles, de uma certa forma — alguém esquecido pela família — já que boa parte dos animais ali não são vira-latas, mas abandonados por donos que, ao comprarem o bichinho, não haviam parado para pensar no comprometimento necessário para se criar um.

Ainda mais gatos. Eles não são animais indicados para pessoas que querem atenção constante. São independentes e só ficam perto de você *quando* e *se*, sentirem vontade.

Assim que entrei na loja, Tarzan estava logo na gaiola da frente.

Foi amor à primeira vista.

Preciso dizer que ele está longe de ser um gato bonito, então não foi sua aparência o que me encantou, mas a maneira concentrada com que me observava enquanto eu passeava entre os bichos. Ao contrário dos outros, ele não miava, mas eu sentia seus olhos em mim.

Perguntei sobre sua história e descobri que ele era de uma espécie rara, resultado do cruzamento de raças, e que fora deixado lá há menos de três dias.

Aparentemente, a dona que o havia comprado precisou se mudar do país e não pôde ou quis levá-lo.

Voltei e parei em frente à sua gaiola. Ficamos nos encarando por um tempo. Ele não desviava os olhos, parecendo desinteressado das outras pessoas ou bichos à sua volta, assim como eu.

Não consegui deixá-lo para trás e aqui estamos nós.

— Não me olhe assim. Estou falando sério. Faça valer sua raça nobre e não me envergonhe, mocinho.

Após trancar toda a casa e depois voltar para conferir tudo de novo, ligo o alarme e saio.

Seria uma mentirosa se dissesse que estou supertranquila, mas ao menos, vou tentar algo diferente.

Talvez hoje seja o primeiro dia a caminho da minha liberdade emocional.



Fazenda Império Gray[28]

Horas depois

— Hudson deveria ter mandado o helicóptero trazê-la.

— Ele ofereceu, vó Mary — falo, um pouco sem jeito de chamá-la assim,

mas incapaz de chateá-la tampouco, já que me disse que eu faço parte da família — mas preferi vir dirigindo. Tem certeza de que meu gato não vai incomodar?

— Minha filha, você tem uma casa de hóspede inteira a seu dispor. Não me importo se nosso menino esbarrar e quebrar um vaso ou outro.

Eu fiquei tensa durante todo o caminho para cá. Não estou acostumada a ter outra pessoa tão perto e por mais que eu goste de Mary, não tenho certeza se conseguiria lidar com o fato de ter alguém vinte e quatro horas por dia comigo. Me senti aliviada quando ela disse que preparou uma das casas de hóspedes da propriedade para mim.

Agora, no entanto, após horas de conversa, começo a acreditar que eu não teria qualquer problema em ficar em um dos quartos da sede. Mary Grace tem o dom de fazer com que todas as pessoas à sua volta se sintam muito confortáveis e isso, em se tratando de mim, é praticamente um milagre.

De qualquer modo, não sei como Tarzan vai se comportar, então é melhor não correr riscos.

E foi exatamente por me lembrar do meu gato rebelde que percebo que ele não está aqui no momento.

— Meu Deus do céu! Tarzan fugiu! — falo, ao mesmo tempo que saio correndo da cozinha.

Gato danado. Foi só sentir o cheirinho de liberdade que escapuliu.

— Calma, filha, vamos encontrá-lo. Vou pedir para os rapazes procurarem.

Mas já estou de pé, correndo para fora, esquecendo as boas maneiras e

deixando Mary Grace falando sozinha. O machucado na perna, fruto do atentado e que ainda tem pontos, repuxa, mas não paro para verificá-lo.

Dor e medo me preenchendo.

Só agora me dou conta de como meu companheiro se tornou importante na minha vida. A ideia de que lhe aconteça alguma coisa faz meu estômago embrulhar.

Saio da casa e olho para todos os lados, mas há tantos lugares para percorrer que sinto vontade de chorar.

Hudson me contou histórias de cobras venenosas atacando os trabalhadores além de outros animais.

Como se Deus achasse que não sou uma mãe tão ruim assim e me desse uma segunda chance, vejo um rabinho fino e despelado desaparecendo dentro do celeiro a uns trinta metros de onde estou.

Tiro meus lindos sapatos de salto doze e jogo para o lado, enquanto sinto os olhos dos trabalhadores em mim.

Saio no encalço do meu gato igual uma louca.

Hoje cedo pela manhã eu tive uma reunião com os advogados de uma emissora de *tv* que usou imagens de Antonella sem autorização e não quis perder tempo trocando de roupa antes de vir para Grayland.

Eu pretendia me transmutar em *cowgirl* assim que chegasse à fazenda, mas o papo com Mary acabou me fazendo esquecer de como minha aparência estava inadequada para o local. Agora, brigo comigo mesma porque minha saia justa de

couro vermelho na altura do joelho e blusa de seda preta são o que há de mais impróprio para uma maratona.

As pedrinhas machucam meus pés, mas eu não ligo. Só quero meu filho de volta.

Chandra ficaria orgulhosa de mim agora porque não há qualquer sinal de elegância enquanto empurro a porta do celeiro com o ombro porque ela é pesada para caramba.

Nesse instante, nem uma montanha seria capaz de me impedir de encontrar meu gato.

Mas a visão com a qual me deparo não é a que eu esperava.

Na verdade, se assemelha muito mais com um sonho erótico dos bons — aquele que nos faz acordar à noite, quente e suada.

Porque Reed Gray está de pé, vestindo um jeans mais justo do que Deus, sem camisa, com a pele molhada de suor e segurando Tarzan em seus braços.

Por um momento me distraio com a quantidade de gominhos em seu abdômen e a largura dos ombros. Me lembro que Hudson contou que ele foi um *wrestler* por anos e que a família chegou a pensar que seguiria pelo caminho das artes marciais, mas, de repente, decidiu voltar para Grayland e cuidar de suas fazendas.

Eu já havia ficado impactada com sua beleza no casamento do meu chefe, mas nada se compara à visão do homem sem camisa.

Levanto os olhos daquele corpo escandalosamente másculo e sei que fui pega

admirando-o. Sinto meu rosto esquentar.

Não importa o quanto ele seja lindo ou que seu maxilar quadrado e a boca sexy sejam um convite ao pecado.

Se por alguma razão eu resolvesse dar passos largos para uma mudança como Chandra me propôs, arriscando um relacionamento, nunca poderia ser com ele.

Reed Gray é comprometido e por tudo o que sei, está quase de casamento marcado, o que o eleva a um estado de *proibido* com letras garrafais.

Forço meus neurônios a entrarem em funcionamento, mas ainda assim, o único pensamento mais ou menos coerente que consigo formar é: meu gato é o ser mais sortudo do planeta.

Sem jeito, falo a primeira besteira que me vem à cabeça.

— O que você está fazendo com Tarzan? Esse gato é meu.

Capítulo 15

Reed

Primeiro, acho que estou tendo uma alucinação.

Vim ao celeiro me lavar antes de entrar para dar um beijo em minha avó porque estou imundo.

Tenho trabalhado para caralho e há três dias não a vejo.

Eu tirei a camisa encharcada de suor e estava pronto para entrar no banheiro do segundo andar, quando um dos bichos mais feios que eu já vi na minha vida surgiu do nada.

Não estou brincando. Ele é horroroso. A criatura é uma mistura de gato com um cachorro *Basset*: sem pelos e de perninhas curtas.

Ele deve ter entrado quando abri a porta, já que tenho certeza de que a bati depois que passei.

Mal tenho tempo de pensar a quem aquele *alien* pertence, o bicho vem direto para mim, se enroscando nas minhas pernas. De tudo o que sei sobre gatos, esse não é um comportamento muito típico.

Existem dois tipos de seres humanos: os que curtem os cachorros e os amantes dos felinos. Sou definitivamente um cara de cachorros. Tenho dois labradores e um vira-lata caolho, que resgatei, junto com Callum, de uma enchente.

Assim, em um primeiro momento, fico congelado, sem saber como agir.

Olho para baixo e o monstrinho me encara suplicante. O gato é feio demais, mesmo que em um segundo olhar, eu precise confessar que simpatizo com ele.

Quem não gosta de um fã?

Eu me abaixo e o bicho sobe com aquelas patinhas dianteiras curtas nas minhas pernas.

— De onde você surgiu, amiguinho? Tenho certeza de que me lembraria se já o tivesse visto antes.

Não vou traumatizá-lo e dizer a razão pela qual eu nunca o esqueceria, mas tenho certeza de que não é da região.

Levanto-me com ele nos braços, disposto a procurar seu dono quando a porta do celeiro se abre e a última pessoa que eu esperava ver, entra como se estivesse sendo perseguida por um assassino em série.

Dominika Wos.

Percebo vagamente que ela está falando comigo, porque sua aparência me distrai.

Ela não lembra em nada a rainha de gelo que já se tornou conhecida na mídia ou a garota sozinha e delicada cujo sono eu velei no leito do hospital.

Ou a deusa sexy que vi no casamento de Hudson — não, isso não é verdade. Ela é totalmente uma deusa nesse momento, mas de uma maneira selvagem.

Usa uma saia de couro vermelha que acho que deveria ser mais comprida, mas que subiu nas coxas, me deixando ver a pele cremosa e branca. Por um instante louco, penso como essa região pareceria se eu a mordesse bem ali.

Provavelmente eu deixaria a minha marca na carne clara.

Meu corpo reage diante da ideia, forçando o zíper do meu jeans de uma maneira dolorosa.

Ela é muito gostosa. E não é somente a beleza, mas porque vê-la assim, descabelada e suada, é como testemunhar um segredo só nosso: que a mulher perfeita pode ser também sensual quando ninguém está olhando — e agora eu me pergunto o que mais a garota esconde.

Sua cintura é fina e a camisa de seda negra delineia o formato dos peitos, que são cheios para uma pessoa tão magra. Um dos botões se abriu e quero ir até lá e puxar com as duas mãos os outros que faltam, expondo seu corpo para mim.

Eu nunca experimentei uma atração tão voraz por uma mulher.

Quando nossos olhos se encontram, noto que ela estava me verificando

também. Eu poderia fingir não ter notado, mas decido por desafiá-la, erguendo uma sobrancelha para que ela tenha certeza de que percebi.

Para meu prazer, vejo uma adorável mancha cor de rosa se espalhar por seu rosto e pescoço.

Deus, a mulher é uma contradição deliciosa.

Se eu estivesse raciocinando com clareza, a deixaria em paz, mas a verdade é que gosto do que a ninfa loira desperta em mim.

Para minha surpresa, mesmo parecendo intimidada, ela ergue o queixinho atrevido e solta.

— O que você está fazendo com Tarzan? Esse gato é meu.

Olho para a criatura nos meus braços.

Tarzan? Jesus, isso só piora a situação do felino.

Faço o meu melhor para não ofender nem a dona do bichano e nem meu novo amigo, mas é difícil segurar a vontade de rir.

— Não deveria deixá-lo solto por aí.

Minha voz soa dura não porque esteja com raiva devido ao gato fujão, mas porque não sou um cara de medir palavras.

Vejo sua autoconfiança se desfazer como em um passe de mágica.

— Sou mãe em treinamento.

— E você tem um nome, mãe em treinamento?

— Sabe quem eu sou.

— Como poderia? Nunca fomos apresentados.

Ela já estava recuando, mas depois do que eu digo, cruza os braços na altura do peito, fazendo o decote da blusa se ampliar e me pondo um pouco hipnotizado pela sombra do sutiã vermelho.

Será que há uma calcinha pequena combinando?

— Não brinque comigo, Reed Gray — diz, com o rosto lindo prenunciando uma tempestade. — Nós não fomos formalmente apresentados, mas trabalho com seu irmão há quatro anos e apareço ao lado dele constantemente na mídia.

— Não assisto televisão. Sou um *cowboy*. Nós não gostamos de meios de comunicação.

Eu não planejei flertar com ela, mas há algo na mulher que me faz querer empurrar seus limites.

— Você está zombando de mim.

Não zombando, deusa, mas provocando porque eu não consigo me parar.

— De jeito nenhum. Sou cem por cento rústico. Brincadeiras não combinam com a minha personalidade.

Ela parece tão confusa que eu recuo.

— Por que Tarzan? — pergunto.

— *Hein*?

Aponto para o gato que se encontra no meu colo.

— O amigo despelado.

— Não fale assim do meu filho.

— Ele precisa crescer conhecendo seu lugar no mundo, mãe em treinamento.

Nós três sabemos que não ganharia um concurso de beleza.

— Modere seu linguajar. Tarzan é sensível. E meu nome é Dominika, não *mãe em treinamento*. Sou hóspede da sua avó.

Perco a vontade de brincar, quando, ao olhar nos olhos dela, alguma coisa dentro de mim se liga, como uma espécie de eco do passado, mas não posso me atentar ao que é.

Sem conseguir me impedir, dou passos para perto da garota, terminando a distância entre nós.

Dominika não recua, mas seus olhos estão inquietos.

Olhos que me prendem neles.

Não dá para defini-los como verdes ou azuis, a íris é permeada de pequenas gotas de ambas as cores.

Por que me parece tão familiar somente agora que estamos próximos? Eu já a vi vezes sem conta nos meios de comunicação ao lado de Hudson, mas nunca senti nada parecido.

— Ah, *essa* Dominika — disfarço.

— Seu irmão disse que você era o único Gray bem-humorado, mas nunca que era um piadista.

— Bem-humorado, eu? Ele deve ter se confundido. Esse é o Bryce.

— Não. Bryce é o galinha. — Agora suas bochechas parecem que vão explodir. — Oh! Quero dizer, ele pode sê-lo, já que é solteiro.

Ela parece se dar conta de algo ao dizer isso e recua um passo quase

imperceptível.

— Obrigada por resgatar meu gato, mas agora já pode me devolvê-lo, Reed Gray.

— Primeiro me diga por que o nome dele é Tarzan.

— Ele adora se pendurar em cortinas, como se estivesse na selva.

— Ah…

— Mas, por ter os membros encurtados, não se sai muito bem nessas *experiências*.

Seguro uma risada.

— Então esse nome que deu a ele é uma espécie de *bullying*, mãe em treinamento.

— Não é. Eu disse que ele não se sai bem na tarefa de usar minhas cortinas como cipó, não que ele não consiga fazê-lo. Agora que já descobriu o que queria, devolva meu gato.

— *Por favor.*

Ela revira os olhos.

— Por favor, Reed.

Estou começando a lamentar de verdade entregar o gato à sua dona, porque assim que o fizer, não terei mais motivos para me manter aqui, quando, ao esticar os braços, ela grita e se abaixa.

Olhando mais de perto, vejo que seus dedos estão cobertos de sangue.

— Meus pontos abriram — diz, muito pálida. — E eu não posso ver

sangue…

Essa é sua última frase antes de cair desmaiada aos meus pés.

Capítulo 16

Dominika

Fazenda da Família Gray

Na manhã seguinte

Olho o homem enorme caminhando em minha direção na casa de hóspedes de sua avó e tento muito manter minha armadura de autoconfiança, mas depois do vexame de desmaiar aos pés dele ontem, há pouco a ser feito. Não sobrou muito

da minha dignidade.

Eu não suporto sangue e foi só olhar para os pontos abertos em meu tornozelo que apaguei.

Depois do desmaio digno de *Hollywood*, acordei nos braços de Reed, enquanto andava comigo para sua *pickup*.

Ele me disse que mandou um funcionário avisar Mary Grace, que estava à minha procura, sobre o que havia acontecido e que sua avó cuidaria de Tarzan.

Reed me levou para refazer os pontos no hospital de Grayland.

Nunca senti tanta vergonha na minha vida.

Ele não me deixou pisar no chão, me carregando no colo enquanto a cidade inteira nos observava.

Eu acho que sei a razão. Grayland é uma cidade pequena e vai gerar fofoca entre os moradores um homem noivo — e não um qualquer, mas um bilionário Gray — carregar uma estranha em seus braços.

Eu, que passei a vida preocupada com o julgamento dos outros, quis que um buraco se abrisse no chão para que eu me escondesse e tentei negociar para que ele me deixasse caminhar, mas descobri rapidamente que a teimosia e arrogância de Hudson são genéticos.

Quando voltamos, ele me trouxe direto para cá e Mary pediu que uma de suas funcionárias passasse a noite comigo, depois que a dissuadi de fazê-lo ela mesma.

Jesus, eu já *cheguei, chegando.*

O que na minha cabeça eram para ser férias discretas se transformou em um show onde eu, para meu constrangimento, sou a estrela principal.

Acordei com a funcionária de Mary Grace me avisando que Reed veio ver como eu estava, mas quando olhei para fora, ainda era noite.

Ele chegou às cinco da manhã. Quem no céu faz visita médica a essa hora?

A mulher disse que eu não precisava me levantar e que ele só passou para verificar se eu precisava de algo. Tenho muitos defeitos, mas a grosseria não é um deles, então, depois de ir pulando de um pé só até o banheiro para ver como estava minha aparência e trocar o pijama por shorts e camiseta, eu fui encontrar o neto da minha anfitriã.

E agora estamos aqui. Frente a frente.

Quando me vê pulando com dificuldade para não apoiar a perna machucada no chão, ele vem me ajudar, mas eu o paro com um erguer de mão, mesmo sabendo que devo estar ridícula bancando a orgulhosa de um pé só.

Reed Gray tem dois problemas: um efeito devastador sobre meus hormônios e a tendência a super-herói misturado com cavalheiro de armadura brilhante. Isso não seria um defeito, não fosse o fato de que ele é noivo, o que significa que pertence a outra mulher.

— Você não deveria ter se levantado sozinha — diz, sem fazer caso da minha negativa e me pegando no colo para me sentar em uma poltrona na sala.

Jesus, o homem cheira bem demais. Não é perfume e sim algo masculino. Mato com couro.

Parece que meu olfato está completamente dominado pelo seu cheiro.

— Eu sei, mas quis agradecer por ontem. Adormeci na volta e nem vi quando me colocou no quarto.

Ele está parado em frente à minha poltrona.

Reed já é enorme se eu estiver de pé, mas assim, meio que se projetando sobre mim, é como ser confrontada por um gigante.

Um lindo e muito sexy.

Pare, Dominika. Comprometido. Nunca se esqueça dessa palavra.

Seria a coisa mais estúpida do mundo que o primeiro homem a me despertar interesse seja um com um pé quase na igreja.

— De qualquer modo — me obrigo a continuar — não deveria voltar aqui.

Ele cruza os braços na frente do peito — um peito muito musculoso porque eu já vi ao vivo a carne rígida — e tudo o que consigo me concentrar é na maneira como a camisa xadrez que usa se estica em seu bíceps.

Juro por Deus que o homem é capaz de trazer maus pensamentos a uma freira.

— Por que não? — pergunta.

Ele não parece ofendido com o que eu falei e aí está a coisa boa de se lidar com *cowboys*: são homens de verdade.

Não consigo interagir com pessoas muito sensíveis porque não faço rodeios para falar.

— Porque eu cresci em uma cidade de médio porte e sei como os boatos

podem rapidamente ganhar força.

— Qual cidade? Achei que você fosse de Dallas — pergunta, desviando do assunto e me irritando.

— Achei que não sabia quem eu era, *cowboy*.

— Posso ter me informado de ontem para hoje.

Reviro os olhos e ele sorri.

Doce Senhor Jesus e todos os santos, o sorriso do homem é capaz de fazer uma estátua de mármore pegar fogo.

Apenas vá embora, tentação.

— Fort Worth — respondo.

Ele parece surpreso e eu me sinto vitoriosa, mesmo que eu saiba que estamos adentrando em um campo perigoso. Não quero que me faça perguntas sobre o meu passado.

— Por que eu não devo vir vê-la, Dominika? A que tipo de boatos estava se referindo?

É assim que quer jogar, Reed Gray?

Por mais louco que seja, já que ele me atrai demais, eu me sinto decepcionada. Reed é comprometido e nós dois sabemos a razão pela qual não deveria estar aqui.

Não tenho experiência para interpretar o que ele está fazendo como flerte, mas também não sou obtusa: por que um homem visitaria uma desconhecida pela qual não tem a menor responsabilidade, se não estivesse de algum modo

interessado?

— Porque está praticamente de casamento marcado. Se fosse meu noivo, eu não gostaria que visitasse outra mulher.

O rosto que, até então, apesar de predominantemente arrogante, se mostrara amistoso, se transmuta em uma carranca zangada.

— Sorte a sua que eu não seja seu noivo ou de qualquer outra então — responde, parecendo irritado e em seguida, vira as costas e sai.

Eu deveria ficar ofendida por me deixar plantada na sala sem se despedir, mas ainda estou presa ao que ele disse.

Ele terminou com Annamae? Quando?

E então, outro pensamento me atinge: isso muda as regras do jogo, porque Reed Gray, o homem mais sexualmente atraente que já conheci, agora tem um sinal de *siga em frente* na testa.

A pergunta é: o quão perigoso é caminhar por essa estrada?

Capítulo 17

Reed

Eu não sei o que me deixou mais puto: ser confrontado em minha atração por ela ou Dominika ter me dado um *chega para lá* por achar que eu ainda sou noivo.

A irritação durou o tempo exato de eu descer as escadas da casa de hóspedes da minha avó, porque depois que esfriei a cabeça, entendi que a deusa tinha muita razão em me mandar recuar. Ela acha que sou comprometido. Todo mundo acha — menos eu, Annamae e Mary Grace — o que me faz pegar o celular e tentar, novamente sem sucesso, falar com a minha ex-noiva.

A ligação cai direto na caixa postal e sinto vontade de jogar a porra do telefone longe. Não é possível que ela vá continuar com esse jogo ridículo de esconde-esconde.

Entro na *pickup*, sabendo que a melhor coisa que posso fazer no momento é voltar para a minha fazenda.

Na verdade, eu nem deveria ter vindo.

Acabei um relacionamento há dias e talvez não seja uma boa ideia me envolver tão rápido com alguém.

No entanto, sei o exato motivo que me fez vir vê-la tão cedo hoje: ela me atrai demais.

Em algumas das minhas separações de Annamae, que chegaram a durar semanas, eu estive com outras mulheres, mas nenhuma mexeu comigo do jeito que Dominika faz.

Quando pensava em terminar com Annamae, era por nós dois mesmo. Por não querer estar mais com ela, não por sentir vontade de ficar com outra garota.

Mas hoje, quando vi Dominika, ainda sonolenta, um pouco descabelada e deliciosa, eu dei graças a Deus por ser livre.

Não estou acostumado a sentir esse tipo de descontrole e foi essa a razão de eu ter ido embora sem dar maiores explicações após dizer que não era mais noivo.

Se alguém me perguntasse há um tempo, eu diria que a mulher que é o braço direito do meu irmão não faz o meu tipo: garota da cidade, arrumada demais.

Mas mesmo antes de tocá-la, havia qualquer coisa nela, desde que a vi pessoalmente no casamento, que me despertou — e isso piorou muito ontem, não só por sua entrada sexy no celeiro, mas pelo *depois*, quando a tive em meus

braços, desmaiada.

Percebi ao vê-la mais uma vez desacordada que ela transparece uma fragilidade que faz nascer o desejo de protegê-la. É uma necessidade que se alastra por mim.

Ligo o carro, disposto a tomar distância, nem que seja para organizar meus pensamentos. Mesmo que eu esqueça toda a minha história com Annamae, Dominika trabalha com o meu irmão e, ao que tudo indica, se tornou bem próxima da minha avó também.

Um envolvimento entre nós poderia trazer consequências bem maiores do que um homem conhecendo uma mulher. Se algo desse errado, comprometeria a situação profissional dela com Hudson.

Esses pensamentos vêm do meu lado racional, que tenta encontrar razões para ir embora, mas que perde terreno rapidamente quando ela aparece na varanda, pulando de um pé só.

Eu deveria seguir meu caminho, claro, mas me dou a desculpa de que não vou deixar que abra novamente os pontos que tomou ontem.

— Reed — chama.

Porra, ela é tão linda. Principalmente agora, sem maquiagem, de shorts e camisetinha.

Fica parada, como que me deixando decidir e eu não resisto**.**

Saio e bato a porta do carro sem saber o que vai ser daqui por diante.

— Achei que havia me mandado ir embora e não voltar.

— Não quis ser grosseira.

Paro de andar e faço menção de voltar para o veículo.

Lidei anos com uma mentirosa para aguentar jogos.

Não sou louco e não inventei em minha cabeça a eletricidade entre nós. Sei que a atração é mútua.

— Aonde você está indo?

— Embora.

— Por quê?

— Não preciso da sua delicadeza, Dominika. Não sou um cara sensível. Vim vê-la porque eu quis, não por alguma fresca regra social. Então, não se preocupe em ser uma dama comigo.

— Eu sou uma dama sulista em qualquer situação — ela diz, sorrindo e me desarma.

— Sim, você é — falo, olhando-a da cabeça aos pés.

E um tesão também — mas essa parte, eu guardo para mim.

— Esse é um defeito? Ser uma dama do sul, quero dizer.

— Depende. Se for uma do tipo que desmaia se ouvir um palavrão, sim, é um grande defeito.

— Por que você é um *cowboy* rude? — brinca, usando minhas palavras de ontem.

Deus, ela jogando charme é irresistível.

Balanço a cabeça.

O que você está fazendo, Reed Gray?

— Totalmente rude. E um cara simples também — aviso.

— Acho que a palavra simples e os homens da sua família não combinam muito, mas de qualquer modo, cheguei à conclusão de que estou muito tempo na cidade. Preciso voltar às minhas origens.

Olho para ela em dúvida.

— Não precisa mudar quem você é. Não há nada de errado com o seu jeito.

Ela dá de ombros.

— Talvez não seja uma mudança, mas um reencontro comigo mesma.

Estamos bem perto agora e ela parece quase acanhada ao falar.

— Uma pessoa a quem eu respeito muito me disse que tenho que parar de me preocupar com o que pensam de mim.

— Essa pessoa parece ser alguém muito inteligente.

— Eu não gosto de mudanças.

— Às vezes elas são necessárias. De que tipo de mudanças estamos falando, Dominika?

— Bom, quando eu vim para cá, pensei em voltar a cavalgar. Isso seria rústico o bastante, *cowboy*?

— Não tenho como negar. Só tem um problema, linda. Depois que seus pontos abriram ontem, não há a menor chance de que eu vá deixar que monte um cavalo.

— Não sabia que eu precisava de autorização.

— Isso é um desafio? — pergunto.

Eu gosto *muito* do jeito como ela me enfrenta.

— Talvez. Como poderia me vigiar se tem sua própria fazenda?

— Não poderia, mas talvez eu a punisse depois.

Merda, preciso sair daqui.

Discutir com ela me dá mais tesão do que qualquer preliminar que eu já tenha experimentado até hoje.

— Quer mesmo voltar às suas origens? — pergunto, forçando-me a me concentrar em algo mais do que puxá-la pelo cabelo e beijar a boca gostosa.

— Sim. Ao menos tentar.

— Esteja pronta às sete. Venho pegar você.

— Para quê?

— Meus empregados vão fazer uma festa na minha fazenda hoje à noite. Fogueira e dança. Nada de saltos altos, moça. Jeans são bem-vindos, no entanto.

— Não posso dançar.

— Vamos ver. De qualquer modo, há outras maneiras de me mostrar que é uma texana raiz.

— Eu sou.

— Só acredito vendo. Sete horas, Dominika. Não se atrase.

Capítulo 18

Dominika

Fazenda Ouro Velho

Horas depois

Lambo o dedo polegar depois de comer o último pedaço de *brisket*[29] do meu prato e quando levanto o rosto, percebo que Reed está com sua caneca de cerveja

a meio caminho da boca, me observando.

— O que foi?

Ele sacode a cabeça.

— Você não estava brincando quando disse que é uma texana raiz.

— Não entendi.

— Come como uma mulher de verdade, Dominika. Não fica mexendo no prato e apenas fingindo, como as garotas da cidade.

Sinto meu peito aquecer com o elogio. Na verdade, não costumo comer tanto, mas estava delicioso. Há muito tempo não experimentava algo tão saboroso e não consegui me controlar até limpar o prato.

— Isso parece um tipo de trauma — falo, brincando.

— Trauma?

— Não é a primeira vez que fala em *garotas da cidade*.

— Ah… não é trauma, só precaução.

É a minha vez de olhá-lo confusa.

— Precaução?

— Sim. Pode-se dizer muito a respeito de alguém só pelo que a pessoa come.

— É mesmo, *Freud*[30]? Elabore mais sobre isso.

Reed coloca a cerveja no chão, ao lado da cadeira em que está sentado, e cruza os braços na frente do peito.

Já percebi ser um hábito dele.

É um observador por natureza.

Estamos sob as estrelas, um pouco afastados do restante dos convidados, mas ainda conseguimos ouvir a música tocando ao fundo e também as risadas das pessoas.

Quando falou que me traria para uma festa em sua fazenda, imaginei algo pequeno — em termos de sul, claro — com no máximo duas dúzias de pessoas. Mas há quase cem reunidas e muita fartura em comida.

Ele é um homem único.

Baseado em seu histórico familiar — a fortuna dos Gray — imagina-se ser mais um fazendeiro arrogante, como tantos outros em nosso estado.

Os ricos de berço são assim. Crescem sabendo que o mundo lhes pertence.

Não me entendam mal, ele é arrogante — esse é um traço comum ao seu sobrenome, eu acho — mas também ostenta um poder que não tem qualquer relação com sua conta bancária. É dele.

Não duvido de que mesmo que fosse um lavrador, Reed Gray ainda passaria aquela segurança de quem não tem medo de nada e nem de ninguém.

Ele não grita ou é grosseiro com qualquer pessoa e mesmo que seja muito direto no que quer e pensa, percebi como seus funcionários o adoram.

— Comer é como viver a vida — continua. — Você pode fazê-lo com cautela, com medo de engordar, sem ao menos prestar atenção ao que está em seu prato ou pode se deliciar com o que lhe é oferecido, lambendo os dedos como fez agora.

De algum modo, o que ele diz me atinge em cheio porque embora tenha me

fartado e lambido os dedos hoje, sou normalmente aquela que tem medo de tudo a cada passo. Somente disfarço muito bem.

— E pensar nas consequências depois? — pergunto, mais zangada comigo mesma por não conseguir me controlar perto dele. Com Reed, eu sinto que poderia lamber os dedos todos os dias.

— O quê?

— Você falou sobre se deliciar com o que está em seu prato, mas isso pode gerar muitos quilos extras se repetido com frequência. Consequências. Já ouviu falar delas?

— Tudo na vida tem consequências, Dominika. Tanto as coisas boas quanto as ruins que nos acontecem. Mas também tem o prazer, se nos permitirmos experimentar.

Meu corpo superaquece diante de suas palavras.

Nós dois sabemos que essa conversa não tem mais nada a ver com comida.

Finjo pegar um último pedacinho de pão no meu prato e olho disfarçadamente para ele através dos meus cílios.

Estou louca para perguntar sobre o fim do noivado com Annamae, porque essa sou eu: a garota que nunca caminha por uma estrada escura sem ao menos uma pequena vela que faça enxergar o passo seguinte. Por outro lado, não quero trazer o nome da outra à tona.

Loucura ou não, já que ele não é nada meu, relembrar da ex-noiva de Reed me deixa ciumenta.

— Eu sou medrosa — confesso. — Não costumo me deixar experimentar nada. Acho que sou uma fujona.

— Fujona? Não é o que mostra para o mundo. Pela televisão, parece muito ousada. Hudson me disse que muitos homens do partido se tremem com apenas um olhar seu.

— Profissionalmente, sim. Mas estou falando da minha vida pessoal.

— Isso significa que o que o mundo vê é um personagem e não a verdadeira Dominika?

— Talvez nem eu mesma saiba quem é a verdadeira Dominika.

— E quer descobrir?

Aceno com a cabeça.

— Mas tenho medo.

— De quê?

Eu poderia recitar um dicionário inteiro de motivos, mas ele provavelmente sairia correndo.

— De perder o controle.

— Isso é ruim?

— Não sei. Você já perdeu o controle alguma vez, Reed?

— Está falando sobre explodir? Não costumo fazê-lo com frequência. Quando chego ao ponto de brigar com alguém, é porque quero brigar.

— Não. Estou falando de tudo. Não só brigas, mas qualquer emoção.

— Na época da morte dos meus pais. Eu era muito novo quando aconteceu,

mas me revoltei e fiquei um pouco descontrolado por um tempo. Mary me colocou de volta nos trilhos.

A morte dos pais dele foi um acontecimento trágico e até hoje, de vez em quando, os jornais trazem à tona o acidente de barco que dizimou os irmãos Gray — o pai e o tio de Reed.

Eu o encaro, tentando imaginá-lo como uma criança e depois um adolescente rebelde.

Sim, posso ver agressividade por baixo de sua fachada calma.

Ouço a voz de Chandra na minha cabeça: *cada um lida com a própria dor como consegue.*

— Eu sempre fui o oposto. Se algo me machuca, eu me fecho. Demonstro indiferença. Ninguém sabe que estou sofrendo — confesso.

— Isso pode gerar uma espécie de panela de pressão interna.

— Ah, não deixo chegar a esse ponto.

— Não acredito que seja algo que você possa controlar.

— Gosto de pensar que sim, porque se eu deixar essa panela de pressão ferver, não vai haver alguém para desligar o fogão e limpar toda a bagunça quando ela explodir.

Ele me olha como se estivesse me vendo pela primeira vez.

— Não sou de deixar as emoções virem à tona também. Talvez devêssemos experimentar perder o controle juntos.

Sinto frio na barriga.

— Eu não funciono assim. Até mesmo para *experimentar*, como você diz, preciso fazer um estudo completo sobre a coisa.

Ele se levanta e estica a mão para mim.

Hesito por um instante, mesmo que esteja louca para aceitá-la.

— Vem comigo, Dominika.

— Onde?

— Experimentar.

Coloco minha mão na dele.

— Não sei se consigo fazer isso.

— Tentar algo diferente?

— Não. Confiar.

— Em mim, você pode.

Estou de pé, muito perto de seu corpo e sinto o calor dele se irradiando para a minha pele, me aquecendo por dentro, me fazendo ansiar por mais.

— O que vai ser? — pergunto, insegura.

A música mudou e agora os acordes de uma canção romântica, *I Shall Believe*[31], de *Sheryl Crow*[32], se fazem ouvir pela caixa de som.

— Eu disse que a alimentaria e que também teríamos música. A experiência completa, garota da cidade.

— Você é um provocador, Reed Gray. E um dia vou mostrar que sou mais texana do que essa cerca em sua propriedade.

Ele ri e fico meio perdida observando sua boca.

Uma que está muito próxima de mim agora.

Sinto sua mão na parte baixa das minhas costas.

Reed não somente me segura, mas me puxa para si, em uma pegada firme que me rouba o fôlego, não deixando espaço entre nós.

Sinto cada músculo de seu corpo duro contra o meu e fico arrepiada de prazer.

— Não acho que consiga dançar ainda — digo, porque a Dominika medrosa em mim luta para emergir e estragar tudo.

— Suba nos meus pés. Eu vou conduzi-la. Confie em mim. Eu não vou deixar que se machuque, Dominika.

Mesmo com medo, faço o que ele manda e passo os braços por seu pescoço.

Ele se inclina mais para facilitar minha vida, já que a diferença de altura entre nós é bem grande, mesmo que eu não possa ser considerada *baixinha*.

Encosto a cabeça em seu peito e aspiro seu cheiro.

Confie em mim.

Eu gostaria muito de reaprender a confiar, mas principalmente, quero ir um passo além do que está acontecendo entre nós para ver até onde podemos chegar.

Não me decepcione, Reed — peço em silêncio — *não tem ideia de como é difícil caminhar sem luz.*

Sei que é isso o que está acontecendo agora. Nunca cheguei nem perto de uma estrada como essa.

Eu não só deixei a vela que sempre carrego comigo para trás. Estou jogando fora os fósforos que poderiam acendê-la.

Capítulo 19

Reed

Era para ser uma dança.

Nem perto da minha primeira música lenta com uma mulher em meus braços, mas aparentemente, subestimei o poder da atração que Dominika tem sobre mim.

Gosto da sensação dos pés delicados nos meus e da maneira como nossos corpos se moldam com naturalidade. Como se aquele abraço fosse uma repetição de muitos outros que demos.

— Toda vez que a tenho tão perto, sinto que já nos conhecemos — falo, antes que consiga me parar.

Ela afasta o rosto um pouquinho.

— Será? — há um *vezinho* de dúvida entre as sobrancelhas.

— Não estou falando de agora, mas do passado.

— Eu não me lembro.

— Também não tenho certeza. É só uma sensação.

Ela volta a recostar a cabeça em meu peito.

— Pode ser. Talvez isso explique por que é tão bom.

Conhecendo um pouco de Dominika agora, não acredito que tenha se dado conta do que acaba de dizer.

Talvez eu devesse fingir que não ouvi, mas eu preciso que ela se mostre mais.

— O que é tão bom? — pergunto.

Ela torna a se afastar para me olhar, mas ao invés de responder, sacode a cabeça de um lado para o outro.

— Não, o quê, linda?

— Eu não sei lidar com isso, então não jogue comigo, Reed.

De algum modo, eu acredito nela.

Quanto mais tempo passo ao seu lado, percebo a desconstrução da mulher experiente e inatingível, em uma garota doce como o nosso chá aqui do sul[33].

Dando um foda-se às consequências, subo uma das mãos e tocos os fios sedosos.

Ouço um suspiro baixinho de prazer.

Ela olha para o meu peito, mas não é isso que eu preciso, então emaranho os dedos em seus cabelos para obrigá-la a inclinar a cabeça para trás.

— Eu não estou jogando — aviso.

— Então o quê?

Só quando ouço a música cada vez mais distante é que percebo que nos afastamos do resto da festa.

Há uma árvore de tronco grosso nos protegendo dos olhares curiosos.

Baixo a cabeça e sinto a quentura da respiração dela.

— Estou mergulhando em você. E louco para provar essa boca.

Ela parece tão envergonhada, que mesmo morrendo de desejo, me aproximo devagar, roçando nossos lábios.

Mas não a beijo logo, prolongando a espera para conseguir me acalmar.

Ela me despertou uma fome irrefreável, mas, ao mesmo tempo, demonstra tanta vulnerabilidade que sinto como se estivesse segurando a joia mais preciosa em meus braços.

Cheiro sua pele e mordisco a bochecha. Uma de suas mãos desce e aperta meu ombro. O corpo, talvez inconscientemente, colando ainda mais ao meu.

Ela está trêmula e entregue.

Passo a língua em seus lábios úmidos, mas não os entreabre, como se não soubesse o que fazer.

É minha vez de me afastar para olhá-la. Seguro seu rosto com uma das mãos, passando o polegar no contorno da carne tenra.

— Isso não é um jogo, Dominika. Eu quero você.

E então, eu sei que não posso mais esperar.

Quando tomo sua boca, a despeito do meu desejo de pegar leve, me descontrolo, exigindo sua entrega, reivindicando-a.

Ainda leva alguns segundos para ceder, mas quando o faz, o beijo é apaixonado e ela se rende completamente à minha demanda.

Instintivamente, sei que sou o mais experiente entre nós dois, mas a sedução é em igual proporção.

Eu a domino com a minha boca e língua, mas ela me controla com seus gemidos e as mãos pequeninas me puxando pelos braços, como que para me impedir de me afastar.

É como ser tomado por uma febre de pura loucura.

Não importa o ontem ou o amanhã. Só a sensação da pele quente e da língua tímida dançando junto à minha.

— Eu preciso de mais do que isso — aviso, pegando-a nos braços — prenda as pernas na minha cintura.

Quando ela faz, ando até a árvore, sem interromper nosso beijo.

— Sinto tanta fome de você, menina.

Fome descreve bem o que ela me desperta. Não é só vontade de tocá-la, beijá-la ou mesmo entrar em seu corpo, mas de ficar devorando-a por horas, dias, semanas inteiras. Ter aquele cheiro de flor com fêmea, misturado em mim.

Minha língua explora cada cantinho da boca fervente, não lhe dando alternativa a não ser submergirmos juntos na luxúria.

Empurro meu corpo contra seu centro, precisando do contato, deixando-a

sentir o que faz comigo.

Quando roço nela a primeira vez, fica tensa, as mãos firmemente agarradas aos meus ombros, como se em dúvida sobre me empurrar ou trazer para mais.

Me movo novamente, dessa vez com mais lentidão, me abaixando e esfregando minha extensão na bocetinha protegida com o jeans.

— Ahhhhh….

— Isso mesmo, continue gemendo para mim. Eu posso fazer você gozar assim, *baby*. Quer isso?

— Não. Sim. Eu não sei.

Paro de beijá-la, mas aperto a carne da bunda cheia e continuo o vai e vem no vértice entre suas coxas.

Desço a boca até o decote da blusa e chupo o pedaço de pele entre os seios.

— Abra um botão para mim.

— Não.

Ao invés de discutir, mordo o mamilo duro por cima da blusa mesmo. Sua resposta é subir e descer em meu colo, buscando alívio para seu sexo, que eu não tenho dúvida, deve estar encharcado.

— Você gosta disso? — pergunto e prendo o mamilo entre os dentes.

— Eu não sei… ohhhhh….

— É claro que gosta — digo, mas não dou mais o que ela precisa.

Mudando de tática, sussurro em sua orelha.

— Quero você nua sobre mim, Dominika. Esses peitinhos lindos no meu

rosto enquanto eu meto fundo. Ouvi-la gritar meu nome enquanto goza.

— Boca suja.

Sorrio.

Ela não faz ideia.

— Não falei nenhuma mentira.

— Eu não falo palavrão.

— Não pedi para você xingar, moça — digo e mordo seu lábio inferior. — Mas vai me matar de tesão ouvi-la pedir para ir mais rápido e…

Ela pousa os dedos sobre meus lábios.

— O que eu disse sobre fazer jogos?

Encosto minha testa na dela.

— Não temos qualquer jogo aqui, Dominika. Esse sou eu. Não brinquei quando disse que era um *cowboy* rude. Não sei florear nada como os caras com quem você está acostumada.

— Que caras?

— Seus ex.

— Eu não tenho ex. É isso que estou tentando dizer. Não quero que você mude seu jeito, mas não estou acostumada a ouvir coisas *picantes*.

Seguro uma risada.

Deus, ela é fofa demais.

— Coisas *picantes*?

— Eróticas — fala e desvia os olhos.

Jesus, ela me mata com suas contradições.

Onde está a mulher que põe os jornalistas que infernizam a vida do meu irmão em seus devidos lugares?

— Do que você gosta, então?

— Não faço a menor ideia. Tenho esperança de que descubramos juntos. Eu sou virgem.

— O quê?

Acho que minha voz soa alta demais porque seu rosto se fecha.

— Me coloque no chão, por favor.

Até puta comigo ela é educada.

— Não, porque acho que se fizer isso, você vai embora.

— Vou mesmo. Sou boa em fugir. Agora me desça. Já me envergonhei o suficiente.

— Por quê?

— Eu disse a você que não faço jogos, só não sabia que iria lhe causar um infarto quando contasse que sou virgem. Não é uma grande coisa e nem espero que construa um altar em minha homenagem como uma das últimas virgens do Texas e nem nada, só queria que você soubesse por que algumas frases eróticas me chocam e…

Tomo sua boca em um beijo que é um misto de desejo e vontade de consertar as coisas entre nós.

Ela está se livrando de todas as capas e a única coisa que sei, é que eu quero

mais.

Quando nos separamos para tomar fôlego, não está mais lutando para descer e sim, recosta a cabeça em meu ombro.

— Você é muito forte.

De tudo o que eu esperava que falasse, aquilo não estava em pauta, então começo a rir.

— E você muda de assunto aleatoriamente. Nós estávamos brigando, esqueceu?

— Ah, claro. Porque você tem a boca de um marinheiro e eu sou virgem. Acabo de recordar. Coloque-me no chão, senhor.

Ignorando seu pedido, ando com ela em meus braços, me sentando em um tronco de árvore a poucos passos de nós.

— Não vou me desculpar pelas sacanagens que eu falei. Para ser honesto, aquilo não foi nem um décimo do que eu estava pensando.

Ela abre e fecha a boca algumas vezes, mas depois desiste de argumentar.

— Eu não acredito que isso vá dar certo.

— Isso o quê, princesa?

— Essa coisa entre nós. Sou virgem não porque me guardei para um príncipe encantado, mas porque, como já havia dito antes, não sou muito boa em confiar nas pessoas. Então, se acha que vai ficar comigo para uma transa de uma noite…

Outro beijo.

Dessa vez, mais selvagem que o anterior.

Eu como sua boca com minha língua.

Virgem ou não, Dominika precisa saber que não sei pegar leve quando quero algo.

— Beijos não resolvem tudo — diz, quando nos separamos para respirar — mas ajudam a embaralhar meus neurônios.

Ponho alguns fios de cabelo que caíram em seu rosto atrás de sua orelha.

— Isso é ruim?

— No meu caso, acho que não. Eu penso demais.

— Nisso eu concordo — falo, tentando disfarçar o quanto sigo chocado por ainda ser virgem.

Como é possível? Ela é linda demais.

— Quantos anos você tem?

— Sua avó não lhe ensinou que essa é a pior pergunta para se fazer a uma dama? Só perde para: quantos quilos você pesa?

Jogo a cabeça para trás, rindo.

— Você me faz sorrir muito fácil, Dominika Wos.

— Pensei que você era o Gray brincalhão.

— Há muito tempo deixei de ser, eu acho — confesso, pensando que ultimamente eu tenho tido muito pouco motivo para sorrir.

— Quase vinte e quatro — diz. — E eu sei o que está pensando. Por que virgem nessa idade?

— Não estou pensando nada disso. Ser virgem ou não é uma escolha sua.

— Então por que ficou olhando para mim como se estivesse chocado?

— Percebeu?

— Oh, pelo amor de Deus, eu lido com políticos. Se há algo que sei fazer, é ler as pessoas. Então, a resposta é sim.

— Meu espanto não tem nada a ver com você *querer* continuar virgem, mas como sendo linda, inteligente e engraçada do jeito que é, algum cara não viu isso antes e a pegou para ele.

Ela dá de ombros.

— Isso que aconteceu entre nós não é típico em minha vida. Não deixo as pessoas se aproximarem. Homens ou mulheres.

— Então, por que eu? — pergunto o óbvio.

— Porque eu não consegui controlar a atração que sinto por você — ela responde, dessa vez conseguindo me deixar mudo.

— E o que mais? — questiono para camuflar o quanto sua franqueza mexe comigo.

— A segunda coisa é que eu sabia que você não me machucaria, Reed Gray. Eu não sou só a assistente de Hudson, mas a melhor amiga dele. Seu irmão arrancaria sua cabeça se você abusasse de mim — ela fala, sorrindo.

Não consigo sorrir de volta. Sem querer, Dominika acaba de me dar uma resposta.

Ela usou palavras muito específicas: *machucar, abusar* dela.

E nesse instante, eu tenho a certeza de que a garota em meus braços já passou

pelas duas coisas.

— Quem fez isso com você, Dominika?

— O quê?

— Quem machucou você?

Ela se levanta tão rápido do meu colo que quase cai.

— Já está tarde. Preciso voltar para casa. Deixei Tarzan muito tempo sozinho.

Eu poderia insistir, mas não vou.

Ela disse que não é boa em confiar, então lhe darei tempo até que queira se abrir.

Sim, tempo.

Porque eu não vou parar até descobrir quem traiu sua confiança.

Capítulo 20

Reed

Na manhã seguinte

Dominika fez questão de se despedir de todos os meus funcionários ontem e sei que não deveria fazer isso, mas não consegui me impedir de comparar sua gentileza e educação com os maus modos de Annamae.

Cada pequena coisa nela me mostra que teve uma criação refinada.

Brincou dizendo que era uma dama sulista, mas é isso exatamente o que ela é.

Forte e doce, educada e firme ao mesmo tempo, como quando me disse que

tenho a boca suja, mas logo em seguida confessou sua atração por mim.

Virgem.

Jesus, quem poderia imaginar?

Não que eu estivesse buscando sexo casual. Esse não é o meu estilo, mas ela ser virgem traz uma responsabilidade muito maior.

Passei a noite praticamente em claro pensando no que aconteceu entre nós dois, mas a toda hora me voltava na cabeça o que ela disse sobre não confiar nas pessoas.

E de alguma maneira, eu sei que tem relação com ela não ter se entregado a um homem antes.

Quem pode ter sido?

Quem foi o bastardo que a machucou ao ponto de não se permitir a confiança suprema de entregar seu corpo a alguém?

Um ex-namorado? Um amigo? Um professor?

Porra, eu tenho que descobrir o que aconteceu.

Quando a deixei em casa, perguntei quanto tempo pretendia ficar.

Dez dias, foi sua resposta.

Isso não é nada. Menos de duas semanas, mas talvez seja o bastante para que eu descubra se essa coisa entre nós vai continuar crescendo ou se foi só uma chama acesa pelo tesão.

Mas então, as imagens dela entregue em meus braços me vêm à memória e percebo que estou mentindo para mim mesmo.

Eu nunca conheci alguém que me deixasse ligado como ela faz.

Mesmo tão cedo em nosso relacionamento, eu sei que não me cansarei do que temos.

Eu achei que meu coração estava morto depois que meu filho morreu, mas nesses últimos dias ele disparou mais do que um par de vezes, criando um ritmo novo.

E Dominika Wos é a compositora responsável por essa nova melodia.



Horas mais tarde

Ouço meu capataz falar sobre umas terras que estão à venda a noroeste do estado, mas minha mente ainda está viajando na noite de ontem e no sabor da boca da deusa loira. Fiquei distraído o dia inteiro.

Estou quase desistindo da reunião infrutífera, por minha causa, claro, quando a porta do escritório se abre de repente e sei que quem chegou é um dos meus familiares. Só eles entrariam sem esperar para serem anunciados pela secretária. Mas ainda assim fico surpreso quando vejo que é Mary Grace.

— Vó? Aconteceu alguma coisa? Eu ia passar lá na fazenda mais tarde.

Ela fica me olhando daquele exato jeito que fazia quando éramos pequenos: como se conhecesse nossos segredos obscuros e os pecados também.

— Você é que terá que me dizer, Reed.

— Não entendi.

— O que está fazendo com Dominika? Eu entendo que a sensação de ser dono do seu destino depois de anos com a mesma pessoa possa ser libertadora, mas você escolheu a garota errada se tudo o que deseja é comemorar sua solteirice.

Conto até dez em silêncio porque ela é minha avó e merece todo respeito. Se fosse qualquer outro ser humano, eu a deixaria sem resposta porque minha vida

só diz respeito a mim, mas sei que Mary tomou como determinação divina a tarefa de cuidar de nós cinco e que só quer o nosso bem.

— Achei que me conhecesse melhor, dona Mary. Não sou do tipo que comemora estar solteiro *ciscando* por aí. Mesmo se fosse o caso e que a mulher com quem eu estiver não seja uma que eu queira para sempre comigo, nunca a trataria como uma distração.

— É uma forma bonita de dizer que não quer compromisso, meu filho, mas ainda assim, no frigir dos ovos, o resultado é o mesmo. Nunca me meti na vida de vocês além do necessário, mas se quer um conselho, resolva sua história com Annamae, antes de começar qualquer coisa com Dominika.

Deus, os boatos se espalham muito rápido nas fazendas.

— Vó, eu não tenho nada para resolver com Annamae, além de comunicar o fim do nosso relacionamento aos pais dela. Do jeito que está falando, parece até que eu a estou trapaceando.

— Sei que você não faria isso, Reed. Nunca serei aquela que dirá que meus netos são santos, mas tenho certeza de que não trairia sua ex-noiva. Porém, há duas coisas que quero que pense: se esse é realmente um fim definitivo entre vocês e…

— É. Dou minha palavra de que nada do que ela fizer ou disser fará com que eu mude de ideia. Não sobrou sequer carinho entre nós, vó. Não quero ser desleal, mas eu não consigo nem ouvir a voz dela.

— Tudo bem, eu já entendi. Agora vamos à segunda questão. Superado o fato

de que você nunca mais voltará para sua ex-noiva, já pensou no que poderá acontecer se o que existe entre você e Dominika der errado? Se a machucar? Hudson tem essa menina não só como funcionária, mas amiga também — diz, repetindo quase as palavras exatas de Dominika ontem. — Não estou preparada para ver mais dois dos meus netos brigando.

Tiro o chapéu e mexo no cabelo. Conversar sobre minha vida íntima me incomoda demais.

— Eu não estou *brincando* com ela, *comemorando* minha solteirice ou qualquer coisa que a senhora esteja pensando. Vai parecer loucura o que vou falar, mas sinto como se já a conhecesse. Como se não fosse a primeira vez que nos encontramos.

— É possível. Ela me disse que a família é de Fort Worth.

— Não estou falando sobre familiares, mas dela somente, vó. Talvez eu não devesse seguir adiante com isso porque aparentemente somos muito diferentes um do outro, mas Dominika me faz sentir algo que eu nunca experimentei e quero ir atrás disso para descobrir o que é.

— Não a magoe, Reed. Ela parece ser segura, mas pelas conversas que já tivemos, não passa de uma menina.

— Eu quero conhecê-la melhor, Mary. Não posso dizer o que vai acontecer no futuro. Se a vida fosse tão fácil de se prever, a essa altura eu já estaria casado com Annamae e, no entanto, aqui estou.

— Certo, só vou falar uma última coisa. Não a exponha pela cidade. Nós dois

sabemos que você é livre, mas o resto de Grayland e seus irmãos, não. Seria injusto que julgassem Dominika uma destruidora de relacionamentos.

— Pode deixar. E se Annamae não der as caras, vou mandar um detetive atrás dela.

— Acho que não precisará ir tão longe. Seus ex-sogros estão para visitar a propriedade deles em Grayland por esses dias, pelo que ouvi falar. Talvez eles possam lhe dizer onde a filha está.

— Essa foi a melhor notícia que a senhora poderia ter me dado. Assim que eles chegarem, eu os procurarei.

— Sim, pergunte onde Annamae se encontra, mas não pode falar sobre o fim da relação sem que ela também esteja presente, Reed. Seria uma desconsideração. Quando vocês decidiram se comprometer, as famílias foram comunicadas pelos dois. Para se oficializar o rompimento, você e Annamae têm que estar frente a frente com os pais dela também.

Capítulo 21

Dominika

Grayland

Dois dias depois

— A cidade está crescendo — Mary Grace diz, enquanto passamos de carro pelas ruas de Grayland.

Nós viemos procurar umas velas perfumadas que ela quer comprar. Aparentemente, a loja acabou de abrir.

Após seu comentário, olho à nossa volta e não consigo enxergar qualquer

crescimento, mas não quero parecer arrogante. Estive apenas duas vezes em Grayland, mas para mim ela ainda parece uma cidade pequena. Uma espécie de extensão das terras dos Gray.

E por falar em Gray, gostaria de saber o que Mary está pensando sobre meu relacionamento com o neto. Ela é educada demais para perguntar, mas já a vi me observando como se estivesse prestes a dizer alguma coisa e na última hora, recuasse.

Certo, não há um *relacionamento* no sentido formal da palavra, mas ela e também os funcionários, tenho certeza de que percebem que Reed está constantemente em sua casa de hóspedes.

Será que a matriarca aprova?

Estou desrespeitando-a ao me envolver com o neto dela sendo sua hóspede?

Eu não planejei Reed Gray na minha vida, mas também não quero desistir dele.

— Está muito quieta hoje — diz.

— *Hum*… pensando somente. Deve ser muito bom crescer em uma cidade pequena e com todo mundo se conhecendo.

— Mas você disse que nasceu em Fort Worth. Lá não é como Grayland, mas também não é tão grande como Houston e Dallas. As pessoas devem se conhecer, não é?

— Sim, de um certo modo… — respondo, começando a suar frio. A última coisa que desejo é falar dos meus parentes. Como dizer que meus pais se

achavam a realeza da cidade e não permitiam que brincássemos com qualquer criança, a não ser que fosse de uma família de poder aquisitivo igual ao deles?

— Vovó Mary, se não se importa, enquanto vai ver as velas de que me falou, vou dar um pulo na livraria. Foi lançado um livro que estou querendo há tempos e quem sabe não o encontro lá?

Ela me dá um olhar meio cômico.

— Tudo bem, minha filha, mas não vá esperando muito — diz, enquanto dá a seta para estacionar em frente à pequena loja que eu indiquei que gostaria de visitar. — A maioria dos livros daqui é de autoajuda. A não ser que seja isso o que está procurando.

— Não, na verdade é um romance de fantasia.

— Certo. Boa sorte em suas compras. Quer alguma vela para levar para sua casa?

— Não, obrigada. Eu comprei algumas no último Natal e nem cheguei a usar.

— Eu nunca me canso de velas perfumadas. Principalmente as com cheiro de canela. — Ela me dá adeus, enquanto abro a porta e desço — Passo para buscá-la depois.

Caminho para a livraria, parcialmente satisfeita por ter conseguido executar bem a manobra de escapar do assunto que me desagrada — minha família.

Mas há outra parte em mim, entretanto, que está envergonhada porque mais uma vez eu fugi emocionalmente. Como se ao não pensar neles, deixassem de existir. O que sei que não é verdade.

Observo as prateleiras da loja modesta.

Mary tinha razão: é muito improvável que eu encontre um lançamento aqui, por outro lado, achei alguns livros de culinária com receitas típicas do sul que quero tentar fazer.

Quando eu era pequena eu achava que seria uma *chef* de cozinha, mas essa foi apenas uma outra paixão que eu sufoquei. Mas depois da experiência com Reed e seu *brisket* no outro dia, minha vontade de voltar a cozinhar foi despertada.

Em Dallas, eu compro tudo congelado porque nunca vi sentido em cozinhar só para mim, mas talvez essa seja mais uma mudança necessária em minha vida.

Pego um livro com receitas de pães e biscoitos e fico com a boca cheia de água quando vejo como se faz *buttermilk biscuits*[34]. Enquanto leio atenta o passo a passo do pãozinho, escuto vozes de duas mulheres perto da caixa registradora.

Levanto a cabeça e noto que uma é a dona da loja que me recebeu há pouco. A senhora me olhou de cima a baixo como se eu fosse um extraterrestre e percebi que estava louca para saber tudo a meu respeito, mas me mantive calada, cortando o assunto de maneira educada.

A outra é uma loira muito arrumada e ostentando uma bolsa *Hermès*[35], *Birkin*, que sei que não custa menos nove mil dólares e que tem uma fila de espera de três anos para ser adquirida[36]. Como sei disso? Porque sou dona de uma.

Ninguém precisa me dizer que, apesar de se conhecerem, elas pertencem a

classes sociais diferentes. Talvez tenham até sido amigas na adolescência, mas hoje em dia fica óbvio que a simbologia de cada uma de um lado do balcão não é somente por uma ser cliente e a outra, comerciante, mas porque suas vidas não se cruzam mais.

A loira arrumada não parece propositadamente arrogante, mas ostenta aquela típica condescendência dos sulistas muito ricos ao lidarem com a classe menos privilegiada — um sorriso que não alcança os olhos, como se a sua interlocutora devesse ficar muito satisfeita por ser alvo da atenção dela.

Deus abençoe você. Tenha um bom dia. Gostei muito do seu corte de cabelo.

Palavras aparentemente gentis, mas ditas de forma automática e sem interesse real na pessoa a quem elas se dirigem.

A bondade superficial tão típica dessa parte do país.

Já ia começar a me afastar das duas, quando ouço a dona da loja dizer.

— Então, quer dizer que Annamae já se decidiu pelo vestido?

Congelo no lugar.

Qual é a chance de existirem duas *Annamae* em uma cidade do tamanho de Grayland?

Quando olho para elas, a dona da loja conversa com a loira, mas me encara, como se estivesse falando comigo.

— Ah, sim. Minha filha me telefonou durante nosso cruzeiro, contando a novidade. Aparentemente, ela e Reed, depois de anos adiando o enlace, finalmente decidiram não esperar mais para dizer o *sim* diante de Deus.

Provavelmente porque querem muitos bebês.

Essa não é uma conversa casual. A dona da loja tocou no assunto de propósito para me mandar um recado.

Como eu imaginara, Reed ter me carregado no colo para o hospital gerou comentários.

Tal qual uma masoquista, fico ouvindo mais um pouco, na ilusão de que não estejam falando da mesma pessoa, mas então a mulher bonita joga a pá de cal que faltava.

— O casamento será na fazenda Ouro Velho. Não sei o que deu na minha filha, mas aparentemente a festa de Hudson e Antonella a inspirou.

— E por falar em Hudson…

Coloco o livro que estou segurando de volta na prateleira, sentindo meu corpo inteiro tremer.

Saio da loja sem me despedir, mesmo sabendo que estou sendo indelicada.

Em uma outra situação, eu manteria meu rosto inexpressivo enquanto passava por ambas as mulheres, mas descobri que quando se trata de Reed, o que mais tenho dentro de mim são emoções e elas no momento, estão me sufocando ao ponto de quase me fazerem chorar.

Capítulo 22

Dominika

Meia horas depois

Tento manter a expressão neutra enquanto Mary dirige de volta para sua fazenda, mas por dentro, estou arrasada.

Não acredito que eu caí em um jogo tão estúpido. Ele me enganou direitinho.

O que será que pensou? Que seria divertido passar uns dias com uma garota da cidade enquanto a noiva viaja? Uma espécie de despedida de solteiro sem precisar sair de casa?

Sinto meu estômago revirar.

Pego meu celular para colocar meu plano em ação. Tenho que ir embora sem

que Mary desconfie que minha partida súbita tem alguma relação com o neto dela.

Finjo mexer na tela e depois de alguns segundos, falo.

— Eu acabei de receber uma mensagem. Preciso voltar a Dallas.

Ela tira os olhos da estrada por um instante. Há vários motoristas à disposição na fazenda, mas a matriarca Gray faz questão de dirigir. Apesar disso, noto o carro com os seguranças atrás de nós.

Sei que foi uma briga feia entre ela e Hudson até que o neto conseguisse convencê-la de que precisava de escolta por causa da campanha política e provavelmente nos próximos anos também, já que as ameaças contra a vida do governador são bem reais. A maior prova disso foi o atentado que sofremos.

— Ah, que pena, mas você não chegou a ficar uma semana!

— Pois é. Eu estava adorando essas férias inesperadas.

Sinto a garganta trancar.

Mais do que *adorando*. Não me lembro de ter passado dias melhores depois dos meus quinze anos.

Não, talvez nem antes dos meus quinze anos, porque naquela época, eu não sabia como é sentir o coração quase pulando do peito como ele tem feito desde a noite da festa na fazenda.

— Vai telefonar para Reed?

— Não vejo necessidade. Mando uma mensagem depois.

Sinto seus olhos em mim e dou graças a Deus por estar de óculos escuros.

— Tem certeza disso?

— Sim. Não há nada de urgente que eu precise falar com ele.



Minutos depois

Sei que estou fugindo. Por tudo o que aprendi na terapia até hoje, deveria esperar para confrontá-lo, mas eu não sou tão corajosa assim.

O que ele poderia me dizer? No meu mundo, traição é indesculpável. Já

passei por isso com as pessoas que eu mais amava. Não a aceitarei de um homem, não importa o quanto ele faça meu coração disparar.

Eu mereço mais do que ser uma distração, a opção dois na vida de alguém. A reserva.

Enquanto dirijo de volta para casa, depois de juntar minhas coisas na velocidade de um raio, tento fazer o impossível para me concentrar no fato de que Hudson venceu as eleições e que teremos um novo universo se descortinando à frente, mas não consigo.

Eu sempre fui boa em esvaziar a mente do que me machuca, mas acho que isso era porque eu nunca havia me permitido sentir emoções antes.

A toda hora voltam as imagens do que vivemos nesses últimos dias.

O quão patética eu posso ser por acreditar que um cara que está com uma mulher desde a adolescência simplesmente terminaria um relacionamento de uma hora para outra?

Ingênua ou idiota. Talvez um pouco de cada.

A falta de experiência está cobrando seu preço.

Mas apesar da minha primeira tentativa de viver fora da caixa não ter sido muito bem-sucedida, acabo de decidir que não vou recuar.

Independente de ter sido enganada, minha história com Reed serviu para me mostrar que ainda estou respirando.

Dou seta e entro com o carro no acostamento.

Olho para Tarzan. Ele está bem acomodado dentro de sua gaiola, mas me

observa confuso, como se não estivesse entendendo nada.

— Estávamos nos divertindo, não é? Mas aquela não é nossa vida, filho. Vamos encontrar nosso próprio caminho — prometo.

Olho para a estrada movimentada pelos caminhões. Todos apressados e tão indiferentes. Sobrevivendo e não vivendo. Logo percebo que poderia ser uma analogia da minha história.

Um dia após o outro. Uma existência vazia baseada em medo.

Não mais.

Os poucos dias que passei com Reed podem ter destroçado meu coração depois do que descobri hoje, mas me deram também a certeza de que não vou mais passar a vida como carona. Vou ser a motorista do meu destino.

Chegou a hora de embarcar em uma viagem para confrontar meus medos.

Primeira parada: a casa dos meus pais.

Pego o celular e noto minha mão tremer enquanto completo a chamada para o último número que pensei que ligaria novamente.

Eu sei de cabeça o telefone de todos os membros da minha família. Não é a primeira vez que penso em ligar para os meus pais, mas no último instante, acabo recuando.

Hoje, irei até o fim.

Chandra tem razão. Enquanto eu não os confrontar com o que aconteceu, carregarei para sempre essa dor comigo.

O celular chama algumas vezes antes que uma voz extremamente educada,

mas muito distante, o atenda.

— Mãe, sou eu, Dominika.

Silêncio.

Quase nove anos de ausência e sou recebida com silêncio.

Incrivelmente não é isso o que me machuca, mas a maneira que ela fala quando enfim me responde.

— Dominika, como vai você? Não estava esperando que me ligasse mais.

Já li algumas pessoas dizerem que tiveram a sensação de levar uma facada no coração quando atingidas por uma mágoa muito grande, mas nunca consegui entender muito bem aquela expressão. Agora, no entanto, é assim que estou me sentindo.

Como se minhas entranhas estivessem sendo atingidas por um objeto pontiagudo e extremamente doloroso.

Eu poderia me desculpar e desligar o telefone, mas foi assim que vivi os primeiros quinze anos da minha vida: me desculpando por existir. Por ser tão diferente daquela família perfeita.

— Só isso, mãe? Depois de tudo, é só isso o que tem a me dizer?

Uma pausa e então a milionária nascida em berço de ouro volta a falar.

— Claro que não. Há muito mais a ser dito — completa e não acredito em suas palavras.

Na verdade, acabo de me dar conta de que não temos qualquer assunto para tratar, mas não vou recuar como uma covarde.

— Se é assim, então almoce comigo — peço.

— *Não é um bom momento. Sara está grávida novamente. Mas podemos combinar algo no próximo mês.*

Respiro com dificuldade. Uma dor de cabeça forte me atingindo.

— Tudo bem — digo e as palavras arranham minha garganta. — Eu volto a lhe telefonar.

Encerro a ligação e apoio a testa no volante, finalmente deixando as lágrimas escaparem.

Capítulo 23

Reed

Fazenda Família Gray

Horas depois

— Se estiver mesmo disposta a continuar a viagem rumo às suas origens, esteja preparada hoje, menina da cidade.

Enquanto entro na casa de hóspedes da minha avó, tento controlar a maneira

como meu coração esmurra meu peito. A certeza de que vou vê-la, fazendo minha pulsação disparar.

Tem sido assim nos últimos dias.

Um *conhecer* à moda antiga.

Depois daquela primeira noite em minha fazenda, dei uma puxada no freio. Estou indo mais devagar e deixando que ela se acostume comigo.

Beijos mais profundos, carícias por cima da roupa, ensinando-a a me tocar. A cada dia, ela parece mais confiante, respondendo com um desejo cru quando falo em seu ouvido o que quero fazer com ela quando a tiver nua em meus braços.

Merda, essa não é uma boa maneira de começar nosso encontro — com uma enorme ereção forçando o jeans.

Tenho uma cesta de piquenique com tudo o que uma dama como ela poderia gostar — sim, eu entrei em um site cheio de frescura sobre gestos românticos porque ainda que eu tenha vivido um longo relacionamento, só agora percebo, há muita coisa que nunca experimentei.

Quando entro na casa, no entanto, não é minha deusa loira que eu encontro, mas Abilene, a funcionária que a minha avó colocou à disposição de Dominika.

A mulher parece sem jeito quando me vê.

Nem passou pela minha cabeça bater depois desses dias juntos.

— Dona Dominika não está, senhor Reed.

— Eu achei que ela e minha avó já haviam chegado de Grayland.

— Sim, senhor, elas voltaram, mas logo depois dona Dominika fez as malas e

foi embora.

Olho em volta da sala sem conseguir acreditar.

Pego meu celular no automático, para ver se há alguma mensagem, mas só então me lembro de que nem trocamos número.

Não tivemos tempo para nada.

Não cheguei nem à página cinco com ela e aparentemente, Dominika fechou o livro na minha cara.



Fazenda Rio Selvagem[37]

Três semanas depois

Hoje faz vinte e um dias que Dominika foi embora sem sequer se despedir.

Sem um adeus, nada.

Apenas disse à minha avó que precisava voltar para Dallas com urgência.

Eu poderia pedir seu número à Mary, mas o orgulho não me deixa.

Além do mais, não sou do tipo que fala ao telefone, mas olho no olho.

Será que ela chegou à conclusão de que a *volta às suas origens*, como chamou, não foi a experiência agradável que pensara?

Provavelmente.

Ou então brincar de moça do interior perdeu a graça.

Ando com o humor próximo aos círculos do inferno. Ora querendo ir atrás dela e esclarecer o que diabos aconteceu, ora pensando que foi melhor assim — já que não somos só opostos, mas desiguais.

A Dominika que ficou uns dias aqui não é a real. Eu vi a verdadeira em ação ao lado de Hudson nos últimos anos, embora fosse pela mídia.

Chega. Ficar remoendo essa história não vai mudar nada. Preciso me focar no que está transformando minha vida em um inferno no momento: Annamae.

Como se a situação já não fosse uma merda completa, os pais dela, se vieram

a Grayland, foram embora no mesmo dia porque quando fui atrás deles na propriedade que ainda mantêm aqui, já não estavam mais.

Quando liguei, falando que precisa conversar com a filha deles e que ela não estava respondendo meus telefonemas, Randolph agiu com a condescendência com a qual sempre tratou minha ex, como se fosse uma menina e não uma mulher. Disse que talvez ela estivesse precisando ficar um tempo sozinha.

O que significa que tive que assumir a ridícula tarefa de colocar um detetive particular atrás da minha ex-noiva.

Pedi a Callum que me indicasse alguém, já que ele usou os serviços de um há alguns anos quando teve problemas com um vizinho que tentou invadir suas terras. Meu primo mandou que uma investigação fosse feita pela polícia e quando não conseguiu qualquer resultado, tomou o problema nas mãos. Até onde eu sei, o homem que lhe prestou serviço é excelente e talvez possa me ajudar também.

Mas eu não vou contar a meu primo que preciso do detetive para ir atrás de Annamae, porque além de ser patético que eu esteja perseguindo minha ex-noiva, Mary estava certa ao dizer que, no dia em que todos souberem que terminamos, isso deve ser contado por nós dois. Nossas famílias são muito conhecidas e não quero que fiquem especulando sobre nossas vidas.

— Você está a milhas de distância daqui, Reed — Callum acusa.

— Não. Prestei atenção a tudo o que falou.

— E o que eu falei?

— Sobre a tal agência de casamentos[38]. Ainda acho uma loucura. Tem certeza do que está fazendo?

Se há uma coisa a ser dita sobre a família Gray é que, tirando o segundo casamento de Hudson com Antonella, nós não somos bons em escolher mulheres para nos relacionarmos.

— Não, mas não vejo outro caminho e não volto atrás com a minha palavra[39].

— Eu entendo isso, Callum, mas nós estamos falando de um elo eterno porque envolve filhos. Não é algo que você poderá desfazer se achar que não deu certo.

Meu primo se mantém em silêncio e sei que talvez seja porque ele é ainda mais difícil de se abrir do que Hudson.

— Vai fingir que eu não estou aqui? — pergunto.

— Eu já disse o que eu tinha que dizer. Minha decisão foi tomada e por todos os lados que olho, é a única solução possível.

— Claro que não, cacete. E quanto a conhecer uma boa mulher pelas vias normais, convidá-la para sair e deixar a natureza seguir seu rumo?

— Na minha natureza, mando eu. E sei exatamente qual rumo quero seguir: uma linha reta, sem percalços. Você mais do que ninguém deveria me apoiar nessa decisão.

Eu estava me preparando para desmontar do cavalo, mas depois do que falou, paro.

— O que isso significa? — indago.

— Nada.

Mas eu sei o que ele quis dizer. Ninguém da minha família é a favor do meu relacionamento com Annamae e não é de hoje. Callum é somente o menos sutil em demonstrar isso.

— Não, agora que começou, termine — insisto, porque quero ouvir uma opinião de maneira direta, uma vez que seja. Minha avó sempre deixa tudo nas entrelinhas e meus irmãos simplesmente evitam minha ex-noiva como a peste negra.

Não que Annamae tenha feito qualquer coisa para ser querida. Nem aos almoços de domingo, que são tão importantes para a minha avó, ela comparecia.

— Você sabe do que estou falando. Se acha normal se casar sem amor, por que comigo teria que ser diferente?

— Eu conheço Annamae desde pequena, mas você está planejando um relacionamento a longo prazo com uma estranha.

Meu senso de lealdade com ela não me permite dar razão a Callum ou confirmar que não a amo.

— Uma estranha que será cuidadosamente avaliada antes. Não tem como dar errado — diz.

— Eu não vou mais insistir. Você é um homem adulto, Callum e deve saber o que está fazendo.

— Não sou louco. Analisarei a candidata com seriedade. Por que acha que

ainda não levei qualquer uma das que me foram apresentadas a sério?

Pela primeira vez, sorrio.

— Por que não eram bonitas o suficiente?

— Não. Todas as que a agência pré-selecionou eram bem lindas, mas eu não estou só atrás de beleza. Já tivemos uma prova na família de que beleza somente não basta.

Provavelmente ele está se referindo a Evelyn, a primeira mulher do meu irmão. Ela é o maior exemplo de que beleza exterior e interior não têm qualquer relação.

— Se a ideia era me fazer pensar duas vezes sobre me casar, Reed, me lembrar da existência de Evelyn foi uma ótima estratégia — ele diz, enquanto entrega o cavalo a um dos seus empregados.

— Não é nada disso. Eu acredito em casamento.

— Na instituição, você quer dizer. Porque se me disser que acredita que as pessoas devem estar apaixonadas para se casarem, então precisa terminar com Annamae para ontem.

Ele está certo. O que não sabe, é que foi exatamente o que fiz.

— Sim, na instituição. Não penso que o amor possa durar.

Isso não é mentira. Acredito que as pessoas fiquem juntas por amizade, mas a paixão do início do relacionamento não dura. Entretanto, considerando o quão tóxico havia se tornado meu noivado com Annamae, encontrar alguém sexualmente compatível e com quem eu possa manter uma relação de amizade já

me parece um excelente começo.

— Não se preocupe comigo, Reed. Não sou louco. Tomarei cuidado antes de escolher alguém para ser a mãe dos meus filhos.

— Eu só quero que você pense que a promessa que fez a seu pai não deve ser o sacrifício de sua felicidade. Tenho certeza de que não era isso que ele tinha em mente quando lhe disse que queria descendentes.

— Eu nunca vou me apaixonar, Reed. Amor requer confiança e não me imagino acreditando tanto em uma mulher ao ponto de entregar meu coração. Meu amor ficará reservado para os meus filhos.

— Isso significa que você não me ama, então? — brinco, fingindo sofrer.

Depois que Hudson e Callum brigaram, nós nos tornamos muito próximos. Eu nunca acreditei que ele havia traído meu irmão.

— No seu caso é diferente. Você é feio demais para que eu possa amá-lo.



Fazenda Ouro Velho

No dia seguinte

Desligo o celular e fico olhando a paisagem fora da minha janela. Está feito. O homem me prometeu que encontrará Annamae. Assim que eu descobrir onde

ela está, vou resolver essa merda de uma vez por todas.

Mas não é somente isso que está preenchendo meus pensamentos no momento, porque decidi que, tão logo o mundo todo saiba que não estou mais comprometido, vou atrás dela.

Dominika Wos.

Eu não acho que já tenhamos explorado todas as possibilidades entre nós e se ela já teve o bastante, terá que me dizer isso cara a cara, porque eu sei que ainda quero muito mais.

Capítulo 24

Dominika

Dallas

Quatro meses depois

— E então eu decidi que ao invés de liberar a verba para a criação de mais uma secretaria vou…

Não é a primeira vez que eu escuto sem ouvir o que meu chefe e governador

do estado do Texas fala.

Não é proposital, eu apenas não consigo ficar mais tão atenta quanto antes.

— O que está acontecendo? — pergunta, ao me ver calada.

— Não sei do que está falando.

— Claro que sabe. Você está aqui, mas não está. E então, vai me contar a verdade ou agora que sou governador não sirvo mais para o cargo de melhor amigo?

— Não diga besteira. Você sempre será meu melhor amigo.

— Sabe que para sermos melhores amigos são necessárias confidências, né? É uma espécie de regra.

— Olhem só, ele faz piadas depois que virou marido e pai.

— Efeito Antonella.

— Não tenho a menor dúvida.

— E então?

— É tanta coisa que nem sei por onde começar.

Talvez me faça bem conversar com alguém além da minha terapeuta, apesar de que de maneira alguma pretendo contar que o maior dos meus problemas agora é tentar esquecer Reed.

Mais de quatro meses se passaram e ninguém falou nada sobre casamento. Se há uma coisa que os Gray sabem fazer, é festa, mas não chegou até mim qualquer assunto sobre a organização do enlace dele com Annamae.

Não que eu esteja pesquisando sobre isso. Bem ao contrário: quando qualquer

coisa sobre Grayland é falado, dou um jeito de sair de perto.

Outro dia, Jaxson, que assumiu o antigo cargo de Hudson como *CEO* da *Gray Oil*, disse que eu estava convidada para o festival do queijo em sua fazenda, mas eu arrumei bem depressa uma desculpa para não comparecer.

Sim, eu sei que fazia parte do meu acordo com a terapeuta não fugir quando algo me assusta, mas sou muito boa nessa coisa de fechar portas e esquecer o que há por trás delas, de modo que a única maneira que consigo lidar com a forma como ele me enganou é fingindo que aquilo não aconteceu.

Eu nem fui ao hospital quando Dante nasceu, em pleno dia da posse[40], para não ter que encontrar com ele.

No tumulto que se seguiu no processo de Antonella dar à luz, bastou nossos olhares se cruzarem por um instante e meu coração disparou de maneira dolorosa — o que me mostrou que ainda não estou curada da atração que sinto por ele.

A intensidade com que Reed me olhou me deu vontade de chorar. Lamentar pelo que nem chegamos a ser.

Quando voltei para Dallas, tentei descobrir com Antonella se sabia de alguma coisa sobre o casamento de Reed e ela disse que não, mas que esperava que o cunhado colocasse a cabeça no lugar e terminasse tudo antes que fosse tarde demais — o que acabou por ser a resposta que eu precisava.

Ainda há um compromisso entre eles sim.

Mary continua me telefonando e mais de uma vez, me convidou para os almoços de domingo e embora eu saiba que não poderei fugir para sempre,

enquanto eu puder evitar, vou fazer.

Dar de cara com Reed e Annamae juntos não é uma coisa pela qual eu anseie.

— Acabamos de encerrar o expediente. Me dê um minuto — Hudson diz.

Ele digita algo no celular e depois torna a se concentrar em mim.

— Não tem que ir para casa? Dante e Antonella o esperam.

— Mandei uma mensagem para minha esposa agora. Ela entendeu que nesse momento você precisa de mim.

— Preciso?

— Sim, precisa. Do mesmo modo como já precisei de você diversas vezes antes.

Sorrio para ele.

— Sem querer soar repetitiva, mas Antonella entrar em seu mundo foi a melhor coisa que poderia ter lhe acontecido.

— Eu sei. E também sei que não a merecia, mas Deus achou que valia a pena me dar uma segunda chance. Mas chega de falar de mim. Você disse que tem muita coisa acontecendo, mas a verdade é que sempre me deixou no escuro.

Sinto meu coração apertar.

Por que não posso ser como uma pessoa normal e aceitar que os amigos gostam de mim de verdade?

Mas a resposta vem imediatamente.

Por medo da rejeição.

— Tudo bem, eu vou tentar contar, mas não sei se consigo trazer tudo à tona

hoje. Lembra que eu falei que não me relaciono bem com a minha família?

— Lembro que me contou que não fala com eles desde seus quinze anos. Isso não é *não se relacionar bem*, mas abandono parental.

Eu sei que ele está certo. Conheço todos os termos técnicos de cor e salteado.

— Houve uma razão para aquilo acontecer. — Respiro fundo para criar coragem. — Meu relacionamento com meus pais nunca foi bom. Sabe aqueles quadros em que há um monte de ovelhas brancas e uma negra no meio? Eu era a colorida.

— Não sei se entendi.

— Eu era diferente deles, Hudson. Para ser sincera, não sei quando me dei conta disso. Acho que muito pequena ainda. Talvez, se eu fosse filha única, não destoasse tanto, mas havia Sara, linda e perfeita.

— Você é linda e perfeita também — ele diz — a não ser pelo fato de não falar palavrão.

— Antonella fala?

— Não com muita frequência, mas se for necessário e… — ele deixa no ar, escondendo um sorriso de gato que comeu o canário[41] e sei que o que quer que tenha lembrado, foi algo que o deixou feliz.

— Informação demais, chefe.

— Foi você quem perguntou. De qualquer modo, o que estou querendo dizer é que convivemos há mais de quatro anos, Dominika. Não há nada de errado com seu jeito e se houvesse, eu saberia porque sou crítico para caralho.

Reviro os olhos.

Definitivamente a boca suja é um traço familiar.

— Continue falando sobre sua família — pede.

— Eu nunca me adequei ao que eles esperavam. À exceção da minha avó e da minha tia, ninguém parecia notar minha existência.

— Eles que perderam, Dominika. Não há amiga mais leal do que você.

Sorrio, sem jeito porque não sei lidar muito bem com elogios.

— Quando eu tinha quinze anos, o homem que é marido de Sara me atacou.

— O quê?

— Eu poderia tentar enfeitar as coisas, mas se quer saber o real motivo que fez com que minha família me abandonasse à minha própria sorte, foi esse. Jameson Wiley, o marido da minha irmã, entrou na minha suíte quando eu tinha quinze anos e me atacou.

Ele se levanta e consigo ver a ira em seu rosto.

— E como diabos isso pode ter feito sua família lhe abandonar?

— Eu me defendi. Bati na cabeça dele com um peso de Natal e minha irmã mentiu em seu depoimento à polícia. Disse que eles estavam juntos na nossa casa e que eu de repente surtei e ataquei seu noivo.

— Como ela pôde fazer uma coisa dessas?

— Ela me odeia, eu acho. Sempre me odiou.

— Por quê?

— Não tenho resposta para isso.

— Tudo bem. Vamos esquecer o fato de que sua irmã é uma filha da puta. Você era menor. Onde estavam seus pais que não a defenderam?

— Eles acreditaram nela. Sara era a filha perfeita, não cometia erros. Ela e Jameson eram o casal queridinho de Fort Worth.

— Não muda o fato de que você era uma criança.

— Sim, mas como meu advogado na época disse…

— Advogado?

— Contratado pela minha falecida tia, a irmã da minha mãe. Ela foi a única pessoa a acreditar em mim.

Eu revelo tudo sem chorar. Já não tenho mais lágrimas para aquela história. Não há como doer mais do que já doeu.

— Pelo amor de Deus! — ele diz, andando como se estivesse prestes a agredir alguém. — Isso parece um filme de terror.

— Já passou, Hudson. Eu superei.

— Passou coisa nenhuma. O que aconteceu depois? Você foi presa?

— Não.

Sei o que ele está pensando: mesmo que eu tivesse sido, meu processo seria lacrado porque eu era menor de idade na época.

— Mas disse que não esteve com sua família desde os quinze anos.

— Sim, mas eles nunca me mandariam para a cadeia. O juiz deu uma alternativa mais interessante, que meus pais não hesitaram em aceitar. Eles queriam preservar o nome da família de um escândalo.

— E que alternativa foi essa?

— Me enviaram para uma clínica psiquiátrica. Uma instituição paga e exclusiva para os muito ricos, mas ainda assim, um lugar ao qual eu não merecia ir. Lembra de quando eu lhe contei que um ex-namorado morreu de overdose[42]? Não era um ex, mas um amigo. Ele foi internado na mesma época e o responsável por eu não enlouquecer realmente nos dois anos em que fiquei naquela clínica.

— Quero bater em alguém, quebrar alguma coisa — ele fala, perdendo o controle como poucas vezes eu vi.

— Eu não falava com meus pais desde então, mas minha psicóloga disse que já havia passado da hora de confrontá-los, assim, há alguns meses, resolvi ligar para a minha mãe.

— E o que aconteceu?

— Ela disse que não poderia me ver porque Sara estava grávida novamente.

— Dominika…

— Está tudo bem. Por favor, não sinta pena de mim. Eu odiaria isso. Eu superei, Hudson.

— Ele merece ser punido.

— Eu sei, mas não vai acontecer. Quanto ao que lhe contei, não se preocupe que nunca chegará ao conhecimento público. Meus arquivos são lacrados, mas mais importante do que isso: minha família nunca traria essa história à tona. Eles odeiam escândalos.

— Não dou a mínima para escândalo. Você foi a vítima de um doente que continua vivendo a vida como se nada tivesse acontecido, enquanto você pagou por um crime que não cometeu. E é por isso que tem andado tão dispersa, por mais essa rejeição da sua mãe?

Ele não mede palavras, apesar de eu ter certeza de que não disse aquilo para me magoar.

— Acho que sim. Minha psicóloga tem conversado comigo sobre parar de esconder meu *eu* verdadeiro e isso está gerando um conflito na minha cabeça.

— Foi por essa razão que mudou a cor do cabelo?

— Não mudei. Essa é a cor real. Meu cabelo sempre foi assim, mas quando saí da… *hum*… clínica, eu quis me reinventar. Aparentemente não deu tão certo quanto eu imaginara. Continuo sendo a mesma idiota esperançosa.

Ele se ajoelha à minha frente.

— O que aconteceu com você é fodido de uma maneira que eu nem consigo expressar, mas não muda o fato de que é uma profissional inacreditavelmente competente. Eu nunca teria chegado a governador sem sua orientação. Ter recebido você pela indicação de seu professor foi a melhor coisa que poderia ter acontecido para minha carreira.

— Eu não duvido de mim profissionalmente, mas como pessoa.

— Por quê? Você é um ser humano lindo, Dominika.

— Tenho medo de nunca ser o bastante para alguém.

— Acredite quando eu digo que o homem que a tiver como mulher será um

maldito sortudo. Nunca deixe que a convençam do contrário. Jamais aceite menos do que você merece.

Capítulo 25

Dominika

Uma hora depois

Eu terminei a conversa com Hudson esgotada, mas estranhamente aliviada também.

Jamais pensei que seria capaz de me abrir com alguém que não fosse Chandra ou Richard e com ambos, não foi uma confissão espontânea, mas por força das circunstâncias.

Em nossas sessões, ela me diz que o progresso na análise é mais ou menos como quando fazemos fisioterapia: não é facilmente notado, mas somente após um longo período de reabilitação.

Talvez seja verdade porque eu me sinto muito mais forte do que há alguns meses.

A Dominika do passado nunca teria coragem de aceitar a oferta de compartilhar que Hudson me fez, ainda mais com alguém como ele.

A verdade é que eu não o enxergo como o resto do mundo o faz. Somente quem é próximo a ele: a família, sua esposa e até mesmo a cunhada, Luna[43], com quem no começo ele não se deu muito bem, sabem que por trás da imagem do bilionário arrogante há um coração enorme. Um homem capaz de fazer qualquer coisa para proteger a família.

Olho minha imagem no espelho do banheiro e sorrio ao lembrar do que ele falou do meu cabelo.

Eu resolvi deixá-lo crescer além um pouco de como usava no ombro e também decidi que não vou mais escurecê-lo.

Depois do que Chandra me disse sobre minha aparência não ter sido responsável por Jameson me atacar, fui pesquisar na *internet* e percebi que é normal vítimas de violência, principalmente a sexual, se questionarem sobre ter alguma culpa pelo comportamento do doente que as agrediu.

Antes, eu empurrava o que acontecera para o fundo da mente, mas agora tenho lido muito a respeito.

Jameson roubou minha adolescência. Não vou permitir que ele também destrua minha vida adulta. Está na hora de viver um pouquinho.

Eu recebi um convite para ir à inauguração de uma boate daqui a algumas semanas e decidi ir.

Se há uma tradução melhor do que essa para *sair da zona de conforto*, desconheço.

Eu nem faço ideia de como me comportar nesses lugares.

É de um amigo de Hudson, Beau Carmouche-LeBlanc[44], um milionário da Louisiana, dono de diversas boates espalhadas no país. Essa será sua primeira em Dallas, no entanto.

Saio do elevador mais otimista, pensando que finalmente estou conseguindo me mover pela estrada da vida, ainda que em passos curtos.

Mas eu mal tenho tempo de aproveitar a sensação, porque ela é substituída por uma mais primitiva: o medo.

Um fio de suor desce pela minha coluna e uma certeza me atinge: não estou sozinha aqui. Há mais alguém na garagem.

Destranco meu carro e corro o mais depressa que posso. Sem sequer fechar o cinto de segurança, dou a partida e saio a toda.



Minutos mais tarde

Tranco a porta de casa com o coração aos pulos.

Assim que me certifico de que meu alarme está ligado, pego o celular e ligo para a pessoa que pode me ajudar.

Ele atende no primeiro toque.

— Eu acho que estou sendo seguida. Provavelmente vigiada.

— *Dominika, o que aconteceu, filha?* — Richard pergunta do outro lado da

linha.

— Me desculpe por telefonar tão tarde, mas preciso que coloque novamente aquele detetive atrás de Jameson.

— *Por quê? Você o viu?*

— Não, mas tive a sensação de que fui seguida do estacionamento até em casa.

— *Por que acredita nisso?*

— Hoje é sexta- feira. Hudson sempre vai à sede da *Gray Oil* nesse dia. Ficamos mais tarde do que o previsto e acho que quando fui para a garagem pegar meu carro, tinha alguém me observando. Eu não tenho certeza, mas foi uma sensação assustadora. Chame de instinto de sobrevivência, mas de algum modo, sei que não estava sozinha.

— *As câmeras do seu apartamento estão ligadas?*

— Sim. Não é com a minha casa que estou preocupada.

— *Com o que, então?*

— Se foi mesmo Jameson quem me seguiu, só há uma maneira dele ter descoberto que eu não estaria na sede do governo em Austin[45] hoje: ele sabe a minha rotina. E só teria conhecimento disso se estivesse me acompanhando há meses.

— *Talvez tenha chegado a hora de pararmos de nos defender e começarmos a contra-atacar.*

— Do que está falando?

— *O que Jameson mais preza?*

Não preciso pensar.

— A reputação diante da sociedade. Até mesmo a ordem de restrição ele conseguiu que fosse mantida em sigilo. Mas ameaçá-lo em relação a isso seria impossível. Eu não posso ficar no meio de um escândalo porque atingiria Hudson.

— *Acontece que Jameson não tem certeza de até onde você iria para se defender. Precisamos descobrir se é ele mesmo quem a está seguindo e se for esse o caso, ameaçar expô-lo.*

— Como? Começo a acreditar que o ódio dele por mim é maior do que o medo de deixar a máscara cair diante do mundo.

— *Não. Eu conheço esse tipo de homem. Ele é um covarde. Lobo em pele de cordeiro. Gosta de ser visto como um bom rapaz. A única coisa que não entendo é por que, depois de tantos anos, voltou a persegui-la.*

— Eu liguei para minha mãe há uns meses.

— *Filha…*

Eu sei o que ele pensa, mas não diz: se eles quisessem saber de mim, já teriam vindo à minha procura há tempos.

— Não se preocupe. Ela não quis me ver. Só contei porque talvez possa ter alguma relação.

Ele fica em silêncio — que nesse caso é mais significativo do que se falasse. Eu sei que despreza minha família.

— Tudo bem. Vamos pensar no que fazer. Você está certa. Vou acionar novamente aquele detetive particular que utilizamos da primeira vez. Enquanto isso, procure se manter protegida. Se quer minha opinião, vou voltar à velha questão de que você deveria contratar seguranças.

— Já tivemos essa conversa.

— Eu sei e juro que a entendo, mas fico preocupado.

— Eu vou me cuidar.

— Acredito, mas de qualquer forma, me ligue sempre que chegar em casa. Pode fazer isso e deixar seu velho tio mais tranquilo?

— Posso sim. Boa noite.

Desligo o telefone e volto a conferir todas as trancas.

Tarzan está no chão me encarando com olhos interrogativos, como que entendendo meu medo.

Sento-me ao seu lado e lhe acaricio a cabecinha.

— Precisamos ficar atentos, filho. Vamos proteger um ao outro, tudo bem?

Ele mia e eu quero acreditar que acabamos de fechar um acordo, porque no final das contas, somos só nós dois.

Capítulo 26

Reed

Fazenda Império Gray

Dois dias depois

Ainda não consigo acreditar.

Depois de meses incomunicável, Annamae apareceu na minha fazenda como se nada tivesse acontecido.

Eu estava a caminho da casa da minha avó para o almoço de domingo e temendo que ela fosse sumir de novo, a trouxe comigo.

Assim que a refeição terminar, vou chamar meus irmãos e Mary e com todos reunidos, comunicar oficialmente o rompimento.

Eu jamais voltei atrás com minha palavra, mas me arrependi de ter prometido à minha avó que não abriria a verdade nem para os rapazes enquanto Annamae não fosse encontrada.

Não tenho a menor ilusão de que ela voltou espontaneamente, mas sim porque o detetive a encontrou e mandou um portador com uma singela mensagem minha: ou ela voltava ou eu iria sozinho falar com os pais dela.

Isso desagradaria Mary, mas estou vivendo um inferno durante meses e mais do que disposto a jogar tudo para o alto.

A situação beiraria o cômico, se não fosse a minha vida que tivesse ficado em suspenso por tanto tempo.

Sem precisar pedir a ninguém, eu consegui o telefone de Dominika. Não foi fácil, já que ela determinou junto à companhia telefônica que não fosse divulgado. Poderia ter pedido aos meus irmãos, Antonella ou mesmo Becca, mas isso geraria perguntas e talvez, uma situação desconfortável para ela.

Mas antes que eu me decidisse a ligar, nos encontramos no dia da posse de Hudson e ela fugiu de mim.

Sem sequer um *oi*.

Ela nem ao menos foi ao hospital quando Antonella entrou em trabalho de parto — o que deixou bem claro o quanto não quer contato comigo.

Se não apoiou meu irmão em um momento como aquele, somente para não

ficar perto de mim, talvez eu tenha imaginado mais do que existia entre nós dois.

A coisa é que eu não sou um desistente e não vou sossegar enquanto não conversarmos. Dessa vez, no entanto, quero fazer tudo direito, quando não houver mais laços, nem mesmo perante as famílias, entre mim e a minha ex-noiva.

— Vamos sair da casa da minha avó, direto para encontrar seus pais.

— Estamos há meses sem nos ver e você só tem isso a me dizer?

Jesus, tem tanta coisa passando pela minha cabeça agora que eu nem sei como responder ao que falou.

— Vamos esclarecer algo: você não vai vencer dessa vez, Annamae. Não existe nada que possa me contar que me fará mudar de ideia. Eu não vou me casar ou mesmo namorar mais você, não importa os planos loucos que tenha feito na sua cabeça.

— Reed, o que aconteceu? Parece até que me odeia!

Olho para a mulher que conheço praticamente a metade da minha vida e não consigo enxergar nada além de uma estranha.

— Nós não temos mais o que conversar. O que eu tinha para lhe dizer, eu fiz meses atrás quando você tomou a atitude ridícula de fugir.

— Eu não fugi. Estava em um *spa*.

Fecho os olhos, tentando controlar a raiva.

— Eu não me importo onde você estava, mas não tinha o direito de jogar com a vida das pessoas dessa maneira. Não tem consideração por ninguém além de si

mesma. Só não acabei com sua farsa diante dos seus pais porque acatei o pedido da minha avó. Por mim, eu nunca mais voltava a vê-la.

— Contou à Mary Grace?

— Sim. Agora se puder parar de falar, eu agradeço.

Ela me olha como se, pela primeira vez, entendesse que minha decisão é definitiva.

— Eu não quero entrar lá — diz, apontando para a casa de vovó.

— Ah, você não vai fugir novamente. Essa mentira acaba hoje. Depois, se quiser pode passar um ano no Timor Leste que eu não dou a mínima, mas essa tarde minha família inteira vai saber que tudo entre nós acabou.

Desço do carro e vou abrir a porta para ela, que ainda hesita.

— Não me teste, Annamae. Se for preciso eu compro um mês inteiro da edição do *Dallas News* para anunciar o fim do nosso noivado, mas eu juro por Deus que não passa de hoje.

— Você não faria algo assim.

Não respondo e depois de um tempo nos encarando em silêncio, ela sai do carro.



Uma hora depois

Eu sabia que havia uma grande chance de que levá-la à casa da minha avó poderia dar merda, mas nada comparado ao que aconteceu.

Olho sem acreditar no que estou vendo.

Callum trouxe a namorada, Mackenzie[46], para conhecer o resto da família e Annamae, depois de atacá-la verbalmente algumas vezes, acaba de encharcar a

menina de cerveja[47].

— Nossa, como você é estabanada, *Marcelle*. — Ouço a cínica da minha ex-noiva dizer, trocando de propósito o nome da garota. — Veja o estado da sua roupa.

Todo mundo fica em silêncio e eu, com ódio dela.

Mary parece prestes a desmaiar de tanta vergonha. Minha avó é famosa por sua hospitalidade e imagino como esteja constrangida por ver uma convidada ser atacada por Annamae.

Como ela teve coragem de ofender vovó daquele jeito?

— Eu entendo que de onde você vem não há reuniões sociais como essa, mas… — Ela deixa a frase no ar.

A menina está de cabeça baixa, olhando a própria roupa.

— Reed, afaste sua noiva de Mackenzie antes que eu me esqueça de que ela é mulher. — A voz de Callum soa alta. — Tire suas garras postiças da minha namorada, Annamae. Não dirija a palavra a ela ou se aproxime novamente.

— Foi culpa dela! — ainda argumenta porque não tem mesmo a menor noção.

— Chega, Annamae. Vamos embora.

Quando saímos da casa, ela fica parada ao lado do veículo.

— Entre no carro.

— Eu vou buscar o meu na sua fazenda e sigo você.

— Não. Você vai entrar na porra do carro e nós iremos direto para Dallas falar

com seus pais.

— Como sabe que eles estão lá? — pergunta, finalmente acatando minha ordem.

— Porque tenho alguém vigiando sua família. Assim que o detetive a encontrasse eu resolveria nossa situação e não queria dar chance para qualquer outro *mal-entendido* — falo, dando ênfase à última palavra.

— Eu não joguei cerveja na tal Mackenzie de propósito, Reed — diz, como se o único problema entre nós fosse esse. — A culpa é do seu primo Callum por trazer alguém da laia dela, que não sabe se comportar em sociedade, para conviver conosco.

— Assuma o que você faz ao menos uma vez na vida, porra! — digo, batendo no volante — E o que quer dizer com alguém *da laia* dela? Mackenzie tem mais classe em um único fio de cabelo do que você, que se considera tão superior.

— Não fiz nada demais, Reed. Por que sempre pensa o pior de mim?

Porque você é um ser humano horrível.

— Não importa mais, Annamae, apenas fique em silêncio. Vamos fazer essa tortura mútua acabar o mais depressa possível.

— Não sei do que está falando. Não é tortura alguma ficar ao seu lado. Eu te amo.

Eu juro por Deus que vou ter um lugar privilegiado no céu quando eu morrer. Conviver com ela limpa a folha de pecados de qualquer um.

Dirijo em silêncio, talvez correndo um pouco mais do que o necessário, mas

eu só quero acabar logo com isso.

— Você não falou com a sua família. — Ela ainda tenta.

— Minha avó conversará com eles depois.



Dallas

Eu acho que nunca cheguei a Dallas tão rápido em minha vida. Não somente

pela ânsia de me afastar dela, mas porque rever Annamae, fez explodir a necessidade de ir encontrar Dominika depois.

Eu sufoquei esse desejo por tempo demais.

Ela terá ao menos que me dizer por que foi embora sem se despedir.

No começo, eu fiquei puto. Ser rejeitado não é agradável, mas agora me pergunto se não peguei muito pesado, naquela primeira festa em meu rancho.

Ela não é só virgem, mas pelo que falou, inexperiente em um relacionamento homem-mulher.

E depois de ser confrontado com o passado e ter que encarar minha ex por algumas poucas horas, eu percebo que o que Dominika me faz sentir não é algo que eu vá encontrar acidentalmente na próxima esquina.

— Avise a seus pais que nós estamos chegando.

Ela continua emburrada. Será que pensa que ainda tem alguma chance de que eu vá mudar de ideia?

Provavelmente sim.

Estou começando a acreditar que ela não é normal.

— Não estou brincando. Avise a seus pais que nós estamos chegando, Annamae.

Ela completa a ligação.

— Mamãe, eu e Reed estamos na entrada de sua casa.

Karen responde algo que não consigo ouvir e quando estaciono, após passar pelos seguranças na guarita, minha ex sai do carro, batendo a porta.

Não me importo com a grosseria. Será a última, ao menos comigo.

— Reed, que coisa boa tê-lo conosco! — Karen diz, descendo as escadas na frente da casa, como se tivesse me visto ontem.

Ela não se parece com a filha no agir, mas não posso deixar de julgá-la.

Não tenho dúvidas de que boa parte do que Annamae é, tem a ver com sua personalidade, mas a criação conta muito também. Se vovó não existisse em nossas vidas, há uma grande chance de que eu, meus irmãos e primo tivéssemos nos tornado incontroláveis. Mary, no entanto, sempre nos manteve no cabresto no que diz respeito a regras sociais.

Se quebrávamos uma vidraça em casa, ela nos colocava para prestar pequenos serviços na fazenda até que cobríssemos o valor do que havia sido danificado.

Randolph vem logo atrás.

— Reed, há quanto tempo, rapaz!

— Karen, Randolph, como estão? Não pretendo demorar, então será que podemos entrar e conversar por um instante?

Foda-se a diplomacia. Não ficarei aqui um segundo a mais do que o necessário.



Meia hora depois

— Vocês têm certeza disso, meus filhos? — Karen pergunta.

— Não quero ser grosseiro, mas nós já havíamos terminado antes mesmo de sua filha sair nessas *férias prolongadas*, vamos dizer assim. Não há mais nada para ser conversado a respeito. Só estou dando uma satisfação a vocês dois porque nossas famílias se conhecem há muito tempo e minha avó me pediu que esperasse Annamae voltar.

— Reed — minha ex-noiva chama, quando eu me levanto — talvez baste que entremos em uma terapia de casal.

Olho de seus pais para ela, lamentando que esteja fazendo aquilo, mas sei que ou falo a verdade ou todos ficarão sempre achando que há alguma chance de voltarmos.

— Nós não somos mais um casal.

— Sempre seremos um — ela diz, chorosa.

— Não mesmo. Esperava não precisar dizer isso na frente dos seus pais, mas eu não a amo mais. Adeus. Não se preocupem em me levar até a porta.

De relance, vejo Randolph se levantar para consolá-la.

— Você tem outra. Só pode ser isso — minha ex acusa.

Volto-me para encará-la, pensando se devo responder. Talvez aquilo pusesse uma pedra em definitivo em suas esperanças, já que, aparentemente, eu ter dito na frente de sua família que não a amo não foi suficiente.

Não, eu não preciso dar satisfação da minha vida a qualquer um.

— Boa noite — me despeço de todos e de ninguém ao mesmo tempo.

Entro em meu carro, sentindo como se tivesse removido um edifício das costas.

Pela primeira vez em anos, eu consigo respirar.

Agora, definitivamente, acabou.

Em seguida, tomo uma decisão. Não vou voltar para Grayland sem falar com Dominika antes.

Capítulo 27

Dominika

Dallas

Naquela mesma noite

Estou deitada com Tarzan em meu peito, pensando para onde posso ir nas próximas férias.

Europa, África do Sul, Austrália?

Ou talvez algum país do Oriente Médio?

Quem sabe, ao invés de desejar um *cowboy* que nunca vai ser meu, eu deva procurar um *Sheik*?

Começo a rir do pensamento e meu gato levanta a cabeça para me olhar, certamente incomodado pelo movimento do subir e descer do meu peito.

— Desculpe-me, amigo. É que sua mãe às vezes divaga além do permitido.

Olho o relógio na mesinha de cabeceira e tento me controlar para não levantar e conferir as trancas mais uma vez. Tenho sido mais cautelosa do que o normal, depois de acreditar que fui seguida na garagem, mas não quero voltar ao tempo em que eu mal pregava o olho durante a noite, achando que alguém invadiria minha casa para me machucar.

— E então, Tarzan, o que acha? Vou ou não conferir novamente se as portas estão fechadas?

Antes que uma improvável resposta venha dele, meu celular toca.

Número *desconhecido*, não *oculto*. Se fosse o caso, não atenderia.

Na verdade, se eu recebesse essa ligação durante a semana, é certo que a ignoraria, mas fico pensando: e se for Richard? E se ele passou mal e algum estranho o socorreu e ele lhe deu meu número para que entrasse em contato comigo?

Antes que minha mente continue em seus *loopings* infinitos de medo e dúvida, pego o aparelho.

— Alô.

— *Dominika.*

Uma única palavra e minha pele se arrepia na hora.

— Reed?

— *Sim, sou eu. Estou em Dallas. Precisamos conversar.*

Levo alguns segundos para acalmar as batidas do meu coração, me esforçando para recordar o porquê de eu ter ido embora da fazenda.

Deus, bastou uma simples troca de palavras com ele e foi como se o vácuo de mais de quatro meses que nos separam de nosso último encontro nunca tivesse acontecido.

— Discordo. O que eu acho é que deveria estar fazendo companhia à sua noiva.

Não dou a mínima se estou me expondo, desde que ele não pense que vai novamente enganar a burra inexperiente aqui.

— *Que noiva?*

— Eu não sei o sobrenome, mas acredito que o primeiro seja Annamae? — digo, me fazendo de desentendida.

— *Como eu falei para você antes que fugisse de mim, eu não estou noivo, mas me recuso a conversar sobre isso por telefone.*

— Conversar sobre o quê?

— *Sobre nós dois.*

— Não há nada para ser dito.

— *Uma vez você me disse que era uma fujona. É também uma mentirosa?*

— Eu não sou mentirosa. Pode dizer o mesmo?

— *Cuidado. Eu quero você, Dominika Wos. Estou louco para beijar essa boca, mas nunca mais repita o que acabou de dizer ou estamos terminados.*

Ele parece tão sério, honrado e verdadeiramente ofendido que fico com vergonha por ter dito aquilo.

— Estamos falando há dois minutos e já brigamos, Reed. Como disse antes, não acho que tenhamos nada mais para conversar.

— *Brigamos porque você me ofendeu. Não admito que duvidem de mim e estou esperando seu pedido de desculpas.*

— Então me responda uma coisa: jura pela vida da sua avó que quando ficamos juntos na fazenda não havia mais noivado algum?

— *Juro. Eu não sou um traidor, Dominika. Quando fiquei com você, eu era um homem livre e ainda sou. Há mais nessa história, no entanto, e se quiser saber de tudo, terá que aceitar me encontrar. Caso sua resposta seja não, eu a deixarei em paz para sempre.*

Nunca mais vê-lo.

Posso fazer isso sem nem ao menos lhe dar uma chance de se explicar?

Não preciso pensar muito a respeito. Se fechar essa porta, como costumo fazer com tudo o que me assusta, vou me arrepender para o resto da vida.

— Tudo bem. Me desculpe por insinuar que mentiu. Vou ouvir o que tem a me dizer, mas não o deixarei vir aqui na minha casa.

Pressinto mais do que ouço sua risada.

— *Por que não?*

— *Huh*… porque está bagunçada.

— *Mentirosa.*

— Não me provoque, Gray.

— *Passo aí em dez minutos para buscá-la.*

— Como sabe meu endereço?

— *Como sei seu telefone?* — ele devolve ao invés de me responder.

Normalmente, eu preferiria ir no meu carro para poder escapar na hora em que desejasse, mas sei que Reed nunca me machucaria.

Fisicamente, ao menos — uma voz avisa.

— Impossível. Meia hora é o mais rápido que posso me aprontar.

— *Você vai aparecer mesmo?*

— Lembre-se: sou fujona, não mentirosa.



Olho pela milésima vez no espelho.

Eu bati todos os meus recordes de velocidade, mesmo tendo trocado de roupa três vezes.

No fim, decidi por jeans e uma jaqueta de couro cor de rosa, já que está bem fresquinho essa noite.

Não estou usando nada além de rímel e gloss e deixei os cabelos soltos.

Deus, eu me sinto como uma adolescente esperando o primeiro namorado. Só há duas coisas erradas nessa história: sou uma mulher e Reed, infelizmente, não é nada meu.

Ainda não parei para analisar o que ele disse sobre não ter mentido para mim,

apesar de, depois de ouvir de sua boca, acreditar nele.

Então, o que aconteceu naquele dia na livraria?

Antes que a insegurança torne a me alcançar, meu celular acende com uma mensagem.

***Reed**: "Estou em frente ao seu prédio."*

Ah, sim, eu gravei o número dele, somente para o caso disso entre nós…

Não pense, Dominika. Um dia de cada vez.

Me despeço de Tarzan, mas antes de sair, confiro se todas as portas e janelas estão trancadas e em seguida, ligo o alarme.

O elevador parece descer mais rápido do que o habitual e minhas pernas têm a consistência de gelatina.

Quando chego no térreo, ando devagar, indo ao encontro dele, enquanto tento respirar como um ser humano normal. Não seria nada bonito desmaiar aos pés do homem de novo.

Agora só o vidro da porta nos separa, mas nenhum de nós se move.

Provavelmente estamos sendo observados pela segurança do edifício e também pelo porteiro, mas eu não me importo.

Não consigo parar de olhá-lo.

Ele veio atrás de mim.

Depois da maneira como nos separamos, ele mesmo assim veio atrás de mim.

Seguro a maçaneta, os olhos ainda fixos nele.

Está com uma camisa xadrez dobrada quase até os cotovelos, o abençoado jeans e botas. Sem chapéu, no entanto, deixando o cabelo louro escuro e todo bagunçado, à mostra.

Os olhos verdes me observam da mesma maneira que fizeram quando ficamos juntos em Grayland: famintos e urgentes, pondo meu corpo em chamas.

Quando finalmente abro a porta, a intensidade da atração que me puxa para ele é tão forte, que dou um passo para trás.

Estou nervosa e custo a notar que ele me oferece um buquê de flores.

É a primeira vez que ganho um e logo de quem.

Meu rosto esquenta, enquanto me aproximo para aceitá-lo.

— Não sabia que vendem flores a essa hora.

Ele me dá aquele sorriso lindo.

— Tudo o que se precisa é ter os contatos certos.

Abraço as rosas vermelhas e sinto o perfume.

— Obrigada.

— Eu nunca fiz isso antes. Espero ter escolhido as flores perfeitas. A dona da loja me disse também que pela cor, podemos demonstrar nossas intenções.

— E quais são as suas?

— Terá que descobrir, garota da cidade — ele fala e em seguida, me puxa para junto do seu corpo.

A boca se aproxima da minha, mas no último segundo, desvia para a

bochecha. Os lábios quentes tocam quase de maneira imperceptível a minha pele.

— Temos que sair daqui.

— Por quê?

— Você ainda não está pronta para a resposta.

Capítulo 28

Reed

Abro a porta do carro para ela e depois que se acomoda e fecha o cinto de segurança, tomo meu lugar.

Não dou a partida. Ao invés disso, fico observando-a.

Jesus, como é linda. Ainda mais do que eu me lembrava.

O cabelo parece mais claro e apesar de não entender muito dessas coisas, acho que combina mais.

— Por que está me olhando assim?

— Porque eu não consigo me parar.

— Não diga essas coisas.

— Por que não, se é verdade? Acreditaria se eu falasse que tinha prometido pegar leve?

— Prometido a quem?

— A mim mesmo.

— Você não está pegando leve.

— Onde eu errei? Nas flores?

— Não. As flores foram perfeitas, Reed.

— Então o que eu fiz de errado?

— Nada de errado, mas está me encarando como se quisesse que eu fosse o recheio do seu sanduíche.

Sorrio e estico o braço para tocar a bochecha dela.

— Talvez eu seja ruim nisso de pegar leve, então. Eu senti sua falta, princesa.

— Então por que não veio antes?

— Queria que eu viesse?

— Não sei. Acho que sim, mas só se me dissesse que o que eu ouvi na livraria era mentira.

— E o que você ouviu na livraria?

— A mãe de Annamae dizer que vocês ainda estavam noivos.

Puta merda!

— Ela achou que estávamos.

— E não era verdade?

— Não, mas não vamos conversar aqui. Quer ir a um restaurante ou ao meu apartamento?

— Restaurante — responde, um pouco rápido demais.

— Tudo bem.

Começo a dirigir e sinto seus olhos em mim.

— Eu também falhei no trato comigo mesma.

— Que tipo de trato?

— Não chegar a menos de cinco metros de você.

— Por que pensou que eu estava noivo?

— Sim.

— Eu nunca faria isso, Dominika.

— Acredito em sua palavra, mas não conheço você direito. Fiquei com medo.

— De quê?

— Da maneira como embaralha meus neurônios.

— Não quero que tenha medo de mim, mas gosto da ideia de embaralhar seus neurônios.

— Por quê?

— Você faz perguntas demais.

— Sou curiosa.

— Não. Quer tentar se proteger. Mas o que eu disse na fazenda ainda está valendo. Não vou machucá-la.

Estaciono em frente ao restaurante e desço do carro, mas quando o *valet* tenta abrir a porta para ela, me adianto.

— Minha garota, eu cuido.

O homem dá dois passos para trás, mas não parece muito surpreso, o que me

diz que ele deve ser da região.

— Você soou como um homem das cavernas agora, *cowboy*.

Não me passa despercebido que ela não negou que é a minha garota.

— Totalmente, princesa.

Apoio a mão na parte baixa das costas dela.

— Nunca fui a um encontro. — Solta, assim que entramos. — Não é engraçado? Já frequentei os melhores restaurantes do país, mas nunca sozinha com um rapaz.

A *hostess* nos guia até a mesa e puxo a cadeira para ela se sentar, mas ao invés de ficar à sua frente, escolho a de quina.

— Por quê?

— Longa história, mas primeiro vamos conversar sobre o que estamos fazendo aqui. Eu quero ouvir o motivo pelo qual a mãe de Annamae ainda pensava que estavam noivos.

Eu sei que ela tem todo direito, mas só de lembrar da minha ex, já é suficiente para me fazer perder o apetite.

— Quer pedir um vinho?

— Por que não cerveja?

— Beberia cerveja?

— Não. Eu odeio, mas achei engraçado assumir que eu pediria vinho.

— Parece combinar mais com você.

— Eu não bebo, mas pode pedir sua cerveja.

Depois que o garçom sai com os pedidos, ela volta ao assunto.

— Não sei por qual razão veio me procurar, Reed, mas eu juro que não vou me encontrar com você outra vez se não me explicar por que a mãe de Annamae pensava que vocês ainda estavam noivos.

— Está com fome?

— Não, mas comeria um doce.

O garçom serve as bebidas e eu peço mais um tempo para nos decidirmos sobre o pedido.

— Eu terminei com Annamae antes que você fosse para a fazenda, mas ela fugiu no dia seguinte e só voltou ao país hoje pela manhã.

Ela olha para mim com a mesma expressão que, eu tenho certeza, qualquer pessoa normal faria, porque até mesmo contar aquilo em voz alta soa ridículo.

— Onde ela esteve esse tempo todo?

— Escondida na Grécia.

— Jesus! — Mas ela se recupera rápido. — De qualquer modo, vocês estavam terminados. Por que ninguém sabia disso?

— No começo, eu quis fazer tudo direito. Quando você chegou na fazenda, Annamae só estava desaparecida há poucos dias. Eu nunca imaginei que ela sumiria por tanto tempo.

— Mas qual era o problema?

— Minha avó parece moderna, mas não é. Ela queria que eu comunicasse o fim do nosso relacionamento aos pais de Annamae somente quando minha ex-

noiva estivesse presente.

— Meu Deus, Mary deve me odiar.

— Não, ela gosta muito de você, mas estava com medo de que saísse machucada dessa história.

— Por quê?

— Porque nós já havíamos terminado antes e depois voltamos.

— Então como pode saber que agora é definitivo? Por causa da atração entre nós?

— Não. Eu já não a queria antes, mas… havia algo que aconteceu no passado que me fazia sentir culpado em deixá-la.

Ela me olha por um tempo.

— E o que mudou?

— Eu. Não poderia ficar com ela e fazer nós dois infelizes.

— Eu não sei o que dizer.

— Não vim aqui esperando uma resposta definitiva sua, mas para que não feche a porta entre nós dois, como fez antes.

— Resposta definitiva para quê?

— Sobre um relacionamento. Quero conhecê-la melhor, Dominika. Sem empecilhos dessa vez.

— Eu sou bem problemática, Reed. Muito além do que você possa imaginar.

Estico a mão e agarro a dela.

— Nada que vale a pena é fácil.

— E eu valho?

— Para mim, sim. Eu não quis magoá-la, Dominika. Olhando para trás, eu deveria ter lhe contado tudo, mas na minha cabeça e coração, eu já era livre. Não dou a mínima para a opinião das pessoas a meu respeito. Só não quis passar por cima do pedido da minha avó.

— Não teria adiantado você me contar. Eu iria embora do mesmo jeito quando soubesse que para a sociedade, ainda estavam noivos. Tenho dificuldade em aceitar que posso ser querida, Reed, por isso nunca mais vou ser a segunda escolha na vida de alguém.

O que ela fala me atinge como um soco na boca do estômago.

— Está mesmo a fim de comer doce?

— Não.

— Vem comigo?

— Para onde?

— Meu apartamento ou o seu. Eu não vou fazer nada. Só não quero ficar no meio de tanta gente, Dominika.

— Por quê?

— Porque estou morrendo de saudade. Porque o que você acabou de falar me faz querer matar o idiota que a fez se sentir assim. Porque eu preciso abraçá-la.

Ela acena com a cabeça e eu deixo duas notas de cem dólares sobre a mesa.

Depois, a pego pela mão e a levo para fora. Enquanto aguardamos o manobrista, eu a puxo e dou um beijo leve em seus lábios porque meu controle

está por um fio.

— Quem fez com que você se sentisse a número dois, Dominika?

— Não foi um homem. Foi minha própria família.

Capítulo 29

Reed

Dominika quis voltar ao apartamento dela e passou a maior parte do percurso em silêncio.

Somente quando chegamos em frente ao prédio, me disse para estacionar na garagem, já que sua unidade dispõe de cinco vagas.

Promissor.

Significa que não tem a intenção de me mandar embora tão depressa.

No elevador, ela me olha parecendo insegura e eu me pergunto a razão.

Ela já demonstrou que não tem medo de mim, então talvez seja timidez?

Saber que tudo o que fizermos será sua primeira vez me faz ainda mais protetor sobre ela.

Em um passo, eu a encurralo, mas sem tocá-la. Uma mão de cada lado da parede de aço.

Não se move e nem me manda recuar.

Como da primeira vez em que nos beijamos, não vou direto à sua boca, mas cheiro seu pescoço.

— Não sei como consegui ficar tanto tempo longe de você.

— Conseguiu sim. Quatro meses.

— Estava contando?

— Sim.

— Eu também.

— Eu não sei se gosto do que você me faz sentir, Reed.

Passo a língua por seu pescoço.

— Tesão?

— Boca suja.

— Só vai piorar, linda.

— Convencido. Está assumindo demais.

— Estou e só não vai acontecer se você me mandar embora de sua vida.

— Ou então o quê?

— Você vai ser minha.

Ela levanta a mão e toca meu rosto.

— Jure que não está brincando comigo.

— Não estou, Dominika. Disse que não aceitaria ser a número dois, eu nunca

a colocaria em um lugar assim. Eu só vivo um relacionamento de cada vez e agora, você é a única que eu quero.

Ela me puxa pela camisa, tomando a iniciativa do beijo.

Não um tímido, mas espelhando minha necessidade.

— É o suficiente para mim. Não estou exigindo um compromisso e…

— Não é assim que as coisas funcionam no meu mundo, moça.

O elevador chega, mas nenhum de nós dois faz menção de sair. De qualquer modo, ele é exclusivo para a cobertura dela.

— Não entendi.

— Sou um homem de família. Esse lance de sexo casual não é comigo.

Ela coloca as duas mãos na cintura.

— Nós não estamos fazendo sexo.

— *Ainda*. E eu não curto transa por uma noite.

— Você não está falando sério.

— Estou sim e muito. Se quiser ficar comigo, Dominika, vai ter que me assumir para o mundo inteiro. Você me disse que tem suas complicações. Eu também. Sou um cara possessivo. Relacionamento aberto não é para mim, então saiba onde está se metendo.

— Gostaria de poder beber agora. Definitivamente estou precisando de algo mais forte do que suco.

Eu a viro para a saída do elevador e dou um tapinha em sua bunda.

— Vamos entrar. Provavelmente os porteiros estão se divertindo em nos

assistir.

— Ai, meu Deus!

Ela para no corredor, em frente à porta do apartamento.

— Preciso contar uma coisa.

— O quê?

— Tenho mania de conferir todos os cômodos quando chego em casa.

Olha para o chão depois que diz isso, como se aquilo fosse algum tipo de fraqueza que a deixasse envergonhada.

— Faz isso todo dia?

— Sim.

— Por quê?

— Para ter certeza de que ninguém entrou enquanto eu estava fora.

Eu a puxo para os meus braços e beijo sua testa.

— Tudo bem, vou ajudá-la a checar.

— Eu disse que era esquisita.

— Todo mundo tem manias.

Quando ela abre a porta, Tarzan aparece — feio como sempre — miando e nos encarando como se estivesse confuso sobre a qual dos dois humanos exigirá atenção.

Não demora muito para que se decida por Dominika.

Eu posso ser a novidade, mas ela é muito mais linda.

Bom gosto, amigo.

Ela o pega no colo e acaricia por um tempo antes de oferecê-lo a mim.

— Oi, Tarzan. Sentiu minha falta?

Um miado e uma lambida me fazem acreditar que sou bem-vindo.

Olho para Dominika e as mãos pequenas estão fechadas de cada lado do corpo. Ela está ansiosa, provavelmente porque não checou a casa ainda.

— Fique com ele. Posso fazer isso.

— Não. Eu vou com você.

O apartamento é um duplex ainda maior do que o que eu mantenho aqui em Dallas e mesmo que o prédio seja mais antigo, está muito bem conservado.

Ele é a cara de Dominika: lindo e muito arrumado. Quando caminha na minha frente, reparo com mais atenção em seu cabelo.

— Gostei do cabelo mais claro.

— É o tom natural dele. Antes, eu escurecia. Você é a segunda pessoa que me diz isso essa semana.

Fecho a cara, mas tento disfarçar o ciúme.

— Quem foi o outro?

— Seu irmão, Hudson.

— Ah, tá.

Ela se volta para mim.

— O que isso significa?

— Nada demais. Só fico mais tranquilo por não precisar logo no início do nosso relacionamento sair à procura de um rival.

— Para bater no peito do alto de uma rocha e dizer que eu sou sua?

— Você é?

— Um passo de cada vez, *cowboy*. Você pode conhecer essa dança de cor, mas eu ainda sou uma aluna iniciante.

Me abaixo para sussurrar em sua orelha.

— E você quer dançar comigo, amor?

Ela se aconchega em meus braços.

— Não me importo de aprender alguns passos hoje, mas nada de uma coreografia completa.

Eu sorrio porque adoro essa troca entre nós. É uma intimidade natural, não algo forçado como quando duas pessoas sentem atração física e querem fazer sexo.

O barulho de alguma coisa caindo no chão faz com que ela quase pule em meus braços.

— Calma.

O que vejo em seu rosto não é um olhar assustado somente, mas pânico real.

— Hey, provavelmente foi Tarzan derrubando algo.

De mãos dadas, chegamos à cozinha, e rapidamente vejo que tinha razão. O gato puxou uma toalha de prato que estava no balcão e com isso trouxe uma chaleira junto.

— Fique aqui com nosso bagunceiro que vou continuar verificando a casa — peço, porque mesmo diante da certeza de que não foi um invasor, ela ainda

parece assustada.

Dez minutos depois, já olhei tudo, só restando o *closet.*

Afasto alguns cabides com roupas, como minha avó fazia conosco para nos assegurar que não havia monstros escondidos no armário, mas o tempo todo estou pensando no que pode tê-la feito se sentir desconfiada mesmo dentro da própria casa.

Estou quase concluindo a tarefa quando um par de botas amarelas, de criança, me chama a atenção.

Eu me abaixo para olhar.

Flores e borboletas cor de rosa formam desenhos na borracha.

As botas são gastas, mostrando que foram bem usadas. Passo o dedo na superfície e uma memória distante começa a voltar.

— Hey, não ligue para o que sua irmã disse. Suas botas são muito bonitas.

— Eu não posso falar com você. É um estranho.

— Meu nome é Reed, então agora já não sou mais um estranho.

— Mas é adulto.

— Não sou. Sou adolescente.

— O que é isso?

— É uma criança, só que maior.

— Então vou apertar sua mão. Meu nome é Dominika, mas a mamãe não pode saber que eu falei com você.

— Tudo bem. Será o nosso segredo, Dominika.

— Você acha minhas botas bonitas mesmo? Foi minha avó quem me deu antes de ir morar no céu e eu as adoro.

— Elas são lindas. Aposto que sua irmã está morrendo de ciúmes porque não tem uma igual.

— Reed? — ouço meu presente me chamar, mas, ainda assim, não consigo apagar totalmente o passado. — O que está fazendo com minhas botas nas mãos?

E então, aquela sensação que me alcançou desde a primeira vez em que nos encontramos, é finalmente desvendada.

— Era você. Sempre foi você.

— Eu o quê? — pergunta, se sentando ao meu lado no chão e me encarando com aquelas duas pedras preciosas.

— A menina que eu nunca consegui esquecer. A dona dos olhos mais lindos do mundo.

Capítulo 30

Dominika

Dallas

Olho para ele, sem ter certeza do que está falando.

Eu amo aquelas botas, mas elas sempre foram motivo de risadas de deboche em minha família.

Foi um presente da minha avó pouco antes de morrer.

Não me lembro muito bem daquela época, mas tenho a memória vívida do dia em que ela me deu as botas.

Só anos mais tarde eu descobri que ela morreu de repente, de um infarto fulminante.

Um dia, eu estava em sua casa, comendo meu bolo favorito e no seguinte, minha mãe me vestiu com uma roupa preta e me disse que eu precisava me despedir da minha vovozinha. Mas independente do pouco tempo que nos foi permitido conviver, vovó se tornou uma figura marcante em minha vida.

Eu e os Gray temos isso em comum: as avós foram nossas referências. Ela foi a responsável por eu me sentir amada quando ainda era muito pequena. Minha tia só se aproximou mais de mim depois que vovó morreu. Na verdade, pensando bem, depois que fui internada na clínica porque até então, ela parecia inclusive me evitar.

Estranho me lembrar disso só agora.

Eu me apeguei a ideia de ser amada pela minha tia, mas ao tocar nessas botas, penso que não tenho memórias de titia na infância.

Não seja ingrata, Dominika. Ela a apoiou quando você mais precisava.

Afasto as recordações que me deixam triste, preferindo focar no homem ao meu lado.

— Eu não me lembro de você.

Ele me levanta com a mesma facilidade de que se eu fosse uma folha de papel e me faz montar em seu colo.

— Nós já nos encontramos e você estava usando essas botas. Naquele dia, eu a vi chorando porque uma garota mais velha estava implicando, dizendo que

suas botas eram horríveis.

— Minha irmã, Sara, provavelmente. Não me lembro de ter outra inimiga, nem no passado e nem hoje.

Percebo que ele quer perguntar alguma coisa, mas me espera continuar.

— Disse que fui a garota que você nunca esqueceu. Como isso é possível? Éramos crianças.

— Não, eu era adolescente e você me disse que não falava com estranhos porque sua mãe não permitia.

Me afasto para olhá-lo, mergulhando fundo no passado.

— Meu príncipe.

— O quê?

— Eu o apelidei de *meu príncipe*. Vovó me chamava de princesa colorida. Eu tenho até um cartão que ela me escreveu para quando eu aprendesse a ler, mas isso só aconteceu depois que ela faleceu. Não me lembro desse dia sobre o qual você está contando, mas recordo de um príncipe-menino me dizendo que minhas botas eram lindas e que Sara estava com ciúmes dela.

Ele sorri, parecendo envergonhado.

Somos dois.

— Eu nunca esqueci seus olhos. Quando nos vimos a primeira vez, tive a sensação de que já a conhecia, mas não sabia de onde. Seu cabelo era bem dourado quando a vi em criança, mas seus olhos nunca me deixaram esquecê-la.

— Eu achei que havia sonhado com você — falo.

— Destino.

— O quê?

— Eu acredito em destino. Em algum lugar estava escrito que nos reencontraríamos.

Não me permito ficar presa ao que ele diz porque acreditar nisso é tentador demais.

Seria muito fácil mergulhar de cabeça nesse sonho — e perigoso também. A despeito do que ele me falou sobre o fim do relacionamento com Annamae ser definitivo, não consigo esquecer do fato de que também contou que já voltaram diversas vezes.

Desse modo, faço um esforço supremo para trazer a Dominika racional de volta.

— Não acredito em destino. Se for verdade que tudo está pré-determinado, alguém escreveu a história da minha vida de uma forma errada.

— Ou então, você precisava passar por tudo para chegar até mim.

— Não deveria ser o contrário? O príncipe salvar a princesa?

— Você precisa ser salva?

— Não mais, no entanto, houve uma época que eu sonhava com isso. Mas, aprendi que não posso depender de alguém. Tenho que ser minha própria fortaleza.

Ele não retruca, mas me encara como se conseguisse enxergar todos os meus medos. Tento mudar seu foco.

— O que você contou sobre Sara estar brigando comigo quando nos encontramos seria um dia normal com minha irmã: ela me ofendia até me fazer chorar. Eu era uma criança muito sensível.

— Não há nada de errado em ser sensível.

— Há, se você nasce em uma família em que desejar ser amada é sinônimo de fraqueza.

Ele cola nossas testas e o gesto singelo me diz mais do que se tentasse me consolar.

— Fale-me sobre as botas.

— As roupas que minha mãe me obrigava a usar na infância eram sempre brancas, impecáveis. Meus cabelos deveriam se manter arrumados como os de uma boneca e eu odiava aquilo. Lembro que minha vó dizia que não importava como ela me vestisse, porque por dentro, eu era agitada e colorida.

Ele ri e me dá um beijo na boca.

— Gostaria de ter visto isso — diz. — Essa agitação colorida. Algum dia vai me mostrar?

— Não sei se aquela menina ainda existe, Reed. Em algum lugar do caminho, tentando me encaixar, eu me perdi.

— Se encaixar em quê?

— No que esperavam de mim. A única hora em que me sentia feliz era quando ia para a casa da minha avó, mas ela morreu. Antes de partir, no entanto, me deixou um cartão me dizendo que eu era como elas: linda e colorida. A

mente permeada de borboletas e flores.

— Você disse que era normal sua irmã brigar com você. Por quê?

— Não sei, acho que é porque éramos muito diferentes, mas isso não importa mais. Eu não falo com qualquer um deles.

— Quer me contar sobre isso?

— Não. Mas quero pedir algo.

— Qualquer coisa, Dominika.

— Não me engane. Se isso entre nós for fogo de palha, diga a verdade. Eu aguento. Já passei por muita coisa e sobrevivi a todas elas, mas não suporto traição.

— Eu nunca traí na minha vida.

— Não estou falando de fazer sexo com outra pessoa — digo, sentindo o rosto em chamas — mas em relação a tudo. Se vamos tentar ficar juntos, com o passar do tempo, você vai descobrir um monte de coisas sobre mim e talvez algumas, ou muitas delas, serão demais para aguentar. Se for o caso, me fale a verdade. Se não quiser mais ficar comigo, só seja honesto quanto a isso.

— Você pensa demais.

— Isso porque acho o mundo um lugar estranho e assustador. Desde pequena eu luto sozinha para respirar e caminhar e tenho conseguido levar minha vida até aqui, mas isso não significa que superei meus medos.

— Todo mundo tem medo de algo. A vida não nos dá garantias, Dominika. Então, ao invés de pensar no que pode acontecer de errado, apenas fique comigo.

— Ficar como?

— Você dita as regras no começo.

— Por que acho que não costuma conceder isso?

— Porque não costumo, mesmo.

— E vai fazer comigo?

— Aham.

— Por que, Reed?

— Porque acredito que é o que precisa para se sentir segura. Mas não conseguirei ser assim o tempo todo.

— O que isso significa?

Ele se deita no chão e me puxa sobre si. Estou montada em seu corpo, uma perna de cada lado e suas mãos, em minha cintura.

Ele as sobre e desce devagar, tocando um pouco da pele entre o jeans e a camiseta.

Quando cheguei, eu tirei a jaqueta de couro, então não tenho mais a proteção dela para esconder como os bicos dos meus seios estão duros somente pela carícia inocente.

— Eu quero você, Dominika. E não sou suave. Estou fazendo o meu melhor para não assustá-la.

— Não sinto medo quando estamos juntos. Por que está dizendo isso?

— Porque eu posso conceder e partilhar decisões fora do quarto, mas não consigo fazer isso dentro dele. Minha natureza é dominante.

Estremeço de desejo, temendo e ansiando ao mesmo tempo.

Após aquela primeira noite que ficamos na fazenda, em que Reed me disse coisas que tiraram meu sono por meses, ele agiu como um namorado respeitoso, mas agora consigo ver, somente por seu olhar em mim, que estava se segurando.

— Pode me dar uma amostra? — peço, sem ter certeza do que estou dizendo.

Ele para as mãos e me olha.

Se fosse com qualquer outro, eu sairia correndo depois de ter me exposto tanto, mas Reed me faz desejar sempre ir um passo além.

A mão enorme me puxa pela nuca, unindo nossas bocas.

Quando a língua abusada me invade sem aviso, meu corpo se agita sobre o dele, movimentando-se. Só meu dou conta do que estou fazendo, quando sinto-o endurecer sob mim.

— Dominika…

Meu nome sai como um rugido. Tal qual faria uma fera que estivesse tentando se conter.

Sentir seu descontrole me excita e sem que eu pense no que estou fazendo, apoio as mãos em seu peito e me mexo outra vez.

— Isso é gostoso — murmuro contra sua boca.

As mãos vêm para o meu bumbum.

— Continue. Lembre do que eu falei lá na fazenda. Você vai me montar assim, só que nua.

— Meu Deus do céu!

Sua cabeça se ergue e ele parece cheirar o vale entre meus seios, bem onde termina o *v* da camiseta, enquanto os dedos passeiam pelo cós da calça, na parte baixa da minha coluna, tocando minha calcinha.

Aperto seu peito e sua pegada aumenta, assim como a intensidade do beijo.

Eu gosto como sua barba me arranha. Como ele me segura e a maneira que meu sexo se contrai a cada esfregada.

Eu já vi, por curiosidade, fotografias de pênis na *internet*, mas Reed parece ser enorme, se for levar em consideração o tempo que levo para roçar em toda a extensão dele.

Sinto suas mãos subirem minha camiseta e fico nervosa.

— O que está fazendo?

— Quero ver você.

— Nunca fiquei assim na frente de um homem.

— Eu sei. — Ele para o movimento, afasta as mãos e pede. — Tire-a para mim.

Capítulo 31

Reed

Dominika morde o lábio inferior, me olhando ansiosa.

Acho que estar montada em mim lhe permite manter um certo controle e foi essa a intenção quando decidi deixá-la por cima.

— E se não me achar bonita?

Deus, ela é muito inocente. Não só não tem noção de como é perfeita, mas também do tesão que me desperta.

Aperto suas coxas, puxando-a sobre meu pau e obrigando-a a sentir minha excitação.

— Eu estou louco por você.

Ela puxa uma respiração profunda.

— Feche os olhos — manda.

Quando atendo seu pedido, ouço-a respirar pesado também, como que para criar coragem.

— Não posso fazer isso — aviso, voltando a encará-la bem a tempo de ver a camisetinha passar por sua cabeça.

Ela usa um sutiã cor de rosa, rendado na frente, os mamilos intumescidos contra o tecido.

Porra!

— Hey, não cumpriu sua parte.

— Não me peça para não olhá-la. Essa é a pior tortura que você poderia me impor.

— Eu sinto vergonha — diz, mas ao mesmo tempo começa a abrir os botões da minha camisa.

Não me mexo, excitado para caralho, mas temendo que algum movimento meu a faça parar.

Depois que abre o último botão, ela me encara como se quisesse me lamber inteiro.

Você é bem-vinda, amor.

Mal parece respirar e percebo pela quentura de sua pele, que está morrendo de desejo também.

— Você é linda para caralho, Dominika — falo, olhando a pele branquinha dos seus peitos.

— Sou normal.

— Não, é gostosa demais.

A ponta de seu indicador corre por meu abdômen.

— Gosta disso? — pergunto.

— Tocar você?

— Aham.

— Muito.

— E se eu quiser fazer o mesmo?

— Como?

Ergo as mãos e paro meus polegares no ar, em frente aos mamilos túrgidos e corro a língua por meu lábio inferior.

Ela me olha e geme, inclinando a cabeça para trás.

A visão é tão erótica que rompe meu controle.

Toco cada um dos seios de leve, testando suas reações.

Seu grito de desejo faz minhas bolas se contraírem de tesão.

Desço o tecido delicado, expondo os bicos para mim.

Não lhe dou tempo de pensar no que está acontecendo, tomando seu peito na boca e mamando forte.

Deixo minha língua brincar em movimentos circulares em seus botões durinhos e ela choraminga.

— Não sei lidar com tantas sensações — diz, entre gemidos.

Não paro de sugar e morder e uma das mãos prende seu mamilo entre o indicador e o polegar, puxando-o.

Seu corpo convulsiona sobre o meu, parecendo ter vontade própria. Dominika ainda é virgem, mas também selvagem e deliciosa. Um sonho libidinoso.

Não há mais nenhuma gota de racionalidade em mim e deixo o desejo correr solto, encontrando sozinho o caminho do que ambos precisamos.

Deslizo uma mão e abro o botão e o zíper do jeans dela, tocando a frente da calcinha.

— Reed…

— Shhhhh…. só quero sentir você um pouquinho.

Ela treme inteira sobre meu corpo, enquanto exploro seu calor por dentro da lingerie. Quando alcanço o clitóris duro, implora.

— Por favor.

— Deixa eu fazer você gozar, Dominika. Eu vou morrer se não prová-la.

Minha ereção está perfeitamente encaixada contra sua boceta e eu ergo os quadris para provocá-la.

Ofegante, ela concorda com a cabeça, embora ainda pareça insegura.

— O que devo fazer? — pergunta.

— Só confiar em mim.

— Sim, Reed.

Ah, merda.

Ela toda dócil é como uma fantasia de luxúria ganhando vida porque eu conheço o outro lado — a mulher forte que não permite que ninguém se aproxime — e, no entanto, aqui está, entregue e confiante.

Eu a tiro de cima do meu corpo e a deito de costas.

Livro-a de seus sapatos e desço seu jeans, mas deixo a calcinha porque não quero assustá-la.

Seus olhos estão fechados e o peito sobe e desce em respirações instáveis.

— Abra os olhos.

Quando ela faz o que eu mando, me encara um pouco receosa, mas logo em seguida, estica os braços me convidando.

— Não, hoje você estará no comando.

Pego-a no colo e torno a me deitar, puxando sobre mim, mas dessa vez, faço-a ficar quase em cima do meu rosto. Uma coxa de cada lado, aberta.

— O que está fazendo?

— Não pense, só sinta.

Com uma mão, volto a atormentar seu mamilo até ouvi-la gemer.

Estou atento a cada reação dela e somente quando seu olhar me mostra que está entregue, sigo com o que desejo.

Seu perfume de mulher está se inserindo sob minha pele, dominando mente e corpo.

— Seu cheiro é uma delícia.

Mordo sua boceta por cima da calcinha e quase enlouqueço quando ela desce em meu rosto, pedindo por mais.

Ela inteira pulsa nos meus lábios e a garganta libera pequenos ruídos.

A visão de Dominika sobre meu corpo é pura luxúria.

— Vou chupar você.

Puxo a calcinha para o lado e abocanho a boceta ensopada, seu mel quente me encharcando.

Quando meto a língua na entrada apertada, ela se contrai, vibrando em minha boca.

Seu rebolado inconsciente me faz rugir.

— Assim mesmo. Deixa eu foder essa bocetinha com a língua.

Seguro sua bunda, separando as bochechas e brincando com o dedo médio no vale entre elas.

Ela geme alto, quase um grito, cavalgando como uma amazona.

O suor escorre do seu corpo, me fazendo querer chupá-la inteira.

Ela precisa gozar porque estou à beira do precipício, flertando com a insanidade.

Uso os dentes para puxar seu clitóris e um dedo para comê-la de leve, só até a metade.

Quando puxo o botão inchado entre meus lábios, ela se entrega, trêmula, arfante e *minha*.

Bebo até a última gota, não conseguindo me satisfazer mesmo quando não sobra mais nada, louco para começar tudo de novo, mas ela parece incapaz de se mover, então a ajeito sobre mim.

Segurando seu rosto nas mãos, beijo a boquinha ainda entreaberta em uma mistura de espanto e satisfação.

— Isso foi…

— Shhh… eu sei, *baby*.

Sei?

Nunca experimentei nada nem próximo do que acabamos de viver.

— Somos namorados agora, então?

Sorrio ao pensar no meu discurso moralista na entrada da casa dela.

O que eu disse não era totalmente verdade.

Com qualquer outra garota, após terminar um relacionamento longo, talvez eu fosse preferir conhecê-la melhor antes de decidir assumir algo publicamente, mas depois de quatro meses de separação, não correrei riscos.

— Pode apostar nisso, menina da cidade.

— Devido ao que acabar de acontecer?

— Também, mas porque, principalmente, o destino a trouxe de novo para o meu caminho. Não vou perdê-la de vista mais uma vez, amor.

Capítulo 32

Dominika

— Por que a necessidade de verificar se o apartamento está seguro assim que chega? Sei que me falou que quer ter certeza de que não há intrusos, mas além do fato de morar em um edifício bem protegido, você tem alarme e pelo que eu pude verificar, diversas trancas na porta.

Ainda estamos no chão do *closet* e acho que a sensação deve ser parecida com ficar bêbada.

Eu meio que desmaiei nos braços dele, mas quando acordei, minha calcinha e sutiã estavam no devido lugar.

Eu nem sei descrever o que aconteceu. Fomos de não nos ver por meses a uma velocidade de mil por hora em um estalar de dedos, mas incrivelmente, eu não estou envergonhada ou arrependida.

Reed faz com que eu me sinta segura para arriscar.

— Temos que falar sobre isso agora?

Ergo a cabeça de seu peito.

— Para a minha paz de espírito, sim. Vou ficar a semana inteira na fazenda e por mais rápido que eu possa vir de lá para cá, mesmo de helicóptero, pode não ser o suficiente. Por isso quero saber…

— Você viria se eu precisasse?

— Tem alguma dúvida?

— Não sei como essas coisas de relacionamento funcionam.

— Não posso falar pelo resto do mundo, mas eu não faço nada pela metade, Dominika. Não costumo dosar o que eu sinto ou o quanto me preocupo com quem é importante para mim. Se há algo a assustando, eu quero saber.

— Não é recente.

— Eu não me importo. Conte-me.

— Quando eu era adolescente, fui atacada dentro da minha casa. Alguém entrou enquanto eu estava no banho.

— Porra!

— As coisas… *huh*… não terminaram muito bem e de lá para cá, tenho sido mais cautelosa — falo, resumindo meu pesadelo em poucas palavras.

— Ele… o cara…

— Não conseguiu fazer nada — respondo rápido — eu me defendi.

— Essa é a minha garota. — Ele me puxa de novo para seus braços e acaricia

meus cabelos.

— Onde estavam seus pais?

— Fora, no *country* clube.

— Eles não deveriam deixá-la sozinha.

— Eu já era grande o bastante. Ninguém imaginou que aquilo pudesse acontecer. Foi uma pessoa… conhecida.

— O quê?

— Por favor, podemos continuar essa conversa outro dia? Não é fácil falar sobre isso.

— Tudo bem, só me diga se ainda há algum risco da pessoa que tentou machucá-la voltar.

— Sinceramente, eu não eu sei.

— Então eu vou mandar alguém vir verificar se as câmeras instaladas pegam todos os ângulos de dentro de sua casa e se esse alarme é eficaz o bastante.

— Eu poderia bancar a durona e falar que não precisa. — Subo no corpo dele e seguro seu rosto em minhas mãos. — Mas prefiro dizer somente: obrigada.

— Aceito que não esteja pronta para me contar a história toda, Dominika, mas nós estamos juntos e não vou deixar alguém machucá-la.

Reed não faz ideia do que aquelas palavras causam em mim. Eu me acostumei a ser sozinha e me apavora precisar contar com alguém, seja por qual razão for. Mas ao mesmo tempo, é reconfortante não ter que ser forte o tempo todo.

Também sei, por intuição, que ele não aceitará ser excluído do meu dia a dia, se limitando a um relacionamento íntimo.

— Tudo bem. Vamos mandar alguém verificar novamente minha segurança.



Três dias depois

— *Eu odeio falar ao telefone.*

Ele me ligou todas as noites desde que foi embora no domingo e sempre reclama da impessoalidade das conversas pelo celular.

— Relacionamento à distância é um dos benefícios da vida moderna.

— *Benefício para quem? Quero você deitada aqui na minha cama.*

Aos poucos, estou perdendo a vergonha pela maneira direta como Reed diz as coisas. Ele não manda recados ao demonstrar o que quer e precisa. Isso poderia me chocar, não fosse o cuidado e o jeito com que ele ficou comigo ao telefone nas duas noites anteriores, até que eu verificasse se a casa estava segura.

Ele é o cara do campo, rude e direto, mas também o homem protetor, revestido em um metro e noventa e três — *dá para acreditar nisso?* — de puro músculo.

— Pretensão sua achar que, se eu estivesse aí, iria para a sua cama.

— *É um desafio? Porque posso chegar em Dallas mais rápido do que uma bala.*

Eu rio da expressão brega.

— *E por falar em bala, sabe atirar?*

— O que acha?

— *Não sei, me disse ser texana raiz, mas não consigo imaginar uma arma em suas mãos.*

— Está certo. Nunca atirei.

— *Podemos resolver esse problema da próxima vez em que vier aqui. Quer aprender?*

Quero? Não tenho certeza. Como boa republicana, sou a favor do cidadão ter o direito de possuir armas para se defender, mas nunca pensei eu mesma em comprar uma.

— *Esse silêncio é um não?*

— Esse silêncio é um talvez. São muitas mudanças de uma vez só e eu não lido bem com elas.

— *Sou um cara acelerado.*

— Nem havia percebido, *cowboy*.

— *Atrevida. Quem diria que minha menina comportada seria abusada assim?*

— Não costumo ser. Me sinto segura para brincar quando estamos juntos.

— *Nós não estamos juntos no momento.*

— Quem está provocando quem agora?

— *É só um fato. Essa distância é uma merda.*

— Espere um minuto — peço e mudando para a câmera, tiro uma foto minha deitada e envio.

— *Meu Deus, você é boa nessa coisa de tortura, linda.*

— Só quis matar um pouco da saudade.

— *Você está?*

— Estou o quê?

— *Com saudade.*

— Sim, mas não muita. Você só foi embora há dois dias, quatro horas e trinta

e dois minutos.

Ouço sua risada do outro lado e meu peito aquece. Nunca pensei que eu pudesse me sentir tão leve assim.

— *Você mexe comigo, Dominika Wos.*

— Isso é ruim?

— *É perigoso.*

— Por quê?

— *Não consigo seguir minhas próprias regras ao seu lado.*

— Que seriam?

— *Pensar antes de agir. Nesse instante, estou com vontade de pegar a estrada e lamber o meio desse decote.*

— Ai, meu Deus!

— *E quero sua boca em mim também.*

— Onde?

— *Tem certeza de que está pronta para ouvir isso?*

— Sim. Não. Prefiro que me mostre quando vier no fim de semana.

— *Falta muito ainda. Tenho uma ideia.*

— Não sei se gosto disso.

— *Ah, sim. Você vai gostar porque tudo o que eu disser, vai me imaginar como se eu estivesse olhando-a se dar prazer.*

— Não consigo fazer isso.

— *Tudo bem.*

Ele desiste fácil demais, como se duvidasse da minha coragem, o que acaba por me deixar irritada.

— Não acabei de falar. Não consigo fazer isso de luz acesa.

Ele ri e tenho certeza de que não acredita em mim, mas pretendo preservar meu orgulho.

— *Apague a luz, então.*

— Pronto.

— *Câmera?* — ele tenta.

— De jeito nenhum.

— *O que você quer fazer?*

— Eu estou no comando?

— *Parcialmente.*

— Tire a roupa.

— *Direta, moça.*

Ouço o barulho de tecido e mesmo sem saber onde isso vai dar, fico muito excitada.

— Sua vez.

— *Opa, achei que estava no comando.*

— Nua. Agora.

Meu Deus, por que ouvir as ordens dele me deixa toda arrepiada?

Meu lado feminista deveria estar gritando, mas a verdade é que estou morrendo de desejo.

Passei as últimas noites revivendo o que aconteceu no domingo.

— E então? — pergunto, quando não resta mais nada sobre meu corpo.

— *Não tem ideia de como eu daria tudo para ver você nesse instante. Nua e esperando por mim. A única diferença é que haveria luz.*

— Precisaria de luz por que quer ver meu corpo?

— *Sim. Eu não me canso de olhar você.*

— *Hum…* e iria tocar minhas coxas como estou fazendo agora?

— *Merda, Dominika. Onde está sua mão?*

— Na parte interna da minha coxa direita. Quase no vértice.

— *Quase na bocetinha? Eu quero seus dedos nela. Me diga se está molhada.*

— Eu não tenho coragem de responder ao que está me perguntando.

— *Não fale nada. Só obedeça, então. Tem ideia de como estou duro para você?*

Minha mente viaja para aquele corpo lindo e forte, nu em seu quarto na fazenda, se dando prazer e pensando em mim.

— Eu queria que você estivesse aqui.

— *Se eu estivesse aí, não ia deixar você dormir, baby.*

— Por que não?

— *Estou tão a fim de comer você. Só preciso de uma palavra sua e saio daqui agora.*

Decido jogar todos os meus medos para o alto.

— Vem.

Ouço um barulho e acho que ele se levantou.

— *Não se vista. Eu chego aí em algumas horas.*

— Você é louco.

— *Totalmente. Me espere.*

Capítulo 33

Reed

A despeito da pressa com que saí da fazenda, no momento em que abre a porta, depois de autorizar o porteiro a me deixar guardar o carro na garagem, eu fico quase um minuto sem me mexer.

Ela não está nua, claro, mas vestida com uma camiseta gasta da Universidade do Texas, cortada na altura do umbigo e um shortinho jeans desfiado.

Deslizo os olhos por cada centímetro de pele à mostra.

As pernas branquinhas e bem torneadas. O pedacinho do abdômen que me tenta, os braços delicados, o pescoço longo e finalmente, o rosto perfeito onde aquele olhar, que sempre me enfeitiçou, me encara em um misto de ansiedade e audácia.

— Você veio. — A voz soa rouca, quase um sussurro.

Dou um passo para dentro do apartamento.

— Você me desafiou, pequena.

— Só por isso está aqui?

Ao invés de responder, alcanço seus quadris, descendo e subindo as mãos em movimentos imperceptíveis, mas constantes.

Ela levanta o rosto, esperando, mas me movo apenas o suficiente para sentir sua respiração.

— Eu não acreditei que viria.

— Não sou um cara impulsivo.

— Então por que está aqui?

— Porque é você.

Ergo-a pelas coxas, trazendo-a para o meu colo.

Dessa vez, prometo a mim mesmo beijá-la sem pressa, mas a atração entre nós é intensa demais e em pouco tempo as línguas se enroscam em um duelo em que nenhum dos dois deseja vencer, e sim partilhar o prêmio.

Ouço o miado distante de Tarzan, mas deixarei para dar atenção ao meu amigo em outra hora. No momento, tudo o que existe é ela.

As bocas não cansam de devorar uma à outra, intercalando lambidas, mordidas e chupadas em uma volúpia tão indomável quanto a cavalgada de um potro selvagem.

Começo a caminhar e Dominika usa meu corpo como uma gangorra, se esfregando no meu pau entre gemidos carentes.

— Você está me deixando maluco.

— Não faço de propósito.

— Eu sei, e isso põe ainda mais fogo no meu tesão. Saber que nunca ficou assim com um homem antes, que é toda minha, está me deixando insano.

Ela começa a abrir os botões da minha camisa e tira meu chapéu.

— Você não precisa dele agora — fala, arremessando-o na cama quando chegamos no quarto.

— É força do hábito. Acho que me sentiria como se estivesse sem cueca.

— Você está?

— Eu não uso.

Ela ri, mas as bochechas ficam vermelhas.

Eu a desço na cama e me afasto para olhar.

— Você é muito linda.

— Vai acabar me convencendo disso, *cowboy*.

— Não estou falando para agradá-la, Dominika. Esse é quem sou. Um cara simples e honesto. Bruto, em boa parte das vezes.

— Você não é bruto comigo.

— Eu posso ser, ainda. Na cama.

— Como?

— Não sou muito bom com as palavras. Tenho certeza de que se eu disser metade das coisas que quero fazer com você, vai sair correndo.

— Eu não sou feita de porcelana.

Jogo a camisa no chão.

— Não quero assustá-la.

— Por que eu sou virgem?

— Também, mas principalmente porque é preciosa.

Ela faz um gesto de vem aqui com o dedo indicador e se ajoelha na cama para me esperar.

Sigo até onde está, mas seguro seus ombros e a deito de costas, me encaixando entre suas pernas. Tomo cuidado para não soltar o peso sobre seu corpo porque tenho noventa e cinco quilos e ela parece muito frágil.

— Eu gosto de sentir você sobre mim.

— Eu gosto de tudo entre nós dois. Você me deixa bêbado de tesão, Dominika. Enfeitiçado.

O cheiro dela me domina, o corpo sensual, febril, me seduzindo.

Gemendo contra sua boca, abro seu shorts e o desço com a calcinha.

Toco a cintura fina e o quadril suavemente arredondado, até agarrar a bunda em um aperto firme.

Adio o momento de acariciá-la entre as coxas porque sei que quando começar, eu não vou conseguir parar.

Ao invés disso, puxo a camiseta para cima e quase urro quando percebo que está sem sutiã. Os bicos duros dos seios, me chamando.

Baixo a boca e passo a língua no botãozinho de carne.

Ela arqueia, respira pesado e quase posso jurar que ouço seu coração.

— Tudo bem? — pergunto para ver se estamos na mesma página.

— Não, você tem que se livrar dessa roupa. Eu já estou nua e você, coberto demais para o meu gosto, *cowboy*.

Eu sorrio de sua ansiedade.

Levanto-me e ela se apoia nos cotovelos para me olhar.

— Abra as pernas. Se quer um *striptease*, me deixe ver essa boceta bonita.

— Bom Senhor Jesus. Você é muito safado.

Não há qualquer ponto em negar aquilo.

Aguardo ela me obedecer, brincando com o botão do jeans e a lentidão com que acata meu pedido quase me faz gozar. Mesmo em sua inexperiência, Dominika é uma provocadora.

Desço o zíper, os olhos grudados na umidade brilhante do seu desejo, na carne rosada e intocada onde eu quero entrar.

Quando me livro da calça e botas, sua boca se abre e os olhos curiosos, que não escondem a lascívia, fazem um bem danado ao meu ego. Em outra situação, eu mexeria com ela por seu entusiasmo, mas já passei da fase das brincadeiras.

Caminho até a cama, sentindo o peso do meu pau entre as coxas, duro e pronto para mergulhar em seu calor, mas não sou um adolescente e vou prepará-la para mim porque uma vez que esteja nela, sei que vou querer foder por horas.

Ajoelho na beira da cama e observo as mãos pequeninas pousadas quase na altura do umbigo. Agarro uma e coloco sobre seu sexo.

Ela balança a cabeça, fazendo que *não*, mas não tira a mão de lá. Pego um de

seus pés e trago ao ombro, beijando a sola e a lateral. Os dedos dela se movem, acariciando-se, como se não conseguisse dominar o próprio desejo.

— Hoje eu vou descobrir tudo o que você gosta — aviso.

— E você?

— Eu sei do que gosto e vou ensiná-la, mas essa noite é sobre seu prazer, princesa colorida.

Baixo o corpo novamente sobre ela e os seios se apertam contra meu peito, os mamilos roçando, atiçando meu tesão.

Sei que pode sentir meu pau em sua coxa porque seu rosto está rosado, os olhos cintilando em expectativa.

Ela toma a iniciativa de me beijar, acariciando meu cabelo.

Dominika mexe comigo de uma maneira que nenhuma outra mulher já conseguiu. Seus toques não são feitos para seduzir, mas carinhosos, fazendo meu coração disparar.

Nunca fiz sexo misturado com carinho, então é uma descoberta para mim também.

Nossas respirações são instáveis, ora aceleradas, ora quase suspensas em uma dimensão onde o ar é superestimado.

Meus dedos passeiam dos seios ao sexo — e porra, ela está pingando.

Quando os posiciono em sua entrada, ela geme alto, meu nome saindo como um clamor de luxúria, mas também com a familiaridade de amantes que fizeram aquilo desde o início dos tempos.

Nunca tive essa sensação de pertencer. De ser possuidor e possuído.

Separo os lábios melados e enfio um dedo para prepará-la.

Ela fica rígida, tensa.

— Shhhh, eu não vou machucar você.

Combino a invasão em suas paredes inexploradas com beijos molhados na boca. A língua ditando o ritmo com que fodo seu sexo com o dedo.

Ela suplica por mais, a pele eriçada e o corpo iniciando uma dança agitada, sem cadência, em pura necessidade.

Aumento a velocidade, o polegar circulando o botão de seu prazer, enquanto mais um dedo pede passagem dentro do corpo virgem.

Quando agarro o mamilo nos dentes, ela vem para mim, gozando duro, quase chorando em seu êxtase abandonado.

Dominika se entregando é a visão mais linda do mundo, gemidinhos escapando do fundo da garganta.

Subitamente tímida, ela abre os olhos.

Volto a mover os dedos dentro dela, dessa vez, observando suas reações.

Ela toda escorre em mim. Retiro os dedos e molho seu lábio com a umidade do seu gozo, lambendo seu sabor único.

Toco-a quase que com reverência, como um pagão adorando sua deusa.

Encaixando-me entre suas pernas, encorajo-a a me acomodar.

Como se lesse meus pensamentos, ela diz:

— Eu confio em você.

— Esse é o maior presente que poderia me dar.

— Por quê?

— Sei que não o faz com qualquer pessoa.

— Está certo sobre isso e não entendo a razão de, mesmo nos conhecendo há tão pouco tempo, eu me sentir segura ao seu lado.

— Talvez porque você sempre foi minha.

Com uma das mãos, levanto sua bunda e roço a ponta do meu pau entre os lábios de seu sexo.

Meu coração parece que vai parar dentro do peito. Quase como se eu estivesse fazendo isso pela primeira vez.

Ela prende a respiração a cada vez que empurro um pouco mais, como se a qualquer momento, pudesse gozar — e eu nem comecei ainda.

Sinto o latejar de seu clitóris. Ela está tão pronta para mim.

— Eu não sei se, depois que entrar em você, vou conseguir sair algum dia.

Suas pernas tremem e ela ofega um *por favor*, mesmo que eu saiba que não tem certeza do que precisa.

A carne de seu abdômen está rígida de tensão necessitada, a pele quente como se toda ela fosse uma fogueira.

— Eu não consigo pensar quando estamos juntos. Tudo o que você me faz sentir… às vezes é muito, mas nunca é o bastante. Eu sempre quero mais. O que sinto é tão forte que quero que pare, mas que também continue me tocando para o resto de nossas vidas.

— Posso ir mais devagar.

— Não desacelere, Reed. Me dê tudo.

Beijo sua boca para calar seus clamores confusos.

Seguro sua mão e trago-a para mim.

—Toque-me, Dominika.

Deito-me de costas e espero.

Ela parece tão envergonhada que acho que não se moverá, mas então, me surpreendendo, monta minhas pernas.

Se fosse para ela se assustar, o momento seria agora, porque estou duro como aço.

Estende a mão, ainda parecendo insegura, mas em seguida os dedos exploram minha carne com o cuidado típico da inexperiência.

— É quase como tocar ferro quente — diz, subindo os olhos para me encarar e a inocência de sua descoberta quase me mata — mas também seda pura.

Meu pau se mexe, como em um espasmo.

Missão fodidamente difícil manter o controle com ela me tocando e dizendo o que sente, mas estou tentando o meu melhor.

Sua mão me envolve e ela parece concentrada no que está fazendo, como uma aluna que quer agradar o professor.

Ah, merda. Pensamento fora de hora porque nada pode me dar mais tesão do que saber que vou ensinar tudo a ela.

Dominika debruça, ficando de quatro e me fazendo sentir as pontas dos seios

em minhas coxas.

Alucinado, fecho os olhos quando a língua toca a cabeça da minha ereção, como em um experimento.

Em seguida, ela abre a boca e me toma tanto quanto consegue.

— É gostoso. Salgado.

A tortura continua, entre gemidinhos deliciados unidos ao calor dos lábios quentes.

Ela está com o rosto vermelho, mas dessa vez não acho que seja por vergonha, mas pelo calor da paixão.

— Você precisa parar, linda. Prometo que uma outra hora vou deixá-la livre para brincar, mas dessa primeira vez, não quero gozar na sua boca.

Ela não obedece em um primeiro momento, a mão intuitivamente subindo e descendo, me masturbando bem leve, enquanto a boquinha gostosa chupa com vontade.

— Dominika…

Eu a puxo para cima de mim e beijo, mas depois giro nossos corpos, deitando-a de costas.

Observo o corpo *sexy* e ansioso e é como se uma barreira se rompesse. Uma espécie de impulso animalesco tomando conta.

Luto para trazer meu controle de volta, mas é impossível com ela me convidando com o olhar, como está fazendo.

O beijo é apaixonado, ansioso, como se nossas almas se buscassem uma

existência inteira.

Sinto suas unhas cravadas em minhas costas, me puxando para mais, exigindo sua satisfação.

Uma tempestade de sensações em que não somos comandante ou comandado, mas dois corpos que finalmente estão onde pertencem. Acoplados em uma união que transcende a realidade, onde só há o cheiro de nossas peles e cuja única regra é dar e receber prazer.

— Você usa pílula?

— Não.

Levanto-me para pegar um preservativo na carteira e o desenrolo em minha extensão mais rápido do que jamais o fiz.

Me encaixo nela, meu pau duro pedindo passagem naquele pedaço de céu.

— Eu não consigo me segurar mais, Dominika. Preciso de você.

— Sim. Mostre-me.

Recuo e avanço em movimentos que, eu espero, não a estejam machucando.

Jesus, ela parece calda quente, se derretendo em mim. Consigo sentir seu mel, mesmo com o preservativo.

Chupo os dois peitos, sem conseguir escolher a qual dar mais atenção, desejando consumi-la inteira. Mordiscando os mamilos até quase o ponto da dor.

Ela se abre mais, me mostrando que está junto comigo. Perdida em desejo e toda minha.

Saio mais uma vez e quando volto a empurrar, entro inteiro.

Um grito doloroso me congela.

— Sinto muito, vai passar — sussurro em seu ouvido.

Ela prende a respiração e eu não me movo.

Quero que relaxe e começo a mamar o peitinho delicioso.

Ela embarca na sedução e arqueia as costas, se oferecendo.

— Não se mexa ou não vou conseguir ficar parado. Você é gostosa demais.

— Não pare. Eu preciso de mais, Reed.

Tentando não ser bruto, eu recuo e a penetro outra vez. Ela geme, acho que meio de dor e meio de tesão, mas fecha as pernas nas minhas costas, como que me autorizando a continuar.

Algo que nunca senti, poderoso e urgente, vai se formando, prazer e também uma espécie de certeza de estar em meu lugar no mundo.

Ofegantes e entregues, damos início à descoberta mútua, um encaixe perfeito, como se os corpos tivessem sido aparados em uma harmonia perfeita.

Meus movimentos são mais urgentes e ela aceita tudo, grita, pedindo que eu não me segure. Sua entrega e confiança, o corpo trêmulo sob o meu é quase mais do que posso aguentar.

Mantenho um ritmo constante batendo fundo nela, sonhando em viver bem aqui.

Somos como peças feitas à mão, encomendadas para uma união perfeita.

Eu empurro dentro dela com paciência, mas determinação e somente quando sinto que me acompanha e não há mais dor, libero minha natureza.

Agora eu meto com vontade, comendo-a como um macho perdido no corpo de sua fêmea, sem pudor ou desculpas, para que ela nunca duvide de que é minha.

Meu quadril impulsiona incansavelmente e ela corresponde, como se aquela não fosse nossa primeira cavalgada, como se seu inconsciente já soubesse o que fazer para me deixar louco.

O prazer é quase insuportável e quando a sinto gozar, contraindo a boceta em convulsões ritmadas, meu coração quase para.

É um êxtase desconhecido assisti-la saciada. Quase tão bom quanto o orgasmo.

— Eu quero sentir sua carne da próxima vez.

— Ai, meu Deus. Não quero que saia de dentro de mim nunca mais.

Ela aperta meu pau, como se estivesse tentando extrair minha semente e desejasse me sentir jorrando dentro de si.

— Eu não quero mais sair. Quero gozar dentro de você. — Minha pele inteira fervilha e me sinto inchar ainda mais. — Ver meu sêmen vazando do seu corpo. Melada e marcada como minha.

— Faça isso. Morda-me. Eu quero lembrar de nós dois por dias.

Eu a fodo mais duro por mais uns minutos e então me rendo ao desejo, escravizado pelo corpo da minha menina, prisioneiro dessa loucura que me pegou sem aviso.

O corpo esvaziado do tesão, mas a mente totalmente dominada por ela.

— Eu nunca poderia me esquecer de nós dois.

— Nem eu, mas gosto da sensação de você em mim — diz.

Eu não sei explicar o que estou sentindo, então a beijo, tentando mostrar que não foi mais uma transa como tantas que já tive.

Dominika adormece com nossas bocas coladas, arrebatada por um sono pesado.

Deslizo a mão, agarrando seu quadril possessivamente e puxando sua coxa sobre mim.

Ela é sexy e devassa em sua entrega inconsciente.

Minha.

O clamor ruge do fundo do peito e eu não quero calá-lo.

Aperto ainda mais seu corpo.

Nunca senti necessidade dessa conexão pós-sexo, mas hoje, não estou pronto para me afastar.

Não sei se haverá um momento em que estarei.

Capítulo 34

Dominika

Dallas

No sábado

Passei o dia com Antonella e Mackenzie, a namorada de Callum, ajudando a menina a escolher seu traje para hoje.

Vamos nos reunir em um restaurante que foi fechado exclusivamente para receber o governador e a família.

Quem diria que Callum e Hudson tornariam a se sentar na mesma mesa,

conversando um com o outro? Há um ano, isso seria inimaginável.

Coloco comida para Tarzan, lembrando de algumas perguntas aleatórias que Antonella me fez hoje. Acho que ela está desconfiada de que acontece algo entre mim e Reed.

A despeito do que nós conversamos quando decidimos namorar, eu pedi um tempo antes que abríssemos tudo para a família — ou para o resto do mundo, como ele disse.

Será que Antonella sabe?

Talvez, porque do nada, ela jogou que Reed iria também se reunir conosco. Não havia razão para que me contasse aquilo, porque, claro, eu já saberia.

Tenho a agenda de Hudson e fui eu quem pediu à secretaria que fizesse a reserva do restaurante.

Por isso, achei que quis testar minha reação — e se foi esse o caso, deve ter ficado satisfeita porque meu rosto pegou fogo à menção do cunhado dela.

Não quero mentir para os Gray, mas também não posso fingir que não me sinto desconfortável em ser apresentada como aquela que vai ocupar o lugar da mulher que quase subiu ao altar com ele.

Por outro lado, é uma situação um tanto ridícula, já que ambos somos adultos.

Parece até que estamos fazendo algo errado.

Hudson, claro, sabe.

Eu não esconderia algo assim porque meu chefe, embora tenha mudado muito desde que se casou com Antonella, ainda tem problemas sérios de confiança.

Ele prometeu guardar segredo até que nos sintamos confortáveis para falar a verdade, mas também me disse que se Antonella, por alguma razão descobrisse por conta própria e perguntasse sobre minha relação com o irmão, ele não negaria.

Penso na tarde agradável que eu, ela e Mackenzie passamos hoje.

A menina é um docinho e olhando-a, eu lembrei do que Reed me contou que Annamae fez, dando um banho de cerveja nela para humilhá-la. Se eu já não antipatizasse com a ex dele antes, a odiaria depois de saber daquilo.

Mackenzie não é menos digna por não ter nascido rica. É educada e meiga. Você consegue ver a bondade da garota a cem metros de distância.

Entro no *closet* para escolher minha roupa e vejo minhas botas amarelas.

Reed as colocou em um lugar de destaque, dizendo que elas são uma espécie de símbolo de nós dois.

Deus, que loucura!

Pensando na descoberta de que já nos conhecíamos desde a infância, dá quase para acreditar em destino.

Antes que minha mente enverede por esse caminho, eu a paro.

Não quero fazer planos muito além da próxima semana e viver ao invés de antecipar tudo.

Chandra disse que ao tentar me proteger de riscos, me impeço de aproveitar o presente e provavelmente está certa.

Olho para o cabideiro, tentando me decidir entre o vestido vermelho ou o azul

marinho, quando escuto meu telefone tocar.

Ando até a cama, onde o soltei e Tarzan está lambendo o aparelho.

— Não faça isso, rapaz. Já conversamos sobre você não ter dinheiro o suficiente para pagar outro desses se o danificar.

Ele mia, parecendo indignado, mas se afasta.

Pego o telefone com o coração disparado, torcendo para que seja Reed, mas me sinto congelar quando vejo o nome do interlocutor.

Lena Wos-Spencer.

Minha mãe.

Ainda levo alguns segundos, hesitando em atender. Da última vez que nos falamos, eu fiquei mal o dia inteiro.

Não seja covarde — brigo comigo mesma.

Corro o dedo no botão, antes que eu mude de ideia.

— Mãe?

— *Dominika, como está? Andei pensando sobre seu pedido e acho que chegou a hora de sairmos para almoçar. Precisamos ter uma conversa séria.*

Depois de quase dez anos?

Me odeio um pouco por permitir que meu coração bata tão depressa.

— Quando?

— *Que tal na próxima semana?*

— Não posso dar uma resposta agora porque preciso conferir minha agenda com Hudson, mas ligo amanhã ou depois para lhe dar uma resposta, pode ser?

— *Sim, eu aguardo. Boa noite.*

E assim, sem nada mais, ela desliga.



Horas mais tarde, no restaurante[48]

Enquanto comemos, reunidos com Callum, Mackenzie, Hudson e Antonella,

Reed não olha para mim.

Não posso culpá-lo por estar chateado, mas o que queria que eu fizesse? Ele somente oficializou para os pais de Annamae o rompimento do noivado há cerca de uma semana.

Tirando Hudson e, muito provavelmente, Antonella, eu nem tenho certeza se os outros sabem que ele agora é um homem livre.

— Gostariam de ver o cardápio de sobremesa? — O garçom se aproxima e pergunta.

— Vamos querer olhar o cardápio sim, mas tem alguma sugestão doce com chocolate para minha namorada? — Callum responde com seu estilo nada sutil depois que o garçom quase pula no colo de Mackenzie. O homem certamente não teme a morte.

O rapaz sorri, ainda alheio à possibilidade real de ser esfolado vivo.

— O vulcão de chocolate é muito pedido.

Um celular toca e Callum pede licença, se levantando.

Nervosa com o clima entre mim e Reed à mesa, começo a mexer no meu telefone.

Por força do hábito e também por conta do meu trabalho, tenho mania de navegar por *sites* de celebridades para ver se não há alguma notícia difamatória sobre Hudson e Antonella, para, se for o caso, tomar as devidas providências legais.

Estou em um desses *sites*, quando uma manchete me faz piscar algumas vezes

sem acreditar no que estou vendo.

“Caça ao bilionário

Descobrimos por fonte segura que Callum Gray, o bilionário texano da tradicional família de fazendeiros e primo do atual governador, procurou uma agência de casamentos para encontrar sua eleita.
Mas não se animem muito. O rapaz determinou requisitos específicos e….”

A matéria continua discorrendo um monte de baboseiras, comuns nesse tipo de tabloides, mas minha mente já está dois passos à frente.

Levanto a cabeça e observo a namorada do alvo da notícia. Lido com a imprensa em uma base diária, principalmente nesses últimos dois anos, para saber que aquele tipo de manchete é incontrolável como uma avalanche, então, passo o celular para Hudson para ver o que ele quer fazer.

Juro por Deus que tento me manter séria, mas não consigo porque é uma piada boa demais.

Callum é a última pessoa que eu imaginaria procurando um casamento de

conveniência.

De qualquer modo, sei que teremos que tentar conter a repercussão dessa história.

— Puta merda! Ele vai enlouquecer quando vir isso — Hudson fala, jogando por terra minha tentativa de ser discreta.

Antonella tira o telefone da mão dele e começa a rir e em seguida, passa para Reed, que pela primeira vez na noite, gargalha.

Todos se viram para Mackenzie.

— O que aconteceu? Por que vocês estão me olhando assim? — a menina pergunta.

Acho que é porque nós estamos um tanto constrangidos. Ninguém a conhece direito para saber como reagirá.

— Eu quero ver — pede, esticando a mão para o aparelho que Reed ainda segura.

Quando o pega, arregala os olhos, mas para a surpresa de todos, nos acompanha nas risadas.

Callum escolhe exatamente aquele momento para voltar e pela expressão culpada, já descobriu o que está acontecendo.

— Caça ao bilionário, hein? — Mackenzie diz para ele, ainda sorrindo. — Elas que se atrevam. Você é meu, Callum Gray.

Aparentemente, a garota não é um cristal. Qualquer outra talvez desse um chilique, mas ela parece ser bem segura do relacionamento dos dois.

Olho discretamente para Reed e ele ainda está sorrindo, mas quando percebe que o encaro, a expressão muda.

A possessividade emana dele de forma tão intensa que estremeço.

Ele me quer e não tenho dúvida de que mal se contém para não pular em cima da mesa e me tomar aqui mesmo.

O garçom interrompe nossa troca silenciosa ao se aproximar.

— Senhores, eu sinto muito, mas parece que temos um incidente lá fora.

Os seguranças de Hudson vêm logo atrás do homem.

— Não podemos sair agora, senhor governador — avisam.

— O que houve? — pergunto.

— Há muitas mulheres, umas cem pelo menos, do lado de fora do restaurante, gritando o nome de… *huh*… Callum Gray. É estranho, como um hino, elas ficam repetindo: *Case comigo, Callum!*

— Nós já entendemos — Reed intervém, tentando esconder o riso.

— Há também os cartazes.

— Cartazes?

— Sim, com números de telefones, poemas.

— Jesus Cristo!

— Há um heliporto no prédio? — questiono.

— Infelizmente não, senhorita.

— O que vamos fazer? — Antonella pergunta, aflita.

— Eu vou resolver isso — Callum diz.

Ele se levanta e anda para a porta, seguido de perto por uma dúzia de seguranças de Hudson, mas tomo a frente porque se Callum for lá fora antes que eu coloque os repórteres em seus devidos lugares, eles o engolirão vivo.

O Gray mal-humorado pode ser muito durão, mas não faz ideia de como a imprensa é implacável. É isso que faço de melhor: criar estratégias para conter tempestades.

— Callum Gray dará uma declaração rápida sobre o que está acontecendo, mas vocês o deixarão falar sem interrompê-lo ou o comunicado será suspenso.

Me sinto totalmente à vontade na frente dos jornalistas, pelo simples fato de que essa não sou eu, mas um personagem.

Não é a primeira e nem será a última vez que me oferecerei em sacrifício para conter um escândalo.

O que eu não fazia ideia, é que estava prestes a presenciar o pedido de casamento mais fofo da história[49].

Capítulo 35

Reed

— Nós não vamos embora em carro separados — falo, seguindo-a para o lado de fora do restaurante e dando um foda-se para o resto dos repórteres que ainda se mantêm plantados na porta, tentando fotografar algo que valha a pena.

Minha capacidade de contenção se esgotou.

Depois do que aconteceu conosco no início da semana, passar a noite inteira ao lado de Dominika como se fôssemos dois estranhos é mais do que posso aguentar.

Até porque, Hudson já sabe.

Ele me telefonou ontem, cheio de dedos — o que não é seu estilo — para falar sobre meu relacionamento com a mulher que é seu braço direito e dizer o óbvio: que ela não é uma garota que eu possa sair uma vez e largar.

Não é exatamente minha ideia de diversão dar satisfação da minha vida, mas

entendo que Dominika significa muito além de uma funcionária para o meu irmão.

Porém, a minha irritação hoje não tem nada a ver com a conversa que tive com ele e sim, porque depois de tanto tempo vivendo uma mentira com Annamae, cheguei à conclusão de que não quero mais nada escondido em minha vida.

— Eu não vim de carro, de qualquer modo — ela responde, se voltando para me olhar.

Seu rosto transparece insegurança. Nada nem perto da mulher que foi a frente de pelo menos uma dúzia de jornalistas e também das loucas com cartazes gritando o nome do meu primo, e os jantou em duas garfadas.

Estou puto para cacete, mas como sempre acontece, ver esse lado mais vulnerável dela refreia meu temperamento na hora, mas não o bastante para deixar de fazer o que estou com vontade desde o início da noite.

Eu a puxo para mim e a beijo como se o contato das nossas bocas fosse necessário para a próxima respiração.

Suas mãos agarram meu blazer, também com uma aparente indiferença a se alguém está ou não nos espionando.

— Eu sinto muito — diz e nem finjo que não entendo.

— Não gosto de me esconder. Parece errado por todos os ângulos em que analiso.

— Não é fácil ignorar a opinião dos outros quando passei boa parte da minha

vida dando importância a isso — fala, como que se desculpando.

O manobrista chega com o meu carro e abro a porta para ela. Depois que me acomodo em meu lugar, não saio logo em seguida.

— Algum dia você vai me contar a história toda?

— Que história? — disfarça.

— Aquela na qual a princesa colorida se adequou ao que os outros esperavam dela.

— E se você for embora quando descobrir tudo?

— Não vai acontecer, Dominika. Se não dermos certo, será porque a vida nos levou por caminhos diferentes — falo, embora em realidade, não me vejo indo para longe dela — mas não porque vou fugir quando enxergar o quadro completo.

Ela inclina o corpo em minha direção e me aproximo para lhe dar um beijo.

— Um dia, talvez eu deixe você ver todas as minhas cores, mas não estou pronta ainda.

— Não estou com pressa.



Dirijo para a casa dela, pensando que esses dois dias que temos por semana, não chegam nem perto de me satisfazerem.

Além do mais, saber que voa quase todas as noites de volta para Dallas, já que na maior parte das vezes Hudson trabalha em Austin, onde fica a sede do governo, me preocupa para cacete. Não tenho medo de qualquer meio de transporte, mas sou um *cowboy* por excelência e acredito que o homem nasceu para ficar em terra firme, caso contrário, teria asas.

Sei que meu irmão cuida de sua segurança e todos os aparelhos da família são constantemente vistoriados. Ele paga a ida e a volta de helicóptero, que o

permite dormir em casa quase todas as noites com a esposa e o filho, do próprio bolso.

Mas também sei que poder haver uma falha mecânica não prevista ou até mesmo erro humano.

Isso me deixa ansioso para caralho. Não lido bem com situações fora do meu controle.

Como resolver o impasse? Como me certificar de que ela está segura sem parecer um maníaco obsessivo?

— Ainda está bravo?

Pego sua mão e dou um beijo.

— Não. Pensando no futuro.

— Tinha certeza de que eu era a planejadora.

— Sou um Gray. O que você acha?

É sua vez de levar minha mão até os lábios e beijar.

— Acho que sou uma sortuda. Enquanto você estiver planejando, posso relaxar.

— Essa é a ideia. Deixe que eu me preocupe um pouco por nós dois.

Aciono o controle remoto da garagem que ela me deu da última vez em que estive aqui e dirijo para uma de suas vagas, mas nem bem chegamos ao local, dois homens uniformizados, que eu acredito que sejam funcionários do condomínio, surgem do nada.

— Dona Dominika, nós tentamos ligar para o seu celular, mas não

conseguimos — um deles diz, assim que saímos do carro.

— Aconteceu alguma coisa? — ela pergunta, nervosa.

— *Hum*… sim e desde já peço desculpas. Só não chamamos a polícia ainda porque preferimos esperar a senhora.

— Polícia? Por que precisaria chamar a polícia?

O homem dá dois passos para trás e aponta para o carro dela.

— A câmera central pegou alguém rondando seu carro dentro do estacionamento hoje.

— O quê?

— Nós nem temos certeza, pode ter sido um entregador que errou de andar e veio parar na garagem…

O funcionário parece a beira de um infarto, tamanho o nervosismo.

— Homem ou mulher? — pergunto.

— Não sabemos.

— Eu não entendo. Como alguém pôde rondar a garagem e um dos seguranças não vir conferir?

Percebo que ela está dando o seu melhor para não demonstrar como a notícia a abalou, mas sinto sua mão trêmula na minha.

— A pessoa que estava… *huh*… na central de segurança saiu por um instante. Assim, só percebemos mais de uma hora depois.

— Uma hora depois é mais do que *por um instante* — falo sério, encarando o homem.

— Sim, senhor. É mesmo e o síndico já suspendeu o funcionário.

— Temos que chamar a polícia — falo para ela.

— Reed, não é necessário. Nem sabemos se era por causa do meu carro que o suposto invasor entrou na garagem ou até mesmo se era um invasor, para início de conversa.

Eu sei o que ela está fazendo: está tentando manter o controle sobre sua vida diante do acontecimento inesperado.

Nossas conversas ao telefone me ensinaram mais sobre Dominika do que quando estamos frente a frente. É como se, com a proteção do aparelho, ela se abrisse mais. Nesse instante, no entanto, não está funcionando. Consigo ver o medo e a angústia mescladas em seu rosto.

Pego sua mão e me afasto dos funcionários.

— Eu não vou deixar isso para lá.

— Certo, mas vamos só fazer do meu jeito, pode ser?

— E qual seria ele?

— Eu vou telefonar para o homem que é meu advogado e também tio postiço. Ele saberá como agir sem chamar atenção.

Estou lutando um inferno de uma guerra interna, mas acabo cedendo parcialmente. Ela não merece, depois desse incidente desagradável, ainda discutir comigo.

— Tudo bem, mas com duas condições. Eu quero subir para assistir à filmagem do intruso e depois, vamos para o meu apartamento aqui em Dallas.

Pegue Tarzan porque não há maneira que eu vá deixá-la sozinha nesse prédio durante a semana enquanto não tivermos certeza de que a pessoa que esteve aqui não veio com intenção de machucá-la.

Ela abre a boca e sei que quer protestar, mas balanço a cabeça.

— Escolha suas batalhas. Eu não vou ceder quanto a isso. Ou você fica no meu apartamento até resolvermos essa questão, ou chamamos a polícia.

Ela parece brava, mas fala.

— Eu vou fazer minha mala.



— Eu não posso fugir outra vez.

— Isso não é fugir, Dominika, mas se resguardar para que um doente não se aproxime de você novamente. Me dê um nome.

— Não. Eu não quero mexer nisso. Por favor, Reed, você viu as filmagens. Não sabemos nem se a pessoa queria mesmo alguma coisa com meu carro.

Ela está certa nesse ponto.

O homem — porque pelo caminhar eu pude perceber que era — ou não tinha certeza de onde estava ou não conhecia o carro dela ou quis somente ser visto, para assustá-la, porque é claro que ele saberia que haveria câmeras em um prédio luxuoso como aquele.

Enquanto eu dirigia para o meu apartamento, a ouvi conversar rapidamente com o tal tio postiço, Richard Adgale, que descobri ser o mesmo homem que conheci no hospital quando ela sofreu o atentado, e explicar a situação. Eu não deveria ter prestado atenção na conversa, mas mesmo assim, o fiz.

Não tenho problema em flexibilizar o conceito de privacidade se o que estiver em jogo for a segurança dela.

— Olha, eu não sou doida. Há uma razão por eu não querer mexer com isso agora.

Estamos deitados na cama, ela por cima de mim, depois de transarmos por quase uma hora na banheira da minha suíte. Meu corpo está relaxado, mas a cabeça não para, pensando em como protegê-la vivendo em cidades diferentes.

— Qual razão pode ser mais importante do que sua segurança?

— Minha mãe me ligou. Depois de anos sem me procurar, ela quer almoçar comigo. Se eu me aprofundar nisso agora, posso estragar tudo outra vez.

Não é o que ela fala que me põe em alerta — o fato dela e a mãe não se relacionarem há anos só me faz ter certeza de que não gosto da mulher que a gerou, mesmo sem conhecê-la — mas o que ela *não diz*.

— A pessoa que tentou machucar você foi um parente.

Não é uma pergunta, mas quando ela endurece em meus braços, tenho minha resposta.

— Foi alguém que tinha livre acesso à minha casa.

— Tem ideia de como é difícil para mim ficar no escuro?

— Eu sei. Deixe-me somente encontrar minha mãe. Richard também me disse que vai verificar com o detetive que ele havia contratado, para ver como estão as coisas.

— Eu não quero ter que ir atrás disso sem que você me conte antes, mas não espere que eu fique de braços cruzados até que seja machucada. Não vai acontecer.

Capítulo 36

Reed

Fazenda Ouro Velho

Uma semana depois

Apoio os braços na cerca que vai muito além do que a minha vista pode alcançar, observando meus cavalos, enquanto o sol quente do Texas queima a minha pele.

Esse cheiro tão típico de terra com bicho, para mim é o melhor odor do

mundo.

Não, isso é mentira. Não há nada melhor do que o cheiro da pele de Dominika quando estou dentro dela. A mistura de suor e desejo somado ao perfume único da minha mulher.

Tiro o chapéu e deito a testa na madeira enegrecida, pensando no que devo fazer.

Não se conseguiu chegar a qualquer conclusão sobre quem foi a pessoa que esteve na garagem dela e como Dominika me pediu para aguardar que se encontrasse com a mãe, estou de pés e mãos atadas.

Esperar as merdas acontecerem sem ter qualquer tipo de preparação antes não é a minha, então mandei que fosse reinstalado todo o sistema de segurança no apartamento dela, assim como câmeras nos corredores de fora do elevador de seu andar.

Houve um pequeno desentendimento com o síndico a respeito disso, mas quando ameacei expor na *internet* a filmagem, da qual fiz uma cópia com meu celular, do intruso passeando livremente pela garagem, ele recuou.

Um dos cavalos se aproxima e lhe acaricio o focinho.

Dominika está em meu apartamento de Dallas e desde que começamos a namorar, ainda não veio para a fazenda — o que pretendo corrigir rápido — e acho que é porque sente vergonha em enfrentar minha avó e assumir que estamos juntos.

Mesmo contrariando-a, conversei com Hudson e ele me deu sua palavra de

que colocará seguranças vigiando-a, já que ela recusou os que eu disse que contrataria.

Esse foi o motivo da nossa primeira briga.

Não foi muito bonita porque nós dois temos gênios fortes, mas as pazes quase fizeram valer a pena.

Engraçado que nos últimos anos, eu nem brigava mais com Annamae. No máximo, me irritava.

Na maioria das vezes, no entanto, eu só queria que ela saísse de perto de mim.

Há cerca de três dias, ela me ligou com uma desculpa ridícula de que estava pensando em comprar um cavalo e se eu poderia lhe indicar a melhor raça.

Não sou do tipo que manda recado ou fica tentando florear as coisas, então fui curto e grosso: mandei que procurasse outro criador porque não negocio com particulares.

Ela ainda insistiu em dois minutos a mais de conversa, mas todas as penitências que eu tinha que pagar na Terra já foram acertadas com Deus, então, depois de uma despedida rápida, desliguei sem lhe dar chance de continuar com seus jogos.

Ao longe, vejo meus dois cachorros na varanda de casa tentando morder o rabo um do outro, enquanto meu velho e caolho vira-lata observa os mais jovens brincando, com um ar entediado.

Juro por Deus que os labradores são loucos e têm uma energia inesgotável. Me pergunto como se comportarão quando Tarzan vier.

Meu celular avisa da chegada de uma mensagem e quando verifico, percebo que é de Callum, dizendo que nós cinco precisamos conversar amanhã.

Dominika foi comemorar o aniversário de seu tio Richard e não deixou dúvidas de que eu não estava convidado, então, vou almoçar com a minha avó e ver o que os rapazes querem.

Ela não me conta quase nada de seu passado e se eu disser que esse mistério não me incomoda, estaria mentindo. Não sei até quando vou conseguir deixá-la seguir nesse ritmo, sem compartilhar.



No dia seguinte

Estamos reunidos no celeiro da casa da minha avó e a tal conversa que Callum disse que precisaríamos ter parece mais com a narração da vida de outra pessoa.

Ele acaba de nos contar — a mim, a Jaxson e a Bryce, porque Hudson soube antes — que somos todos irmãos.

Eu ainda não consigo acreditar.

Quero dizer, ter Callum como irmão não muda nada. Ele já era dentro do meu coração, mas as implicações disso é que me trazem um sabor ácido à boca do estômago.

A mãe de Callum traiu meu tio com o próprio irmão.

Meu pai atraiçoou seu sangue — justamente o que Hudson havia acusado nosso primo, na verdade, agora nosso irmão[50], de fazer com ele — e aparentemente Callum guardou esse segredo a vida inteira.

Ninguém fala nada e o silêncio é pesado como a madeira que reveste essa construção.

Jaxson, que tem andado irritado com o mundo desde que assumiu o lugar de Hudson como *CEO* na *Gray Oil* e quase não pode mais vir para Grayland, é o primeiro a se manifestar.

— Não muda nada. Você sempre foi nosso irmão. A única diferença é que

agora sabemos que nosso pai era um traidor.

Ele só fala o que todos nós estamos pensando, mas eu sinto ainda mais vergonha do que os outros, porque eu já sabia que ele enganava nossa mãe há tempos.

Eu amava meu tio, o pai de Callum, quase tanto quanto meu próprio pai e não consigo entender como alguém pode ter coragem de esfaquear o irmão pelas costas.

— Ninguém é perfeito. Ele foi um bom pai para nós. — Bryce diz.

O problema é que o que nosso pai fez não foi uma simples *imperfeição*. Ele desonrou a família.

Eu nem consigo imaginar o que deve se passar na cabeça de Callum. Eu me sinto pessoalmente traído com essa revelação.

Resolvo abrir toda a verdade para que talvez, quem sabe, possamos seguir em frente com aquilo.

Deus é testemunha de que não precisamos de mais desentendimentos nessa família.

— Não é tão simples assim — falo, chamando a atenção deles. — Não foi só com a tia Milly que papai traiu nossa mãe. Acho que ele tinha outras namoradas pela cidade.

Na verdade, eu tenho certeza de que ele era um traidor em série, mas não quero destruir todas as ilusões de Bryce.

— Como você sabe disso? — Hudson indaga.

— Porque eu vi. Era novo, mas sabia o significado de um homem beijar uma mulher na boca. Ele fazia isso com algumas empregadas que trabalhavam na nossa casa.

Com *quase todas* que trabalham na nossa fazenda, na verdade. Por mais de uma vez, eu o vi agarrado com mulheres aqui e na cidade.

— E você nunca contou à mamãe? — Bryce pergunta em tom acusatório, mas não fico chateado. Acabamos de desmantelar a imagem do seu herói. Ele tem direito de estar com raiva.

— Falar o quê? Que o homem cujo chão ela beijava, a enganava com a primeira mulher que aparecesse?

Na verdade, eu sei que nossa mãe tinha conhecimento. Uma vez, eu a peguei observando na entrada da cozinha, enquanto meu pai se agarrava com uma das ajudantes, mas para quê revelar que além de um pai trapaceiro, tínhamos uma mãe conivente?

O melhor a fazer é deixar os mortos em paz.

— Ela não acreditaria — Jaxson diz.

— Não mesmo — Hudson confirma. — Mas agora, o que importa é que Callum é nosso irmão não somente no coração, mas no sangue também. Eu já pedi a ele, mas falarei outra vez na frente de vocês. Não porque descobri que você é meu irmão, mas porque eu errei. Perdoe-me por ter duvidado de sua palavra.

— É passado, Hudson. Essa fase da minha vida ficou para trás.

Um por um, abraçamos nosso primo. Não, nosso irmão. Vai levar um tempo até que nos acostumemos com a troca de título.

— Agora temos que tomar uma decisão. Dizemos a verdade a Mary ou não? — pergunto.

— Por mim, não. A notícia só servirá para magoá-la. Não faz qualquer sentido. Não alterará nada — Jaxson diz.

— E vocês, o que acham? — Hudson pergunta.

Acenamos com a cabeça porque ninguém quer fazer Mary sofrer. Se Callum, que foi o mais ferido, não faz questão de que a verdade venha à tona, nós também podemos carregar aquele erro em silêncio.

— Já que todos estão de acordo, vamos deixá-la em paz, lembrando de ambos os filhos com amor.

Capítulo 37

Dominika

Dallas

Dias depois

Dirijo para o restaurante, me sentindo um pouco culpada.

Devido ao encontro daqui a pouco com a minha mãe, adiantei minha sessão de análise com Chandra para ontem à noite.

Na minha cabeça, minha vida está se encaminhando perfeitamente bem.

Nunca me senti tão feliz, mesmo com o susto que tomei no dia em que o intruso entrou na garagem do meu prédio.

Como não quis dar um nome a Reed enquanto não almoçasse com mamãe, ele não me deixou voltar para casa.

Chandra não gostou disso.

Não do fato de eu estar no apartamento de Reed, mas por não revelar a verdade quanto a Jameson.

Ele não insistiu, mas sinto que guardar segredos está envenenando nossa relação.

No dia em que voltei do almoço com Richard para comemorar o aniversário dele, Reed estava me esperando dentro de seu apartamento.

Sem falar nada, ele me pegou no colo e me levou para a cama.

Não é seu jeito normal transar calado. Ele gosta de saber o que estou sentindo e não esconde o que quer com aquela boca suja que eu tanto adoro.

Nesse dia, ele mergulhou em mim, vezes sem conta, como se não quisesse voltar ao mundo real, nos prendendo em nossa própria dimensão onde a ninguém mais era permitido entrar.

Quando praticamente desmaiamos nos braços um do outro, ele me contou que descobrira que Callum era seu irmão.

Eu, que me considero sem fé nas pessoas, confesso que fiquei chocada.

Traições não são fáceis de serem digeridas, não importa de onde elas partam.

E então, desde aquela noite, eu tenho me sentido como se não estivesse

doando na mesma proporção que estou recebendo.

O problema não é a falta de confiança, mas a vergonha. O medo de que ele passe a me enxergar de maneira diferente.

Sinto minha garganta trancar, mas respiro fundo.

É a pior hora possível para deixar minhas emoções emergirem. Acabo de estacionar em frente ao restaurante onde vou encontrar a mulher que me deu a vida, mas que também, me excluiu da dela.



Minutos depois

Restaurante Fearing's

Eu pensei que quando nos encontrássemos, depois de tantos anos, aquilo me partiria em duas, mas enquanto observo Lena Wos-Spencer entrar no restaurante como se fosse a dona do estabelecimento, não sinto nada.

Do terninho Chanel à bolsa de couro de crocodilo legítimo que custou cerca cento e cinquenta mil dólares — eu sei porque estava lá quando ela comprou — ao cabelo ruivo, que lembra tanto o de Sara e sem um único fio fora do lugar, porque eu tenho certeza de que foi cuidadosamente fixado com laquê, sua aparência é irretocável.

Pela maneira como desfila entre as mesas, como se esperasse que o mundo fosse se jogar aos seus pés, minha mãe poderia ser a primeira-dama dos Estados Unidos ao invés da *socialite* rica que nunca trabalhou na vida, o que de fato, ela é.

Eu me levanto por respeito, para esperá-la, mas ela só me encara no último

instante.

Sabe quando você nem começou algo e já está arrependida? Quando como estamos na fila da montanha-russa, mas ao ouvirmos os gritos de quem já entrou, temos vontade de dar meia-volta e ir embora? É assim que estou me sentindo.

Ela se aproxima para me dar os dois beijinhos que nunca encostam no rosto da pessoa e que lhes são tão característicos, mas eu estendo a mão em cumprimento porque acabo de descobrir que não quero contato físico com essa mulher.

Lena hesita por apenas um segundo, parecendo desconcertada, mas se recupera rápido.

— Seu cabelo está estranho com essas mechas mais claras. Deveria se decidir. Ou deixa o loiro natural ou pinta de castanho, mas mechas são definitivamente vulgares.

Eu a encaro, apertando o guardanapo em meu colo para não gritar. Não vou dar motivos para confirmar que sou a louca que eles pensam.

— Disse que queria conversar comigo algo importante, o que era?

Nós mal nos sentamos e eu só quero que isso acabe.

— Você primeiro. Quais são as novidades? Você sempre aparece na *tv* com o governador.

Ah!

Não sei como alguma coisa que ela faça ainda me surpreende. Talvez porque eu seja uma idiota crédula que pensa que todo mundo tem redenção.

— Você ficou quase dez anos sem me ver e a única coisa que tem para me falar é sobre a cor do meu cabelo e que me assiste ao lado do governador na televisão?

— Não. Quero que me conte tudo. Vamos botar as novidades em dia.

— Novidades?

— Sim. Como é trabalhar ao lado de um homem tão poderoso?

— E honesto. Bom e honrado também.

— O quê?

— Nada. Você não saberia do que estou falando, de qualquer modo. Me diga uma coisa. Dessas *novidades* — dou ênfase na palavra — as quais a senhora quer saber, estão incluídos os anos em que eu passei no hospício?

— Pelo amor de Deus, fale baixo. O que você deseja, um escândalo?

— Não estou gritando, Lena. Talvez seja o teor do que eu falei que não lhe agrade ouvir.

— Foi para isso que me convidou?

— Em parte, sim. Minha terapeuta disse que não devo mais fugir do passado.

— É bom que ainda esteja aceitando ajuda.

— Ajuda? Eu não fui ajudada, mamãe, fui abandonada por minha família.

— Pela glória do Senhor, aquela clínica equivalia a um *spa* cinco estrelas.

— Com grades, a senhora quer dizer. Um *spa* cinco estrelas em que eu cuspia os comprimidos que me davam para não me transformar na louca que vocês juravam que eu era. Um lugar em que, depois que minha tia morreu, eu fiquei

largada, sem visitas.

Estou muito orgulhosa de mim mesma por não derramar uma única lágrima, mas por dentro, sangro.

— Um hotel de luxo em que não me permitiram sequer ir ao enterro da única pessoa que me ajudou. Onde eu não tive festas de aniversários e abraços de amigos ou parentes.

Ela está branca como papel, mas eu não me importo. Só agora percebo que preciso vomitar aquela dor ou nunca conseguirei minha libertação.

— Você precisava melhorar sua cabeça.

Eu só não grito porque sei que tudo o que eu fizer, refletirá em Hudson.

— Não havia nada de errado com a minha cabeça, mãe. Aquele homem ia me…

Não consigo completar a frase. Sei que estou começando um ataque de pânico como tantos outros pelos quais já passei logo que fui internada.

Sinto dor na cabeça e nos olhos, principalmente, mas prefiro morrer antes de chorar na frente dela.

— Era sobre isso mesmo que eu gostaria de falar com você — diz, sem me olhar.

Mesmo que eu não autorize, sinto uma ponta de esperança se espalhar pelo meu coração.

— Sobre o quê?

— O que aconteceu naquela noite. Já passou da hora de você se desculpar

com sua irmã e seu cunhado. Eu tive uma ideia. Jameson quer entrar para a política. Que maneira melhor para você tentar fazer as pazes com ele do que apresentando-o ao governador e ajudando-o a se candidatar, como fez com *O Dono do Texas*, *ahn*?

Sinto meu estômago contrair em espasmos e sei que preciso sair rápido daqui antes que eu passe mal a sério na frente de todo mundo.

Abro a bolsa e pego uma nota de cem dólares, deixando em cima da mesa.

— Onde você pensa que vai?

— Encontrá-la foi um erro. Você é um monstro sem consciência, talvez até pior do que Jameson, por ser minha mãe. Nunca mais me procure. Não diga a ninguém que somos parentes. Você não existe mais para mim.



Três semanas depois

Olho a chuva bater na vidraça do meu apartamento — não, do apartamento do meu namorado — e o clima parece um reflexo do meu humor.

As nuvens pesadas são como uma confirmação da tempestade dentro de mim. O céu escuro com alguns raios eventuais.

Estremeço quando um trovão ressoa.

Há uma certa estação do ano, em que o Texas é atingido por tornados[51]. Eu sempre tive medo deles, isso não é uma novidade, já que sinto medo de quase tudo, mas esse fenômeno natural em particular, me assusta pela força e descontrole.

Para alguém como eu, o descontrole não e só inaceitável, como também um pesadelo.

Foi exatamente do que eles me acusaram quando me internaram na clínica psiquiátrica: que eu me descontrolei, tive um surto de loucura e ataquei Jameson.

Após sair de lá, eu vivi em função de me manter sempre protegida, prometendo a mim mesma que nunca mais lhes daria a oportunidade de me

rotular como louca.

No dia do encontro com a minha mãe, ela só precisou de poucos minutos para me desestabilizar — o que me mostrou que ainda sou vulnerável à minha família. Eles sabem onde atacar para me atingir.

Deus, eu não aprendi nada ao longo dos anos?

Esperava mesmo que mamãe tivesse mudado?

Para meu desgosto, admito que, no fundo, sim. A menina boba que está trancada dentro de mim, ainda quer pertencer e ser aceita por seu núcleo familiar.

Tenho vergonha dessa necessidade. Não quero mais precisar de quem quer que seja.

Já fui a três sessões com Chandra desde então, mas me sinto como se tivesse regredido — nas últimas semanas, eu só ouvi, quando antes, já conseguia assumir meus medos em voz alta.

Isso também afetou minha relação com Reed.

Eu refreei a sensação de segurança que estar com ele me dá e agora quando ele vem, tenho me mantido emocionalmente distante, apesar do sexo continuar incrível.

Eu odeio que me encontrar com ela tenha feito isso conosco.

Sinto que ele pisa em ovos comigo, como se soubesse que não pode me empurrar demais. Tudo o que eu quero é fazer as coisas voltarem como eram antes, mas não tenho a menor ideia de como conseguir isso.

Essa noite é a inauguração da *Hazard*, a boate de Beau e hoje cedo, Reed me telefonou e disse que Becca, a irmã de criação dele, que na verdade odeia esse rótulo, virá para ir conosco à festa na boate.

Ele também falou que me encontraria lá porque não sabia a hora que iria chegar.

Não estou com vontade de ir, mas Becca ficou tão animada ao telefone, que não tive coragem de dizer que *não*.

Talvez dançar e me divertir seja exatamente o que eu esteja precisando.

O personagem certinho do qual me revesti por anos, aparentemente não funcionou quando precisei ser confrontada com o meu passado, então, quem sabe eu deva apenas viver como uma jovem de vinte e quatro anos faria.

Capítulo 38

Reed

Boate *Hazard*[52]

Naquela mesma noite

Por que diabos aceitei esse convite?

Vir a uma boate é a última coisa que eu quero e sim, aproveitar os poucos momentos que tenho com Dominika durante a semana.

Namorar à distância é uma merda e eu me pergunto se da parte dela já estamos esfriando ou se há algo a mais na maneira quase formal que passou a falar comigo ao telefone.

Ela é fechada como uma concha e não me dá qualquer pista do que está sentindo ou pensando.

Nosso relacionamento vinha escalando para uma intimidade crescente, em que, aos poucos, ela baixava a guarda, mas agora sinto como se tivéssemos voltado à estaca zero.

Dominika é, sem medo de errar, a melhor transa que já tive na vida. O sexo entre nós é intenso e o desejo, parece nunca ser saciado, mas ela mudou. Não há mais a entrega no pós-sexo, como se ela estivesse se protegendo ou esperando o fim. Como se houvesse a porra de um relógio tiquetaqueando logo acima de nossas cabeças. Isso está me deixando louco.

Sei que essa mudança ocorreu depois que almoçou com a mãe, há algumas semanas, mas não entendo o porquê.

Agora estamos aqui, em uma festa da qual eu não quero participar, em uma situação em que me sinto como um neandertal, desejoso de reivindicar minha mulher.

Observo enquanto ela dança com Becca, as duas parecendo se divertir, mas eu não tenho realmente certeza quanto a isso. Quando se trata de Dominika, não tenho certeza sobre nada.

Ela usa um vestido preto ousado, com pequenos brilhos — não sei o nome

dessa porra[53] — que balançam a cada vez que se move, me hipnotizando.

A boate está lotada, mas não há qualquer outra mulher aqui para mim.

Dominika me domina e prende a atenção completamente.

Dança de costas, a bunda arredondada requebrando sensualmente e me pondo duro.

Ela não queria vir hoje, mas quando contei que Becca estava animada, disse que tudo bem.

Beau é um amigo de longa data e eu poderia ter dito *não* ao seu convite sem precisar me explicar, mas há um lado babaca meu que quer mostrar ao mundo que Dominika me pertence, embora estejamos em uma festa privada e que, até agora, ela tenha se mantido distante.

Estou sentado em uma banqueta no bar, um copo de uísque na mão, completamente concentrado nela. Dominika não está bêbada porque não consome álcool, mas dança como se estivesse solta de qualquer inibição.

Há meia dúzia de marmanjos cercando a ela e a Becca e apesar de estar com um ciúme fodido, enquanto estiverem só olhando, não vou intervir.

Eu já tentei analisar friamente a razão dela me atrair desse jeito, mas não consigo chegar a uma conclusão. Ela me prende em sua teia de sedução involuntária, embaralhando minha racionalidade, me tirando do meu caminho, dominando meus pensamentos e desejo.

Estive mais em Dallas desde que começamos a namorar do que provavelmente a minha vida inteira, fora a época em que cursei a universidade.

Por mais de uma vez, durante a semana, peguei o carro sem aviso e cheguei de repente, pela pura necessidade de sentir seu cheiro e me afundar em seu corpo apertado.

Há algo no contraste entre a aparência impecável e a mulher apaixonada que não controla sua luxúria, que me põe louco a cada vez que estamos juntos.

A boquinha atrevida, com o lábio superior mais cheinho formando um biquinho delicioso e provocante.

O nariz arrebitado como se estivesse sempre disposta a enfrentar o mundo inteiro — embora eu conheça seu lado frágil.

Tudo nela me faz prisioneiro.

Ela mantém um ar de boa moça para o mundo, mas eu sei o fogo que aqueles pequenos diamantes que são seus olhos emitem toda vez que estou dentro de seu corpo.

— Reed Gray — ouço a voz de Beau chamar.

O forte sotaque do meu amigo é inconfundível. Uma mistura de inglês com a sonoridade típica da língua francesa.

Me levanto para cumprimentá-lo e vejo que a boate praticamente parou. Os convidados observam atentos a chegada do proprietário.

Ele segura um copo de bebida também, embora eu tenha certeza de que não tocará em uma gota dela. Já saí com ele algumas vezes. Beau não usa nada que possa nublar seus sentidos.

Ele é meu amigo e também dos meus irmãos, sendo introduzido a nós por

Jaxson, mesmo que eu não tenha a menor ideia de como se conheceram.

Ao contrário de nós, no entanto, o homem de ascendência *cajun*[54] é um cidadão do mundo.

Com filiais da *Hazard* em várias cidades do país e também nas principais da Europa, ninguém sabe ao certo de onde ele surgiu ou se tem família.

A imprensa fica de olho em cada passo de sua vida, tentando descobrir o que se esconde por trás de todo aquele mistério, mas até hoje só deram com a cara na porta.

É como se Beau tivesse chegado ao planeta Terra já adulto, sem um passado.

— Para o milagre ficar completo, só falta Jaxson vir também.

Sorrio, sem acreditar naquela pretensa leveza. Para quem não o conhece, em um primeiro momento, Beau passaria por um sujeito aberto à aproximação humana, mas sei o quão restrito é seu círculo de amigos.

— Ele está a caminho.

— Soube que temos duas inaugurações hoje: a boate e sua volta à solteirice. — Dá uma pausa. — Ou não?

Não estranho que ele não só saiba do fim do meu relacionamento com Annamae, como também que já estou com Dominika. Juro por Deus que o homem parece onipresente.

— Sim, para as duas questões. Não sou mais noivo e também não estou sozinho.

Acho que inconscientemente, olho para Dominika porque ele vira para trás,

mirando a pista de dança.

Estamos no segundo andar da boate, onde fica o povo escolhido[55] e cujo acesso é ainda mais restrito do que em todo o estabelecimento.

— Vejo que seu gosto não mudou. Ela é linda, mas tenho um fraco por morenas — diz, acho que se referindo à Becca.

Não compro nem por um segundo sua provocação. Rebecca é muito nova para o gosto dele. Mas naquele exato instante, Jaxson chega e parece não levar seu jogo tão na esportiva.

— Nem pense em olhar para ela.

— Ela é sua? — pergunta, com aquele sorriso que não alcança os olhos.

— Nossa irmã — respondo por ele e vejo a testa de Beau franzir.

— Tudo bem, já entendi. De qualquer modo, não sou fã de texanas. Soube que costumam andar armadas. Apesar de que, por ela, vale a pena levar um tiro.

Sei que está provocando Jaxson porque meu irmão, de nós, é o mais ciumento com relação à Becca e posso ver que a jogada de Beau atingiu seu objetivo quando Jaxson rosna ao meu lado. Antes que diga alguma coisa, no entanto, uma ruiva, que sei se tratar de uma das *hostess*[56] porque foi quem nos recepcionou quando chegamos, se aproxima.

— Senhor Carmouche-LeBlanc, essa senhorita diz que é convidada, mas não encontro o nome dela na lista.

— Então por que a deixou entrar? — ele responde sem qualquer tato.

— Eu pensei… eu… — A mulher se atrapalha, enquanto seu chefe se volta

para enfrentar a suposta convidada.

Quando se move para o lado e eu vejo a *penetra*, sei exatamente a razão da *hostess* tê-la deixado subir.

A morena vestida em uma minissaia que poderia facilmente se passar por uma faixa de pano, é o tipo de mulher que atrai seu chefe.

Sensual e com um ar de segurança atrevido.

— Qual é seu nome? — ele pergunta, se dirigindo à morena.

— Amber Martin[57]. Na verdade, eu menti. Meu nome nunca esteve nessa lista. Mas seria uma grande perda para sua festa eu não estar nela.

Seguro uma risada pelo descaramento da garota e meu sorriso aumenta quando vejo que ela o fisgou.

— Não sou o tipo de homem que deixa passar oportunidades — diz, já envolvendo o braço em sua cintura.

— Você não deveria tê-las deixado sozinha — Jaxson fala, depois que ele se afasta, fazendo um gesto de cabeça para a pista de dança.

— Se está falando de Dominika e Becca, estou de olho nas duas.

Seu rosto forma uma carranca depois do que eu falo.

Ele não responde, mas pousa o copo que estava na mão, no balcão atrás de nós.

— Becca tem andado um pouco incontrolável.

— Ela só está agindo de acordo com a idade. Qual é seu problema atualmente? Parece pegar no pé dela mais do que o normal.

Ele já não está mais me ouvindo porque saiu no encalço de Rebecca.

As duas estão chamando muita atenção e agora os homens, que antes apenas babavam à distância, estão mais próximos do que vou admitir.

Percebo que Jaxson e Becca discutem e depois de um tempo, ela sai pisando duro, com ele logo atrás.

Dominika fica sozinha.

A forma feminina de minha mulher ondula o corpo, como que em uma sedutora coreografia particular que o resto do mundo desconhece.

A cintura fina se move em um convite privado, que quero só para mim.

Os pés estão dentro de um sapato de salto alto vermelho que eu desejo trancado em minha cintura, tão logo estejamos a sós.

O cabelo loiro, cada vez mais claro, cai como uma cascata pelos ombros.

Mas é a maneira que ela parece solitária que me acerta em cheio.

Alheia ao mundo, Dominika celebra a própria vida, indiferente aos olhares cobiçosos que recebe.

Meu corpo responde, exigindo que eu a reivindique e decido que essas últimas semanas em que nossa ligação mágica se transformou em algo puramente físico, acabaram.

Eu quero tudo.

Não vou ficar de fora de seu universo, a não ser que ela me expulse com todas as letras.

Termino de beber o uísque e ando para a pista.

Quanto mais me aproximo, mais sinto meu sangue esquentar.

Quando a alcanço, me posiciono às suas costas, o peito colado em sua cabeça.

Fora essa pequena área de contato, eu não a toco ainda, permitindo-a me sentir.

Ela sabe que sou eu?

Pensar que pudesse reagir a outro cara me põe possessivo para caralho.

Há algo primitivo em meu desejo. Sou puro instinto quando me abaixo e falo perto de sua orelha.

— Minha.

Ela não se vira, como se relutasse em me encarar, mas paradoxalmente, o corpo me provoca, se esfregando.

Os braços se erguem, vêm para trás, me puxando pelo pescoço.

Tenho certeza de que está esquecida de tudo ao seu redor e de que há outras pessoas nos observando.

Passo a mão por seu abdômen, em um movimento lento, mas dominante. Subindo e descendo, em um ritmo oposto à intensidade do meu desejo.

Ela finalmente se vira para mim.

— Desistiu de só assistir?

— Você queria espaço para se divertir. Eu dei. Agora já chega.

— *Chega*?

Sua respiração acelera e sei que está excitada.

Está me desafiando? Ela quer brigar? Porque nesse instante, a insegurança

sobre nosso relacionamento está me pondo volátil.

O tesão mesclado com a incerteza, causam uma mistura perigosa.

— Vem comigo.

— A música ainda não terminou.

— Se conseguir andar depois que eu acabar com você, pode voltar para a pista.

Sem dar espaço para discussão, seguro sua mão e a levo para uma sala privada. Não é a primeira vez que venho a uma boate de Beau e sei que a configuração delas por dentro é igual, principalmente na área privê.

Há um guarda-costas na entrada, que nos deixa passar sem hesitação.

Fecho a porta e viro o trinco.

Antes que ela se recupere do susto, eu a giro de frente para a parede e levanto seu vestido.

Minha boca viaja por seu pescoço e orelha e ela geme.

— O que está fazendo?

— Mostrando o quanto você é minha.

Capítulo 39

Dominika

Os pelos do meu corpo estão arrepiados.

Até agora, mesmo com seu jeito dominante, Reed não havia me mostrado tudo, eu tenho certeza.

Algumas vezes eu o peguei me olhando, como se pensamentos sujos estivessem permeando sua mente e eu ainda não tenho experiência o suficiente para saber o quanto seria seguro empurrá-lo.

Depois do que diz, sua mão agarra meu cabelo em uma pegada forte e acabo de descobrir que adoro isso.

A área nebulosa entre o prazer e a dor.

Ele é muito alto, então, quando sinto seu desejo contra meu bumbum, sei que

se inclinou para frente.

Meu corpo está pegando fogo e quando ele levanta meu vestido, já estou derretendo.

Não é um movimento suave, mas impaciente, como se não pudesse esperar para me ter nua.

O dedo escorrega pela base da minha coluna, em seguida, as mãos seguram as laterais da minha calcinha, rasgando-a. Eu ofego, a espera me fazendo tremer.

— Eu sou louco por você — diz e força uma perna entre as minhas, separando as coxas.

A mão vem para frente, me abrindo, preparando.

Mesmo que abafada pelo som da música atrás da porta, minha respiração é ruidosa.

Ele não pede licença, quando se abaixa e começa a me devorar.

Apoio as palmas abertas na parede, tentando encontrar algum equilíbrio porque a cada vez que sinto sua língua, minhas pernas dobram.

Ainda de costas, ele ergue uma delas sobre seu ombro. Estou exposta à sua lascívia, entregue ao meu gigante.

Ele me lambe, como se meu gosto fosse sua comida favorita.

— Ai, meu Deus! — choramingo.

O polegar me massageia sem descanso, enquanto sua língua me faz esquecer meu próprio nome.

Ela é áspera e implacável.

Como se estivesse me mostrando como será quando entrar em mim.

— Desça essa boceta encharcada no meu rosto, Dominika. Você vai gozar na minha boca.

Apesar de não medir palavras durante o sexo, ele nunca foi tão cru. Não pensei que gostaria de ouvir algo assim, mas Reed me mostra, a cada vez que fazemos amor, que sei muito menos sobre mim mesma do que imaginava.

— Mais... — imploro.

— Gostosa. Rebole. Deixa eu ver o quanto você ama isso.

Sem qualquer timidez, desço em seu rosto como se o cavalgasse. Ele morde meu bumbum e depois me dá um tapa forte. Arde, mas é uma delícia também.

Quando belisca meu ponto de prazer, eu desintegro. Partida em mil pedaços e ao mesmo tempo, completa.

A intensidade do que estou sentindo é tão grande que quase choro, o orgasmo me fazendo passear entre as estrelas.

Ele desce minha perna e se levanta.

— Eu vou te foder tão gostoso.

Suas palavras são brutais, mas me deixam ainda mais louca.

Noto por seus movimentos que está abrindo o jeans. No instante seguinte, ele me vira, erguendo uma perna, apoiando-a em seu antebraço.

Jogo a cabeça para trás quando sinto seu sexo forçando minha entrada. Sei que está me preparando. Reed é enorme e cada vez que transamos, é quase doloroso.

Quando finalmente empurra dentro de mim, eu prendo o fôlego.

Seus quadris se movimentam lentamente a princípio, mas quando abro sua camisa e começo a morder seu peito, aumenta a velocidade.

Com a mão livre, desce a alça do meu vestido e acaricia meus seios, prendendo o mamilo entre os dedos.

Reed não deixa de me olhar, como se quisesse memorizar minhas reações e eu não o decepciono, gemendo minha necessidade.

— Quero marcar seu corpo todo. Ver meus dedos nessa pele branquinha amanhã.

Eu me movo, ficando na ponta dos pés, implorando por mais, porque ele ainda não está todo em mim.

— Ah, porra! — rosna.

Estou sobrecarregada de sensações e sei que hoje será um divisor de águas entre nós dois. Reed não está permitindo que eu me esconda. Exige minha entrega, me mostrando que estamos sim juntos, independente dos meus medos.

— Você é um tesão. Tão quente por dentro.

Suas palavras roubam o resto do meu juízo e eu o puxo pelos ombros, lambendo aquele peito duro.

Eu comecei a tomar pílula há cerca de quinze dias e não achei que ele estava atento ao prazo que seria seguro fazermos sexo sem preservativo, mas pelo visto, sim.

Ele suspende a minha outra perna e, lentamente, entra inteiro em mim.

Há algo diferente entre nós hoje. Como se ele quisesse me desafiar a nos renegar.

Eu não quero.

Eu não posso.

— Mais forte — peço.

Nossa transa é carnal, mas também tão cheia de sentimentos que enche meus olhos de lágrimas.

— Nós não somos passageiros.

Suas palavras acompanham uma reivindicação implacável.

Eu ofego de surpresa e desejo, talvez um pouquinho de dor, mas não quero que pare.

— Eu não consigo mais me segurar — aviso.

— Então me dê tudo, Dominika. Mostre-me o quanto você me quer.

— Eu adoro tudo entre nós dois. Eu adoro você — entrego, me rendendo.

Ele diminui um pouco o ritmo, girando os quadris, mas eu quero que sinta tanto prazer quanto me deu.

— Me ponha no chão.

Leva alguns segundos para entender o que pedi, mas balança a cabeça.

— Hoje não. Vou gozar dentro de você.

Ele é rude, quase grosseiro, mas tão meu.

Mexe os quadris para frente e para trás, gemendo no meu ouvido.

Queria provocá-lo, deixá-lo tão louco como ele faz comigo, então rebolo, mas

em pouco tempo, perco a luta.

Tenho que aceitar que Reed é o professor, e eu, a aluna ansiosa.

— Merda, eu queria fazer durar, mas você é muito apertada.

Não há mais qualquer contenção na maneira com que bate o corpo contra o meu. Seu olhar é faminto e posso senti-lo pulsando dentro de mim.

— Eu vou gozar em você toda hoje.

Talvez seu jeito áspero assustasse algumas mulheres, mas decido que vou deixar para ser uma dama fora do quarto porque percebi que durante o sexo, eu não gosto de palavras doces.

Sei, quando muda a angulação do quadril, que está perto do orgasmo.

— Você é meu vício, Dominika — diz, e então, pela primeira vez, une o nosso desejo, me enchendo e completando.

Fico em silêncio, sensibilizada por emoções com as quais não sei lidar.

Ele não sai de dentro de mim. Beija meu rosto todo, me mostrando que mesmo que nossa atração beire a loucura, há muito mais envolvido.

— Não me exclua.

Eu sei do que ele está falando.

Voltei a sentir medo de me entregar depois de reencontrar minha mãe e acabei intoxicando nosso relacionamento.

— Eu tentei, mas não consigo. Quero você para mim — confesso.

Capítulo 40

Reed

Um mês depois

Assim que desço do cavalo, meu celular vibra com uma mensagem e em seguida, aparecem várias ligações perdidas.

***Princesa colorida**: "Estou tentando falar com você e não consigo. Me ligue assim que puder."*

Merda, o telefone deve ter ficado fora da área de cobertura.

Ela passou cinco dias no Arizona acompanhando Hudson, que foi fechar um acordo com o outro governador, e que beneficiará os dois estados.

Nossos encontros ainda são essencialmente em Dallas, mesmo que já tenhamos viajado um fim de semana para um chalé que possuo nas montanhas do Colorado.

Embora ainda não tenhamos oficializado o relacionamento para todos porque ela não se sente segura, desconfio que minha família inteira já saiba.

Depois do encontro a quatro — *opa, de onde veio isso? Becca é nossa irmã* — enfim, depois que ficamos com Jaxson e Becca na boate de Beau, não tenho dúvida de que ela e meu irmão já tem certeza de que estamos juntos.

Aliás, se o mundo inteiro ainda não sabe é apenas porque naquela noite, Beau proibiu os *paparazzi* em seu estabelecimento, justamente por se tratar de uma festa privada e só com a elite.

O pensamento me faz franzir a testa. Soei tão arrogante agora, mas o problema é que não disse nada além da verdade.

Ele não está interessado no dinheiro que a pessoa tem, mas em quem ela é. Você não paga uma entrada cada vez que vai, mas recebe uma espécie de título, como em um clube. Somente alguns poucos selecionados a dedo podem frequentar as boates dele.

Se não é um dos membros, precisa ser convidado e mesmo assim, seus funcionários analisam as listas de pedido toda semana.

Olho para o celular com a mensagem e também para a fazenda à minha frente. Eu a quero aqui comigo.

Não me importo de ir a Dallas vê-la, mas não sou um cara de cidade grande. Odeio buzinas e multidões. O trânsito sempre congestionado ao fim do dia me enerva e me sinto como um animal selvagem que se vê obrigado a viver em cativeiro.

Mas eu não posso empurrar seus limites muito além do que aguenta. Dominika precisa funcionar em seu próprio tempo.

Mesmo sem saber de toda a história, sei que deve haver muita coisa pesada em seu passado que a transformou em quem é agora.

— *Reed?*

— Linda? Eu já estava indo para aí. Vou só tomar um banho.

— *Pode vir logo?*

Sua voz traz gelo à minha espinha.

— O que aconteceu?

— *Alguém invadiu seu apartamento quando eu estava viajando e….*

Antes que ela termine, corro para dentro de casa.

— Jesus Cristo. Você está sozinha? Machucada?

— *Não, Richard está comigo, mas se você puder vir….*

— Amor, é só o tempo de acionar o piloto. Vou de helicóptero para chegar mais rápido. Deixa eu falar com Richard agora?

— *Tudo bem.*

Ela conversa com alguém e depois uma voz de homem atende.

— Richard, é Reed Gray. Já nos conhecemos do hospital.

— *Eu sei quem é você. O homem que velou o sono da minha menina.*

— O que aconteceu? — pergunto, sem preâmbulos.

— *Melhor conferir pessoalmente, mas quero sua autorização para chamar a polícia.*

Meu coração bate no ouvido.

— Me dê sua palavra de que ela está bem.

— *Está sim. Só muito abalada.*

— Sabe a identidade do invasor?

— *Desconfio que sim, mas não posso lhe dar um nome, se ela não quiser falar.*

— Eu nunca passaria por cima da vontade dela. Não a deixe sozinha. Eu estou chegando.



Meia hora depois

Estou pronto para partir. O piloto já tem o helicóptero à minha espera, mas antes, preciso dar um telefonema.

Ele atende no primeiro toque, o que é uma sorte, já que Hudson está sempre em reunião.

— *Reed?*

— Sim, sou eu. Escute-me, você sabe que Dominika está ficando no meu

apartamento aí em Dallas, né?

— *Sim, ela me disse que você não quer que volte para casa por conta do invasor da garagem.*

— Isso, mas poderemos falar sobre essa questão um outro dia. O que quero é que você libere Dominika por duas semanas.

— *O quê? Impossível. Não é um bom momento para tirar férias.*

— Não são férias. Enquanto ela viajou para o Arizona, alguém invadiu meu apartamento.

— *Porra!*

— Eu estou indo encontrá-la, embora ainda não tenha certeza do que aconteceu.

— *Eu vejo você lá.*

— Não, eu posso resolver tudo. Não será bom para você ter seu nome envolvido em qualquer tipo de crime, porque não sei o que a pessoa fez em meu apartamento. Não é mais um cidadão comum, mas o governador do estado.

— *Foda-se o cargo. Você é meu irmão e ela, antes mesmo de ser sua mulher, minha melhor amiga. Não há nada que me impedirá de chegar até vocês.*

— Tudo bem. Eu o encontrarei daqui a pouco então.



— Onde ela está? — pergunto, assim que entro no apartamento.

Vejo que Hudson conversa com dois homens que, só de olhar, sei que são policiais. Richard se encontra ao seu lado, mas noto que está atento à movimentação dos peritos.

Minha casa está destruída.

Móveis revirados, sofás e poltronas retalhados, obras de artes quebradas e paredes pichadas com tinta.

A pessoa que fez aquilo não queria deixar dúvida de suas intenções.

Meu sangue gela ao imaginar o que poderia ter acontecido se Dominika estivesse lá.

— Cadê Dominika?

É Richard quem se aproxima primeiro, mas Hudson quem responde.

— No quarto de hóspedes com Antonella. Vão fechar o apartamento porque é a cena de um crime — vandalismo — mas Dominika se recusou a sair antes que você chegasse.

Começo a andar na direção do quarto, mas a voz de Richard me para.

— Você precisa ver algo antes.

Eu simpatizo com ele. É direto e não perde tempo com formalidades ou frescuras de convenções sociais.

— É importante? Ela precisa de mim.

— Acredite, é *muito* importante.

— Onde?

— Na suíte de vocês.

Subo as escadas e sigo ao nosso quarto. Sei que ele está logo atrás de mim.

Quando entro, não preciso de mais explicações.

Em frente à nossa cama, há uma enorme inscrição na parede, com tinta vermelha no mesmo tom de sangue.

“Acha que vai continuar se divertindo com seu amante? Você precisa morrer, vadia.”



A despeito da minha pressa anterior, passei uns cinco minutos no corredor tentando me acalmar.

A pessoa que fez aquilo, não sabe com quem mexeu.

Sou o rei do meu mundo. Ninguém invade minha casa, seja aqui, na fazenda, ou mesmo uma cabana e sai andando livre depois.

Isso já seria o bastante para me fazer querer matar o bastardo, mas ele foi um passo além.

Ameaçou minha mulher.

Sei que é o mesmo homem que tentou machucá-la no passado, só que agora, ela não está mais sozinha.

Não sou idiota, vi o quanto voltou infeliz do encontro com a mãe. Eu tentei perguntar o que aconteceu, mas ela se fechou completamente, o que culminou em nossa briga na boate.

Mas esses mistérios acabam hoje.

Eu dei muito tempo e espaço para que ela pudesse decidir quando me contar tudo e se não fez até agora, desconfio que se não a empurrar um pouco, nunca acontecerá.

Bato na porta do quarto de hóspedes e Antonella vem abrir, mas assim que me vê, Dominika corre para os meus braços, pulando no meu colo.

— Vou deixar vocês dois sozinhos — minha cunhada diz.

— Reed.

— Estou aqui.

Eu não lido bem com a perda.

Ainda pequeno, fiquei sem meus pais e isso fez com que, mesmo sem ser o mais velho, me tornasse superprotetor em relação ao resto da família.

Sou aquele que confere se todos chegaram em casa, que telefona para vovó à noite para saber se ligou o alarme da fazenda, que manda os funcionários verificarem os equipamentos de segurança.

Mas todas essas pessoas que fazem parte da minha vida, não são *minhas*.

Dominika é.

Eu tenho empurrado para o fundo da mente analisar o que ela significa para mim, mas hoje, enquanto ela treme em meus braços e meu desejo pelo sangue do inimigo está no comando, posso finalmente admitir que estou apaixonado.

— Eu não quero mais sentir medo. Eu luto contra ele todos os dias, mas *ele* veio aqui em casa.

Não me passa despercebido o "*aqui em casa*".

Annamae já esteve nesse apartamento diversas vezes e nunca o considerei *nosso*, mas ouvindo Dominika falar aquilo parece certo para caralho.

Ando até uma poltrona e me sento com ela em meus braços.

— Você tem que me contar a verdade. Quem fez isso, Dominika?

— Não quero te envolver nesse pesadelo. Sinto muito que *ele* tenha destruído seu apartamento.

— Não dou a mínima para bens materiais. Desde que não machuquem minha família ou meus animais, todo o resto pode ser reposto. Mas me põe insano pensar que você poderia estar aqui no momento em que esse demente invadiu o apartamento.

— Reed…

Eu a coloco na poltrona e me levanto.

Tiro o chapéu e passo a mão pelo cabelo.

— Você não tem ideia do que eu senti nesses minutos que levei para chegar aqui. Saber que estava sozinha e desprotegida… eu não posso perdê-la, será que não consegue entender isso?

Ela me olha e mesmo à distância, a vejo tremer toda.

Está quebrando bem na minha frente e meu coração se contrai, mas não podemos continuar desse jeito. Ela precisa aprender a confiar em mim.

— Foi meu cunhado. O homem que é marido da minha irmã. Ele tentou me estuprar quando eu tinha quinze anos e eu quase o matei. Sara mentiu. Disse que eu o ataquei sem motivo e eles me internaram em uma clínica psiquiátrica por dois anos.

As lágrimas escorrem grossas por seu rosto e quando eu tento me aproximar, ela me para.

— Não foi por falta de confiança que eu escondi tudo, mas por vergonha. Toda vez que você me olha, eu esqueço do que eles me fizeram, eu volto a ser a princesa colorida que vovó jurava que eu era. A menina das botas amarelas que você disse que nunca esqueceu. Em nosso mundo, eu não sou danificada. Não passei noites intermináveis sozinha, chorando e pensando se algum dia, eu conseguiria sair de lá.

Só percebo que estou chorando também quando sinto uma lágrima pingar na minha camisa.

Minha Dominika? Presa em uma clínica psiquiátrica por se defender?

Não são lágrimas de dor, mas de puro ódio.

Eu me ajoelho na frente dela, que tem as pernas dobradas no peito, os braços em volta, como que se protegendo do mundo inteiro.

— Tudo o que disse, existe. Não é uma criação da sua cabeça. Você é minha

princesa colorida. Linda, sexy, inteligente, a mulher que eu quero para mim. Nunca vai precisar ter vergonha do que pensarei a seu respeito porque a conheço. Eu vejo mais de você no pouco tempo que estamos juntos do que pessoas com quem convivi a minha vida inteira.

Ela volta a se aproximar e seu receio, como se não pudesse acreditar que ainda a quero mesmo depois de descobrir tudo, quase me mata.

— Eu não sou louca. Só me defendi.

— Não precisa me dizer isso. Eu sei quem você é.

Pego-a no colo e levo para a cama de casal, que mesmo não sendo *king size* como a da minha suíte, me acomoda melhor do que a poltrona.

— Só me responda uma coisa. Acha que foi ele quem esteve aqui hoje?

— Sim, eu acho que foi Jameson Wiley, meu cunhado, quem invadiu e destruiu sua casa. Há alguns meses, eu senti que estava sendo seguida. Falei com Richard e ele colocou um investigador particular que já havíamos contratado antes para vigiar os passos de Jameson, mas aparentemente, o homem não fez o trabalho direito.

— Espera, esse investigador que contrataram, foi depois que você saiu…

— Sim, eu fiquei lá dos quinze aos dezessete anos. Minha tia conseguiu na justiça que eu fosse emancipada. Ela faleceu logo que o processo chegou ao fim, mas antes que eu fosse liberada de vez da clínica.

— Isso significa que ele continuou perseguindo-a desde então?

— Não que eu saiba. Quero dizer, logo que saí da clínica sabemos que sim

porque esse detetive de que lhe falei, fotografou-o me vigiando. Richard conseguiu uma ordem de restrição e passei por um período relativamente tranquilo. Foi somente depois que liguei para minha mãe há alguns meses, à conselho da minha psicóloga que achava que eu deveria enfrentar o passado, que tive a impressão de que estava sendo seguida outra vez.

Acaricio seu cabelo, minha mente já lá na frente pensando em um meio de fazer cada um que a machucou pagar.

— A partir de hoje, está de férias por duas semanas.

— Eu não posso.

— Pode sim. Falei com Hudson no caminho para cá. O homem que fez isso, não é só um bastardo abusador de menores, Dominika. Ele está caminhando pela linha da loucura. Eu não vou deixá-la sozinha, nem aqui e nem em seu apartamento, até pensar no que fazer.

— Não gosto de outra pessoa controlando minha vida. Mesmo que seja alguém lindo, musculoso, de olhos verdes e meu.

Respiro mais aliviado por ela estar brincando, apesar daquela merda toda.

— Não quero controlar sua vida, mesmo que eu seja um controlador nato. Entendo que depois de tudo o que passou, não aceite mais ser dominada.

— Na cama eu não me importo.

Eu a aperto, respirando seu cheiro.

— Temos um trato, então. Na cama, sou seu dono — falo brincando, mas nem tanto.

— Eu nunca quis brigar com eles. Enfrentá-los.

— Porque você é uma princesa do mundo real. Mas eu não sou seu príncipe. Sabe por quê?

Ela faz que *não* com a cabeça.

— Porque farei todos eles pagarem pelo que lhe fizeram.

— Não podemos nos vingar. Se nossos nomes forem envolvidos em um escândalo, vai respingar em Hudson.

— Vingança é retaliação. Encaro o que vou fazer como justiça. Confie em mim.

Capítulo 41

Reed

Grayland

Fazenda Império Gray

Enquanto o helicóptero aterrissa na fazenda da minha avó, no dia seguinte pela manhã, mantenho sua mão presa à minha.

Ninguém dormiu durante a noite.

Antonella foi para casa, ficar com Dante, mas Hudson fez questão de permanecer, junto com Richard, esperando que os peritos fizessem seu trabalho.

Além dos da polícia, o tio de Dominika chamou mais dois, de laboratórios particulares, com quem já estava acostumado a trabalhar.

Por fora, sou a imagem do autocontrole, mas por dentro, há um assassino em formação, ameaçando me empurrar para fazer uma loucura.

— O que sua família vai achar? Eu estou voltando depois de meses sem aparecer, com mala e tudo o mais.

— Não pense nisso. Acredito que todos já saibam sobre nós dois. Mary só não comenta nada para não deixar você sem jeito.

Suas bochechas ficam vermelhas.

— Eles devem me achar uma boba por tentar esconder.

— Não se preocupe tanto com o que os outros pensam. Minha avó a adora. Acabou essa brincadeira de namorados secretos, Dominika.

— Não éramos secretos, mas *ocultos*.

— No meu mundo, dá no mesmo.

— E a família da sua ex-noiva?

— Você acaba de dizer a palavra-chave: *ex*. Ninguém tem nada a ver com a minha vida.

— Tudo bem, mas e quanto a sua avó? Não vou incomodá-la?

— Será somente pelo dia de hoje. Mais tarde eu volto para pegá-la. Além do

que, minha avó também está preocupada com você, Dominika. Não podíamos esconder algo assim de Mary.

— Mas não deu os detalhes para seus irmãos, não é?

— Eu não falei com ninguém fora Hudson, mas acho que em breve todos saberão.

— Menos a parte que…

— Eu nunca vou falar nada para eles que possa constrangê-la, embora não tenha motivo para sentir vergonha. Sua família, sim.

Ela parece incomodada com o rumo da conversa.

— Disse que me buscaria mais tarde. Aonde você vai?

— Sabe onde vou.

— Não pode fazer isso.

— Um inferno que não posso. Chegou a hora de alguém dar as caras para defendê-la. Esse psicopata, que já deveria estar atrás das grades há tempos, não vai ameaçá-la e sair impune.

— Eu não quero que corra riscos por minha causa.

— Dominika, a última coisa que desejo fazer hoje é brigar com você. Me espere na casa da minha avó. Dou minha palavra que logo estarei de volta e iremos juntos para a Ouro Velho.

Como se estivesse de acordo, Tarzan mia, na caixa aos pés dela.

— Viu? Ele concorda comigo.

A sorte foi que quando ela viajou, ele estava em um hotel para gatos. Não sei

o que teria acontecido se Jameson o tivesse encontrado lá, a julgar pelo que fez com o resto da casa.

Ontem à noite mesmo Richard foi pegá-lo de volta.

— Isso é um complô masculino.

— Talvez. E se prepare que a situação só vai piorar. Quando chegarmos à Ouro Velho, teremos mais três rapazes à nossa espera.

Mal o helicóptero desliga, Becca e vovó vem nos encontrar.

Sem falar nada, Mary abraça minha namorada.

Dominika aceita quieta e eu não sei o que isso está fazendo com a cabeça dela, passar de caminhar sozinha, para ter uma família inteira acolhendo-a, mas é assim que vai ser de agora em diante.



Minutos mais tarde

— O que você está fazendo aqui? — pergunto a Jaxson, que apareceu do nada ao lado do meu carro antes mesmo que eu pudesse entrar.

— Eu soube o que aconteceu e aonde quer que você esteja indo agora, vou junto.

— Como sabe que estou indo a algum lugar?

— Porque eu o conheço. Se fosse com minha namorada, eu também iria atrás do bastardo.

— Obrigado pelo apoio, mas a resposta é *não*.

— Não estou pedindo autorização para acompanhá-lo, Reed. Você é meu irmão e onde quer que vá com a cabeça quente do jeito que sei que está, eu vou junto.

— Hudson não deveria ter falado nada.

— Ele não falou, além do fato de terem vandalizado seu apartamento. Também contou que Dominika estava vindo para cá.

— E o que tem isso demais?

— Essa menina trabalha para Hudson há mais de quatro anos e nunca tirou férias, à exceção dos poucos dias em que ficou aqui após o atentado. E agora, do nada, quer me dizer que ela veio para ficar com a vovó? É óbvio que você acha que sua namorada está correndo risco, o que também me mostra que sabe quem destruiu seu apartamento.

— Sim, eu sei e estou indo confrontá-lo.

— Não é assim que se destrói um inimigo, irmão. Você está morrendo de ódio e eu entendo, mas se for para a cadeia, quem a protegerá?

— Você não tem ideia do que está falando, Jaxson. Não imagina o que ele fez. Destruiu a vida dela e agora voltou para assombrá-la.

— Por que não me conta?

— Porque é um segredo que ela dividiu em confiança. Eu não posso

compartilhar sem que Dominika me autorize.

— Tudo bem, eu já entendi. Então o que você precisa na verdade é de um bom plano.

— Não quero planejar em relação a ele, mas esfregar sua cara no asfalto até tirar toda a pele.

— Você disse que não quer planejar em relação *a ele*. Há mais alguém envolvido nisso?

— Sim, a família dela inteira.

— E quer punir a todos?

— O que acha?

Ele coloca a mão no meu ombro.

— Que precisamos nos reunir e conversar. Não só nós dois, mas todos os rapazes. Ao invés de pegar seu carro, enfrentar a estrada de cabeça quente e cometer uma loucura que pode lhe fazer ser condenado a injeção letal[58], vamos chamar os outros para o celeiro. Uma reunião em família para fazermos aquilo em que nós, os Gray, somos os melhores: planejar.



Três horas depois

— Eu não quero prejudicar você, mas não vou ficar parado.

— E eu não quero que meu irmão receba a pena de morte, então vamos pensar no que fazer com calma — Hudson diz.

— Quanto à família dela, não é tão difícil, embora seja complicado uma retaliação contra quem a machucou sem expor esse segredo de Dominika o qual você não quer nos contar — Jaxson pondera.

Eu e Hudson trocamos um olhar cúmplice.

Na vinda para Grayland, Dominika me disse que revelara tudo ao meu irmão sobre seu passado.

— Pessoas que parecem ter um rei na barriga, prezam a reputação acima de tudo, embora na maioria das vezes tenham vários podres por debaixo dos panos — Callum argumenta. — Se querem atacar onde mais dói, mirem na reputação.

— Mas assim, eles não saberão que foram punidos por causa de Dominika. Então, qual é o ponto? — Bryce pergunta. — Seria melhor se pudéssemos expô-los, envergonhá-los, mas com um propósito. Eles têm que saber o que os atingiu e por quê.

Meu irmão é impulsivo, mas na verdade, eu entendo o que está sentindo. Me considero um cara relativamente equilibrado e se Jaxson não tivesse me parado, provavelmente teria matado Jameson Wiley hoje.

Eu não posso ficar pensando em tudo o que Dominika passou por causa dele, ou vou jogar a racionalidade para o inferno e ir atrás do bastardo.

— Reed — Jaxson chama, parecendo preocupado comigo. — Eu imagino como deve estar sua cabeça.

— Não, você não faz ideia.

— Tudo bem, está certo. Eu não faço. Ainda assim, estou pedindo que não cometa uma loucura. Se quer punir o tal Jameson, mande-o para a cadeia.

— Não. Ele atacou Dominika quando ela ainda era uma criança! — explodo, levantando porque não consigo mais aguentar a dor que me rasga por dentro ao

imaginá-la sozinha e assustada, à mercê de um doente.

Minha mulher linda e forte, que precisou se reerguer das cinzas.

— Eu não vou contar a história toda porque não tenho esse direito, mas digo que a cadeia não é suficiente para ele. Eu preciso olhar na cara do miserável.

— Tudo bem, mas com duas condições — Callum diz. — Nós dois vamos com você. — Continua, gesticulando para Jaxson.

— De jeito nenhum vocês vão se meter em uma merda dessas e eu vou ficar de braços cruzados. — Hudson se ergue também.

— Você não, governador — Jaxson fala sério. — Podemos dar conta disso.

— Como eu ia dizendo... Eu e Jaxson vamos com você. Além disso, terá que deixar a arma em casa.

— Não podem simplesmente bater na porta dele no meio da noite — Bryce fala. — Estudar o inimigo e depois atacar é a melhor estratégia. Diga-me uma coisa: ele é casado? Porque se for, há de querer esconder tudo da esposa.

Merda. E agora?

— Com a irmã dela — Hudson é quem responde, resolvendo meu dilema.

— Foda-se! — Callum ruge. — Mas que diabos é isso? Eles já eram casados quando tudo aconteceu?

— Não — digo, sem conseguir acreditar em minha própria resposta.

Lembro da garota ruiva e, desde cedo, cruel e ainda assim é inimaginável que uma irmã possa trair a outra dessa forma. Sara Wos consegue ser pior do que o nosso pai.

— Sua irmã, Sara, casou-se com ele depois de tudo. Mas chega dessa história. Concordo em deixar a arma em casa, mas irei hoje mesmo atrás do desgraçado.

Meu telefone toca e penso em ignorá-lo, mas o nome no visor, me faz mudar subitamente de ideia.

— Um minuto. Eu preciso atender — peço silêncio. — Richard, alguma novidade?

— *Sim, mas talvez não a que estávamos esperando.*

— Do que está falando?

— *Os policiais não acharam digitais ou qualquer outra evidência física de que Jameson esteve em seu apartamento.*

— E as câmeras de segurança?

— *Não pegaram nada, além da equipe de limpeza circulando pelo seu prédio.*

— Acha que ele entrou disfarçado?

— *Pode parecer loucura, mas acho.*

— O homem é um banqueiro.

— Você *viu o que ele fez em sua casa, Reed. Alguém assim parece mentalmente são?*

— Não.

— *Pois então aí está sua resposta. Mas a polícia continua investigando. Não foi por isso que liguei.*

— Qual o outro motivo?

— *Jameson Wiley acaba de sair de férias para a Inglaterra. Muito conveniente, não acha?*

— Acredita que vai tentar fugir?

— *Não. Ele não teria como. Toda a família está aqui e a esposa, quase tendo bebê. Acho que ele se afastou para deixar a poeira baixar.*

— Não vai adiantar. Eu não vou parar enquanto ele não pagar o que fez a ela.

— *Graças a Deus. Há anos tento convencê-la a contra-atacar.*

— E o que a impedia?

— *Esperança.*

— Não entendi.

— *Ela acreditava que um dia os pais iriam perceber que erraram. Ela estava disposta a perdoá-los pelo inferno que passou, somente para se sentir amada.*

Sinto como se uma faca se contorcesse em meu coração.

— Ela é amada. Não precisa deles.

Desligo e percebo que meus quatro irmãos estão me olhando.

— Eu não quero só Jameson Wiley na cadeia. Eu quero toda a família pagando por tudo o que ela passou.

Capítulo 42

Dominika

Fazenda Ouro Velho

Dois dias depois

— Tem tudo o que precisa? — ele pergunta, ajeitando o chapéu na cabeça.

Há quase quarenta e oito horas estamos na Ouro Velho e eu dormi muito bem nesses últimos dois dias. Reed tem sido ainda mais cuidadoso do que o habitual, mas descobri que não quero isso.

Me levanto da mesa em que acabamos de tomar o café da manhã e vou até onde ele está, abraçando-o pela cintura.

— Tenho sim. Por favor, não se preocupe tanto. Estou segura aqui.

Ele me olha e antes mesmo de responder, sei que o que estou pedindo é inviável. Reed nunca vai deixar de se preocupar com a minha proteção.

No dia em que chegamos à fazenda da avó dele, eu quase desmaiei de alívio quando ele voltou cedo, junto com seus quatro irmãos.

Não foi atrás de Jameson como eu temera, apesar de não ter sido uma decisão espontânea. Ele me contou que o marido de Sara viajou com a família para a Inglaterra, provavelmente fugindo.

Deus, que confusão.

Agora que o pânico passou, sei que preciso tomar uma atitude. Não vou viver o resto dos meus dias, que espero que sejam muitos ainda, morrendo de medo daquele monstro.

Mas também não quero ser culpada por destruir a carreira política de Hudson — o que me fez novamente pensar se já não está na hora de separar nossos caminhos profissionais.

O poder nunca me atraiu, mas sim a admiração que sempre tive pelo meu chefe. E agora, ele já tem a vida definida — esposa, filho e o cargo que almejava. Hudson me disse, logo assim que tomou posse, que não pretende seguir na carreira política. Não acho que combine com meu amigo viver para sempre em um meio em que sua vida é esmiuçada vinte e quatro horas por dia.

Além do mais, há o tempo que esse tipo de função pública lhe rouba.

Hudson tem seu paraíso em casa e muito dinheiro no banco. Não acho que vá abrir mão de conviver com a família para se dedicar à política.

— O que está me pedindo é impossível. Como poderia não me preocupar? Sei que anda tensa com o que aconteceu e também percebo que guarda a maioria dos pensamentos para si.

— Estou tentando ser mais aberta, mas é difícil compartilhar depois de passar a vida inteira me virando sozinha.

Ele segura meu queixo para que eu o encare.

Reed é muito intenso e nunca deixa espaço para recuos.

— Sabe que a ideia de tirar férias é descansar, né? Você não parou um minuto.

— Acredite, trabalhar somente quatro horas por dia é a minha ideia de descansar. Não sei há quantos anos eu deixei de ir para a cama durante a semana em um horário decente.

— Gosta do que faz?

— Trabalhar com seu irmão?

— Aham.

— Sim. Hudson me ensinou muito.

— Por que acho que tem um *mas* por trás dessa afirmação?

— Tenho pensado no futuro. Não quero ser uma assistente para sempre.

Ele levanta a sobrancelha, parecendo surpreso.

— Achei que adorava seu trabalho.

— Na maior parte das vezes sim, mas ultimamente tenho me sentido estagnada, repetindo sempre as mesmas tarefas todos os dias. As mesmas chateações com a imprensa, sem contar que não posso dar um espirro sem que todos saibam, por conta da minha ligação com Hudson.

— Nesse caso, é um milagre que não tenham descoberto sobre nós dois.

— Na verdade, eu…. *huh*… consegui *desestimular* algumas notícias.

— O quê?

— Um jornalista amigo meu disse que iam publicar uma matéria sobre nosso namoro. Usei minha influência para fazer com que a revista de fofoca recuasse.

Vejo seu maxilar se contrair e o olhar escurecer.

— Tem vergonha do nosso relacionamento?

— Não, é que….

Ele se afasta.

— Tenho que ir trabalhar. Se precisar de alguma coisa, me telefone.

Já está saindo e eu não sei o que fazer para consertar aquilo.

— Reed.

Ele para de costas para mim, mas posso ver pela rigidez de sua postura o quanto está chateado.

— Não vou viver assim, Dominika. Você tem que se decidir sobre o que quer. Eu estive em um relacionamento de mentira por anos e não aceitarei nada mais do que a verdade em meu caminho agora. Não posso forçá-la a assumir nós dois,

mas não ficarei me escondendo como um moleque.

— Você nunca me disse por que terminaram.

— Porque eu não a amava.

— Então por que se manter juntos por tantos anos?

— Quer mesmo falar sobre isso agora? Essa conversa não tem nada a ver com a minha ex-noiva, mas sobre nós dois.

Ando até onde está.

— Olhe para mim — peço.

Sei que está lutando para não demonstrar que eu o magoei, mas Reed é todo emoção, não consegue dissimular.

— Você está certo. É somente sobre nós dois. Eu não vou mais nos esconder, mas também não gostaria de subir no alto de uma montanha e anunciar que estamos juntos. Podemos somente seguir com nossas vidas e deixar que os abutres da imprensa descubram tudo naturalmente?

Meu coração está disparado, enquanto aguardo sua decisão.

Por fim, se aproxima e me abraça.

— Desde que não haja mais interferência de sua parte para impedir que divulguem que somos namorados. Não quero nos esconder. Somos livres e desimpedidos. Quanto ao que me disse sobre sua carreira profissional, gostaria de conversar sobre isso mais tarde?

Aceno com a cabeça, fazendo que sim.

— Como posso ser tão sortuda? Você é tão melhor ser humano do que eu e

ainda assim, me quer.

— Eu sou o sortudo. Nesse mundo imenso, reencontrei minha princesa colorida.

— Pare com isso. Quando você me chama assim, eu me sinto uma criança novamente.

Ele beija a ponta do meu nariz.

— Vai tentar descansar um pouco? Por que não toma um banho de banheira?

— Becca ficou de me visitar hoje cedo. Ela vai me mostrar a fazenda.

— Fiquei te devendo um passeio mais amplo, né? Quer sair para cavalgar amanhã à tarde?

— Será que ainda sei montar?

— Não se preocupe. Vou escolher uma égua dócil para você.

Ele me abraça e ainda ficamos um tempo conversando sobre uns arranjos que sugeri para o *marketing* de sua principal fazenda. Depois de se despedir dos cães e de Tarzan, sai.

No primeiro dia, fiquei com medo de que os cachorros se sentissem incomodados com a presença do *meu filho*, mas os labradores do meu namorado, Zeke e Ziggy, assim como o vira-latas de um olho só, Bandit, adoraram Tarzan — só não sei se a recíproca é verdadeira.

Os cachorros têm muita energia e meu gato, ocasionalmente, fica meio cansado deles.

Pela primeira vez desde que o adotei, vi Tarzan mostrar as garras. Foi muito

engraçado porque mesmo pequeno daquele jeito, colocou os três cães para correr.

No piloto automático, vou até a porta para trancá-la, mas depois sacudo a cabeça. Essa é a Ouro Velho e não Dallas. Não há qualquer risco aqui.

Como que para corroborar meu pensamento, os cães de Reed vêm para a minha frente e param perto dos meus pés. Juro por Deus que me olham parecendo dizer: *você está segura conosco.*



Horas depois

— Eu fingi que não sabia — Becca fala.

Ela chegou há cerca de meia hora e desisti de vez de trabalhar.

Becca adora conversar. Tem sempre assunto e está por dentro de tudo o que acontece no mundo das celebridades, já que há cerca de dois anos, tentou a carreira de atriz.

A menina é tão agradável quanto Antonella.

E por falar em nossa italiana, a esposa do meu melhor amigo, assim como o próprio Hudson, já me ligou uma meia dúzia de vezes desde o incidente em Dallas e a cada uma delas eu me emociono por alguém se preocupar tanto comigo.

É, sou uma boba carente.

— O quê? Fingiu que não sabia? Como assim? — disfarço sobre o que acabou de dizer, como se não tivesse entendido direitinho.

— Que você e Reed estavam juntos antes daquela noite na boate.

— Mas você não comentou nada com ninguém. Mackenzie, por exemplo, não sabe.

— Posso ser franca sem chateá-la?

— Pode sim — respondo, demonstrando mais segurança do que estou sentindo de fato.

Estamos do lado de fora da casa. Becca entende um bocado sobre o funcionamento de uma fazenda e estava me explicando sobre coisas das quais eu nunca pensei a respeito, como bosta de vaca, por exemplo, que tem o nome mais chique de *esterco*.

Apesar da minha família ser dona de uma propriedade rural também, minha mãe nunca nos deixou chegar perto dos trabalhadores, então tudo o que eu e Sara sabíamos era como cavalgar com elegância e quais trajes de montaria estavam na moda naquele ano.

Becca já me explicou os tipos de cavalo que Reed cria e agora, estamos conversando sobre como meu namorado utiliza o esterco para adubar suas plantações orgânicas. Segundo ela, o esterco bovino repõe nutrientes à terra.

Ela é bem engraçada porque tudo o que fala, quer dar uma espécie de aula prática.

Assim, me levou até um carrinho de mão que estava com esterco para me mostrar como funciona a adubagem.

— Apesar da família inteira torcer pelo contrário — ela continua — ninguém tinha certeza se Reed voltaria para Annamae. Quero dizer, eles já estavam namorando há tanto tempo...

Seu rosto fica vermelho e sei que não está dizendo aquilo por maldade.

— Desse modo, penso que todos preferiram fingir que não sabiam que vocês estavam juntos para que, caso desse algo errado, não comemorássemos antes da hora.

Mesmo com o assunto espinhoso, eu começo a rir.

— *Comemorar*?

— Ah, pelo amor de Deus! Todo mundo na família ama você. Mas também sabemos que isso pode não ser suficiente para que fiquem juntos.

Rodo a ponta da minha bota no chão.

Tenho me vestido como Becca e as outras garotas da região fazem: botas, camisetas. Nada nem parecido com a Dominika assessora do governador. Ontem, Reed também me presenteou com um chapéu para que eu não ficasse queimada ao andar no sol, mas eu desconfio que parte de suas intenções era realizar uma fantasia, já que nós passamos a noite *brincando* de velho oeste.

Sinto calor se espalhar pelo meu corpo, mas ao mesmo tempo, a incerteza retorna depois do que Becca falou.

— Acha que eles ainda podem voltar? — pergunto, insegura até o último fio de cabelo.

— Não.

— Por que não?

— Pela maneira que Reed é com você. Eu já moro com eles há alguns anos e nunca o vi olhar Annamae do jeito que ele olha para você.

Sem graça pelo que ela acaba de dizer, suspendo o carrinho com esterco.

— E então, vamos ou não adubar essas verduras?

Antes que consigamos dar dois passos, um Audi conversível vermelho quase nos atropela e a última pessoa que eu esperava — ou queria ver — surge linda e

loira, com aqueles dois metros e meio de pernas em uma minissaia jeans curta e top branco.

Annamae.

É só falar no demônio que ele aparece.

Quis o destino que eu, que sempre me preocupei com uma boa apresentação, fosse ser confrontada pela primeira vez com a ex do meu homem, enquanto empurrava um carrinho de cocô.

Pelo seu olhar em mim, percebo que as notícias se espalharam rapidamente. Ela veio aqui com um propósito.

— Finalmente lhe deram uma função para que não fique sugando o dinheiro dos Gray, Becca. E vejo que arrumou uma ajudante também.

Lembra que eu disse que gosto de pares? Dois segundos foi o tempo exato para eu passar de antipatia que me causava o som do seu nome para a mais completa raiva.

— Como eu posso sugar o dinheiro da minha própria família, Annamae?

Becca tenta parecer forte, mas percebo uma ponta de insegurança em sua voz. Ela foi adotada por Mary já depois de crescida e Antonella me contou que, conversando com ela, percebeu que ainda assim, não se sente como se fizesse parte da família realmente.

A ex-noiva de Reed entra com a velocidade de uma bala para a lista das pessoas que mais detesto no mundo e isso não tem nada a ver com o fato dela ter ficado com ele por anos — *bem, talvez tenha, não vou mentir. Quem gosta de*

ex? — mas principalmente por ela insultar Rebecca daquele jeito.

— Perdeu alguma coisa por aqui, senhora? — pergunto, indo direto na jugular porque sei que nossa diferença de idade vai deixá-la insegura, a despeito do ar de superioridade.

— Senhora? Você só pode estar brincando. Temos quase a mesma idade.

Coloco o carrinho no chão.

— Mentira. Jura? — pergunto, me fazendo de desentendida, como se não soubesse que ela tem a mesma idade de Reed. — Então, talvez seja uma boa ideia você começar a fazer uns tratamentos cosméticos. Trocar de dermatologista, quem sabe? Tenho uma ótima para indicar, embora em meus vinte e quatro anos, quase não precise.

Ouço o bufo de risada de Becca do meu lado e é um esforço segurar a minha também, quando vejo a outra arroxear.

— Onde está Reed? — ela pergunta.

— Meu namorado está, como sempre, no meio do expediente, trabalhando. Deseja alguma coisa…

— Se me chamar de senhora outra vez, eu vou bater em você — ela ameaça.

— Você pode tentar — Becca diz, colocando as mãos na cintura.

— Não seja ridícula, não pode ficar do lado dela. Sabe muito bem a quem Reed ama.

Aquilo me atinge com força.

Apesar de toda a atração que sentimos, da paixão e carinho, ele nunca falou

que me amava.

— Você não quer que eu diga isso em voz alta, Annamae — Becca debocha.

— Eu vou procurá-lo.

— Não vai não — minha amiga diz. — Reed está trabalhando e você não é bem-vinda aqui.

— Tente me impedir.

E então Becca faz a coisa mais doida: agarra um punhado de esterco e aponta para a bruxa de perna comprida.

— Você não se atreveria. — Annamae fala, mas provando que não é a bolacha mais inteligente do pacote, provoca a seguir. — Se bem que, o que esperar de alguém da sua laia? Uma enjeitada e…

Ela não termina a frase porque uma bola de esterco a atinge bem no meio do rosto maquiado.

É nojento, mas engraçado também.

E então, como se estivesse descontrolada, Rebecca começa um fuzilamento de cocô e em pouco tempo a loira é uma mistura de verde e marrom.

Eu estou rindo tanto que me dobro ao meio.

Nem consigo mais prestar atenção aos protestos de Annamae.

A freada de um carro, contudo, faz cessar o ataque.

— Rebecca, o que pensa que está fazendo? — a voz de Jaxson soa alta como um trovão.

— Ela que começou! — minha amiga se defende.

— O que diabos está acontecendo aqui? — ele pergunta.

— Essa mal-educada estava ofendendo a mim e a Dominika. Eu só dei o que ela merecia.

— Isso mesmo, Jaxson, coloque essa pobretona em seu devido lugar — Annamae incita, mesmo imunda.

— O que você acabou de dizer? — ele dá um passo na direção dela. — Não fale da minha família. Eu não sei o que diabos pensa que está fazendo, mas não se aproxime das duas nunca mais. Você não é bem-vinda nas terras dos Gray. De *nenhum* Gray. Agora, dê o fora daqui.

— Preciso entrar na casa para tomar um banho.

— De jeito nenhum — meu cunhado diz. — Meu irmão não está. A única que poderia lhe autorizar a entrada é a mulher dele.

Ela olha para mim com ódio.

Cruzo os braços e a encaro de volta.

— Adivinha só? — pergunto. — Fazendo minhas as palavras de Jaxson: você não é bem-vinda.

Ainda não acredito que tive coragem de enfrentá-la. Assisto a mulher entrar no carro, provavelmente sujando todo o banco de couro.

Ouço uma risada e percebo que vem de Becca.

— Dominika, sou sua fã — diz.

E eu, a sua — penso, mas não quero incentivar a garota mais jovem em voz alta.

— Rebecca, se despeça de Dominika. Você está indo embora comigo — Jaxson fala.

— Acho que não. — Ela o enfrenta.

Antes que eu consiga piscar, ele a coloca sobre o ombro. Enquanto a menina esperneia, ele lhe acerta uma palmada no traseiro.

— Precisa de ajuda? — pergunto a ela, incerta. Estou começando a acreditar que brigar é uma coisa que ambos adoram fazer.

— Sim, eu preciso. Ligue para a funerária. Assim que ele me colocar no chão, eu vou matá-lo.

Capítulo 43

Dominika

Fazenda Ouro Velho

— Você se adiantou hoje.

Eu dou um pulo e quase morro de susto quando olho para trás.

Tenho namorado seriamente a ideia de voltar a estudar — dessa vez em um curso de gastronomia — e decidi preparar nosso jantar de hoje.

— Não sabia que já havia chegado.

Reed também cozinha, apesar de ter pessoas trabalhando em sua casa, mas essa noite quis testar uma receita da minha avó, que sei de cabeça: *pierogi*[59].

Ele está parado na entrada da cozinha, o peito nu e somente jeans baixo e muito agarrado naquelas coxas grossas, me observando de maneira enigmática.

— Por que está me olhando como se eu tivesse feito algo errado?

— Você fez?

— Defina *errado*.

— O oposto de certo — responde sorrindo. — Você daria uma ótima advogada. É rápida em se defender.

Dou de ombros.

— Força do hábito. Se não fico atenta, a imprensa me devora.

Ele dá um passo para perto.

— Só eu posso devorá-la — diz, me pegando no colo e me sentado na bancada, as mãos subindo e descendo em minhas coxas.

Reed cheira meu pescoço e depois mordisca, me deixando mole e arfante.

— Desligue o fogão se estiver com pensamentos impróprios. Estava quase terminando nosso jantar.

— Defina impróprio — ele joga, devolvendo minha brincadeira.

— Sabe do que estou falando.

Fico vermelha e tenho certeza de que me provocou de propósito. Reed adora me atiçar porque apesar de nossa intimidade crescente, ainda fico acanhada algumas vezes.

Ele morde meu lábio inferior e me agarro aos seus ombros.

— Senti saudade — confesso.

— Eu também.

Encosto a testa em seu peito, pensando na *visita* de Annamae hoje cedo. A

última coisa que quero é trazer o nome da ex-noiva dele à tona, mas sei que empurrar os problemas para debaixo do tapete não é uma opção inteligente.

Depois que Becca e Jaxson foram embora, pensei muito no que aconteceu.

Não vou dizer que me arrependo das coisas que falei e que não foi muito engraçado vê-la toda suja de esterco, mas o problema é mais profundo do que fazer guerra de cocô com Annamae.

Algo que ela disse me acertou profundamente e agora, eu preciso saber onde estou pisando.

Enquanto meu relacionamento com Reed era leve, os dois somente se curtindo — embora para mim, desde o começo, tenha sido muito mais do que isso — eu não me preocupei com seu namoro de quase uma vida inteira com Annamae, mas ela ter vindo aqui hoje foi um choque de realidade.

— Tinha razão quando disse que preciso lhe contar algo. Sua ex-noiva esteve aqui.

— O quê?

Ele se afasta como se tivesse sido picado por uma cobra.

— Becca estava me explicando sobre o esterco e sua plantação orgânica e de repente, ela apareceu, quase jogando o carro em cima da gente.

— Que diabos! Por que você não me ligou? Ela a machucou?

— *Hey*, eu já sou mocinha. Sei me defender.

Mas apesar do que digo, ele me encara como se não acreditasse.

— Ela falou alguma merda para você?

— Não acho que seria correto da minha parte ficar destruindo a imagem da rival.

— Não há rival alguma. Você é minha namorada. Ela não tinha nada que ter vindo aqui.

Começo a me sentir sufocar.

Desço do balcão e vou para perto do fogão, fingindo verificar a comida.

— Sei que vocês conviveram por anos. Não espero que se tornem inimigos só porque terminaram.

— Já deve me conhecer o suficiente para saber que não sou do tipo que fica amigo de ex. Eu não acredito em amizade entre ex-namorados, na verdade, parceiros de uma maneira geral. Se isso existe, talvez seja entre pessoas mais civilizadas do que sou.

Eu não deveria ficar feliz em ouvir aquilo porque significa que se um dia terminarmos, ele nunca mais vai chegar perto de mim.

A ideia de não tornar a ouvir sua voz ou ter seus braços me segurando é quase insuportável.

— Conte-me o que aconteceu.

Faço um resumo rápido do que se passou, ocultando a parte do arremesso de esterco.

— Só isso? — ele pergunta, apertando os olhos, desconfiado.

— *Hum*?

— Dominika.

— Não exatamente. Talvez tenha ocorrido um pequeno incidente, também. Becca jogou esterco nela.

— Como assim?

Percebo que ele está chocado e fico morrendo de vergonha por ter participado daquilo.

— Cocô de vaca. Annamae provocou Rebecca e foi alvejada algumas vezes.

Sua expressão é indecifrável. Não consigo ler se está zangado ou prestes a gargalhar.

— Não vou julgar o que vocês fizeram, mas pedir algo. Não deixe que ela se aproxime novamente. Annamae é… *instável*.

— O que você quer dizer?

— Não quero assustá-la, mas não confio nela o bastante. Temo que possa cometer uma insanidade.

— Está me dizendo que ela é louca? Que poderia tentar me machucar?

— Minha avó gosta de dizer que para saber se alguém é louco de verdade, dê esterco para ele comer e só como tira-teima, mande rasgar várias notas de cem dólares em seguida. Não acredito que Annamae faria qualquer uma dessas coisas, então, não, eu não acho que ela seja louca, apenas extremamente mimada. Acredita que pode tudo, o que é um pensamento perigoso para se ter.

— O que devo fazer?

— Somente ficar atenta. Vou falar com ela. Agora, chega de conversar sobre coisas ruins. O que está cozinhando? O cheiro é delicioso.

Eu estava mexendo no molho que fiz para acompanhar os pastéis, mas quando ele se aproxima me viro rápido.

A tontura me pega de surpresa.

Tento me apoiar na bancada, mas não sou ligeira o bastante e se Reed não tivesse antecipado meu movimento, eu teria caído.

— Hey, amor, o que aconteceu?

— Não sei. Me senti tonta de repente.

— Vou ligar para o médico.

— Não, por favor. Não é necessário. Foi só uma tonteira. Fiquei muito tempo com Becca no sol hoje. Provavelmente foi isso.

Ele me encara, parecendo perdido.

— Não sei, linda. Acho melhor irmos ao hospital.

— Reed, eu tenho pressão baixa. Não é a primeira vez que acontece. Eu só preciso de um pouco de sal.

Ele me pega no colo e me deita no sofá.

— Comeu hoje?

— Está brincando? Comi *muito*. Essa vida na fazenda abre meu apetite.

— Fique aqui. Vou preparar alguma coisa.

— O *pierogi* deve estar pronto — falo, esquecida da tontura. — Estou com água na boca só de pensar.

— *Pierogi*?

— Sim, um prato típico polonês. Era receita da minha avó. Se for pegar para

mim, pode colocar três porque estou morrendo de fome.

Ele me olha com a sobrancelha erguida, mas sorri.

— Sim, senhora.

Capítulo 44

Reed

Casamento de Callum e Mackenzie

Quinze dias depois

Merda, estou atrasado.

Essa será nossa primeira aparição pública e eu deveria ter chegado com ela, mas na última hora, tive que resolver um problema.

Eu tinha prometido que iríamos juntos.

Dominika tem ido trabalhar em Austin e volta de helicóptero todas as noites para a Ouro Velho. Eu pedi que ela ainda não dormisse em Dallas enquanto não tivéssemos uma resposta da perícia. Sem provas contra Jameson, deixá-la sozinha na cidade é o tipo de risco que não vou correr.

O bastardo não voltou da Inglaterra e todas as noites depois que ela adormece, fico pensando em meus planos para que a justiça seja feita.

Eu tenho tudo preparado, mas quero começar por ele. O desgraçado responsável pelo sofrimento dela. Por afastá-la de sua família, embora eu ache que aqueles abutres não a mereçam.

Olho para o celular em minha mão.

Eu estava tentando comprar uma mina de diamantes entre o Colorado e o Kansas[60]. Há tempos venho pensando em diversificar meus negócios e surgiu essa oportunidade. Infelizmente, quem estava intermediando a compra para mim não foi rápido o bastante e um príncipe italiano[61] a arrematou primeiro.

Inicialmente, eu fiquei puto. Não gosto de perder.

Me deixou um pouco menos irritado, no entanto, saber que seu país[62] é conhecido por produzir as mais belas joias do mundo. A mina para mim seria somente um investimento, mas o tal Vicenzzo provavelmente fará melhor uso dela.

No caminho para cá, por curiosidade, entrei no *site* da empresa dele.

Uma coisa levou a outra e então percebi que nunca dei nada à Dominika.

Ela nem sequer insinuou desejar algo e isso não tem a ver com ter seu próprio dinheiro.

Os pais de Annamae sempre forneceram tudo o que ela desejava e nem por isso deixava de me pedir presentes, sem o menor constrangimento.

Ainda navegando no site, me vi pesquisando anéis. Pensando em quais pedras combinariam com minha namorada — e eu sabia exatamente para onde a minha mente estava caminhando.

Anéis e Dominika.

Antes que eu pudesse me aprofundar nas repercussões de algo tão sério, o carro chegou à fazenda.

Caminho apressado, só para constatar que todos já estão aqui.

O único lugar vazio é ao lado de Mary, que me olha zangada.

Minha avó nunca vai mudar. Posso estar com cem anos e se fizer alguma merda, ela ainda desejará me puxar as orelhas.

A vantagem de estar na fileira de trás em que minha namorada deliciosa se encontra, é que posso passar a cerimônia toda apreciando sua bunda.

Um pecado a mais, um a menos… quem se importa?

Além do que, tenho planos para ela hoje a noite — *Dominika e sua bunda sexy*.

Jesus, esquentou de repente.

De repente, minha princesa colorida olha para trás.

Parece uma reencenação do que aconteceu no casamento de Hudson. A

diferença é que dessa vez, a mulher que sempre fez meu sangue esquentar é toda minha.

Pela visão periférica, percebo alguém me observando e quando me viro, vejo que é Annamae. Ela está entre os pais e uma amiga que conheço de vista. Seu rosto me é familiar, mas não me lembro ao certo onde nos encontramos.

— O que ela está fazendo aqui, vó?

— Shhhhh… isso não é hora de conversar. Mackenzie está chegando.

— Ótimo para ela e desejo que os dois sejam muito felizes, mas eu duvido que os noivos tenham convidado a família de Annamae.

— Não, fui eu quem os convidou.

— Por que, vó?

— Eles sempre foram nossos amigos e…

— Ela foi atrás de Dominika lá na fazenda há algumas semanas. Não é mais possível manter amizade com a família de Annamae porque a senhora sabe como ela pode ser desagradável e grosseira. Eu não vou admitir que destrate minha mulher.

— Tudo bem, eu já entendi. Acalme-se. Esse não é o momento para discutirmos sobre isso.

— Vó, eu a amo e respeito, mas não há discussão alguma sobre esse assunto. Terá que se decidir: manter as aparências e continuar convidando a família de Annamae para nossos eventos, ou ter a mim e Dominika presentes.

Ela me olha espantada.

— Você não está brincando.

— Não, eu não estou. Eu vou pedi-la em casamento.

Finalmente coloco em palavras o que venho desejando há vários dias.

A verdade é que tenho pensado nisso desde praticamente a primeira noite em que ela dormiu na fazenda.

Sem que nenhum de nós dois tenhamos colocado em palavras, estamos morando juntos.

Mas eu não conseguia nomear nosso tipo de relação.

Não era mais um namoro somente, mas achei que Dominika ainda não estava pronta para assumir algo mais sério quando pareceu recear até mesmo que a imprensa soubesse que estávamos juntos.

— Casamento? Não é um pouco cedo para isso? — vovó pergunta.

— Eu a amo. Então, por que esperar?

Agora, só preciso pensar em uma estratégia para fazê-la me dar a única resposta aceitável: *sim*.



Torço muito para a felicidade de Callum e Mackenzie, mas eu estava louco que a cerimônia chegasse ao fim.

Assim que os noivos saem, passo para a fila da frente, para encontrar minha namorada.

— Você se atrasou — ela diz.

— Sinto muito. Estava tentando negociar a mina.

— E como foi?

— Não foi. Um príncipe italiano a arrematou antes.

— Está chateado?

— Eu não gosto de perder.

— Existem outras áreas em que pode investir.

— Como o quê, por exemplo?

— Política. Posso ajudá-lo a chegar lá. — ela fala com um ar sapeca e me dá uma piscadinha.

Eu dou risada.

Claro que está brincando. Dominika sabe que não suporto multidões.

— Tente com Jaxson ou Bryce, os prováveis sucessores de Hudson. Eu e Callum somos dois bichos do mato.

Passo a mão por sua cintura e colo nossos corpos.

— Acho que agora somos oficialmente um casal — diz, olhando em volta, corada.

— Por que está falando isso?

— Todos estão nos observando.

— Porque você é linda demais.

— E você, um cara de muita sorte, senhor Gray, porque com esse elogio, vai ganhar um presente hoje à noite.

Minha pulsação acelera. Sua promessa vai ao encontro dos meus pensamentos mais lascivos.

— Podemos ir embora? Já cumprimos nosso papel.

Ela ri.

— Não tão depressa, *cowboy*. Precisamos dançar uma música ao menos ou

seria grosseira com os noivos. Também quero fotos oficiais nossas e não somente aquelas que tiramos com o celular. Você está tão *sexy*.

— Faça uma lista do que deseja. Vou cumprir tudo, depois colocá-la em cima do meu ombro e nos trancar em nosso quarto.

— *Nosso* quarto?

— De que outro nome você chamaria? Ninho de amor? Altar do pecado?

— Jesus, pare!

Ela ri e porra, é tão difícil vê-la relaxada e feliz assim.

— Gostei de altar do pecado. Então vamos à lista do que precisamos cumprir para fugirmos para nossa noite de devassidão. — Respira fundo antes de continuar a falar, como se estivesse cansada. — Preciso comer. Estou morrendo de fome e….

No meio da frase, ela simplesmente apaga e desmaia aos meus pés.

Eu me abaixo para pegá-la, o coração batendo enlouquecido, tentando fazê-la acordar, mas Dominika não reage.

Ouço alguém gritar por um médico, enquanto a carrego para dentro da casa da minha avó.

— Reed? — ela geme.

— Estou aqui, amor.

— O que aconteceu?

— Sua pressão deve ter caído de novo. Você desmaiou.

Entro no quarto que era meu e observo seu rosto pálido, com uma camada

fina de suor na testa.

— Reed, o médico está aqui. — ouço a voz de Jaxson dizer minutos depois.

— Médico? Não há necessidade.

— Não discuta, Dominika. Queda de pressão ou não, já é a segunda vez que você se sente mal em um espaço de semanas.

— Terceira.

— O quê?

— Eu tive a mesma coisa que naquele dia na cozinha durante um almoço em Austin na segunda passada.

— E não me contou.

— Não queria preocupá-lo.

— Vamos conversar sobre isso depois, mas agora o médico precisa examiná-la. Quer que eu fique?

— Não. Prefiro fazer isso sozinha.

Capítulo 45

Dominika

— Será que poderia manter isso em segredo por enquanto? — pergunto ao médico.

Ainda me encontro em estado de choque, sem acreditar no que ele acaba de me dizer. No entanto, em algum lugar no fundo da minha mente, eu sei que é verdade.

Há semanas tenho sentido sintomas muito estranhos.

Sono, seios inchados, mais apetite.

Meu Deus do céu!

Grávida?

Nós tomamos cuidado… ou não?

Assim que ele disse sobre sua desconfiança, eu mandei uma mensagem para

Becca. Ela acaba de me trazer um teste de gravidez e me falou que não só Reed, como sua avó, estão do lado de fora do quarto, aguardando.

— Quer fazer o teste agora? — o médico pergunta. — Foi isso que Rebecca saiu para comprar, não é?

Jesus, o problema de se viver em uma cidade pequena é justamente esse: todo mundo se conhece por nome.

— O senhor acha que estou grávida?

— Tudo indica que sim, mas precisamos ter certeza com o exame. Eu diria que se esse teste que Rebecca trouxe da farmácia der positivo, o exame de sangue será só por desencargo de consciência mesmo.

— E o desmaio?

— Provavelmente não foi nada demais. Sua pressão está baixa. Nove por seis. Acredito que a senhorita não deve estar acostumada a ficar exposta ao calor extremo, certo?

— Não, trabalho o dia todo no ar-condicionado.

— Pode ser isso, então. De qualquer modo, passarei vários exames só por garantia, inclusive o de sangue que confirmará a gravidez.

— Eu gosto de trabalhar com números. Pares, de preferência. Se tivesse que dar um chute, de zero a cem, diria que qual é a chance de que eu esteja grávida?

— Prefere números pares?

— Isso mesmo.

— Cem por cento de certeza.

Torno a deitar na cama e fecho os olhos.

— Por favor, pode pedir para o meu namorado entrar agora?



— Hey, está tudo bem?

Ainda estou de olhos fechados.

— Eu não sei.

— Dominika, fale comigo. O que está acontecendo?

— O médico acha que estou grávida.

Sinto a cama afundar ao meu lado.

Ele não fala nada, mas se deita comigo.

— A possibilidade a assusta?

— Não assusta você?

— Por que deveria?

— Nós não estamos juntos há muito tempo.

— Olhe para mim.

Eu me viro de lado na cama e o encaro.

— Nós estamos tão juntos quanto duas pessoas devem estar.

— É muita responsabilidade.

Ele acena com a cabeça, mas não me olha mais como antes.

— Por que está assim? — pergunto.

— Assim como?

— Como se estivesse distante.

— Eu quero esse filho e me assusta que você não.

— Acha que eu não quero nosso bebê? — pergunto, colocando a mão no meu ventre de maneira protetora.

— Você parece prestes a sair correndo.

— Estou com medo. Sou sozinha no mundo.

— Não, você não é. Minha família é enorme. Além dos Gray do Texas, ainda temos primos no Wyoming. O que não vai faltar para o nosso filho são parentes.

— Como pode estar tão calmo?

— Porque eu sei o que eu quero.

— Ser pai?

— Você. E se como prêmio vier nosso bebê junto — diz, beijando minha barriga — quem sou eu para reclamar?

— Parece simples e bom demais para ser verdade. Minha vida não é assim. Eu nunca tenho coisas boas ou ao menos, não por muito tempo.

— Você disse que o médico *acha* que está grávida. O que falta para ter certeza?

— O teste que Becca trouxe. Provavelmente agora a cidade inteira já sabe que uma de nós está grávida ou ao menos desconfia.

— Você não fez ainda?

— Não. Eu quis esperá-lo. Sou covarde. Não vou ter coragem de olhar o resultado.

— Quer que eu fique com você no banheiro?

— Isso é algum tipo de fantasia? Me ver fazer xixi no palitinho?

Ele ri e a angústia no meu peito se desanuvia um pouco.

— Qualquer coisa que envolva sua boceta é uma fantasia.

— Jesus, para que fui perguntar?

— E então?

— Não, obrigada. Duvido que eu consiga fazer xixi na sua frente.

Eu levanto e ele me acompanha.

— Está se sentindo melhor?

— Sim, mas o médico disse que pedirá exames. Agora sente-se aqui e me espere. Imaginá-lo andando de um lado para o outro na porta do banheiro vai me

inibir.

— Dominika.

Eu me viro para trás para olhá-lo.

Ele tirou o blazer e dobrou a camisa.

Estudo seu rosto atentamente.

De tanto conviver com políticos, me acostumei a interpretar a linguagem corporal das pessoas. Não há nada em sua postura que denote desgosto ou raiva.

— Sim?

— Independente do resultado, eu sou louco por você e não vou a lugar algum.

Volto para onde ele está e monto em seu colo.

— Talvez não seja o melhor momento para confessar isso, dada nossa situação, mas eu te amo, Reed Gray. Não sei o que acontecerá no futuro, mas o que quer que seja, cada minuto que estivemos juntos valeu a pena.

— Não fale como se estivesse se despedindo. Nós só estamos começando nossa caminhada juntos.

Dou um beijo em seu queixo e vou correndo para o banheiro, antes que perca a coragem.

Dez minutos depois, ainda estou sentada no vaso, chorando.

São emoções intensas demais para que eu consiga trabalhar.

Cavo fundo a racionalidade que me guiou nesses últimos anos e não encontro.

Positivo.

Dentro de alguns meses, eu vou ser mãe.

Daqui por diante, não importa o que aconteça, nunca mais estarei sozinha.

— Dominika — Reed chama do lado de fora.

Visto a calcinha e seco as lágrimas.

— Pode entrar.

Ele abre a porta lentamente, como se não soubesse o que esperar.

— Nós vamos ter um bebê — conto, incerta, mas o medo dura muito pouco porque ele me ergue em seus braços.

Seu aperto é intenso e me diz muito mais do que palavras seriam capazes de fazer.



Quando saímos do quarto, Mary e Becca, com Blaire, a irmãzinha de Mackenzie no colo, estão à nossa espera.

— Está tudo bem? — a mulher mais velha pergunta.

Reed olha para mim, me deixando decidir o que responder.

Estou cansada de viver cheia de segredos.

— Nós vamos ser pais.

— Ah, meu Deus! Que alegria! — Becca vibra, mas a avó vem direto para mim.

Ela segura meu rosto.

— Você sempre foi nossa, mas agora não tem mais como escapar da família Gray, menina.

— É uma ameaça? — brinco.

— Pode apostar — é Reed quem fala. — Vocês são meus.

Em um mundo moderno, ouvir isso pode fazer com que a maioria das mulheres grite a plenos pulmões um belo discurso sobre os malefícios da possessividade masculina.

Eu não sou a maioria das mulheres.

Quando ouço meu *cowboy* dizer à sua família que eu e meu bebê lhe pertencemos, meu coração carente transborda de amor.

A felicidade dura pouco porque Annamae aparece, surgida do nada, no corredor da casa de Mary.

— É verdade o que estão comentando? Rebecca comprou um teste de gravidez para ela? — pergunta, gesticulando em minha direção.

— Afaste-se, Annamae — Bryce avisa, entrando entre nós dois e o diabo de saia — Não é uma boa hora para dar os seus chiliques. Dominika não está se sentindo bem.

Sei que ele está tentando nos poupar, mas talvez seja tarde demais. Reed está rígido ao meu lado.

Apesar da festa estar acontecendo lá fora, percebo um movimento de convidados dentro da casa e eles estão prestando atenção em nós, se aproximando de maneira disfarçada.

Dentre essas pessoas estão os irmãos Gray, à exceção de Hudson, que Reed me disse que foi embora mais cedo porque Dante estava sentindo cólicas e Callum, que já saiu com Mackenzie.

A morena baixinha que eu vi mais cedo com Annamae ainda se encontra atrás dela e parece constrangida. Me encara, como se pedisse desculpas em silêncio e eu não entendo a razão.

— Responda, Reed! — ela grita. — Como se não bastasse me abandonar por causa dessa aí, você ainda a engravidou?

Ao tom alterado de sua voz, Blaire começa a chorar.

— Leve a garotinha, Becca — Jaxson pede. — Ela não merece presenciar essa baixaria.

Estou tentando manter o controle, mas morrendo de vergonha também.

Meu Deus do céu. Ela simplesmente acaba de espalhar nossa vida para os quatro cantos do mundo.

— Suma da minha frente — Reed avisa, em um tom cortante, uma mão em volta da minha cintura em um aperto firme. — Você precisa de ajuda, mas não é comigo que vai conseguir. Nós terminamos.

— Você só pode estar brincando comigo. Esse é o golpe mais antigo do mundo. Agora só falta me dizer que vai se casar com ela. É uma armadilha, Reed, como pode não ver isso?

— Annamae, se dê ao respeito. Você está dentro da minha casa como convidada, mas eu não vou permitir que ofenda Dominika. — Mary Grace fala.

Eu quero ir embora. É muita coisa para processar.

Parece um pesadelo. Tudo o que eu sempre evitei — a exposição — está acontecendo.

No mesmo dia em que recebo a melhor notícia da minha vida, tenho que lidar com um fantasma do passado dele.

— Será que ninguém entende? Ele só vai ficar com ela porque perdi nosso bebê.

— O quê? — pergunto, dando um passo para trás.

— Ah, ele não lhe contou? Nosso filho morreu e ele não me perdoa por isso, mas é a mim que ama. Você é somente uma substituta.

— Cale a boca, Annamae! Não me faça perder o pouco respeito que tenho por você atualmente, trazendo nosso filho à tona.

A essa altura, dou graças a Deus que Callum e Mackenzie tenham partido. A festa acabou. Todos assistem a cena deprimente, mas a única coisa que consigo pensar é no que ela está fazendo com Reed.

Eu não tinha ideia sobre o bebê que perderam, mas não acredito nem por um momento que tenha sido esse o motivo que fez com ele terminasse o relacionamento.

Eu conheço Reed talvez melhor do que Annamae, que conviveu com ele por tantos anos.

Ele tem caráter e nunca a culparia pelo aborto. Foi uma fatalidade.

— Eu quero sair daqui — digo, arrasada.

Não tenho dúvida de que ela está fazendo aquilo para magoá-lo.

— Foi culpa sua nosso filho ter morrido. Se estivesse do meu lado… — A mulher cruel continua, mas sua amiga, a morena baixinha, a interrompe.

— Mentirosa!

A voz soa alta e cheia de raiva.

— Você é uma mau-caráter, Annamae Iverson. Estou cansada de ocultar suas mentiras. Tenha vergonha na cara e fale a verdade ao menos uma vez.

— Rita, não! — ela pede, mas a mulher a ignora.

— Deixe-o ser feliz. Liberte-o, porra. Seu bebê não morreu, você o matou.

Eu aperto o braço dele, sentindo sua dor. Ele está tremendo.

— Ela fez um aborto, Reed. Não foi espontâneo. Eu a levei à clínica para se livrar do filho de vocês.

Ele se solta de mim e tenta se aproximar da ex-noiva, mas Bryce e Jaxson não deixam.

Eu não acredito que Reed fosse machucá-la, apesar de quase conseguir tocar seu ódio.

— Diga que ela está mentindo, Annamae. Fale que você não fez isso.

Antes que ela responda, vejo a verdade no rosto da outra.

— Eu não gosto de crianças. Nunca gostei. Só engravidei porque sabia que você queria terminar comigo, mas depois que ficamos noivos, o problema já estava resolvido.

Dessa vez, sou eu que entro na frente dele.

— Eu estou tonta novamente — minto. — Vamos para casa, Reed. Não quero que nosso bebê corra qualquer risco.

Seus olhos estão vidrados e tão cheios de dor que só quero afastá-lo daquela mulher tóxica.

— Acabou a festa. — Ouço a voz de Bryce. — Obrigado por terem vindo. Todos para casa agora.

— Reed, acho que não consigo mais ficar de pé. — Exagero, para tentar trazê-lo de volta. Estou muito preocupada com seu silêncio.

Como um robô, ele me pega no colo e começa a andar para fora da casa, mas eu ainda escuto Mary dizer.

— Não chegue mais perto do meu neto. O mal que fez ao mentir, matando o filho de vocês, pode não cicatrizar nunca, mas Deus está dando a ele a chance de

ser pai novamente. Quanto a você, não tenho dúvida de que continuará para sempre em seu mundo escuro. Fique longe de nós. Não queira comprar briga comigo, Annamae. Você não imagina até onde eu iria para proteger o meu menino.

Capítulo 46

Reed

Eu não gosto de crianças.

A voz de Annamae se repete em minha cabeça enquanto carrego Dominika para o meu carro.

Ela matou o meu filho. Ela o usou como um meio para conseguir me manter ao seu lado e quando não precisou mais dele, o matou.

Eu achei que sentira dor quando Annamae me contou do aborto espontâneo, mas nada se compara a essa traição.

Como se intuísse a confusão em que me encontro, Dominika não fala nada e isso me dói mais do que se ela gritasse. Minha menina se acostumou a aceitar o que a vida lhe dá porque acha que não é boa o suficiente para ser merecedora do

todo.

— Eu te amo, Dominika. Estou uma bagunça agora, mas eu te amo.

— Não precisamos conversar sobre nós dois.

Abro a boca para protestar, mas Jaxson aparece na minha frente.

Só de nos olharmos sei que algo sério aconteceu.

— Você precisa vir comigo. Jameson voltou.

— Reed, não — Dominika protesta. Ela ainda está em meus braços. — Você não pode ir atrás dele. Por favor. Não hoje. Não no estado em que se encontra.

Eu volto a andar para casa e vejo de relance Bryce escoltando Annamae para fora.

Lá dentro, coloco minha mulher no chão e beijo sua testa.

— Me peça o mundo e eu vou colocá-lo aos seus pés, mas isso eu não posso atender. Eu tenho que ir.

Saio da casa antes que ela tenha oportunidade de tentar me impedir e corro para a caminhonete, com Jaxson atrás de mim.

Assim que entra, arranco com o carro.

— Para onde? — pergunto.

— Um armazém a cinquenta quilômetros daqui.

— *Armazém*?

— Uma espécie de esconderijo. Você não faz ideia do que eles encontraram lá.

— Quem o descobriu?

— Não precisa saber disso.

— Fale-me.

— Beau. Ele tem alguns contatos. Não conseguiríamos chegar até Jameson como você quer, pelos meios legais.

— O que isso significa?

— Eu não sei ao certo da história dele com Dominika, mas acredite, ela não foi sua única vítima.



Duas horas depois

— Eu estava me perguntando por quanto tempo mais continuaria se escondendo.

Vejo o reconhecimento em seu rosto no momento em que ele sai do armazém.

Eu e Jaxson estamos recostados em minha *pickup* há pelo menos trinta minutos, aguardando Jameson Wiley finalmente sair de sua toca.

É uma espécie de depósito entre duas cidades e sem qualquer outra construção por perto.

Um esconderijo de alguém que vive uma vida dupla.

Nós não chegamos a entrar, porque segundo Jaxson, essa foi a orientação dos homens de Beau. Não irmos lá dentro para não deixarmos evidências físicas, mas temos tudo o que precisamos em nossas mãos.

— Isso é um assalto? — o bastardo dissimulado pergunta.

Tiro meu chapéu e coloco-o no teto da minha caminhonete. Passo a mão pelo cabelo e sem pressa, dobro as mangas da minha camisa, enrolando-as até os cotovelos.

Cruzo os braços na frente do peito.

— Você sabe quem eu sou.

— O irmão do governador? — pergunta, em tom de ironia, como uma ameaça velada.

— Ah, sim. Sou *daquela* família Gray — digo, dando uma piscadinha e indo mais um passo para perto dele. — Mas sabe mais o que eu sou?

— Não faço ideia. — Ele tenta aparentar calma, mas olha para trás procurando uma rota de fuga.

A essa altura, no entanto, meu irmão já pegou a chave do carro que o idiota deixara na ignição.

— Sou o cara que vai acabar com você.

— Veio me matar?

Sua voz soa esganiçada, como se a ideia fosse absurda.

— Não me tente, Wiley. Felizmente para você, deixei a arma em casa.

— Você é maluco. Só um louco ameaçaria um banqueiro como eu!

— Banqueiro *estuprador*, você quer dizer?

— O quê?

— Ah, quando entrou para conferir seus troféus não percebeu estar faltando algo?

Aponto para o envelope na mão de Jaxson.

— Nós mandamos alguém vir verificar sua *coleção* antes.

— Sou formado em Direito. Essas provas não servem de porra nenhuma. Eu poderia ser somente um tarado que gosta de se divertir com fotos de mulheres sendo dominadas.

— Ah, sabemos que você é isso *também* e tem razão em dizer que essas provas não seriam úteis na justiça. Mas sabe qual a beleza de se viver no século

vinte e um? A *internet*.

Ele começa a rir, mas percebo que é de nervosismo.

— Então, é isso? Veio ameaçar minha reputação? Eu não dou a mínima.

Estamos muito próximos agora.

— Por qual outro motivo pensou que eu tinha vindo? Por ter destruído a vida da minha futura esposa e mãe do meu filho? Por ter atacado-a quando ainda era uma garota inocente e mentido junto com aquele monstro que você tem em casa, fazendo Dominika pagar por um crime que não cometeu?

Não lhe dou tempo de responder. O ódio acumulado finalmente emerge e minha mente esvazia enquanto eu o jogo no chão e o monto.

Ele ainda tenta se defender, mas não tem a menor chance.

Não sei quanto tempo fico socando seu rosto, mas de algum lugar atrás de mim, ouço meu irmão chamar meu nome.

— Reed, você vai matá-lo.

Tudo o que consigo pensar é em Dominika trancada na clínica psiquiátrica. Desamparada e com medo.

— Reed, lembre-se de sua namorada e do bebê. Vamos colocá-lo na cadeia, irmão, mas precisa parar.

Socos e pontapés.

— Reed. Sua mulher está em casa lhe esperando. Ela precisa de um pai para o bebê de vocês.

Aquilo finalmente me arranca do buraco de loucura no qual mergulhei.

Olho para o homem abaixo de mim. Ele é uma massa disforme de sangue. Minhas mãos estão arrebentadas, mas eu não estou satisfeito.

— Dois anos. Você roubou dois anos da vida dela. Fez com que a família lhe virasse as costas, seu filho da puta.

Ele não consegue mais responder e posso ver alguns dentes ao seu lado no chão.

— O que você quer fazer? — Jaxson pergunta.

Pego algumas das fotos das meninas de quem ele abusou e jogo em cima de seu corpo.

— Ligar para a polícia. Faça uma denúncia anônima e deixe que eles adivinhem o porquê dele ter sido surrado.

Me volto mais uma vez para o desgraçado.

— Me dê a chance de matar você, Jameson. Venha atrás de mim. Me faça esse favor.

Ando para o carro sem olhar para trás, mas ainda com a sensação de que aquela história não acabou.

Ou talvez, eu esteja apenas torcendo para que não tenha acabado.

Para mim, ele ainda não teve o que mereceu.

— Temos que passar na Ouro Velho. Dominika não pode vê-lo assim.

— Eu irei, mas primeiro preciso que essas fotos sejam distribuídas na imprensa. Não importa por quem. Mande entregar na casa de algum jornalista de fofoca, eu não sei, mas quero que sejam relacionadas ao nome dele — digo,

apontando para o material que os homens de Beau deixou para nós. — O mundo precisa saber quem ele é.

— E depois?

— Quando ele for destruído, o resto da família será arrastada junto.

Capítulo 47

Dominika

Fazenda Império Gray

Horas depois

Não preciso perguntar o que aconteceu quando o vejo entrar na casa da avó com os nós dos dedos machucados, mesmo que pareça que acabou de tomar um banho.

Eu fiquei apavorada quando Reed foi à caça do marido de Sara, mas não

havia nada que eu pudesse fazer a não ser esperar.

Todos saem da sala, deixando-nos a sós.

— Me diga que não cometeu uma loucura.

— Eu não fui armado.

Eu o abraço, desesperada.

— Por favor, não faça isso. Mesmo que um dia esteja armado e se depare com ele, prometa que não vai matá-lo.

— Até saber o que eles lhe fizeram, nunca me imaginei matando alguém.

— Eu sinto tanto, Reed.

— Do que você está falando?

— Não queria trazer a escuridão do meu passado para a sua vida.

Ele me pega no colo e anda até o sofá.

— Não me trouxe escuridão, Dominika. Você é minha luz, meu porto. Você e esse bebê que está esperando são minha vida. Eu não vou matá-lo, desde que ele não entre em minhas terras. Se ele vier à nossa casa e a ameaçar, não me responsabilizo pelos meus atos. Independente de permitir que ele continue a respirar, no entanto, vai pagar pelo que lhe fez. E sua família também.

— Reed…

— Isso não é negociável. Você já lhes deu mais oportunidades do que mereciam para lhe pedir perdão e não o fizeram. Sei que quando se encontrou com sua mãe, ela fez algo que a magoou. Você passou semanas inteiras

completamente infeliz depois daquilo.

— Ela não quis me ver para se desculpar, mas para dizer que eu deveria me redimir perante a família, ajudando Jameson em sua carreira política.

— O quê?

— Eu sei, parece absurdo, né?

— Não, é monstruoso.

— Depois daquele dia, pedi que ela não se aproximasse mais de mim.

— Não é suficiente que se mantenha afastada.

— Eu não quero falar sobre isso. Essa tarde, descobri que vou ser mãe e mesmo depois de toda aquela confusão, estou muito feliz.

— Eu também. E sinto muito pelo que você teve que presenciar.

Meu coração sangra por sua tristeza ao lembrar do que aconteceu hoje mais cedo.

— Eu não sei o que dizer sobre o seu bebê.

Ele beija meu cabelo e me aperta.

— Não há o que ser dito. Ela tomou uma decisão e me excluiu.

— Não foi culpa sua, Reed. Não havia nada que pudesse ter feito. Não se tem como proteger alguém que está abrigado no corpo de outra pessoa.

Seu aperto aumenta e sinto seus braços tremerem.

— Eu sabia disso. Sabia que meu filho não estava seguro com ela. Foi essa razão e não as convenções sociais, que me fizeram pedi-la em casamento.

— Para proteger seu filho, não é?

— Isso. Outra hora, talvez eu lhe conte tudo, mas não essa noite. Hoje, o dia foi uma montanha-russa. Recebi a melhor e a pior notícia da minha vida em um intervalo de minutos. Nada do que eu fizer daqui por diante pode mudar o que aconteceu, mas posso trabalhar por nós dois, pelo nosso futuro juntos. Eu quero você, Dominika. Minha menina, minha princesa colorida. Quero esse bebê e quantos outros vierem.

— Não acreditei quando Annamae disse que você terminou tudo porque ela perdeu a criança.

— Eu fiquei com ela por anos depois daquilo. Terminei nosso relacionamento porque sabia que cometeria um erro irreversível se nos casássemos.

— E se acontecer o mesmo conosco?

— Como poderia? Eu estou muito feliz por Deus me dar a oportunidade de ser pai novamente, mas não é isso que me faz ter certeza de nós dois. Você não é só a minha escolha, é meu mundo.



Uma semana depois

No médico

— E esse curso para pais de que nos falou? — Reed indaga.

Estamos no consultório médico há pelo menos uma hora e meia e palavra de honra que daria para escrever uma enciclopédia com a quantidade de perguntas que meu namorado fez ao obstetra.

— Se forem ficar em Dallas, temos várias opções.

Viro-me para olhar para Reed e sei que ele está esperando minha resposta.

Não conversamos sobre isso ainda, mas resolvo dar um salto de fé.

— Não, vamos morar em Grayland, mais especificamente na Fazenda Ouro Velho.

O sorriso que o meu *cowboy* lindo me entrega é mais luminoso do que o sol.

— Mas podemos vir para o curso sem problema. Se ela enjoar na estrada, viremos de helicóptero — diz, parecendo ansioso, mas logo se corrige. — Não, na verdade acabo de decidir que viremos de helicóptero de qualquer jeito. As estradas são perigosas.

O médico sorri. Acho que já deve ter visto vários pais de primeira viagem como nós.

— O senhor pode nos dar uma lista dos melhores cursos pré-natal, doutor? — intercedo. — Nós não sabemos nada sobre bebês e sou o tipo de garota que gosta de conhecer a estrada por onde anda.

— E eu sou o tipo de cara que vou colocar qualquer sinalização necessária nessa estrada para que você se sinta segura. Quando esse bebê nascer, nós vamos ser *experts*, princesa.



Austin — Texas

Um mês depois

— Não quero parecer egoísta, mas é difícil aceitar seguir em frente sem você ao meu lado.

— Eu nunca vou sair do seu lado, Hudson, mas há razões pelas quais eu

estou recuando. Decidi ir à justiça pelo que Jameson fez comigo.

Jameson fugiu depois da surra que levou de Reed, mas ao mesmo tempo, houve uma denúncia anônima sobre um armazém que ele mantinha.

Ao chegar lá, a polícia encontrou material de pornografia pesada envolvendo menores de idade. Segundo a imprensa está noticiando, Jameson Wiley era cliente assíduo de um empresário famoso que comandava secretamente um anel de pedofilia. Foram recuperados arquivos com fotos dele em situações comprometedoras com meninas mal entradas na adolescência.

Há também várias jovens modelos declarando que foram agenciadas para fazer sexo com ele por uma boa quantia de dinheiro. Todas, menores de idade.

O escândalo se transformou em uma avalanche na mídia e acompanhei, como mera espectadora, minha família no olho do furacão.

Sara e mamãe sendo assediadas pela imprensa. Meu pai fugindo dos microfones dos repórteres na saída do escritório.

Eu mentiria se dissesse que senti pena. A única coisa pela qual lamento é a exposição a qual meus sobrinhos serão submetidos. Mesmo sem conhecê-los, fico triste que acabem por pagar pelos pecados dos pais.

Somente através das revistas soube que minha irmã deu à luz a uma menina há cerca de um mês. Não me comoveu que ela esteja passando por isso logo após ter mais um bebê. Eu não me espantaria se descobrissem que Sara tinha conhecimento de todas as atividades do marido. Ela o encobriu uma vez,

contra a própria irmã, então por que não faria isso novamente?

Nada foi relacionado ao meu nome, no entanto, eu tomei uma decisão.

Ontem à noite eu e Reed tivemos uma longa conversa. Depois de ouvi-lo por horas, cheguei à conclusão de que preciso que a justiça seja feita para conseguir seguir em frente. E isso significa expor o que Jameson fez comigo.

Não tenho como provar que Sara mentiu em seu depoimento, mas Richard juntou evidências de que o marido dela continuou me perseguindo, mesmo após anos. Isso unido às outras acusações contra ele, talvez consigam finalmente limpar meu nome. Ainda que, quando tudo aconteceu, eu fosse praticamente uma criança e meu arquivo criminal seja selado, ele sempre será uma mancha em meu histórico.

Sei que isso vai trazer minha família aos holofotes mais uma vez, mas não posso permitir que vivam suas vidas normalmente depois do que me fizeram, como se o que passei não fosse nada demais. Eu vou ser mãe e não é o tipo de exemplo que quero dar ao meu filho, ensinando-o a não se defender quando machucado.

Dar a outra face é muito bonito na teoria, mas eles quase me destruíram e somente devido à ajuda da minha tia, consegui me reinventar.

— Eu não me importo com esses abutres da imprensa — Hudson diz.

— Sei que não. Eu o conheço e sua lealdade é um presente inestimável em um mundo em que até minha família me virou as costas, mas nós lutamos muito para fazê-lo governador. Um escândalo dessas proporções irá prejudicá-

lo. Não lido com a imprensa de hoje e não tenho dúvidas de que distorcerão a verdade.

— Você é corajosa para caralho.

— Não, eu fui medrosa por muito tempo, agora decidi lutar.

— Quais são as outras razões pelas quais está entregando seu cargo?

— *Hein*?

— Estou feliz pelo bebê que você e Reed têm a caminho, mas várias mulheres conciliam carreira e maternidade. Não acho que seja por isso que não queira mais trabalhar comigo. Ou até mesmo pelo escândalo envolvendo seu nome que você já está antecipando. Então, me responda: se eu não fosse governador, continuaria ao meu lado?

— Não — respondo com sinceridade. — Como eu disse, a principal razão pela qual sairei antes de seu mandato acabar é para evitar que meu passado o prejudique, mas muito antes de tomar essa decisão, eu já estava pensando em parar. Eu quero mais, Hudson. Acho que já esgotamos as possibilidades de crescimento mútuo. Quero tentar outro caminho.

— Como o que, por exemplo?

— Faculdade de gastronomia. É um sonho antigo porque eu adoro cozinhar, mas descobrir que estou grávida me fez pensar na alimentação das futuras gerações. Estou pensando em me tornar uma *chef* para bebês. Nem sei se isso existe, mas conversei com Reed e ele ficou entusiasmado. Até já estamos planejando montar uma linha de alimentos para crianças.

Ele sorri, mesmo que os olhos estejam tristes. Eu também estou. Foram anos trabalhando lado a lado, mas preciso sair de minha zona de conforto também no campo profissional.

— Eu achei que era acelerado, mas provavelmente estou ficando velho porque você e meu irmão conseguiram me superar.

— Talvez eu o esteja deixando assim. Sabe como sou inquieta.

— Obrigado.

— Pelo quê?

— Por fazê-lo sorrir. Sei que ele não vai conseguir esquecer do filho que nunca conheceu, mas meu irmão está tendo uma chance de reescrever a própria história.

— Nós dois estamos. Eu o amo loucamente. Reed foi a melhor coisa que já me aconteceu.

Capítulo 48

Reed

Fazenda Ouro Velho

Três dias depois

— Você não tem me contado como andam as coisas em relação ao miserável do banqueiro — Callum diz, entrando em meu escritório na fazenda.

— Já tem seus próprios problemas para lidar: uma mulher grávida, uma

cunhada em miniatura e aquele maldito do Sampson[63]. Como está o processo contra ele?

— Esperamos o julgamento para esse ano ainda.

— Torço para que seja condenado à morte[64].

— Eu também, o advogado nos disse que há uma grande chance de que pegue a pena capital pelo que fez[65].

— Agora, fale-me sobre Jameson Wiley. Alguma novidade?

— Não. Continua foragido. Contratei detetives em todos os continentes, mas Richard acha que ele não saiu dos Estados Unidos.

— Richard é tio de Dominika, né?

— Sim, tio emprestado. Ela acha que o homem foi namorado da tia, embora nunca tenha declarado com todas as letras. O ponto é que, depois que a tal Flora morreu, ele continuou olhando por ela, mesmo sem ser sua obrigação. Há uma ligação forte entre os dois.

Ele sacode a cabeça de um lado para o outro.

— Eu pensei que já tinha visto todas as merdas que os seres humanos eram capazes de fazer uns com os outros, mas a história de Dominika é surreal.

Há algumas semanas, ela reuniu a família e contou todo o seu passado.

Eu sou apaixonado por ela, mas naquele instante, eu me senti um sortudo pela futura mãe do meu filho ser uma mulher tão forte.

Foi um relato difícil, em que a minha avó, Antonella, Mackenzie e Becca choraram junto com ela e que fez com que os homens Gray fechassem ainda

mais o círculo para protegê-la.

— Ela é muito guerreira. — Continua.

— Eu sei.

— Mas não acho que a família dela mereça continuar impune. Foda-se se eles já estão passando pelo inferno diante da opinião pública, nada disso tem a ver com o que fizeram a ela. Eles têm que pagar.

— Eles estão recebendo o que merecem, mas enquanto o nome dela não estiver limpo, eu não vou parar.



Um mês depois

Paro na porta da biblioteca, observando-a trabalhar.

Agora eu entendo, quando me disse da primeira vez que veio ficar comigo aqui na fazenda, que aqueles dias para ela representaram férias. Dominika não sossega um segundo.

Ela está muito empolgada, em iguais partes, tanto com a gravidez quanto em começar a faculdade de gastronomia.

Já fizemos planos inclusive para, no futuro, ela se envolver na produção de um *menu gourmet* só para bebês.

Pelos nossos cálculos e os do médico, ela está com quase quatro meses e meio e de acordo com os exames, graças a Deus, saudável.

A decisão de parar de trabalhar com Hudson partiu dela e me surpreendeu ao dizer, dando continuidade a uma conversa anterior que tivéramos, que queria tentar novos rumos.

Acredito, mas acho que também parte do que a levou a pôr um fim em sua antiga carreira foi a decisão de mexer novamente no processo criminal no qual foi condenada quando adolescente.

É Richard quem está cuidando disso e ele me disse que por conta do escândalo envolvendo o nome do maldito, há uma grande chance de que

consigamos limpar o nome dela, mesmo que esse processo ainda possa durar anos.

Eu me contentaria em ver sua família inteira de joelhos pedindo perdão, mas entendo como é importante para Dominika que a justiça seja feita e que seja reconhecido em público que ela foi erroneamente condenada.

— Hey, me espionando, *cowboy*?

É normal que meu coração dispare, mesmo após tantos meses, cada vez que ela me presenteia com aquele sorriso lindo?

— Sempre, princesa. Não consigo parar de olhá-la.

— Vamos ver se continuará paquerador assim daqui a alguns meses. Já ganhei cinco quilos — diz, se levantando e passando a mão no abdômen, que já começa a ficar redondinho com o meu filho.

Entro com o que tenho nas mãos escondido atrás de mim, me sentindo um adolescente.

— Sente-se — comando.

— Você é muito mandão, mas para sua sorte, meus pés estão me matando, então vou ser sua menina boazinha e obedecer.

Ela se acomoda na poltrona à minha frente e eu me ajoelho.

— Eu queria ter feito isso antes, mas foram necessárias semanas até que eu encontrasse um fabricante que concordasse com a minha encomenda.

— Encomenda?

Mostro a caixa de sapatos que tenho escondida atrás do corpo.

— Abra.

Ela sorri e sacode a cabeça.

— Eu pensei que era um anel.

— Você quer um?

Suas bochechas ficam vermelhas.

— Eu poderia fazer charme, mas sim, eu quero um.

— Abra a caixa, princesa.

Ela desfaz o laço e quando vê o que tem dentro — uma cópia idêntica de suas botas amarelas da infância — começa a chorar.

— A primeira vez que eu vi você com essas botas, eu não fazia ideia do que o futuro nos reservava. Eu nunca consegui esquecê-la e mesmo tantos anos depois, ainda me lembrava dos seus olhos lindos. Desde aquele dia, você já era minha. Estava escrito que a vida a traria outra vez para o meu caminho, amor. Agora você pode usá-las novamente. Cantar, sorrir e dançar na chuva como me disse que adorava. Eu te amo. Tudo em você. Seja minha esposa, minha princesa colorida e me faça o *cowboy* mais feliz do planeta.

— Eu achei que havia algo errado comigo. Eles me convenceram de que havia algo errado comigo.

Tiro a caixa de seu colo e a puxo pelas pernas para a beirada do sofá.

— Não, o erro estava neles, meu amor.

De dentro de um dos pés da bota, eu pego uma caixinha com o solitário feito sob encomenda pela empresa do príncipe Vicenzzo.

— Sim. Eu aceito me casar com você, Reed.

— Mesmo sem um anel?

Ela está de cabeça baixa e vejo as lágrimas escorrendo.

— Você já me deu as botas.

— Nenhum pedido de casamento é completo sem um anel.

Ela finalmente levanta o rosto e quando vê a embalagem da joia, dá um sorriso lindo.

— Eu tenho um anel de noivado — diz, mas em seguida sua boca se abre em espanto.

— Oh, meu Deus! *Deles*? Como conseguiu?

— Conhece essa marca?

— Que mulher não conhece? Eles só trabalham com diamantes raros.

— Nem de perto tão raros quanto você.

Capítulo 49

Dominika

Fazenda Ouro Velho

Aos sete meses de gravidez

Respiro fundo o cheiro de terra após a chuva torrencial que caiu agora há pouco.

Estamos sentadas na varanda da minha casa, esperando a família para o almoço de domingo. Com minha gestação em estado avançado, Mary decidiu que nos reuniríamos aqui até o bebê nascer.

— Eu nunca pensei que ficaria feliz em viver no campo.

— Achei que seus pais fossem donos de uma propriedade rural — Mackenzie, a esposa de Callum diz, parecendo procurar as palavras certas.

A família Gray inteira sabe da minha história de vida e a cada vez que mencionam meus parentes, o fazem em tom de raiva.

Há duas semanas, Richard finalmente reabriu o meu processo, tentando reverter minha condenação e estamos todos otimistas de que vá conseguir. Isso, claro, irritou principalmente mamãe e Sara. Com Jameson ainda foragido e a imprensa no pé deles, os Wos-Spencer[66] não desejam que o mundo saiba que atraiçoaram a própria filha.

Mamãe já me ligou diversas vezes, mas eu me recuso a falar com ela. Como Reed bem disse, eles tiveram tempo mais do que suficiente para se desculpar e não fizeram. Se estão me procurando agora, é somente na esperança de que eu possa desistir de trazer à tona o que aconteceu no passado.

Sem chance. Devo ao meu filho, Leon, — eu pretendia esperar para descobrir o sexo do bebê, mas não resisti. Vamos ter um menino. — ser uma mãe corajosa e enfrentar minha família.

— É diferente viver em uma propriedade rural e ser do campo — respondo. — Eu e Sara nunca fomos autorizadas a chegar nem perto da terra. Não sei quantas vezes fui posta em castigo por sujar o vestido.

— Quanto mais você me conta essas histórias sobre seus parentes, mais eu gosto deles — ela fala com ironia.

Mackenzie mudou depois que se tornou mãe do pequeno Noah. Ela sempre foi corajosa, mesmo sendo tão nova, mas acho que ter um filho nos transforma.

— Daqui a pouco teremos que entrar. Está muito quente para você, mamãe. — diz.

Nós nos tornamos bem próximas, tanto porque as fazendas de Callum e Reed são vizinhas, quanto por conta da minha gravidez. Ela, assim como as outras mulheres da família, são protetoras comigo, sempre telefonando para saber se estou precisando de alguma coisa.

— Tudo bem, até porque não posso deixar Antonella e Becca fazendo tudo sozinhas.

— Não se preocupe com isso, elas adoram cozinhar. Dentro de pouco tempo, nossos *cowboys* famintos vão chegar e…

Antes que ela termine a frase, um trabalhador aparece, pálido, em cima de um cavalo e em seguida um carro para logo atrás.

— Dona Dominika, me perdoe, eu tentei impedi-la, mas ela não me ouviu. Sei que o senhor Reed mandou barrar à força se fosse preciso, quem tentasse entrar na fazenda sem autorização, mas ela me disse que era sua irmã.

A porta do carro se abre e a mulher que eu não vejo pessoalmente há dez anos desce e vem em minha direção.

Sara.

Eu parei de ler e assistir as notícias sobre Jameson para me concentrar em minha gravidez e no meu casamento, que acontecerá em alguns meses. Optei por

realizar a cerimônia depois que desse à luz. Assim, fico um pouco chocada com a aparência da minha irmã.

A mulher que sempre fez questão de usar as melhores grifes e ter as mãos cheias de joias, é uma sombra mal-acabada do que já foi um dia.

Suas roupas estão amassadas e o cabelo tem um aspecto sujo.

— Você não se cansa de tentar nos destruir? — ela diz, assim que se aproxima.

Mackenzie levanta e se posiciona à minha frente. Custo um pouco mais a me erguer da cadeira de balanço porque minha barriga está enorme.

— Boa tarde para você também, Sara.

— Ah, não me venha de hipocrisia. — Ela se descontrola e vejo que o trabalhador desmonta e me olha preocupado. — Por que mexer naquilo agora, Dominika? Já não conseguiu tudo o que queria? Finalmente pôs suas garras em um Gray, após anos tentando. Pena que não tenha conseguido atingir seu objetivo: o governador.

Aquilo enfim me tira do sério.

— Você só pode estar louca. Hudson é como um irmão para mim.

— Como meu marido era?

— O quê?

— Você ouviu perfeitamente. Jameson me contou como sempre se insinuou para ele.

— Eu não sei se você é maluca, estúpida ou somente mau-caráter, Sara.

Meus gritos atraem Antonella e Becca de dentro da casa e como se tivesse sido combinado, o restante da família Gray começa a chegar também.

Reed estaciona e vem para perto de mim com o rosto transtornado, mas faço que não com a cabeça.

— Como tem coragem de me acusar de algo assim quando sabe que eu nunca suportei aquele monstro com quem você se casou? Esqueceu que eu me trancava no quarto toda vez que ele chegava? Você pode dar a desculpa que quiser para si mesma para aliviar sua consciência, se é que tem alguma, mas nada vai mudar o fato de que é uma traidora mentirosa.

E finalmente tudo o que guardei dentro de mim por anos, começa a emergir.

— Você me traiu. Eu nunca vou me esquecer de quando, ao invés de me socorrer no dia em que Jameson me atacou, disse que não ia permitir que eu estragasse sua vida porque queria se casar com ele.

Sei que toda a família do meu marido está conosco agora, mas ninguém intervém, como se intuíssem que preciso desabafar. Isso me dá forças para continuar a falar:

— Você escolheu um estranho ao seu próprio sangue.

— Que sangue? Você tem muito pouco do meu sangue, Dominika. Sua existência foi um erro que tia Flora cometeu com aquele homem que você tanto adora, Richard Adgate.

— O quê?

— Eles são seus verdadeiros pais. A tia que você tanto adorava, levou esse

segredo para o túmulo. Nem mesmo o infeliz sabe que tem uma filha. Então, eu nunca me senti responsável por você. Eu menti mesmo e mentiria quantas vezes fossem necessárias. Jameson era um excelente partido e eu não iria perder a oportunidade de me tornar a esposa de um banqueiro por causa de uma bastarda.

— Saia daqui, infeliz, antes que eu me esqueça de que é uma mulher! — Ouço Reed gritar.

— Não, deixem-na continuar — Becca diz. — Você fica bem no vídeo, Sara. O juiz que cuida do processo de Dominika vai adorar ouvir sua confissão. Ah, e talvez eu também faça um post no *Facebook*, claro.

— Sua… — minha irmã tenta avançar em Becca, mas Mary Grace se mete no meio.

— Eu ensinei meus netos a nunca levantarem a mão para uma mulher, mas não tenho o menor problema em lhe dar uma surra. Então, se não quiser perder uns dentes, é melhor dar o fora das nossas terras agora mesmo, sua desclassificada.



Horas depois

Um dia ele me disse que eu era seu porto. Reed também é o meu — um que veio com uma família maravilhosa de brinde.

Depois que meu mundo desabou ontem e Sara foi expulsa, nosso almoço foi esquecido para dar vez a uma reunião típica dos Gray: com todo mundo palpitando sobre minha vida sem o menor constrangimento.

Foi uma coisa boa porque a Dominika do passado estava louca para sair correndo e se trancar dentro de uma concha, mas eles não me deram oportunidade.

Fizeram perguntas sobre tia Flora — minha mãe — meu relacionamento com minha avó e daquele jeito sem qualquer tato, disseram que eu era uma sortuda por não ser filha de Lena.

Não ser filha sanguínea de Lena, no entanto, não fez a menor diferença já que vivi até os quinze anos sob seu domínio.

Depois que todos foram embora, Reed conversou comigo sobre Richard. Disse que ele é tão inocente nessa história quanto eu e que tem o direito de saber que é meu pai, quando eu estiver pronta para conversar.

Decidi que nunca vai haver o momento perfeito, então antes de ir dormir, liguei para o homem que tem sido presente em minha vida todas as vezes em que foi necessário e contei a verdade sem fazer rodeios.

Ele virá aqui amanhã. Me sinto muito ansiosa com esse encontro e Reed já mediu minha pressão duas vezes para saber se está tudo bem.

— Você não é obrigada a fazer isso — meu noivo diz, enquanto me segura em seus braços, na penumbra do nosso quarto.

— Eu sei, mas quero. Nunca tive um pai. Phillipe nunca foi um pai de verdade para mim e Richard se comportava assim, mesmo sem ter ideia de que tínhamos um laço de parentesco. — Levanto a cabeça de seu peito para olhá-lo. — Por que ela não contou a verdade antes de morrer, Reed? Flora sabia que

quando se fosse, eu estaria completamente sozinha.

— Não quero falar mal dos mortos, Dominika.

— Estou pedindo sua opinião.

Ele estica a mão e acende a luz do abajur.

— A única coisa que passa pela minha cabeça, é que ela era egoísta demais e só pensava em si. Não quero magoá-la com o que vou dizer, mas para mim essa sua tia Flora, quero dizer, sua mãe, não é em nada diferente de Lena. Tudo bem que ela pensou que estava fazendo o melhor ao dá-la em adoção. Não há nada errado nisso, mas ela viu você crescer. Observou por anos o quanto aquela família era tóxica e ainda assim escolheu se omitir. E por isso, eu sinto muito, mas nunca vou perdoá-la.

Penso no que ele diz.

Reed acaba de colocar em ordem todas as ideias que estavam embaralhando minha mente desde que Sara despejou seu veneno.

Ainda assim, não quero remoer rancor.

— Vou conversar com Richard e depois, não pretendo mais mexer nessa história, a não ser para resolver meu processo na justiça. No mais, vou esquecer que um dia convivi com aquela família.



No dia seguinte

— Obrigado por me receber — Richard diz, parecendo muito constrangido. — Eu queria vê-la, mas para dizer a verdade, agora que estamos frente a frente, eu nem sei direito o que falar.

Estamos parados nos encarando.

Há muito tempo, passei a considerá-lo como um familiar, mas eu não imaginava como aquilo era verdade. Agora, no entanto, que descobri que ele é meu pai, eu não sei como agir.

— Eu também não, mas vou tentar começar. Eu não o culpo. Você não tinha como saber.

Ele olha para o chão.

— Por favor, sente-se. Reed me disse que seus pés têm inchado muito nessas últimas semanas.

— Vocês se falam sem que eu esteja presente? — pergunto, surpresa.

— Eu telefono para ele quase todos os dias para saber de você. Fico com medo de que me oculte se estiver precisando de algo.

Faço o que ele pediu e me acomodo em uma poltrona confortável. Ele se senta no sofá ao lado.

— Você gostava de mim mesmo antes de saber que sou sua filha.

— Sim. Por que a surpresa?

— Meus parentes nunca me aceitaram.

— Eu sinto muito. Você diz que não tive culpa de nada, mas mesmo assim não consigo deixar de achar que fui responsável por você ter ficado tão sozinha e desprotegida.

— É passado. Não gosto mais de ficar remoendo aquilo. Logo que eu saí da clínica, eu analisava tudo o que aconteceu vezes sem conta, mas agora não sinto mais vontade de fazer isso. Para que alimentar a dor quando meu presente é muito melhor?

— Eu a amava.

— Flora?

— Sim. Fui muito apaixonado por ela, mas sua tia… Deus, isso é difícil. Nem sei como me referir a ela.

— Não consigo vê-la como mãe. Não sei se conseguirei algum dia, então por ora, vamos deixar só Flora, tudo bem?

— Claro. Como eu ia dizendo, eu amava sua tia, mas ela era um espírito livre. Um dia simplesmente sumiu, sem nem terminar nosso relacionamento.

— Ela deve ter descoberto a gravidez — digo.

— Acredito que sim.

— Não quero excluí-lo, mas não desejo também que se sinta obrigado a participar da vida de Leon.

— *Obrigado*? Não há nada que eu queira mais do que poder estar ao seu lado e do meu neto.

Estico a mão para pegar a dele.

— Não lido bem com mudanças repentinas, Richard. Preciso caminhar no meu próprio tempo, então, não posso prometer que vamos ter uma relação de pai e filha regular, mas gostaria que ficasse por perto.

— Eu não estou com pressa. Levei uma vida para descobrir que tenho uma filha. Agora que Deus me deu esse presente, não irei a lugar algum.



Fazenda Ouro Velho

Um mês antes do parto de Dominika

Meu pai acaba de chegar.

Falta muito pouco para o bebê nascer e não tenho ido a Dallas, a não ser para as consultas com o obstetra.

Assim, virou uma tradição que Richard almoce comigo todas as quartas-

feiras.

Hoje, particularmente, ele quer discutir o processo para limpar meu nome.

Eu tenho andado faminta, então prefiro que almocemos antes que o *tema* Jameson venha à tona, caso contrário, perderei o apetite.

Dei folga às empregadas da casa hoje, pois haverá um festival em uma cidade vizinha e elas estavam loucas para ir.

Eu adoro cozinhar. Ainda mais quando é para Richard e Reed. Eles dois são bons de garfo.

Ouço a porta da frente se abrir.

— Estou aqui, Richard.

Só o chamo de pai na minha cabeça. Talvez um dia eu me liberte dessa inibição.

Ele não responde e largando a faca que tenho na mão, sigo até a sala.

Quase morro de susto quando vejo Jameson parado na entrada, usando o mesmo tipo de roupa dos trabalhadores da fazenda.

Antes que o medo se instaure, ouço a voz do meu pai atrás de mim.

— Dominika!

Às vezes ele estaciona na entrada da cozinha, onde há árvores frondosas e o carro não fica muito quente.

— Ah, mais que bonito. Um encontro em família! — Jameson diz. — Gostou de conhecer seu pai, Dominika? Ótimo! Agora, dê adeus a ele. Você vai comigo.

Fecho os olhos, apavorada e protejo minha barriga, quando vejo o marido da

minha irmã apontar uma arma para mim.

Não sei se é o medo o que não me deixa ter noção do que acontece a seguir, mas a única coisa que capturo é o barulho de um tiro.

Capítulo 50

Reed

Fazenda Ouro Velho

No mesmo dia

Eu sou um cara supersticioso e também acredito em intuição.

Principalmente naquela voz sem explicação aparente, que nos sussurra avisos.

Quando eles vêm, nós não entendemos a razão de imediato: o voo que foi desmarcado ou o sinal de trânsito que não abriu quando já estamos atrasados.

Depois, você descobre que o avião no qual iria viajar caiu e que se tivesse atravessado a pista com seu carro segundos antes, teria sofrido um acidente.

Falo com minha noiva durante o dia inteiro, conferindo para ver se ela está bem.

Sim, sou um maníaco controlador como todos os meus irmãos. Ainda não consegui me esquecer do susto quando ela desmaiou pela segunda vez — a primeira foi quando seus pontos abriram na fazenda de minha avó — aos meus pés no dia do casamento de Callum.

A noite eu massageio suas pernas, que têm inchado muito nesses últimos meses de gravidez e também instalei um aplicativo em seu celular para lembrá-la de beber água.

Dominika lida bem com minhas loucuras, ora aceitando minhas imposições desvairadas de pai e futuro marido de primeira viagem, ora me colocando em meu devido lugar, mas seja qual for a atitude que ela tome, nunca deixa de me atender quando eu ligo.

Assim, quando seu celular chama três vezes e não responde e em seguida, uma mensagem também é ignorada, subo em meu cavalo e volto para a sede da fazenda, com meu coração pulsando em meus ouvidos.

O animal corre o mais rápido que consegue, mas ainda não é o bastante.

Eu não deveria ter saído de casa. O médico avisou que as contas não são

exatas e que poderíamos errar em dias para mais ou para menos.

E se ela entrou em trabalho de parto e precisou ir para o hospital às pressas?

Que Deus e todos os santos cuidem da minha mulher e do meu filho.

Sou um bastardo pecador, mas amo os dois mais do que qualquer coisa no mundo.

Cinco minutos depois, eu chego em casa.

Coincidência ou não, Callum está descendo de sua caminhonete naquele momento.

Só de olhar para mim, sabe que algo aconteceu.

— O que houve?

— Não consigo falar com Dominika.

— Talvez esteja dormindo.

— Tive um pressentimento. Só vou sossegar quando a encontrar.

Tiro minha arma do coldre e corro para a varanda.

Chamo o nome dela, mas não responde.

E então, quando estou somente a poucos passos da entrada, um som de tiro se faz ouvir e meu sangue gela.

Desesperado e rogando a Deus em pensamento, torno a chamar seu nome.

— Dominika!

— Reed, aqui.

Quando entro na sala, Richard está ao lado da minha mulher e caído à sua frente, Jameson, deitado de costas com uma mancha de sangue no abdômen.

— Ele queria levá-la. Ele ia levar minha menina e meu neto — meu sogro diz.

Um de seus braços está em volta da cintura da filha e a arma pende da outra mão.

Callum chuta o revólver que ainda está preso aos dedos de Jameson e depois se abaixa para conferir sua pulsação.

Quando torna a se erguer, avisa:

— Não toquem em nada. Ele está morto.



Fazenda Império Gray

Horas depois

— Ninguém pode entrar na sua casa até que concluam a perícia — Bryce confirma o que eu já sabia.

Meu irmão é formado em Direito, mesmo que nunca tenha exercido porque preferiu se dedicar às suas terras.

— De qualquer modo, não deixaria Dominika passar a noite lá. Se ela quiser, eu derrubo aquela casa e mando construir outra.

— Não, aquele é o nosso lar. — Ela está parada no umbral da cozinha.

Não a vimos entrar.

Depois que a polícia confirmou a morte de Jameson, eu pedi a Callum que a trouxesse para cá, para ficar com a minha avó. Nós ainda não conversamos porque depois que conferi que ela não estava ferida, Dominika me pediu que fosse com seu pai até a delegacia.

Contatei a banca de advogados que atende nossa família — uma filial do

grupo Lambertucci[67] de Boston — para acompanhar a mim e ao meu sogro em seu depoimento.

Ficamos lá por horas que me pareceram intermináveis, mas mesmo desejando estar ao lado da minha mulher e filho, eu não poderia deixar de apoiá-lo. Ele salvou os dois.

Voltamos para a casa da minha avó já de madrugada, mas toda minha família continuava reunida na cozinha.

Mary Grace fez questão de que Richard se hospedasse aqui também.

— Eu achei que estava dormindo — falo e ando até onde ela se encontra. — Abri a porta do quarto e não se mexeu.

— Estava mesmo, mas Leon ficou agitado e me acordou.

Eu a trago apertada junto a mim — tanto quanto nosso bebê permite — e aspiro seu cheiro.

— Eu não tenho tempo de vida suficiente para agradecer a Deus por não ter lhe acontecido nada.

— Meu pai, não o deixou chegar perto de mim. Eu nem sabia que você andava armado — ela fala com meu sogro. — Jameson não teve a menor chance. No momento em que ameaçou me levar refém, papai atirou nele.

Eu sei dessa versão, claro. O xerife permitiu que ela prestasse depoimento no local mesmo, devido ao seu estado, mas ouvi-la repetir aquilo me desestabiliza.

Eu me ajoelho e beijo seu abdômen.

— Nunca mais. Eu jamais vou permitir que alguém se aproxime novamente

de vocês para machucá-los.

Ela me oferece a mão para levantar.

— Não foi culpa sua, Reed. Ele estava disfarçado de um dos trabalhadores. Ouvi os rapazes dizendo que o viram desde cedo, o que significa que Jameson estava somente esperando a oportunidade para atacar.

— Precisamos rever a segurança de todas as fazendas — Hudson diz. — Estou pensando em contratar a empresa de Ethan[68], marido de Isabela, para me entregar um parecer do que pode melhorar.

— Eles também têm um programa de treinamento. Podem ensinar nossos seguranças pessoais a como reagir em caso de ameaça.

— O que é isso? — minha avó intervém. — Vocês parecem até que estão se preparando para uma guerra. Essa empresa de que estão falando pode até funcionar, mas no fim de tudo, ainda acredito no bom e velho herói à moda antiga — ela diz, dando um olhar significativo para Richard, que cora.



Mais tarde

— Eu sinto muito por não estar por perto. Não queria que tivesse visto aquilo.

— Eu nunca testemunhei uma pessoa morrer ou pensei a respeito. Talvez se fosse qualquer outro, eu estivesse abalada, mas ele ameaçou nosso filho e teve o que mereceu.

Estamos em meu antigo quarto, na casa da minha avó. No mesmo aposento em que descobri, há alguns meses, que iria ser pai.

Deitados. Nus. Saciados.

Parece loucura, mas a proximidade da morte, a possibilidade de que algo pudesse nos separar, nos levou ao limite.

Saímos da cozinha e sem dizer uma palavra, nos despimos, seguindo direto para o chuveiro.

Fizemos amor por horas ou talvez seja melhor dizer que eu a adorei por horas. Dentro do seu corpo ou somente observando-a dormir, eu ainda não consegui o suficiente dela.

O dia já amanheceu, mas nenhum de nós faz menção de sair do quarto. Precisamos da paz do nosso mundo, sem interferência externa.

— Quero que aprenda a atirar — falo.

— A primeira vez que disse isso, eu achei graça porque não me via segurando uma arma. Mas hoje, percebi que sou capaz de qualquer coisa para proteger nossa família. Todas as mulheres Gray sabem atirar, até mesmo Antonella. Não quero ficar como a bolinha destoante do tabuleiro.

— Você é a pessoa mais resiliente que eu conheço, Dominika. Qualquer um que já tivesse atravessado o que viveu, passaria o resto da vida se lamentando. É tão forte, princesa.

Ela levanta a cabeça do meu peito para me olhar, como se pensasse no que eu falei.

— Não sei se sou forte, mas tenho pelo quê lutar. Ninguém vai me separar da minha família.

Capítulo 51

Reed

Dallas

Dia do nascimento de Leon

No último mês, acho que eu assisti todos os vídeos sobre nascimento de bebês disponíveis na *internet*.

Também fizemos o curso pré-natal direitinho, como o obstetra dela indicou.

O quarto do nosso Leon estava pronto há semanas.

Roupinhas de todos os tamanhos e cores, brinquedos, mamadeiras, chupetas e termômetros à espera.

A conselho de Mackenzie e Antonella, deixamos uma bolsa com tudo o que precisaríamos para o momento em que o bebê desse sinais de que estava a caminho.

Desde a semana passada, nos instalamos em Dallas, pois embora eu e meus irmãos estejamos construindo um hospital de primeira linha em Grayland, já que nossa família está crescendo, ainda falta muito para que ele fique pronto.

Sou um planejador, então, me senti seguro de que não havia deixado espaço para erros.

Nenhuma ponta solta — pensei.

Tudo estava sob controle, do jeito que eu gosto, mas bastou Dominika sentir a primeira contração, para o chão desaparecer sob meus pés.

Juro que compartilhei de cada minuto de dor como se eu mesmo estivesse prestes a dar à luz.

Jesus Cristo, eu não fazia ideia de como as mulheres são fortes.

Nós já sabíamos que nosso filho seria grande, dado o meu tamanho e ainda assim, Dominika insistiu em fazer parto normal. Não tenho vergonha nenhuma em dizer que em seu lugar eu teria implorado por uma anestesia.

Enquanto ela lutava para trazer nosso Leon ao mundo, me fez prometer que nunca mais a engravidaria.

A ideia de ter só um filho não me agrada, mas como a minha parte na empreitada é a menos trabalhosa, que direito tinha eu de reclamar?

Mas então, assim que nosso menino nasceu, com cinquenta e dois centímetros e quatro quilos e duzentos gramas, ela sorriu e me disse que não queria esperar muito para ter o segundo bebê.

Já aceitei que nunca conseguirei desvendá-la completamente e talvez seja por isso que a amo cada dia mais.

Todas as suas cores e contrastes me fascinam.

Frágil e forte.

Doce, mas revestida de aço.

Minha menina que, sozinha, conseguiu vencer todos os seus dragões, agora é mãe.

— Eu te amo, Reed. Ele é o melhor presente que você poderia ter me dado.

Eu a observo enquanto amamenta nosso filhinho esfomeado.

Dominika ainda tem dentro de si a ideia de que não é merecedora de bençãos.

Por trás de seus sorrisos, às vezes eu enxergo a menina que eles tentaram calar, trancando-a em um sanatório.

Mesmo que não a tenham vencido, eles a modificaram.

Hoje em dia, ela está cada vez mais próxima da princesa colorida que sua avó tanto amava, a garota sorridente que aprecia coisas simples como arco-íris e o cheiro do orvalho.

Mas às vezes, ainda se reveste de mulher perfeita, preocupada com o

julgamento alheio.

Eu amo as duas e quero ambas, mas principalmente, eu desejo que ela se liberte.

O medo é uma prisão. Ele pode ter vários cômodos e ser decorado por materiais diversos.

Ninguém está livre de senti-lo. Pode-se entrar inadvertidamente em um quarto escuro e por lá ficar trancado por meses ou anos.

Não tenho a ilusão de uma vida sem medo, mas quero que ela saiba que a saída está logo ali, a dois passos de distância. Preciso que Dominika tenha certeza de que se um dia não a encontrar, eu arrombarei a porta e a tirarei de lá. Eu a guiarei no escuro se for necessário, mas não há maneira de que a deixe sozinha novamente.

— Não, você é meu maior presente, seguido do nosso leãozinho[69], princesa.

— Você já tinha tudo, Reed. Sou eu a sortuda por essa volta que o destino deu para nos unir.

— Eu não tinha nada, Dominika. Todo a minha riqueza está aqui, nesse quarto de hospital.



Dois meses depois

— Você está me enrolando.

— Não estou. Só não quero eu mesma parecer o bolo da noiva. Preciso perder mais dois quilos para ficar bem nas fotos.

Sacudo a cabeça, sorrindo.

Não é possível que ela consiga ver algum defeito ao se olhar no espelho.

Dominika sempre foi uma delícia, mas depois do bebê, está ainda mais gostosa.

— Eu trabalho bem com prazos, então me dê uma data.

Estamos em uma cafeteria recém-inaugurada no centro de Grayland. É o primeiro passeio de Leon fora das idas ao pediatra e não é porque é meu filho não, mas ele está muito másculo de jeans e camisa xadrez. Um verdadeiro Gray.

— Dois meses a partir de hoje? — ela pergunta.

— Não vou me esquecer disso, senhorita.

— Temos um acordo — fala e estica a mão para fechar o trato, mas a puxo para o meu colo.

— Estamos chamando atenção.

— Gosto disso. É bom que todos saibam que estou sofrendo para convencê-la a fazer de mim um homem honesto.

Ela gargalha, mas em seguida, parece pensativa.

— Eu vou encomendar uma esteira e quando ela chegar, correrei todos os dias. Esses dois quilos vão desaparecer em nome do Senhor Jesus. Mas antes, vou comprar aquele *brownie* de chocolate que acabou de sair. Deve estar quentinho.

Ela me dá um beijo e pula do meu colo, andando para o balcão.

Estou ajeitando a botinha que Leon acabou de tirar, quando o som alterado de vozes me chama a atenção.

Olho para o fundo da loja e me deparo com Dominika e Annamae, que

parecem prestes a se engalfinhar.

Merda.

— Eu não sabia que deixavam os loucos frequentarem essa cafeteria. Talvez devesse voltar para o hospício, onde morou por dois anos.

Annamae fala alto o suficiente para que todo o estabelecimento ouça.

Aperto os olhos, a raiva se espalhando dentro de mim como um veneno.

Essa infeliz foi pesquisar a vida da minha noiva. Seria a única maneira dela descobrir sobre o processo em andamento, já que até agora nada veio a público.

Levanto-me, trazendo o carrinho do meu filho comigo. Preocupado com a reação de Dominika àquela cena. Minha menina não lida bem com escândalos.

— Ah, loucos e bastardos, pelo visto. É, realmente aqui não é um lugar para mim.

Ela vira as costas, mas Dominika a puxa de volta pelo ombro.

— O que você disse?

— Me ouviu perfeitamente. Eu disse loucos e bast….

É interrompida no meio da frase quando minha mulher derrama todo o conteúdo do chocolate gelado em seu rosto.

— Sua….

O *brownie* faz companhia em seguida.

— Fale o que quiser de mim, mas não ouse ofender meu filho porque senão vai ver o que é loucura real.

Um silêncio se instala, mas logo após, palmas tímidas começam a soar. Elas

vão aumentando a intensidade até que a cafeteria inteira está aplaudindo a atitude de Dominika.

Annamae permanece parada, parecendo não acreditar no que aconteceu, quando minha noiva completa.

— Guerra de cocô, banho de chocolate. Por enquanto, você está no lucro, mas saiba que começo as aulas de tiro semana que vem.

Ela se vira para a dona do estabelecimento, que sorri.

— Hoje todos serão servidos por conta de Leon Gray. Divirtam-se. Agora, se me dão licença, vou para casa com a minha família.

Do lado de fora, eu a puxo para um beijo.

— Você é definitivamente texana, princesa. Prepare-se porque essa noite vamos brincar de *cowboy*.

Capítulo 52

Dominika

Fazenda Ouro Velho

Quatro meses depois

Casamento de Reed e Dominika

Me atrasei um pouco com a data do nosso casamento — tudo bem, eu me atrasei *muito*.

Os dois meses se transformaram em quatro, mas não devido aos quilinhos extras, e sim porque eu quis organizar uma festa linda, com tudo o que eu tenho direito.

Não aceito mais qualquer coisa pela metade. Eu quero que meus sonhos sejam realizados.

Em um mundo perfeito, o presente de casamento que meu pai me daria seria entrar aqui me dizendo que o processo para limpar meu nome finalmente chegou ao fim, mas isso não acontecerá, infelizmente.

Pelo menos tenho o consolo de saber que a investigação sobre a morte de Jameson foi encerrada. A conclusão? Legítima defesa de terceiros.

Cerca de um mês depois que o marido de Sara morreu, minha mãe me procurou e dessa vez, eu a atendi.

Não porque quisesse falar com ela, mas porque decidi que aquela seria nossa conversa definitiva.

Depois que descobri que sou filha de Flora, não tive mais contato com o resto da minha família, então senti uma curiosidade mórbida para ver o que restava a Lena me dizer ou talvez pudesse me dar algumas respostas.

Por que Flora, mesmo sendo rica, não quis me criar?

Por que ela não contou a verdade ao meu pai? — e essa é uma das coisas que

tenho mais dificuldade de aceitar: ela não só não me quis, como não deu a chance de que meu pai soubesse da minha existência.

E finalmente, por que ficou ao meu lado na época em que fui internada na clínica, mas nunca, nem mesmo quando soube que iria morrer, me contou a verdade sobre ser minha mãe?

E que tipo de jogo cruel foi aquele que ela fez ao colocar o homem que era meu pai para me defender diante da justiça, mas sem nos dar a oportunidade de sabermos quem éramos na vida um do outro?

Se Sara, em seu arroubo de ira, não tivesse me contado a verdade, talvez eu jamais soubesse que não era filha de Lena.

Quando falei com Lena ao telefone, no entanto, mais uma vez, minha mãe adotiva não me explicou nada — talvez porque, em parte, não houvesse explicação para dar. Não há o que ser dito. Ela e Flora são dois seres humanos ocos, egoístas.

E claro, Lena Wos-Spencer não poderia, assim como a irmã, deixar de lado o título de ser humano mais sem consciência que eu já conheci.

Ela não me contatou por outro motive a não ser para propor que eu perdoasse minha irmã.

Sim, foi isso mesmo. Ela disse que eu tinha que perdoar o que Sara me fez, ao mentir em juízo e roubar dois anos da minha vida.

Eu respondi que *não*.

Adoro aquele ditado: quem não aprende pelo amor, aprende pela dor, mas

acho que Sara não se encaixa em nenhum dos casos.

Ela perdeu o marido criminoso, teve sua reputação manchada ao ver seu nome, assim como o de nossa família, arrastado na lama pelo escândalo que se sucedeu à descoberta dos crimes de Jameson, mas mesmo com tudo isso não encontrou espaço em seu coração para fazer um exame de consciência e ver que errou muito comigo.

Ao invés, inverteu o jogo e me culpou, como se eu fosse a responsável por sua vida ter saído dos trilhos.

Eu sei da história toda. Reed me relatou o que aconteceu no armazém e que foi um amigo dele, o qual não me disse o nome, quem encontrou as provas contra Jameson, mas aqui está o principal: eles não inventaram nada. O infeliz era sim um abusador de mulheres e Deus me perdoe, teve o que mereceu.

E mesmo sabendo do que ele fizera, não só comigo, mas com outras meninas, minha irmã só ficou preocupada com a opinião pública.

Ela é um ser sem luz e acho que nunca vai evoluir.

Não espero que seja punida criminalmente, mas sim que seja desmentida.

Quero ir à frente de um juiz e contar meu lado da história, porque eles me impediram de fazer isso quando eu ainda era uma criança. Na época, quando fui detida, meu primeiro advogado foi contratado pelos meus pais e não me deixou depor. Eles já tinham tudo esquematizado para me calar.

Chandra me disse que não há nada de errado em querer justiça e que o perdão deve ser espontâneo e não nos envenenar.

Nesse caso, se eu me calasse, eu continuaria envenenada.

Eles nunca me pediram desculpas. Nunca reconheceram que erraram, então não há como perdoar quem não quer perdão.

Uma coisa que tenho pensado ultimamente, é se a minha avó amada teria me contado no futuro que eu era adotada. Talvez sim. Gosto de acreditar que se ela tivesse vivido o bastante, me tiraria de Lena e me pegaria para si, mas eu nunca terei certeza.

Para dar continuidade ao meu sonho real — minha vida com Reed, criando nosso filho tão desejado — eu preciso antes de qualquer coisa, encerrar esse ciclo, trancar meu passado em um lugar que eu não precise mais visitar, mas a chave para isso só me vai ser entregue quando ficar atestado que Sara mentiu e que eu agi em legítima defesa.

— Você é a noiva mais bonita que o Texas já viu — Richard diz, entrando com Leon no colo.

Meu menino está lindo em um terninho em miniatura, feito sob medida para ele. Reed até mesmo encomendou um chapéu de tecido macio, imitando o seu *Stetson*[70].

Quem pode explicar o fato de que meu filhinho, de apenas seis meses, ama um chapéu? É só colocar um em sua cabeça e ele me presenteia com o sorriso mais lindo. Não importa se é um gorro ou boné, ele os adora.

— E você, o pai mais coruja — respondo, andando até eles e beijando os dois.

— Pronta para escrever sua história? Eu juro que nunca vi um noivo mais ansioso do que o seu. É como se ele pensasse que você vai fugir.

— E deixar meu mundo inteiro para trás? Por que eu faria isso? Tenho um homem a quem eu amo e que também é apaixonado por mim, um filho adorável, ganhei um pai de verdade e uma família muito protetora. O que mais uma garota pode querer?



Minutos depois

De braços dados com meu pai, que carrega Leon no colo, eu caminho sorrindo pela passarela montada, em direção ao dono do meu coração.

Somos as três gerações Adgate — no caso de Leon, Adgate-Gray.

Eu decidi tirar o sobrenome Wos-Spencer e adicionar o do meu pai e o da família do meu marido, então, quando o dia de hoje terminar, serei Dominika Adgate-Gray.

Por que continuar usando o sobrenome de duas mulheres egoístas e o de um homem, Phillipe Spencer, que nunca teve qualquer relevância em minha vida?

A cada passo, meus olhos estão fixos nele, meu Reed, que parece estar se controlando a muito custo. Saber que sua agitação é porque mal pode esperar para estar comigo, me excita.

— Eu preciso ir sozinha daqui por diante — aviso ao meu pai quando chegamos no meio do caminho.

Dou um beijo nele e no meu filho e me preparo para o meu voo solo.

Reed, assim como o resto da família, parece não entender quando completo o resto do percurso por minha própria conta, mas as meninas — Mackenzie, Becca e Antonella — sabem direitinho dos meus planos.

Quando chego a poucos passos de onde está o altar, a esposa de Hudson pede o microfone ao celebrante e me entrega.

— Boa tarde a todos — digo, me dirigindo aos convidados, mas sem desviar o olhar do meu noivo. — Para quem não me conhece, sou a futura senhora Reed Gray e também a pessoa com mais medo de exposição do mundo, mas hoje, por ele, pelo amor da minha vida e pai do meu bebê, resolvi arriscar.

Vejo um sorriso se formando no rosto másculo.

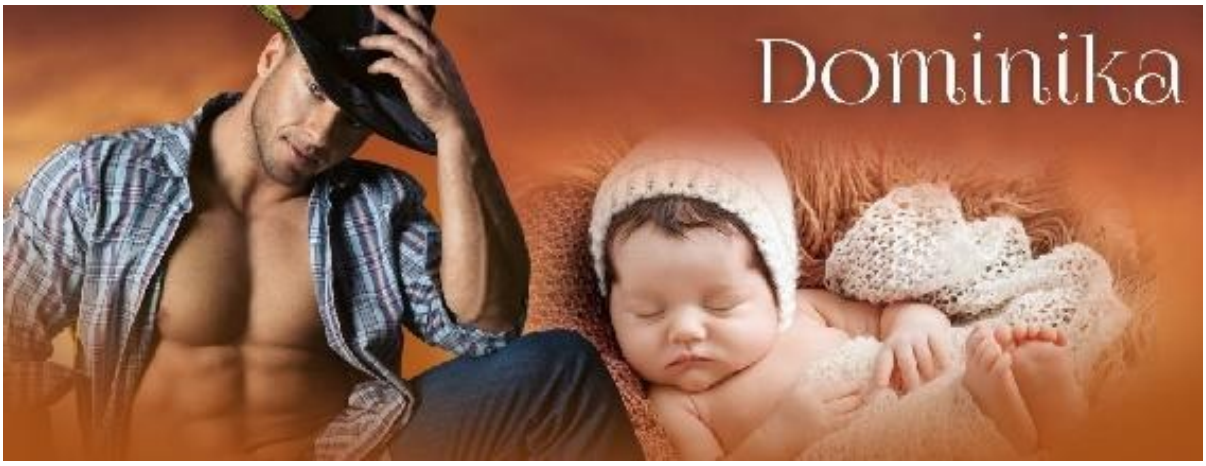
— Há uma semana, me foi dito que existe uma tradição em que as noivas Gray devem se casar de botas brancas. A menina medrosa que sempre morou dentro de mim, aquela que temia desagradar os outros, quase seguiu a orientação das cunhadas, mas existe uma outra Dominika, que não nasceu para usar uma cor só.

Ergo o vestido e mostro minhas botas sete-léguas amarelas com desenhos em cor de rosa. Dou um giro de trezentos e sessenta graus e ouço as risadas e aplausos dos convidados.

— Vou me apresentar de novo. Meu nome é Dominika e em poucos minutos, me tornarei a senhora Reed Gray, mas também sou a princesa colorida do meu homem. Reed, por você eu não tenho vergonha de me expor, porque eu sei que mesmo que o mundo inteiro me julgue, você continuará enxergando minhas verdadeiras cores.

Ignorando qualquer convenção, ele corre para mim e me gira em seus braços.

— Sempre enxerguei. Nunca tive dúvidas de que você é meu arco-íris.


Dominika

Epílogo 1

Dois anos depois

E finalmente aconteceu.

Hoje meu pai me trouxe a notícia que eu tanto esperava: Sara cedeu e confessou a verdade. Não sem um *incentivo* por parte de papai, claro.

Dentro de poucos meses, se Deus quiser, meu nome estará limpo.

Ele me disse que a procurou e falou que se não reconhecesse perante a justiça que havia mentido, daria um jeito de que a imprensa tivesse conhecimento do que ela me fez.

Ah, também mostrou o vídeo que Becca gravou com sua confissão. Talvez ele sozinho resolvesse minha situação, mas eu queria que ela confessasse também na frente do juiz e do promotor.

Eu dei carta branca a meu pai para essa conversa porque estava realmente disposta a conseguir a justiça a qualquer preço, ainda que para isso precisasse expor, através da mídia, os detalhes do meu pesadelo.

Na verdade, mesmo com a admissão, não haveria punição legal contra ela, já que o prazo para isso expirou. De qualquer modo, era fundamental para mim ouvi-la se redimir das mentiras que contou. Diante da minha família — os Gray e papai — ela por fim confessou que eles armaram para me calar.

Até hoje não tenho certeza se Lena sabia da verdade ou se ignorou as evidências, mas de qualquer modo, isso não a isenta de culpa. Acho que no fundo, ela e Phillipe viram o queriam ver.

A descoberta dos crimes de Jameson e seu envolvimento com menores de idade, foi a ponta de um *iceberg* de depravação.

O tal empresário que agenciava as jovens foi preso e depois se descobriu que o anel de pedofilia do qual era chefe, ultrapassou as fronteiras dos Estados Unidos e alcançou Europa e Oriente Médio.

São tantas meninas exploradas que provavelmente essa ação durará anos e há até um boato de que a máfia mexicana estava por trás da empresa que fingia ser uma agência de modelos regular. As adolescentes, na verdade eram fornecidas como mercadoria para as mãos de homens adultos depravados.

Jameson era um deles.

Elas recebiam por isso, não eram como aquelas que são traficadas e usadas como escravas sexuais, mas de qualquer modo, pelo que li, noventa por cento

não tinha idade legal para consentir sexo.

A alta sociedade do Texas virou as costas para os Wos-Spencer e assim, Lena e Sara perderam o que havia de mais importante: a vidinha vazia, em que o programa mais interessante era o chá da tarde no *country* clube as sextas para falar mal dos outros.

Soube que Lena e Phillipe não saem mais de casa. Eles vivem uma vida de ostracismo e isso em seu mundo, deve equivaler à pena de morte.

Sara, pelo que ouvi, foi embora do Texas e se casou com um empresário rico — e muito idoso — do Oregon, que assumiu seus três filhos.

Não havia se passado seis meses da morte de Jameson e ela já estava novamente em frente ao juiz de paz, prometendo fidelidade ao seu novo marido — o que eu duvido que seja capaz, dado seu histórico. Sendo minha irmã de sangue ou não, nós somos parentes, mas ela não hesitou em me trair quando o que estava em jogo eram seus interesses.

Desligo o computador, exausta.

Tenho intercalado aulas presenciais e online na faculdade de gastronomia e Reed me apoia em cada passo.

Hudson conseguiu uma nova assistente, mesmo que já seja a décima desde que saí porque, segundo ele, nenhuma consegue acompanhar seu ritmo.

Estou determinada a tomar um banho, quando ao passar da biblioteca para a sala, escuto a voz do meu marido.

— Qual será nossa história hoje?

Reed sempre volta mais cedo para casa porque a babá dá banho e jantar ao meu filho por volta das seis e meu marido quer estar presente para lhe contar uma história antes que durma.

Hoje, estão no sofá da sala principal. O pequeno Gray, montado no peito do pai, que está deitado.

— *Cowboy* e *pincesa*, papai — ouço Leon dizer e paro de andar.

Reed não tem qualquer livro nas mãos. Até eu já sei essa história de cor e salteado.

Não será a primeira vez que os espiono. Eu não consigo resistir. São tão lindos juntos, tão parecidos. Meus dois Gray. Leon tem até a mania do pai, de cruzar os braços na frente do peito quando está pensando antes de argumentar, normalmente porque o peguei fazendo arte.

— Tudo bem, vamos lá. Era uma vez, uma princesa colorida e um príncipe *cowboy*…

Eu o ouço narrar como o príncipe se apaixonou à primeira vista pela princesa e viveu uma vida de solidão até reencontrá-la.

— E o *pincipe cowboy* deu uma bota *pa pincesa*, né?

— Sim, porque essa princesa não era como qualquer outra e não queria um sapatinho de cristal.

— E eles *vivelam felizes pa sempe*. *Êeeeee*! — meu filho completa, batendo palmas, entusiasmado.

— Mas essa não é a história toda — digo, entrando na sala, como sempre,

emocionada ao ver a interação entre os dois. — A princesa colorida e o príncipe *cowboy* tiveram um filhinho: um príncipe *cowboy* colorido.

— *Leon Glay*! — ele diz, batendo no próprio peito.

Reed estica a mão para mim, me convidando para meu lugar favorito no mundo.

— O príncipe *cowboy* é o cara mais sortudo do planeta. Porque ele é dono de um tesouro — fala, prendendo nós dois em seus braços.


Reed Gray

Epílogo 2

Três anos depois

— *Ele perdeu novamente* — Callum me diz, do outro lado da linha, se referindo a Chester Sampson, o homem que matou os pais de sua esposa, Mackenzie.

— Jesus, eu não sei como ela consegue lidar com isso. Parece que não acaba nunca. Por que simplesmente não lhe dão a porra da injeção[71]?

— *A beleza do nosso sistema judiciário e suas apelações infinitas.* — Sei que apesar da ironia, não há um pingo de humor no que diz. — *Eu só quero que essa merda acabe. Mackenzie está prestes a dar à luz novamente e não conseguiu dormir direito* nas últimas *semanas, pensando que o tribunal poderia*

acatar essa apelação.

Uma pena de morte pode levar até vinte anos para ser executada. Imagino como a família da vítima deve ficar ansiosa, a cada nova apelação, diante da possibilidade do veredito ser revertido.

— *Nesse ponto,* você *é um sortudo, Reed, porque o monstro que machucou sua mulher está a sete palmos do chão.*

— Eu sei — respondo de maneira sucinta e me despeço.

Sem querer, Callum tocou no meu maior medo: de que alguém faça mal à minha família.

Depois que desligamos, olho para os papéis em minha mesa sem enxergá-los, enquanto minha mente escaneia se fechei todas as brechas de segurança.

Sim, nós estamos protegidos.

Penso em todas as mudanças que ocorreram nos últimos anos.

Dominika se formou em gastronomia e abriu, como já planejara, uma fábrica de comidas saudáveis para bebês. Os legumes e verduras são produzidos pelas minhas fazendas. Tudo orgânico e as carnes das vacas e frangos, sem hormônios ou antibióticos.

O que começou como um projeto por prazer se transformou em algo enorme. E já há fila de espera para o fornecimento dos alimentos pré-prontos para escolas e restaurantes do estado.

Ela precisou contratar diversas nutricionistas, dentre outros

profissionais, gerando empregos na região.

Ano que vem, esperamos construir a segunda fábrica, dessa vez, perto de Houston.

Eu me preocupo porque ela continua incansável. É uma característica dela que admiro para cacete. Tudo a que se dedica, se joga de cabeça.

Mas por esses dias, ando tenso porque ela está grávida novamente e trabalha demais.

É, dentro de alguns meses, minha Dominika vai trazer ao mundo nosso segundo filho, outro garoto, Zenon e por minha vontade gostaria de ter mais uns seis.

Por falar em filhos, sabe aquela história de que a vida dá voltas? Pois não existe nada mais certo do que isso.

Annamae, com todo seu ar de superioridade, engravidou de um dos peões de seu pai, da propriedade em Grayland. Pelo que meu irmão me contou, o homem é muito trabalhador, mas não tem um tostão ou educação refinada.

Segundo Bryce relatou, Randolph a obrigou a se casar com o rapaz ou a deserdaria. Também disse que se algo acontecesse ao bebê — talvez para garantir que ela não repita o que fez com o nosso filho — doaria toda sua fortuna ainda em vida para uma instituição de caridade.

O casamento acontecerá por esses dias.

Eu tenho uma criança maravilhosa. Leon é o sonho de todo pai — lindo, inteligente e companheiro — e estou muito feliz com a chegada do meu

segundo herdeiro, mas toda vez que me lembro do bebê que nunca pude segurar em meus braços, sinto meu peito rasgar.

Não é uma dor frequente, mas não posso deixar de imaginar se ele seria tão carinhoso e esperto como meu filho com Dominika. Qual a cor dos seus olhos e cabelos? Também gostaria de ouvir minhas histórias, assim como o irmão?

— *Hey*, o que há de errado?

Juro por Deus que ela parece ter uma bola de cristal, sabendo a hora certa de vir para perto de mim. Basta que eu observe seu abdômen cheio com meu segundo filho para que as nuvens escuras do passado desapareçam.

Ela se senta de frente no meu colo e passa os braços em volta do meu pescoço, a boca se unindo à minha em um beijo delicioso, molhado. A bunda gostosa rebolando no pau já duro, me provocando.

Dominika está insaciável e não serei aquele a lhe dizer para diminuir o ritmo.

— Preciso de uma pausa. Não aguento mais ler sobre as receitas novas que a nutricionista deixou hoje em meu escritório — ela diz, já abrindo minha camisa.

— Mesmo? E o que quer fazer nesse intervalo?

— Dentro de pouco tempo, o crescimento da minha barriga vai me impedir de cavalgar — a descarada fala, passando a língua do meu pescoço até o mamilo.

— Devo mandar preparar os cavalos, então? — pergunto, para mexer com ela.

— Nada disso, tenho minha montaria bem aqui — responde, botando minha mão em suas coxas, embaixo do vestido.

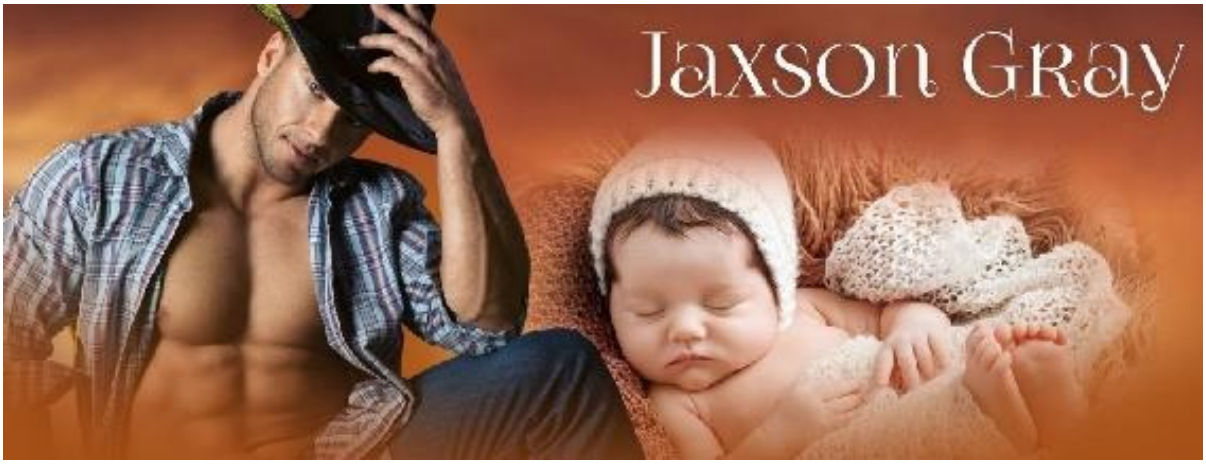
Minha esposa me encara com aqueles olhos lindos e brilhantes. Sei que veio aqui com um propósito, como se sentisse que eu precisava dela.

A ligação entre nós é mais do que desejo físico ou mesmo a definição que as pessoas costumam dar de amor. É uma conexão que transcende a vida.

— Sou sua montaria, seu dono, seu senhor e escravo. Mas sempre seu, minha princesa colorida.

Fim!

Não deixem de ler o bônus do próximo livro dessa série na página seguinte.


Jaxson Gray

Bônus 1

Rebecca

— Vá, Rebecca. Não terá outra chance — Lenora diz.

— O que vai ser de mim? Eu nunca saí daqui.

— Você vai conseguir, mas não conte a alguém o que viu ou eles irão culpá-la também. Finja que esqueceu do seu passado.

— Eu gostaria de me esquecer — falo, chorando. — Onde está mamãe?

— Minha menina, quando você vai entender que ela ficou do lado deles?

— Mas ela me prometeu que não permitiria que eles me obrigassem.

— Ela mentiu, Rebecca. Fuja enquanto ainda dá tempo. Não terei outra chance de ajudá-la. Se a pegarem, seu destino estará selado.

Ando até ela e lhe dou um abraço apertado.

— Eu vou precisar esquecer do meu passado, mas nunca me esquecerei de você.



Jaxson

Porra, esse cheiro de mato é vida.

Não adianta mentir para mim mesmo, eu pertenço ao campo.

Montado em meu cavalo, às primeiras luzes da manhã, observo minha terra.

Não há lugar no mundo, as mais luxuosas festas, que faça meu coração crescer no peito como Grayland.

Confiro no relógio e vejo que preciso voltar para Dallas. Ao menos pegarei o

helicóptero para fugir do trânsito infernal.

Me preparo para regressar à sede, quando de repente, algo me chama atenção.

Um amontoado de feno?

Não naquele lugar. Não faz sentido.

Desmonto do cavalo e quando me aproximo, noto que é um cobertor.

Um invasor?

Retiro a arma do coldre.

— Quem é você?

A figura pequena e oculta pelo tecido imundo não responde.

— Não darei outro aviso. Estou armado e não atiro para cima — blefo, porque obviamente quem quer que esteja ali não representa qualquer perigo.

— Por favor, não atire.

Quando ela finalmente se mostra, vejo que se trata de uma adolescente.

Está tão suja que quase não se lhe enxerga a pele.

Só olhos enormes e um cabelo muito longo.

— Meu nome é Rebecca.

— O que está fazendo aqui, Rebecca?

— Eu não sei. Não me lembro de nada além do meu primeiro nome.

Beau Carmouche LeBlanc

Bônus 2

Boston — Massachusetts

Observo o corpo sensual da minha namorada em um vestido vermelho curto e sexy e sei que não sou o único a devorá-la com os olhos.

Ela se mexe como uma gata selvagem, minha pantera fogosa. A mulher que, mesmo após seis meses juntos, ainda faz meu sangue ferver.

Amber sabe o efeito que tem sobre os homens.

É despudorada, nem um pouco tímida. Um furacão de pura devassidão.

Ao contrário das outras garotas com quem já estive, ela não me cobra nada e isso deveria me deixar tranquilo.

Sexo sem compromisso visando o futuro com uma mulher linda parece a ideia de paraíso.

Mas há algo nela que me faz ter certeza de que está jogando comigo.

Talvez a maneira como me encara com o olhar esvaziado de emoção quando acha que não estou atento. Talvez a centelha de raiva que deixa escapar

quando eu ajo como o cretino arrogante que sou.

O que eu sei, é que ela guarda um segredo.

E eu vou descobrir qual é.

Fim!

Obras da autora

Seduzida - Muito Além da Luxúria (Livro 1 da Série Corações Intensos)

Cativo - Segunda Chance (Livro 2 da Série Corações Intensos)

Apaixonada - Meu Para Sempre (Livro 3 da Série Corações Intensos)

Fora dos Limites - Sedução Proibida (Livro Único)

Sedução no Natal - Conto (Spin-off de Seduzida e Cativo)

Imperfeita - O Segredo de Isabela (Livro 4 da Série Corações Intensos)

Isolados - Depois que Eu Acordei (Livro 5 da Série Corações Intensos)

Nascido Para Ser Seu (Livro Único)

168 Horas Para Amar Você (Livro Único)

Sobre Amor e Vingança (Livro Único)

168 Horas Para o Natal (Conto de Natal - Spin-off de 168 Horas Para Amar Você)

Uma Mãe para a Filha do CEO (Livro 1 da Série Irmãos Oviedo)

A Protegida do Mafioso

O Dono do Texas (Livro 1 da Série Alma de Cowboy)

Um Bebê Por Contrato (Livro 2 da Série Irmãos Oviedo)

A Obsessão do Mafioso (Livro 1 da Série Alfas da Máfia)

Uma Família Para o Cowboy (Livro 2 da Série Alma de Cowboy)

A Esposa Contratada do Sheik (Livro 1 da Quadrilogia Casamentos de Conveniência)

Como Domar um Mulherengo (Livro 3 da Série Irmãos Oviedo)

Um Anjo Para o Mafioso (Livro 2 da série Alfas da Máfia)

O Herdeiro do Cowboy (Livro 3 da Série Alma de Cowboy)

Livro 3 dos Oito Silenciosos (Lançamento em setembro/2021).

Papo com a Autora

Espero que tenham apreciado acompanhar a narrativa de Reed Gray e sua Dominika.

Acho que todos concordaram comigo que o lindo do Reed merecia alguém que o amasse de verdade, bonita por dentro e por fora e não a peste da Annamae. Nossa guerreira Dominika também, após de sofrer uma enorme traição por parte daqueles que deveriam amá-la, ganhou sua própria família.

Como devem ter adivinhado pelo bônus, o quarto livro dessa série será de Jaxson Gray.

Mas ele não será o próximo a ser lançado porque já viram que eu tenho alternado as séries, não é?

Então, no mês de setembro, podem esperar mais um gostinho dos 8 silenciosos, já que o próximo lançamento trará a história de Ricco e Luna.

Interaja com a autora através de suas redes sociais

GRUPO DE LEITORES NO FACEBOOK

FACEBOOK

INSTAGRAM

WATTPAD

SOBRE A AUTORA

D. A. Lemoyne é o pseudônimo de uma advogada e leitora ávida desde criança.

Iniciou como escritora em agosto de 2019 com o livro Seduzida, o primeiro da série Corações Intensos e com um ano e dez meses de carreira, conquistou a marca de mais de cem milhões de leituras no *Kindle Unlimited*, fora a venda de *e-books*.

Sua paixão por livros começou aos oito anos de idade quando a avó, que morava em outra cidade, a levou para conhecer sua "biblioteca" particular, que ficava em um quarto dos fundos do seu apartamento. Ao ver o amor instantâneo da neta pelos livros, a senhora, que era professora de Letras, presenteou-a com seu acervo.

Do Rio de Janeiro, Brasil, mas vivendo atualmente na Carolina do Norte, EUA, a escritora adora um bom papo e cozinhar para os amigos.

Seus romances são intensos e os heróis, apaixonados. As heroínas surpreendem pela força.

Acredita no amor e ler e escrever são suas maiores paixões.

Contato: dalemoynewriter@gmail.com

[1] O ***cross country*** é um esporte em equipe em que os atletas competem numa corrida em terreno aberto ou acidentado. É muito comum nos Estados Unidos.

[2] São bolas de vidro transparente em que dentro geralmente tem uma miniatura, como uma maquete de alguma construção famosa: Disneylândia, Torre Eiffel ou mesmo uma paisagem de Natal. São preenchidas com água e purpurina. Você pode dar corda na parte de baixo do enfeite e uma música surgirá. Esses objetos costumam ser pesados, mesmo não sendo muito grandes.

[3] Nos Estados Unidos, ao contrário do Brasil, onde existem herdeiros necessários(ascendentes e descendentes) uma pessoa pode deixar cem por cento dos seus bens em testamento para quem quiser, até mesmo integralmente para uma instituição de caridade. Só está obrigada a deixar alguma coisa para descendentes diretos(filhos, netos) se eles necessitarem de alimentos e mesmo assim, há um limite. No caso da tia de Dominika, ela não tinha mais ninguém e decidiu deixar tudo para a sobrinha.

[4] Protagonista do livro O Dono do Texas.

[5] É mais fácil aprender a falar e compreender o que lhe é dito, do que ler e escrever o mandarim.

[6] O ***wrestling*** é muito popular principalmente nos Estados Unidos. É um tipo de luta feita por dois lutadores onde o objetivo é manter uma posição superior o máximo de tempo possível. Durante uma partida os lutadores podem utilizar vários tipos de ataques para atingir este objetivo como por exemplo arremessos, chaves e pinos. A luta termina quando um dos lutadores consegue manter a posição superior durante uma contagem de três segundos feita pelo árbitro da partida.

[7] Essa personagem aparece nos dois primeiros livros da série. Ela é a avó dos rapazes Gray e os criou desde pequenos.

[8] Uma marca famosa de botas de cowboy.

[9] Protagonista de Uma Família Para o Cowboy.

[10] Protagonista de A Esposa Contratada do Sheik.

[11] Empresa de petróleo que pertence à família Gray e da qual Hudson foi o CEO antes de se tornar governador do Texas.

[12] Um dos outros irmãos Gray.

[13] Uma cidade do Texas.

[14] Trata-se de uma decisão judicial que impede a pessoa “A” de se aproximar da pessoa “B”. É mais comum em casos de casais em separação, se houver comprovado risco de violência de um dos cônjuges em relação ao outro, mas também pode acontecer caso uma pessoa sem qualquer vínculo com a “vítima” comece a assediá-la ao ponto de representar risco para sua integridade física.

[15] Antonella é a esposa de Hudson Gray e Luna, sua irmã.

[16] Outro dos irmãos Gray.

[17] Nome fictício da fazenda de Reed.

[18] Essa personagem foi adotada pela família Gray e participa dos dois primeiros livros da série.

[19] Nome do filho de Hudson e Antonella.

[20] Esse incidente é parte do livro O Dono do Texas, então não irei relatá-lo aqui porque não acrescentaria nada à presente história.

[21] Esse incidente é relatado tanto em O Dono do Texas, quanto em Uma Família para o Cowboy. Os pais de Reed e de Callum eram irmãos e eles e as respectivas esposas saíram de férias com o barco, sofreram um acidente e faleceram, deixando os cinco rapazes Gray órfãos e sob os cuidados da avó, Mary Grace.

[22] Nos Estados Unidos há uma temporada de caça pré-definida em que as pessoas podem caçar animais selvagens. Há uma licença especial para isso e seu descumprimento pode levar à cadeia.

[23] Esse é o apelido que Antonella e Hudson deram, em O Dono do Texas, ao filho ainda por nascer.

[24] Realizada anualmente desde 1875 na Churchill Downs, na cidade a sudeste de Louisville, Kentucky, essa corrida de cavalos com três anos de idade da raça puro-sangue é o evento esportivo contínuo mais antigo dos Estados Unidos.

[25] Famosa grife de sapatos. São caríssimos e sua marca registrada é a sola vermelha.

[26] Uma das grifes mais famosas do mundo, conhecida, principalmente, pelas bolsas belíssimas.

[27] O Minskin é uma das raças que fazem parte da série de criações chamada de anãs, criadas a partir da mistura de um Munchkin com diversas outras raças de gatos. Especificamente, a criação do Minskin veio do desejo de um criador de Boston (Massachussets), que visava um gato com pernas curtas e pelo somente em suas extremidades.
Com essa ideia em mente, ele cruzou os Munchkin e Sphynx, esperando desenvolver a nova raça que herdasse as pernas curtas do Munchkin e a pelagem, ou a falta de pelos, do Sphynx. Mas, para chegar ao resultado que desejava, foi preciso misturar exemplares das raças Devon rex e Burmese, até, finalmente, criar o gato sonhado, no ano de 2000.

[28] Nome da fazenda fictícia da matriarca Gray, Mary Grace.

[29] O ***Brisket*** é um corte do peito bovino e talvez o prato mais tradicional do Texas. Ele tem que ser defumado — o que faz com que a carne fique com o cheiro da madeira na qual é assada — e pode levar até 14 horas para ficar pronto.

[30] Sigmund **Freud** (1856-1939) foi um médico neurologista e importante psicanalista austríaco. É considerado o pai da psicanálise. No caso, Dominika está fazendo uma piada pelo fato de Reed estar tentando analisá-la.

[31] **“...**Venha para mim agora
E coloque suas mãos sobre mim
Mesmo que seja mentira
Diga que tudo ficará bem
E eu acreditarei...”

[32] Sheryl Crow é uma cantora norte americana de música *country*.

[33] O sul dos Estados Unidos é conhecido, entre outras coisas, por servir chá gelado extremamente doce.

[34] ***Buttermilk Biscuits***(em uma tradução livre, podemos chamá-lo de biscoitos de leite coalhado), nos Estados Unidos são pãezinhos de farinha de trigo e fermento químico, muito populares para

o café da manhã, servidos quentes com manteiga, geleia, mel, mas também com outras refeições.

[35] É uma grife muito famosa e cara. Tão exclusiva ou mais do que Chanel.

[36] Tanto a Birkin quanto a Kelly, os dois famosos modelos de bolsas mais famosos dessa marca, têm longas filas de espera para serem adquiridas, embora diga-se que a Kelly é ainda mais desejada. A Kelly foi lançada em 1935 com o nome de “sac de voyage à courroie” ou “sac à dépêches”, mas depois rebatizada em homenagem à princesa de Mônaco, Grace Kelly, quando ela apareceu em uma matéria na revista Life usando a bolsa. Como era considerada exemplo de estilo e glamour, a bolsa logo se transformou em um ícone de desejo entre as mulheres ricas.

[37] Essa fazenda fictícia é citada em Uma Família Para o Cowboy. Ela pertence a Callum Gray.

[38] Esse é um assunto tratado no livro 2 da série e como não tem qualquer relevância para essa história e também daria *spoiler*, não irei me aprofundar.

[39] Novamente, por ser um assunto tratado no livro 2 da série e não ter qualquer relevância para essa história, não irei me aprofundar.

[40] Esse é um assunto narrado em O Dono do Texas e irrelevante para essa história, por isso não me aprofundarei.

[41] Sorriso satisfeito.

[42] Em O Dono do Texas, Dominika comenta com Hudson que teve um namorado que morreu de overdose.

[43] Irmã de Antonella e que será protagonista do livro três dos 8 Silenciosos.

[44] Opa, será que vem livro novo por aí? Resposta: sim, claro ou com certeza? Nota: esse personagem já foi citado Lucas em Isolados.

[45] A sede do governo do Texas fica em Austin.

[46] Protagonista de Uma Família para o Cowboy.

[47] Essa cena é detalhada em Uma Família Para o Cowboy e como não tem relevância para a história atual, não faz sentido repeti-la.

[48] Essa cena ocorre em detalhes no livro Uma Família Para o Cowboy e não há razão para tornar a descrevê-la aqui. Sua única relevância para a presente história é o que acontecerá depois, na mesma noite.

[49] Novamente, não há razão para detalhar a cena porque não é relevante para o livro.

[50] Essa é a razão da briga entre Callum e Hudson em O Dono do Texas.

[51] Os **tornados** são fenômenos tipicamente continentais e sua formação ocorre através da chegada de frentes frias em regiões onde o ar está mais quente e instável, favorecendo o desenvolvimento de uma tempestade, que, por sua vez, impulsiona a formação desse tipo de ciclone.

[52] Nome da rede de boates de Beau que aparece pela primeira vez em Isolados, livro 5 da série Corações Intensos.

[53] Lantejoulas.

[54] Os Cajuns, também conhecidos como Acadians, são um grupo étnico que vive principalmente no estado americano de Louisiana. A maioria dos Cajuns são descendentes de franceses. Os Cajuns constituem uma porção significativa da população do sul da Louisiana e tiveram um enorme impacto na cultura do estado.
Os Cajuns mantêm um dialeto único da língua francesa e vários outros traços culturais que os distinguem como grupo étnico. Os cajuns foram oficialmente reconhecidos pelo governo dos Estados Unidos como um grupo étnico nacional em 1980 por um processo de discriminação aberto no tribunal distrital federal.

[55] Ele está fazendo uma piada com uma referência bíblica.

[56] Mulheres que geralmente atuam como recepcionistas de restaurantes, boates, etc.

[57] Essa personagem aparece pela primeira vez em Fora dos Limites. Alguém lembra?

[58] O estado do Texas tem pena de morte.

[59] O *pierogi* é um pastel em formato de meia-lua feito com farinha de trigo e ovo que pode ser cozido, frito ou assado. Para incrementar seu sabor, é possível acrescentar outros ingredientes como recheio ou cobertura. É considerado o prato nacional da Polônia.

[60] Estados americanos.

[61] Referência a Vicenzzo, um dos oito silenciosos.

[62] Principado de Amasitano é um país fictício, do qual Vicenzzo é governante.

[63] Vilão de Uma Família Para o Cowboy.

[64] O estado do Texas tem pena de morte.

[65] Essa situação é relatada em detalhes em Uma Família Para o Cowboy. Por não ser relevante para a presente obra e também para não dar *spoiler*, não me aprofundarei.

[66] Sobrenome da família dela.

[67] Banca de advocacia de Gabriel e Enrico Lambertucci, protagonistas respectivamente dos livros Seduzida, Cativo e Apaixonada.

[68] Protagonista de Imperfeita. Antonella e Isabela ficaram amigas em O Dono do Texas.

[69] Ele faz uma brincadeira porque o nome do filho deles é Leon.

[70] Marca famosa de chapéu de cowboy.

[71] Ele faz uma referência à injeção letal, uma das maneiras de se executar a pena de morte nos Estados Unidos.